

O papel das avós no sistema de relações familiares: estudo qualitativo transcultural Portugal – Brasil

Carolina Brito Schutel Lacerda

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Rosa Marina Afonso

junho de 2020

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a professora Rosa Marina Afonso, por me orientar neste trabalho, pela parceria, pelo seu carinho e atenção. Por confiar em mim, por aceitar a ideia de que eu escrevesse parte dele, na minha casa, no Brasil.

À minha mãe, por tudo. Por acreditar nos meus sonhos, por ser sempre presente, incentivadora, acolhedora, disponível e atenta. Esse mestrado só foi possível porque existes!

À minha irmã, por todas as risadas que promove e alegria que transmite. Por deixar a vida mais leve, por entender minha ausência, minhas escolhas e meus sonhos.

Ao meu pai, por ter me ensinado e cultivado em mim o valor do estudo e do conhecimento.

Às amadas amigas, Ana e Lélia, pela parceria nesta jornada. Por terem compartilhado desta experiência dia a dia. Por terem sido amigas especiais, pelo apoio, pelo carinho e disposição de sempre. Vou ser grata ao universo eternamente por ter nos juntado!

À minha vó e meu vô por serem grandes inspirações deste trabalho e da vida. À Gabi e à Fafá, que tornam minha vida melhor e mais completa.

À toda minha família extensa, tios, tias, primos e primas, pelas mensagens, pelo interesse, pelos conselhos, pelo amor e carinho que mandaram. Nossa família é especial!

Às amigas do dia 28, pela nossa história. Pela torcida fiel e constante e por todo amor que me transmitiram durante este tempo, mesmo que de longe.

Às amigas psicólogas, Mari, Carol e Flávia, por dividirem a profissão, as angústias e as alegrias que ela nos traz. Obrigada por sempre se preocuparem comigo.

À minha terapeuta, Mirelle, por tanto. Por ter sido a catalisadora deste sonho e nunca me deixar esquecer dele.

Por fim, agradeço a todas as avós que entrevistei e que fizeram com que este trabalho fosse possível. Pelo carinho, atenção, disposição e confiança que tiveram para compartilhar comigo um pouco de suas histórias de vida.

Muito obrigada!

Resumo

As relações intergeracionais entre avós e netos são, geralmente, marcadas por dinâmicas interpessoais significativas. Avós são, frequentemente, indicadas como fonte de suporte emocional e cuidado aos netos, além de transmitirem legados e histórias familiares com implicações no desenvolvimento psicológico dos netos. Este estudo pretende analisar a percepção de avós Brasileiras e Portuguesas sobre o seu papel junto dos netos, a sua relação com as suas próprias avós e, ainda, sobre o envelhecimento e relações familiares.

Trata-se de um estudo qualitativo em que participaram 12 avós com mais de 65 anos, 6 portuguesas e 6 brasileiras. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um guião construído no âmbito deste estudo. Foi realizada análise de conteúdo, a fim de descrever e interpretar de forma mais contundente os dados das entrevistas e para encontrar novas compreensões sobre a temática.

Os resultados indicaram cinco categorias para análise: (1) significado de ser avó; (2) relação com os netos; (3) história da família; (4) relação avó e família; (5) relação família e envelhecimento. Diante destas categorias, emergiram subcategorias e indicadores que detalham as percepções pessoais, dentre elas os impactos de ser avó e os ganhos da relação com os netos.

Os resultados indicam que, apesar de existirem diferenças culturais entre Portugal e Brasil, a experiência em ser avó é bastante semelhante nos dois países, com destaque para a presença de sensações emocionais positivas e alerta para a necessidade de adaptações nas famílias para com o envelhecimento. As relações entre avós e netos são significativas e ganham uma importância em termos psicológicos, já que interferem na proteção da saúde mental dos mais velhos e dos mais jovens.

Palavras-chave

Avós, relações familiares, envelhecimento, transcultural

Abstract

Intergenerational relationships between grandparents and grandchildren are usually marked by significant interpersonal dynamics. Grandparents are often indicated as a source of emotional support and care for grandchildren, in addition to transmitting family legacies and histories with implications for the grandchildren's psychological development. This investigation intends to analyze the perception between Brazilian and Portuguese grandparents about their role with their grandchildren, their relationship with their own grandparents and lastly about aging and family relationships.

This is a qualitative study in which 12 grandparents, over 65 years old, 6 Portuguese and 6 Brazilian participated. Semi-structured interviews were conducted with a script built within the scope of this study. Content analysis was carried out in order to describe and interpret the interview data more forcefully and to find new understandings on the subject.

The results indicated five categories for analysis: (1) meaning of being a grandmother; (2) relationship with grandchildren; (3) family history; (4) grandmother and family relationship; (5) family and aging relationship. In view of these categories, subcategories and indicators emerged that detailed personal perceptions, including the impacts of being a grandmother and the gains from the relationship with grandchildren.

The research suggests that although there are cultural differences between Portugal and Brazil the experience of being a grandmother is quite similar in both cultures with an emphasis on the presence of positive emotional sensations as well as an alert to the need for adaptations in families with aging. The relationships between grandparents and grandchildren are significant and gain importance in psychological terms, as they interfere in the protection of the mental health of the elderly and the youngest.

Keywords

Grandparents, family relationships, aging, transcultural

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Enquadramento teórico.....	3
1. Envelhecimento e relações familiares.....	3
1.1. Aumento da esperança média de vida e participação dos avós na vida familiar.....	4
1.2. Generatividade na família.....	5
1.3. Multigeracionalidade, Intergeracionalidade e Transgeracionalidade.....	6
2. Dinâmicas familiares entre avós e netos.....	8
2.1. Relações interpessoais entre avós e netos.....	10
2.1.1. Relações avós e netos mediadas pelos pais.....	11
2.1.2. Relação avós e netos em casos de separação parental.....	12
2.2. Tipologia e função dos avós.....	12
2.3. Diferenças de gêneros entre avós e avôs.....	13
2.4. “Abuelos esclavos”.....	14
3. Papel dos avós.....	14
3.1. Mudança no papel dos avós.....	16
3.1.1. Imagem/representação dos avós.....	16
3.2. Papel de avós e papel de pais: comparação.....	17
3.3. Papel de avós nas diferentes idades dos netos.....	18
3.4. Diferentes papéis de avós – avós guardiões.....	18
4. Estudos sobre a relação avós – netos.....	19
4.1. Estudos quantitativos.....	19
4.2. Estudos qualitativos.....	28
4.3. Revisões de literatura.....	33
4.4. Estudos mistos.....	36
Capítulo 2 – Metodologia.....	39
1. Objetivos e tipo de estudo.....	39
1.1. Participantes.....	40
1.2. Instrumentos.....	41
1.3. Procedimentos de coleta e análise dos dados.....	42
Capítulo 3 – Resultados.....	46

Capítulo 4 – Discussão/Conclusões.....	62
Referências Bibliográficas.....	70
Anexos.....	79

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Consequências do cuidado aos netos

Tabela 2 – Duplo contributo dos avós no desenvolvimento dos netos

Tabela 3 – Tipos de avós segundo Neugarten e Weinstein (1964)

Tabela 4 – Funções dos avós segundo Sapena, Desfilis, Seguí e Meléndez (2000)

Tabela 5 – Estudos quantitativos sobre a relação avós – netos

Tabela 6 – Estudos qualitativos sobre a relação avós- netos

Tabela 7 – Revisões de literatura sobre a relação avós- netos

Tabela 8 – Estudos mistos sobre a relação avós – netos

Tabela 9 – Síntese sociodemográfica da amostra

Tabela 10 – Guião de Entrevista versão portuguesa

Tabela 11 – Guião de Entrevista versão brasileira

Tabela 12 – Síntese dos resultados da categoria Significado de ser avó

Tabela 13 – Síntese dos resultados da categoria Relação com os netos

Tabela 14 – Síntese dos resultados da categoria História da família

Tabela 15 – Síntese dos resultados da categoria Relação avó e família

Tabela 16 – Síntese dos resultados da categoria Relação família e envelhecimento

Tabela 17 – Grelha de categorização

Introdução

Nos últimos anos, o mundo vem assistindo um aumento geral na esperança de vida. Tem sido cada vez mais comum que as pessoas vivam mais tempo e melhor, devido a associação de inúmeros fatores como: o avanço da medicina, das novas tecnologias e do acesso à saúde pública. Não é mais incomum, idosos altamente funcionais acima dos 60 e 70 anos, quando comparados aos das décadas anteriores. Contudo, o envelhecimento é heterogêneo e tem características particulares para cada pessoa, família e nação (Santos et al., 2014).

Embora possam existir diferenças, compreende-se que na condição de viver mais tempo, os idosos passaram a conviver dentro das famílias também de forma mais duradoura (Osuna, 2006). É mais comum que hoje um jovem de 20 anos tenha uma avó ainda viva, do que no século XIX, era comum ter uma mãe ainda viva (Peter Uhlenberg, 1996 citado por Bengston, 2001). Tais mudanças demonstram que com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais comum a presença dos avós dentro das famílias e que, em muitos casos, estes passaram a conseguir assistir o desenvolvimento dos seus netos até a idade adulta (Esperança et al., 2013).

O papel dos avós dentro das famílias foi se modificando e se ampliando ao longo tempo, por causa de inúmeros fatores, nomeadamente, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento da esperança de vida, o aumento da funcionalidade dos idosos, o surgimento de novas configurações familiares, entre outros (Osuna, 2006; Viger et al., 2010, Zanatta & Arpini, 2017). Ser avó tem como característica geral, dar amor, carinho, proteção, suporte emocional e cuidado aos netos, bem como, são os responsáveis por transmitirem as histórias e legados familiares (García e Vega, 2013). No entanto, as múltiplas convivências das gerações em uma família, podem fazer emergir alguns conflitos, advindos das diferenças geracionais (Marques et al., 2019). Diante disto, as famílias passaram a ter de se preocupar também, com as dificuldades e novas adaptações que o envelhecimento exige (Becker & Falcão, 2016).

O objetivo desta investigação é analisar comparativamente, numa perspectiva transcultural em Portugal e no Brasil, a percepção das avós sobre o seu papel junto dos netos, considerando a relação com filhos/as e genros/noras. Para isso, procurou-se descrever como as avós percebem seu papel na família, como enxergam a sua relação com seus netos, como descrevem e recordam as suas relações com seus avós e como percebem o seu papel dentro das relações familiares. Pretendeu-se ainda, analisar a relação entre a família o envelhecimento, através da perspectiva das avós.

O foco deste estudo qualitativo está em perceber as experiências pessoais de cada avó entrevistada, portuguesas e brasileiras, no intuito de reter os múltiplos significados que o papel de avó tem para cada uma delas. Ainda preocupou-se em realizar comparações entre os países de origem de cada uma delas. Na revisão de literatura, foi possível observar uma maior predominância de estudos quantitativos sobre a temática.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1. Envelhecimento e relações familiares

O processo de envelhecimento faz parte do desenvolvimento humano, e as melhorias globais nas condições de vida, o avanço da medicina, da saúde pública e o desenvolvimento de novas tecnologias, entre outros factores, proporcionaram que as pessoas vivam mais tempo e melhor. Para tanto, o envelhecimento é um processo altamente heterogêneo e deve ser compreendido de forma sistêmica, já que é influenciado por inúmeros fatores internos e externos associados em permanente interação (Santos et al., 2014). Rowe e Kahn (1997), consideraram que envelhecimento bem-sucedido envolve baixa probabilidade a doença e deficiências relacionadas, alto nível cognitivo, físico, funcional e engajamento ativo com a vida. Os autores destacam que estes três componentes só caracterizam um envelhecimento bem-sucedido quando estão correlacionados. Baixa probabilidade a doença não significa apenas a ausência de doença, mas também a presença de fatores de risco para tal. A funcionalidade está associada ao desenvolvimento cognitivo e físico, pois diz respeito aquilo que a pessoa é capaz de fazer e não somente ao que ela de fato faz. O envolvimento ativo com a vida é sobre as atividades que desenvolve e os relacionamentos interpessoais que estabelece, envolvendo contatos, trocas de informações e suporte emocional.

O aumento da esperança de vida traz, também, profundas mudanças para as famílias, uma vez que a ocorrência da convivência entre mais de duas gerações se torna comum e mais duradoura nas histórias familiares (Osuna, 2006; Prioste et al., 2017; Triadó et al., 2008). Esta convivência pode ser caracterizada não só por ganhos, mas também podem ser demarcadas por embates, dificuldades de relacionamento, devido as diferenças culturais/geracionais e até a sobrecarga dos idosos (Marques et al., 2019). A família também precisa aprender a lidar com as questões do envelhecimento, como as doenças crônicas e dificuldades que surgem com o avançar da idade (Silva et al., 2015).

A relação da família com o envelhecimento é influenciada pela forma como entende: a velhice, a ideia de finitude e o papel dos avós (Marques et al., 2019). Bem como do seu repertório para lidar com mudanças da vida e a sua capacidade de ajustamento às novas demandas e dificuldades que advém com a velhice (Becker & Falcão, 2016).

Com isso, o aumento da expectativa de vida muda as configurações familiares, bem como suas funções, proporcionando também o aumento do tempo de convivência entre diferentes gerações. O processo de envelhecer pode ser considerado um momento de crise no ciclo familiar, já que produz mudanças em todo o sistema, a nível social, psicológico e funcional, requerendo muitas vezes, a adaptação de todos os membros da família. Estas

mudanças se refletem também no papel dos avós e nas suas relações com seus filhos e netos (Pacheco & Alves, 2012; Silva et al., 2015).

1.1. Aumento da esperança média de vida e participação dos avós na vida familiar

Brasil e Portugal são países lusófonos, que se cruzaram na história, criando um passado comum (Zequinão et al., 2019). Portugal teve uma influência determinante no desenvolvimento cultural do Brasil, salientando as semelhanças em torno da predominância da religião católica, do desenvolvimento de culturas coletivas e femininas (Silva et al., 2009). Porém, ao longo do tempo e separados por um oceano de distância, foram criando diferenças sobre questões sociais, econômicas, culturais e políticas (Zequinão et al., 2019). Até mesmo na questão do envelhecimento, afinal Portugal é um país mais velho que o Brasil, pertencendo a União Europeia, a região mais envelhecida do mundo (Páscoa & Gil, 2019).

O envelhecimento começou a ser realmente observado e destacado no Brasil, a partir da década de 70, quando a sociedade foi se transformando, deixando de ser maioritariamente jovem, passando a ter cada vez mais um número expressivo de pessoas acima dos 60 anos (Miranda et al., 2016). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) a população brasileira manteve a tendência ao envelhecimento, ganhando 4,8 milhões de idosos entre os anos de 2012 e 2017, totalizando 30,2 milhões. As mulheres são maioria, representando 16,9 milhões, enquanto os homens são 13,3 milhões de idosos.

Em Portugal, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017) no ano de 2015 o número de idosos era de 2,1 milhões e projeta-se que no ano de 2080, o número passará a ser de 2,8 milhões. Hoje, a população portuguesa em idade ativa possui 6,7 milhões de pessoas e em 2080 será de 3,8 milhões de pessoas. Tais dados demonstram que com o passar dos anos, a população vai continuar envelhecendo, confirmando assim, que o número de membros idosos nas famílias será cada vez maior e mais comum.

Sobre a esperança de vida no Brasil, para as mulheres é de 79,9 anos e para os homens de 72,8 anos (IBGE, 2019). Em Portugal, as pessoas vivem mais tempo, as mulheres têm uma esperança de vida de 83,41 anos e os homens de 77,74 anos (INE, 2018). O estado de Santa Catarina, no Brasil, é o que possui a maior esperança de vida do país para ambos os sexos (IBGE, 2019), enquanto em Portugal, é na região Centro onde se encontram os valores mais elevados de esperança de vida para mulheres (INE, 2017). Coincidentemente, as avós que participaram deste estudo são justamente de cidades destas regiões: no Brasil, da cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina e em Portugal, na cidade da Covilhã, que pertence à região Centro.

Bengtson (2001) apresenta o estudo de Peter Uhlenberg (1996) que examinou os efeitos da mortalidade durante o século XX e o aumento de pessoas vivas nas famílias. Ele descobriu que 18% das crianças nascidas no ano de 1900 tinham chances de ser órfãs, ou seja, perder os pais antes de completar 18 anos. As crianças nascidas no ano 2000, tinham 68% de probabilidade de terem os quatro avós ainda vivos quando completassem 18 anos. Dos nascidos em 1900, quando completassem 30 anos, apenas 21% tinham qualquer avô ainda vivo. Já para os que nasceram em 2000, aos 30 anos, 76% ainda terão pelo menos um avô vivo. Hoje em dia é mais comum, um jovem de 20 ter uma avó ainda vivendo, do que em 1900, aos 20 anos, era comum ter uma mãe viva.

Como a esperança de vida aumentada, ela sugere que os idosos sejam avós por mais tempo e que vivam cada vez melhor (Brunello & Rocco, 2016; Dominguez et al., 2011; Ku et al., 2013; Neuberger & Haberkern, 2014), podendo acompanhar e participar do crescimento dos netos da infância até a idade adulta (Esperança et al., 2013). Assim, percebe-se que ser avô (ó) tornou-se normativo, ou seja, a maioria das pessoas têm netos. A participação dos avós na vida familiar foi se ampliando e se modificando com o tempo, devido a uma série de fatores: a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento da expectativa de vida, o surgimento de novas configurações familiares (divórcios, famílias monoparentais, famílias recasadas), a gravidez na adolescência, o abuso de álcool e drogas entre outros fenômenos (Dias, 2002; Osuna, 2006; Viger et al., 2010; Zanatta & Arpini, 2017). Estas mudanças sugerem o aumento da relevância do papel dos avós dentro da família (Triadó et al., 2008).

Quando nasce um avô e uma avó, novas mudanças surgem também nos relacionamentos pais e filhos. A relação com os netos proporciona reviver e recordar experiências na criação dos filhos e tal reminiscência auxilia no processo de ressignificação das conquistas, satisfações, dificuldades e fracassos que tiveram enquanto pais (Carter & McGoldrick, 1995). Zanatta e Arpini (2017) destacam que os avós podem ser orientadores de seus filhos nesta nova empreitada: a de serem pais. Elas destacam, ainda, que os filhos podem voltar a ter um sentimento de pertencimento, que pode ter se perdido com a independência, casamento e saída de casa, fazendo com que a chegada dos netos proporcione uma reaproximação da família como um todo.

1.2. Generatividade na família

O conceito de generatividade de Erikson (1963) indica que as gerações mais velhas são importantes no desenvolvimento das gerações mais novas. A generatividade é o interesse e preocupação em cuidar, guiar e orientar as gerações seguintes. Não se trata de uma relação

apenas intrafamiliar, mas da sociedade como um todo, através da participação em trabalhos voluntários, vida política, envolvimento em entidades religiosas entre outras, envolvendo criatividade, solidariedade e liderança na intenção de deixar conhecimentos e valores para as gerações futuras (Costa, 2001; Rebelo & Borges, 2009). Erikson destacou como a “necessidade de ser necessário” (Erikson 1963). É função dos adultos da família a projeção do que querem que continue como legado e o que não querem, pois preveem uma geração que já não precisa mais tanto ser cuidada e sim, tem a função de cuidar (Alves et al., 2006; Costa, 2001).

Costa (2001) considera o conceito de generatividade multifacetado e fundamental nas dimensões social e familiar. Na dimensão social está ligado a cultura e a noção de passado, presente e futuro, pois ajuda a dar sentido e significado à vida, como alicerces da geração que está por vir. Na família, a generatividade está ligada ao perpetuar de valores, histórias familiares e conceitos partilhados, que dão o sentimento de pertença ao grupo e de continuidade da linhagem familiar. Esta noção ajuda, também, a pensar sobre a morte, pois refletindo através da generatividade, os que morrem continuam a viver dentro daqueles que foram ensinados e beneficiados. Assim, a generatividade é um ato contínuo, onde as gerações mais novas vão tomando o lugar das mais velhas nesta continuidade de repassar o cuidado de geração em geração (Costa, 2001).

1.3. Multigeracionalidade, Intergeracionalidade e Transgeracionalidade

Segundo Silva et al. (2015), as relações entre gerações compreendem vínculos entre duas ou mais pessoas, com idades diferentes, compartilhando experiências e contribuindo para os desenvolvimentos individuais e coletivos. Nesta linha, Vicente e Sousa (2010), destacam que a família multigeracional é composta por famílias onde interagem três ou quatro gerações, que podem residir perto ou longe, podendo ter laços de sangue ou afinidade, vivendo ou não na mesma residência, ou seja, acabam por ser pequenos núcleos familiares, que pertencem a um mesmo sistema, interagindo e coexistindo nas suas diferenças e semelhanças.

Bengtson (2001) afirma que as relações entre diferentes gerações são complexas. Ele diz que essas aproximações não são somente organizações demográficas que envolvem números e a disponibilidade das pessoas, mas também envolvem oportunidades de contato e interação. As relações multigeracionais não dizem respeito apenas a frequência de contatos, disponibilidade para dar e receber ajuda, mas incluem também sentimentos de pertencimento, vínculo, semelhanças de valores e opiniões. As relações se tornam

complexas também por questões normativas, obrigações morais sobre as relações familiares e a importância que é dada a elas (Bengtson, 2001).

São as diferenças entre as múltiplas gerações convivendo na mesma família, uma das maiores fontes de conflito entre seus membros (Silva et al., 2015). Estes conflitos geracionais são as maiores queixas entre os idosos, que reclamam da falta de tempo de seus filhos e netos, em função das inúmeras tarefas que assumem no cotidiano e também da insatisfação dos idosos quanto aos comportamentos e atitudes de seus filhos e netos, uma vez que possuem diferentes visões de mundo, de crenças e vivências culturais e tais divergências podem favorecer que o idoso prefira viver sozinho (Silva et al., 2015). Os estudos de Noriega et al. (2017), identificaram que os idosos avós se mostram preocupados com a perda de valores tradicionais, como o valor das crenças religiosas, a solidariedade e o respeito, para o imediatismo e o individualismo. Também neste sentido, Paula e colaboradores (2011) verificaram que na visão dos idosos, no passado, a autoridade era facilmente entendida e respeitada e que hoje, a liberdade que é dada aos jovens, faz com que estes hábitos tenham se perdido e que normalmente sejam compreendidos como troca de favores em nome do bom relacionamento.

O entendimento do contato entre avós e netos, adquirem também uma complexidade óbvia, principalmente pelos mais velhos terem nascido antes da era tecnológica, surgindo incompreensões por parte dos avós sobre a nova particularidade nas relações emocionais, sociais, trabalhistas e familiares (Martínez et al., 2019).

Por outro lado, a convivência multigeracional pode proporcionar ajudas mútuas, ou seja, os idosos não são somente cuidados pelas famílias, mas também cuidam dos netos, gerando diferentes formas solidárias de se relacionar (Wegner & Benitez, 2013). Autores designam de solidariedade intergeracional a troca de apoio emocional, financeiro e estrutural entre as diferentes gerações que coexistem na mesma família (Noriega et al., 2017; Rengifo & Valencia, 2016).

Diante disto, Vianna (2006) distingue duas formas de transmissão psíquica nas relações familiares: intergeracional e transgeracional. A primeira acontece na interação entre gerações e através de elaboração psicológica consciente, permitindo que o sujeito perceba as particularidades de cada uma e a partir de então se situe perante cada uma delas (Vianna, 2006).

A transgeracionalidade acontece na transmissão de processos de uma geração para outra sem que elas percebam (Camicia et al., 2016), acontecendo de forma sutil, a partir daquilo que não é dito explicitamente (Lieberman, 1979). A transmissão transgeracional engloba a passagem de tradições, crenças e comportamentos dentro da família. Estão

inclusos valores éticos e raciais, atitudes sobre a vida, morte, sexualidade, tradição religiosa, aspirações profissionais, relação com dinheiro e política, bem como as regras familiares sobre ser pai, ser mãe, proximidade com avós e netos. A qualidade dos laços familiares também é repassada, se as relações são mais estreitas ou mais distantes. Os conflitos familiares também podem ser transmitidos através das gerações e perpetuados através de comportamentos conflituosos (Lieberman, 1979).

2. Dinâmicas familiares entre avós e netos

O tornar-se avós constitui-se como uma transição sistêmica que modifica os relacionamentos, é uma nova condição que auxilia no desejo de continuar vivendo, integrando passado e futuro no presente (Carter e McGoldrick, 1995). Os avós dentro das famílias acabam por ser os responsáveis, devido a sua sabedoria adquirida ao longo dos anos, por repassarem as heranças familiares, os valores da educação e de cuidado com as crianças e por amenizarem as dificuldades que surgem durante o ciclo vital da família (Silva et al., 2015; Wegner & Benitez, 2013).

É através do intercâmbio intergeracional, que os idosos se tornam figuras de destaque para seus netos. Com isso, percebe-se que a manutenção do afeto, da paciência e do carinho, proporciona a existência de relacionamentos harmônicos no seio familiar, influenciando no bem-estar psicológico do idoso. Desta forma, entende-se que a harmonia familiar pode determinar, tanto processos de saúde quanto de doença para os avós (Wegner & Benitez, 2013; Silva et al., 2015). Díaz et al. (2014), afirmam que cuidar dos netos gera nos avós um efeito positivo no aumento da autoestima, já que ampliam a qualidade de vida (Esperança et al., 2013), a ideia de futuro, de otimismo, e a satisfação (Wang et al., 2019) por cuidarem de algo tão precioso, os netos. Destacam também, que a assistência aos netos não faz bem apenas para a saúde física e mental, mas proporciona uma maior participação e integração na vida social, rompendo com alguns antigos estereótipos, de que idosos não podem se envolver em atividades na sociedade. O cuidado aos netos por ser uma atividade social, pode atuar como um agente estimulador e auxiliar no funcionamento cognitivo dos avós (Arpino & Bordone, 2014).

Por outro lado, cuidar dos netos também pode proporcionar situações de estresse, restrição de tempo e problemas de saúde mental, tendo um impacto negativo na saúde dos avós (Wang et al., 2019), como o aumento da probabilidade de depressão (Brunello & Rocco, 2016).

A síntese das consequências positivas e negativas de fornecer cuidados aos netos está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Consequências do cuidado aos netos

Consequências Positivas	Consequências Negativas
Aumento da autoestima	Proporcionar situações de estresse
Ampliar a qualidade de vida, ideia de futuro, otimismo e satisfação	Restrição de tempo
Maior participação e integração na vida social	Possibilidade de desenvolver problemas de saúde mental
Agente estimulador do funcionamento cognitivo	Aumento da probabilidade de depressão

Nota: adaptado de Arpino & Bordone, 2014; Brunello & Rocco, 2016; Díaz, Herrero e González, 2014; Wang, Cheng, Guo & Xu, 2019.

Em função da vida moderna, e das inúmeras atividades cotidianas assumidas pelos pais, muitas vezes em função do trabalho, os avós surgem como figuras de destaque para seus netos e filhos, fornecendo segurança, apoio emocional e estabilidade (Deus & Dias, 2016). Também como resultado da inserção dos filhos no mercado de trabalho, os avós aparecem como cuidadores parciais ou, em alguns casos, integrais de seus netos, oferecendo ajuda a seus filhos para que possam cumprir suas exigências laborais, tornando-se parceiros na educação e na criação das crianças (Brunello & Rocco, 2016; Pacheco & Alves, 2012; Ramos, 2015; Wang et al., 2019; Wegner & Benitez, 2013; Zanatta & Arpini, 2017). Esta convivência é facilitada pela maior disponibilidade de tempo livre dos avós (Wegner & Benitez, 2013).

Outra dinâmica familiar que envolve avós, filhos e netos é a situação da co-residência. O fato de residirem juntas, três gerações, pode ser motivada pelas gerações mais velhas como uma forma de lidar com a diminuição da saúde, divórcio, viuvez ou dificuldades financeiras e também pode ser uma opção das gerações mais novas, em busca de ajuda prática ou de auxílio econômico (Albuquerque, 2011). O estudo de Glaser e colaboradores (2018) descobriu que a co-residência é mais comum em famílias com baixos níveis de educação, percebendo a família como recurso adaptativo às dificuldades que enfrentam. Ambos estudos concordam que o auxílio financeiro é uma das maiores causas da associação de núcleos familiares, sugerindo a vivência de avós e netos no mesmo endereço (Albuquerque, 2011; Glaser et al., 2018).

Contudo, considera-se que os avós não são os responsáveis integrais pela educação dos netos (Noriega et al., 2017). A função dos avós é não interferir na forma como seus filhos decidem educar os seus próprios, uma vez que podem ferir o sentimento de autonomia e responsabilidade parental, bem como atingir até o relacionamento conjugal, porém, podem os avós assumirem um lugar de mediação entre os conflitos que eventualmente surjam no exercício da parentalidade de seus filhos (Osuna, 2006; Zanatta & Arpini, 2017).

2.1. Relações interpessoais entre avós e netos

A relação de cuidado de avós para com seus netos pode se dar através de diferentes formas, circunstâncias e intensidade de se relacionar (Martínez, 2017; Sadrudin et al., 2019; Triadó et al., 2014). Existem os avós cuidadores de netos em algum momento do dia, os que cuidam em tempo integral, os que ficam com os netos apenas nas férias, há aqueles que se encontram apenas nos finais de semana e, ainda, quem se encontre apenas em momentos e eventos específicos (Cardoso & Brito, 2014; Triadó et al., 2008). Esta relação também depende de outros fatores como: idade e gênero de avós e netos, local de residência, linhagem familiar, características de personalidade, origem familiar, relação avós e filhos, aspectos biológicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais (Brunello & Rocco, 2016; Dias, 2002; Martínez et al., 2019; Osuna, 2006; Santos & Falcão, 2017; Viguer et al., 2010).

Na relação entre avós e netos existe uma reciprocidade bidirecional, caracterizada por trocas de carinho e afeto que beneficiam a ambos (Cardoso & Brito, 2014; Dominguez et al., 2011; Osuna, 2006; Wegner & Benitez, 2013). Esta relação mútua, permite que os conhecimentos intergeracionais sejam partilhados da geração mais velha para a mais nova da família, colocando os idosos numa posição de referência, quando em troca sentem-se preenchidos e menos carentes (Cardoso & Brito, 2014; Dominguez et al., 2011). A relação entre avós e netos deve satisfazer os dois lados, quando as crianças estimulam, inspiram, entretêm e os avós dão seu tempo, amor, carinho, valores e experiência (Dominguez et al., 2011).

Esperança et al. (2013) dizem que a convivência com os avós ensina as crianças a valorizarem sua história, a cultura e os valores, levando em consideração o intenso e contínuo processo entre viver e envelhecer. Por isso, também destacam que não por acaso a casa dos avós é vista como o espaço para vivenciar as relações, brincar, criar, desenvolver relações de amizade e cumplicidade. É um espaço de construção.

Para o seu desenvolvimento, é importante as crianças terem outros vínculos significativos para além de seus pais, por isso, os avós são peças-chave nesta relação. O afeto que os netos recebem dos avós influenciam e os fazem sentir-se mais seguros (Osuna, 2006; Wegner & Benitez, 2013). Os avós fazem parte do desenvolvimento das crianças atuando como modelos de referência, depois dos pais, são as figuras de destaque no processo educacional e social, visando o crescimento dos pequenos (Esperança et al., 2013; Martínez et al., 2019). Os avós possuem dois tipos de contributos no desenvolvimento psicológico dos netos, direto e indireto (Esperança et al., 2013), como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2. Duplo contributo dos avós no desenvolvimento dos netos

Direto	Indireto
Parceiros interativos	Fontes de apoio social aos pais dos netos
Prestadores de cuidados primários	Apoio material e econômico aos pais dos netos
Apoio emocional	
Fornecedores de estimulação cognitiva e afetiva	

Nota: Adaptado de Esperança, Leite & Gonçalves, 2013.

Do mesmo modo, a relação com os netos pode contribuir no sucesso do envelhecimento, pois a atenção e tempo que dispõe para o cuidado dos netos, faz os avós se sentirem úteis, dando força e vitalidade no desempenho das tarefas cotidianas, bem como tem a chance de perpetuarem seu legado e histórias de vida para as futuras gerações (Noriega et al., 2017).

Martínez et al. (2019), destacam outro fator que demonstra o alto grau de proximidade e afinidade entre avós e netos: ambos os grupos são constituídos por faixas etárias fora do grupo dominante e mais valorizado na sociedade atual, às gerações intermédias. Os autores refletem que crianças e idosos não são considerados categorias produtivas, do ponto de vista econômico, o que os coloca em dois subgrupos sociais que ainda não conquistaram o seu lugar ou que já o deixaram passar.

2.1.1. Relações avós e netos mediadas pelos pais

O relacionamento intergeracional avós e netos vai depender fortemente da relação entre os pais e os seus pais, agora avós, as atitudes e expectativas da relação entre estas duas gerações mais velhas predizem a possibilidade de uma boa relação entre avós e netos (Dominguez et al., 2011). Os pais ganham um papel importante nesta relação, uma vez que são a geração intermediária e a que faz a ponte entre os mais novos e os mais velhos, cabendo a eles a decisão, duração e frequência dos contatos, principalmente quando as crianças são menores (Dominguez et al., 2011; Martínez, 2017; Oliveira et al., 2010). Os pais também têm o papel de colocarem os limites e as regras da educação, demonstrando que os filhos são sua responsabilidade (Dominguez et al., 2011).

Mas, as relações avós e netos são mágicas justamente pela presença de “acordos silenciosos”, onde através do afeto e de alguns mimos e caprichos (Deus & Dias, 2016), os idosos e as crianças são cúmplices e compartilham segredos longe da vista dos pais (Wegner & Benitez, 2013). Os netos entendem que com os avós podem fazer coisas que com os pais não poderiam (Dominguez et al., 2011). Assim, a relação entre avós e netos geram menos tensões, justamente pela ausência de autoridade representada pelos mais velhos, sugerindo uma flexibilidade que favorece a relação (Martínez et al., 2019).

2.1.2. Relações avós e netos em casos de separação parental

Os avós podem ter uma importante participação no apoio aos netos nos casos de divórcio (Jappens & Van Bavel, 2016). Nestas situações, os avós ganham novos papéis e significados dentro das famílias. De forma geral, o divórcio faz com que as relações entre o adulto separado e seus filhos se intensifique perante a família extensa do pai ou mãe que ficou com a guarda dos filhos (Lobo, 2009). Estudos ressaltam que muitas crianças, por normalmente ficarem sob a guarda da mãe, acabam por perder ou diminuir o contato com avós da linhagem paterna (Jappens & Van Bavel, 2016; Lobo, 2009). Porém existem mães que se esforçam para que estes laços não se rompam, uma vez que entendem que todas as relações familiares são importantes para seus filhos (Lobo, 2009).

Com a consolidação da separação, as avós se tornam pessoas de referência para os netos, talvez por uma ausência circunstancial maior dos pais, o divórcio aproxima mais netos e avós, provavelmente na intenção de proteger e cuidar (Alves et al., 2014). São as avós que rotineiramente são mais requeridas pelos membros da família (filhas, filhos, genros e noras) para ficarem com as crianças, acompanharem em visitas e em alguns casos, passam a dar abrigo em suas casas para estes filhos e netos (Alves et al., 2014).

Após a separação conjugal, o apoio que os avós dão às famílias pode ser tanto emocional, dando atenção, conselhos e consolo, como instrumental, cuidando das crianças, fornecendo ajuda financeira e com a alimentação (Schuler & Dias, 2015). O apoio dos avós na situação de divórcio, depende do local onde moram, da sua idade, estado civil e também da sua condição econômica (Lobo, 2009; Schuler & Dias, 2015). Porém, esta nova situação pode sobrecarregar o idoso, uma vez que acolher filhos e netos em sua casa, demanda algumas mudanças, mesmo que por um tempo determinado (Cardoso 2011 cit. in Alves et al., 2014).

2.2. Tipologias e funções dos avós

Neugarten e Weinstein (1964), classificaram a partir de entrevistas, cinco tipos de avós, conforme apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Tipos de avós segundo Neugarten e Weinstein (1964)

Formal	Têm interesse constante pelos seus netos e existe uma diferenciação acentuada entre o papel dos avós e dos pais
Divertido	Mais informal e esta relação caracteriza-se por uma satisfação mútua;
Substituto dos pais	Esta situação verifica-se quando os avós têm que assumir a função dos pais, ou seja, ficam responsáveis pelo bem-estar dos netos

Guardião da sabedoria familiar	Uma relação mais tradicional, em que existem linhas de autoridade muito definidas entre as gerações e os avós são vistos como pessoas com sabedoria e outras habilidades especiais
Distante	Não existe contato frequente entre os avós e os netos, embora, quando estão juntos, os avós são benevolentes

Nota: Adaptado de Dominguez, Vitorino & Morgado, 2011.

Sapena et al. (2000), classificaram as diferentes formas de participação dos avós na vida dos netos em 11 funções, conforme apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4. Funções dos avós segundo Sapena, Desfilis, Seguí e Meléndez (2000)

Cuidador	Quando os avós substituem o cuidado parental em função de dificuldades dos pais, que pode ser permanente ou temporário, dependendo da necessidade e circunstâncias da família
Companheiros de jogos	Quando se divertem com os netos através de brincadeiras
Historiador da família	Costume de contar histórias pessoais e familiares antigas, perpetuar costumes e tradições
Transmissor de conhecimentos e valores morais	Quando os avós se preocupam em aconselhar, orientar e passar conhecimentos e valores aos netos
Modelo de envelhecimento	Servir de exemplo ao mais novos sobre como se portar em determinadas situações
Mediador na relação pais e filhos	Atuam para amenizar os conflitos entre pais e filhos, visando a união familiar
Ajuda em momentos de crise	Dar assistência aos netos e tranquilizando-os em casos de emergência
Amor incondicional	Apoio emocional dado aos netos, auxiliando no desenvolvimento da sua autoestima, autoconfiança e sensação de segurança
Permissividade	Autorizar os netos a fazerem coisas que os pais não concordam
Confidentes e companheiros	Escutar e entender os netos sem fazer juízo de valor das histórias e sem a obrigação de impor castigos
Avós indiferentes	Quando são distantes e pouco se relacionam com seus netos

Nota: Adaptado de Sapena, Desfilis, Seguí & Meléndez, 2000.

2.3. Diferenças de gênero entre avós e avôs

A literatura destaca diferenças na relação com os netos em decorrência do gênero. Percebe-se uma tendência histórica das mulheres como cuidadoras principais das crianças, prestando mais atenção e cuidado quando comparada aos homens. Ao se tratar das avós, isto não muda muito, quando são elas as maiores responsáveis pelo cuidado das crianças, são mais envolvidas com a família, por serem grandes incentivadoras dos laços intergeracionais, bem menos do que acontece com os avôs (Martínez et al., 2019). Isso reflete num relacionamento mais estreito entre as avós e os netos (Osuna, 2006; Viguer et al., 2010). São normalmente elas que se envolvem mais com seus netos do ponto de vista emocional, uma vez que comumente assumem funções de mães substitutas, na ausência temporária ou permanente das mães biológicas. A tendência culinária das avós, pode ser uma influência, marcada pela diferença sexual histórica, no exercício do seu papel de cuidar das crianças (Osuna, 2006).

As diferenças entre avós e avôs está demarcada pela função que exercem com os netos: elas assumem o papel mais emocional, enquanto que eles, instrumental (Martínez, 2017). Aos avôs normalmente estão associadas as atividades ao ar livre, como esporte, o ensino e aprendizagem de habilidades específicas (Viguer et al., 2010), brincar de cavalinho, pescar, passear no parque (Ramos, 2015). Com os avôs as crianças também têm uma tendência maior a conversar e escutar sobre as histórias de vida. O papel de orientar e advertir também aparecem mais ligados ao avô (Osuna, 2006). As avós aparecem como fonte de cuidados afetivos, como amor, carinho, admiração e ao papel de dona de casa. E está ligado mais a elas a responsabilidade de auxiliar os netos nos deveres de casa da escola (Osuna, 2006; Viguer et al., 2010). Os papéis coincidem nas atividades de caminhar e conversar, sendo exercida tanto por avôs quanto pelas avós (Osuna, 2006).

2.4. “*Abuelos esclavos*”

Como já referido anteriormente, a solidariedade multigeracional dentro da família se tornou mais frequente a medida que os avós ganharam também o papel de cuidadores dos netos (Noriega et al., 2017). Porém, esta solidariedade vem sofrendo críticas, já que, em alguns casos, há uma sobrecarga do idoso nos cuidados dispensados aos netos.

Em Espanha designam-se como “*abuelos esclavos*” ou avós escravos (Meil & Rogero-García, 2014). O termo, cunhado por Guijarro (2001), explica que este fenômeno está associado a um sentimento ambíguo: uma vez que se sentem satisfeitos e felizes por cuidar dos netos e contribuir para que os filhos trabalhem fora e organizem suas vidas, na certeza de que as crianças estão bem cuidadas, tem também o lado de os avós sentirem que estão demasiado cansados de suas atribuições como cuidadores em grande parte do seu tempo, algumas vezes sentindo-se até mesmo explorados. A ocorrência dos *abuelos esclavos* pode gerar uma situação de estresse, de diminuição da qualidade de vida e também falta de tempo para atividades de lazer com outros idosos (Meil & Rogero-García, 2014; Neuberger & Haberkern, 2014; Puig et al., 2015; Triadó et al., 2008; Triadó et al., 2014).

3. Papel dos avós

Ao contrário do que acontece com o papel de pais, que é regido por uma série de determinações e obrigações, o papel dos avós tem como característica principal, ser multidimensional, ou seja, pode ser realizado de diferentes formas, dependendo do contexto e da estrutura familiar; não é um papel que está institucionalizado (Osuna, 2006).

Existe uma diversidade de perfis de avós, com papéis pouco definidos na função assistencial e de educação dos netos (Díaz et al., 2014; García & Vega, 2013).

De forma geral, a literatura concorda que o papel dos avós está baseado em afectos, como amor, carinho, no proporcionar apoio e suporte emocional, em proteger e cuidar. Os avós também têm um papel importante em situações específicas nas famílias, quando há a ocorrência de divórcios, recasamentos, problemas financeiros. São conhecidos por transmitirem as histórias das famílias, por mediar conflitos entre pais e filhos e são modelos de envelhecimento (García e Vega, 2013). São, na maioria dos casos, o primeiro contato que as crianças têm com a velhice e a finitude da vida (Deus & Dias, 2016; Noriega et al., 2016; Oliveira et al, 2010; Rengifo & Valencia, 2016; Santos & Falcão, 2017; Wegner & Benitez, 2013).

Para que o relacionamento entre avós e netos se consolide como uma relação forte, deixando ambos satisfeitos, gerando reações e sensações positivas, estudos destacam que a proximidade geográfica é um fator diferenciado, indicando que os netos se sentem mais ligados aos avós que moram perto, pois proporcionam um número maior de contatos e de atividades realizadas juntos, estreitando os laços (Jappens & Van Bavel, 2016; Martínez, 2017; Osuna, 2006; Viguer et al., 2010).

A relação entre a qualidade de vida e a assistência aos netos, foi estudada, por exemplo, por Neuberger e Haberkern (2014), com avós em 14 países europeus. Os autores destacam que em países onde os serviços de atendimento às crianças não são bons (Grécia e Itália), os avós se tornam a fonte de apoio das famílias. Já em países onde o acesso à educação e creches é mais acessível e de qualidade (países escandinavos), os filhos quase não precisam dos seus pais para auxiliarem no cuidado aos netos. A pesquisa concluiu que dar assistência aos netos, proporciona uma maior qualidade de vida. Em países como a Dinamarca e a Holanda, onde não são necessárias obrigações de dar apoio aos netos, o fenômeno não faz diferença na qualidade de vida dos avós. Já nos países mediterrâneos, onde é esperado uma maior assistência aos netos, sugere-se uma maior sensação de qualidade de vida, mesmo que o ofício seja exaustivo (Neuberger & Haberkern 2014).

No mesmo sentido, Albuquerque (2011) esclarece que Portugal é um país que possui dificuldades no apoio as políticas sociais com um volume grande de atividade para mulheres que não recebem proteção e suporte para seus papéis familiares. A autora destaca que tais características sugerem a necessidade e importância dos cuidados informais e da família ampliada (avós) para complementar ou substituir serviços que deveriam ser supridos pelo estado na atenção às crianças.

3.1. Mudança no papel dos avós

O papel dos avós foi mudando ao longo do tempo. Os avós da contemporaneidade são mais saudáveis e mais ativos que os seus antepassados (Esperança et al., 2013). No passado, não era tão comum que os avós expressassem tanta proximidade emocional, mantendo posturas rígidas que dificultavam a aproximação (Martínez et al., 2019). Antigamente os avós representavam uma figura de autoridade e temida pelos netos, enquanto a avó era vista como generosa e disposta a cuidar dos netos (Dias, 2002). Na década de 60, a função dos avós era contar histórias, dar presentes e cuidar das crianças na ausência dos pais. Nas décadas de 70 e 80, ampliou-se a função dos avós, agora enfatizando o grupo familiar como um todo, proporcionando a troca entre mais de duas gerações, com foco na manutenção da família e apoio financeiro e emocional. Na década de 90 o destaque passou a ser a transmissão das histórias da família, contando aos netos histórias de seus pais e avós. Foi a partir de então que os avós surgiram como fontes de afeto aos netos, dando poucas advertências e também oferecendo suporte a família em momentos de dificuldades, servindo como mediadores entre pais e filhos (Becker & Falcão, 2016; Deus & Dias, 2016). A partir de 2000, com o aumento da esperança de vida, se viu crescer o número de bisavós nas famílias e o surgimento de avós como provedores e cuidadores dos netos (Deus & Dias, 2016).

Os avós e netos deixaram para trás algumas barreiras e passaram a se relacionar a partir de vínculos emocionais mais sólidos, baseados na confiança, compreensão e proximidade (Martínez et al., 2019). Em suma, a maior mudança no papel dos avós, foi deixar de exercer uma postura autoritária e distante, para assumir um papel mais próximo, simétrico, demonstrando mais afetos e carinhos (García & Vega, 2013).

3.1.1. Imagem/representação dos avós

A representação da imagem dos avós era difundida como pessoas bem idosas, normalmente de cabelos amarrados em coque, as mulheres, e os avós apareciam quase sempre de pijamas e ambos eram demonstrados com dificuldades no caminhar, com cabelos brancos e pele enrugada. Os avós costumeiramente apareciam no imaginário popular como pessoas sentadas na cadeira de balanço contando histórias do tempo antigo (Dias, 2002). Os anciãos também aparecem na literatura infantil como companheiros dos netos, auxiliando no seu crescimento, personificado como uma pessoa de voz forte e guardião de sabedoria, experiências e memórias coletivas (Bazzocchi, 2013). No Brasil, a personagem Dona Benta, da obra literária *Sítio do Pica Pau Amarelo* escrita por Monteiro Lobato entre os anos de 1921 e 1947, acompanha essa imagem, uma vez que sempre aparecia

com seus netos a lhes contar histórias e a conversar sobre a cultura brasileira e mundial (Santos & Falcão, 2017).

Em Portugal, o núcleo familiar incluindo avós e o tema do envelhecimento, aparecem na literatura infantil na obra de autoras como Odete Praça (Azevedo, 2015) e Alice Vieira (Balça, 2008). Em *A Avó e a Escola*, livro de Odete Praça do ano 2009, a história concentra-se no compartilhar de saberes entre uma avó e seu neto, onde a avó ensina ao neto questões cotidianas sobre higiene, alimentação, ciências e história (Azevedo, 2015). No livro *A fita cor de rosa*, de Alice Vieira em 2005, o enredo gira em torno de uma bisavó, que vive com a sua família e com dois bisnetos. É a questão do envelhecimento que aparece na história, onde Bisa está integrada a sua família, que respeita sua idade e as características peculiares desta etapa de vida (Balça, 2008).

Um estudo feito por Santos e Falcão (2017), procurou compreender as relações familiares intergeracionais apresentadas no desenho infantil de origem inglesa Peppa Pig, identificando as temáticas que envolvem os relacionamentos entre avós, filhos e netos, averiguando as principais atividades desenvolvidas por eles. Na animação, representada por porquinhos que vivem como humanos, percebeu-se relações favoráveis entre as três gerações da família, com destaque para as atividades: aprender com os avós e tomar conta dos netos. Os avós no desenho, demonstram ser brincalhões, companheiros, educadores e cuidadores da família. Imagem que vai ao encontro das avós reais de hoje, mais calorosas, amigas e próximas da família (Dias, 2002).

3.2. Papel de avós e papel de pais: comparação

Ao se tornarem avós é inevitável que haja uma comparação entre seu papel como mãe e como avó. Zanata e Arpini (2017), destacam como um dos resultados de sua pesquisa, que as avós têm mais tempo livre com os netos, quando comparado aos filhos, já que quando eram mães, algumas trabalhavam fora e tinham rotinas mais apertadas. Noriega, et al. (2017) destacam que como avós é possível usufruir de atividades e sentimentos de forma mais leve, serem mais tolerantes (Esperança et al., 2013), sem tantas obrigações do papel, como era com seus filhos. Destacam também, que ser avó permite ter uma “segunda chance” para corrigir erros que foram cometidos enquanto pais, chance que é facilitada pelo maior tempo livre e pela sabedoria adquirida ao longo do tempo. Situação também confirmada no estudo de Cardoso e Brito (2014), quando as avós pesquisadas relataram que devido a experiência, é melhor ser avó do que ser mãe.

O acompanhamento dos netos com a liberdade das obrigações e responsabilidades (Carter & McGoldrick, 1995) parentais é o que torna o papel dos avós único e especial (Esperança et al., 2013).

3.3. Papel de avós nas diferentes idades dos netos

A relação que os avós estabelecem com seus netos, vai mudando conforme as crianças vão crescendo (Oliveira et al., 2010). Como já citado anteriormente, o fato do papel dos avós ser multidimensional faz com que, conforme os netos cresçam, suas funções perante a eles também mudem (Osuna, 2006; Triadó et al., 2008). A crescente esperança média de vida, aumenta o tempo em que coexistem numa mesma família diversas gerações, fazendo com que muito avós vejam seus netos atingirem a idade adulta (Triadó et al., 2008).

Quando são menores, os netos precisam de mais cuidados instrumentais dos avós, como levar e pegar na escola e auxílio nos deveres de casa (Esperança et al., 2013). Ao chegarem perto da adolescência, aquelas crianças vão adquirindo mais autonomia e independência, tornando os avós “menos necessários” (Osuna, 2006). Com o seu crescimento, a relação avós e netos deixa de depender da relação avós e pais, passando a ser mais voluntária, o que pode resultar numa diminuição dos contatos (Esperança et al., 2013). Assim, o papel dos avós se transforma, e são colocados pelos netos no lugar de quem aconselha, apoia, ajuda nos relacionamentos, tornando-se assim mais companheiros (Viguer et al., 2010). O que não muda em função da idade, segundo Osuna (2006) é o valor da conversa, pois independentemente da idade dos netos, é a atividade que mais gostam de fazer com seus avós.

Estudos sugerem que quando o envolvimento de avós e netos foi construído com laços fortes e estreitos, o envolvimento continua da mesma forma até a vida adulta. Aos netos adultos, o papel dos avós passa por dar apoio emocional, companhia, conselhos e escuta, podendo dar mais atenção quando os pais estiverem passando por momentos de dificuldade (Huo et al., 2017).

3.4. Diferentes papéis de avós – avós guardiões

Deus e Dias (2016) referem que os avós passam a cuidar integralmente dos netos, assumindo por completo a função de pais, em diferentes situações por qual os filhos passem: dificuldades financeiras ou excesso de trabalho, por deficiência, por situação de morte, por dependência química, por abandono de menor, negligência, gravidez na adolescência, entre outros. Estudos de Edwards e Ray (2008) citados por Coelho e Dias (2016), destacam que

os avós se tornam cuidadores principais, de forma geral, pelas razões chamadas de “four D’s” (quatro D’s): *divorce* (divórcio), *desertion* (abandono), *drugs* (drogas), *death* (morte).

Ao assumir o cuidado integral dos netos, essa função parental pode ser exercida de duas formas: jurídica ou informal. A forma informal pode trazer dificuldades e empecilhos para o menor, como em situações na qual precise de autorização de um responsável legal através de documentos que comprovem tal vínculo. Os avós que adquirem a guarda integral de seus netos são chamados avós com custódia (Lima, 2014).

O papel de avós com custódia pode ser ambivalente e influenciado por inúmeras variáveis. Se por um lado se sentem felizes e satisfeitos por poderem proporcionar ao neto cuidado, afeto, carinho, garantindo que não saia do ambiente familiar, por outro lado podem se sentir cansados e sobrecarregados física, mental e economicamente. A relação também é impactada pelos motivos que levaram a assumir a guarda do neto, pela relação que estabelecem ou estabeleceram com seus filhos, pais dos netos, e por todas as funções legais que assumem com o neto perante a sociedade (Lima, 2014).

4. Estudos sobre a relação avós – netos

O aumento da esperança de vida fez surgir pesquisas sobre a relação avós e netos onde diversas gerações coexistem na família. Apesar de ser um assunto atual, aparecem poucos estudos sobre esta relação na revisão de bibliografia efetuada no âmbito desta dissertação mais em estudos quantitativos (14) e qualitativos (8), seguidos por revisões de literatura (7) e em menor quantidade por estudos mistos (3).

4.1. Estudos quantitativos

O estudo recente de Wang et al. (2019), investigou os efeitos de ser avós na autogestão da saúde em idosos da China. A amostra foi composta por 313 avós e avôs com mais de 61 anos, sendo 43,1% mulheres e 56,9% homens, residentes em Hangzhou, (China), com pelo menos um neto maior de 12 anos. Os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico, composto também por questões sobre ser avôs, por exemplo quantos netos e idade, quanto tempo cuidam dos netos na ausência dos pais e etc. e a Escala de Avaliação da autogestão da saúde do adulto (AHMSRS). A principal conclusão dos autores, foi que a condição financeira e a carga de cuidado, podem ser os fatores que mais afetam a autogestão da saúde dos avós envolvidos na assistência aos netos.

Também uma pesquisa asiática, Hoang et al. (2019) analisaram os determinantes das relações de coparentalidade entre pais e avós no Vietnã. A amostra foi composta por 501 pais, cujos seus pais idosos ou sogras/genros, cuidavam de seus filhos por pelo menos 12 horas por semana. A maioria dos participantes da pesquisa foram mulheres (84,9%). O protocolo utilizado para a recolha de dados, incluiu 5 escalas: o conflito parental e a cooperação entre pais e avós foram medidos usando a *Coparenting Quality Checklist* (CQC), a qualidade da comunicação entre pais e avós foi avaliada usando a *Parent-Adolescent Communication Scale* (PAC), as perspectivas dos pais sobre os comportamentos de controle psicológico dos avós foram medidas através da *Dependency-Oriented Psychological Control* (DPC), para avaliar o ajustamento parental utilizaram a *Depression Anxiety Stress Scale* (DASS) e para avaliar o ajustamento infantil, a *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ). Os principais resultados encontrados foram que as interações entre pais e avós determinam a natureza da coparentalidade, que a comunicação aberta prediz um relacionamento coparental positivo e relações familiares de apoio e cooperação e que as dificuldades das crianças estimulam mais a cooperação entre pais e avós do que conflitos.

Comparando duas culturas, Wang et al. (2019) tiveram como objetivo comparar avós americanos e chineses cuidadores em relação aos desafios e recursos para lidar com as demandas de criar um neto. A amostra foi de 238 avós americanos e 106 avós chineses, que responderam a um protocolo de questionários. Primeiro responderam a questões sócio demográficas e posteriormente sobre o ajustamento psicológico do neto através da *The Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ; Goodman, 2001), a *The Resilience Scale* (RS; Neill & Dias, 2001), eficácia parental (Bachicha, 1997), satisfação do papel de avós (RoleSat), a escala de bem-estar psicológico (Liang, 1985), o apego dos avós aos netos através do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA; Armsden & Greenberg, 1987) e sobre práticas parentais através do *The Parenting Practices Scale* (Robbins, Briones, Schwartz, Dillon, & Mitrani, 2006). Os dados foram analisados por análises de covariância multivariadas e univariadas. Os resultados demonstraram que os avós americanos e chineses são mais diferentes do que parecidos: enquanto a média nos EUA foi maior em eficácia dos pais, satisfação do papel, bem-estar e apego, na China as pontuações mais altas foram em resiliência, estilo autoritário dos pais e percepção de disfunção dos netos.

O estudo de Condon et al. (2019) buscou avaliar a satisfação dos avós com seu papel em um e dois anos após o nascimento do seu primeiro neto, fazendo assim, um estudo transversal. Tiveram uma amostra de 318 avós, residentes na Austrália, com idade média de 54,6 anos, sendo a sua maioria, mulheres. Os avós foram recrutados nas consultas pré-natais de suas filhas ou noras. A fim de coletar os dados, foram enviados aos participantes

instrumentos de auto relato: *Thomas's 15-item grandparent role satisfaction questionnaire*, para medir a satisfação; *The Loyola Generativity Scale*, para avaliar a atividade generativa; *Infant Characteristics Questionnaire*, para avaliar a percepção do avô sobre o temperamento do neto. Os dados foram analisados estatisticamente, com auxílio do programa SPSS. A principal descoberta do estudo foi que existe uma forte relação entre apego e a satisfação do papel de avós. Descobriram também, que a atividade generativa está relacionada a satisfação e a comportamentos que expressam carinho e cuidado.

Com o objetivo de avaliar a frequência dos diferentes tipos de apoio que os avós prestavam aos netos adultos e examinar possíveis explicações para esse apoio, os pesquisadores Huo et al. (2017), utilizaram uma amostra de 198 avós, participantes de um estudo maior (*The Family Exchanges Study* - Fingerman et al., 2011), com famílias de três gerações. 89% dos netos destes avós eram jovens adultos, com menos de 35 anos e o restante estava entre os 36 e 47 anos. Para a recolha de dados, além de dados sobre laços afetivos e necessidades dos pais e dos netos, utilizaram a Escala Intergeracional de Suporte (ISS) e analisaram os dados segundo estratégia analítica, utilizando o SAS PROC MIXED. Os principais resultados foram: os vínculos afetivos de avós com netos adultos estavam mais associados a escuta, apoio emocional e companhia, os avós demonstraram que oferecem mais apoio emocional aos netos quando os filhos estão passando por momentos de dificuldade e oferecem apoio financeiro quando os filhos estão desempregados. Escuta, conselhos e companheirismo de avós e netos estão associados a pais que também oferecem esse tipo de apoio.

Prioste et al. (2017) analisaram as tendências intergeracionais de valores e padrões familiares na associação de três gerações e exploraram as associações de valores coletivistas e individualistas nas famílias com filhos adolescentes. Para isso, a amostra foi constituída por 101 tríades familiar intactas portuguesas (pai, mãe e filhos adolescentes – entre 15 e 19 anos), totalizando 303 sujeitos de pesquisa. O instrumento de coleta de dados foi a versão adaptada da Schwartz Value Survey (SVS), para medir os valores coletivistas e individualistas. Os pais responderam duas vezes a escala, na primeira respondendo sobre seus próprios valores e na segunda conforme entendiam que seus pais (os avós dos adolescentes), queriam que respondessem. Os adolescentes responderam apenas uma vez, conforme seus próprios valores. Os dados foram analisados estatisticamente, com a ajuda do programa *Statistical Package for the Social Science* (SPSS) versão 22. O resultado principal, destaca que há uma crescente valorização do individualismo, com declínio dos valores sociais e familiares, porém a valorização do individual liga as gerações familiares e aponta para a capacidade da família de influenciar as novas gerações.

Brunello e Rocco (2016), utilizando dados e amostra da SHARE (Pesquisa sobre Saúde, Envelhecimento e Aposentaria na Europa), procuraram estimar os efeitos causais dos cuidados regulares e ocasionais de netos, na depressão de avôs e avós. Para tal, usaram os dados dos sujeitos entrevistados na SHARE que afirmaram ser avós que cuidam dos seus netos regular ou ocasionalmente sem a presença dos pais, utilizando uma amostra de 13.091 avós, 7.397 mulheres e 5.694 homens. Para medir a depressão, utilizaram a escala Euro-D (Prince et al., 1999). Depois da análise estatística, os autores descobriram que os avós que cuidam dos netos por mais de 10 horas por mês, apresentaram maior probabilidade de desenvolver depressão, sendo que os avôs pontuaram mais alto, demonstrando maior propensão, do que as avós. O estudo sugere que sejam criadas políticas de atendimento formal as crianças, para que os avós não sejam sobrecarregados e tenham um maior bem-estar.

Triadó et al. (2014), procuraram examinar a satisfação e dificuldades decorrentes do cuidado que avós prestam aos netos e determinar os impactos do cuidado na saúde dos avós. A amostra foi constituída por 312 avós, residentes em Barcelona (Espanha), com idades entre 46 e 91 anos, mais mulheres (76,9%) do que homens, que cuidavam de pelo menos um neto com 12 anos ou menos. Os pesquisadores desenvolveram um questionário autoaplicável para a coleta dos dados, que incluíam além de variáveis sócio demográficas, questões sobre intensidade e tipo de apoio prestado, problemas comportamentais, satisfação e dificuldades das crianças, cuidado, saúde e bem-estar. A análise estatística demonstrou que cuidar dos netos é mais uma fonte de emoções positivas e uma oportunidade de estabelecer relacionamentos afetivos gratificantes do que um peso e uma responsabilidade estressantes.

Os autores Arpino e Bordone (2014) também utilizaram os dados da SHARE (Pesquisa sobre Saúde, Envelhecimento e Aposentaria na Europa), para examinar se a disposição para cuidados infantis ajuda os idosos a manterem melhor funcionamento cognitivo. Assim, fazendo recortes, tiveram uma amostra de 10.370 avós, 5.610 mulheres e 4.760 homens, com idades entre 50 e 80 anos. Os instrumentos utilizados para responder ao objetivo foram testes que avaliavam a fluência verbal, numeramento, a memória de curto e longo prazo e orientação. Além do EURO-D para avaliar a depressão, de questionário sócio demográfico e questões sobre atividades sociais e presença de fatores de risco para saúde. Os resultados sugerem que cuidar dos netos têm efeito positivo na fluência verbal, sendo os resultados de todos os testes cognitivos, semelhantes para avôs e avós. O estudo também propõe que os avós sejam incluídos em mais atividades sociais estimulantes cognitivamente.

Young e Denson (2014), procuraram explorar a relação entre expectativas e experiência real dos avós e o impacto na saúde mental, questionando 148 avós australianos, sendo 90

mulheres e 48 homens, nascidos entre 1946 e 1964, que forneciam cuidados regulares aos netos. Os participantes responderam online a *Kessler 10 Plus* (K10) que avalia a saúde mental, a *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES) que avalia a autoestima, além do questionário sócio demográfico. A análise estatística demonstrou que existem correlações significativas entre satisfação e saúde psicológica e que o tempo de cuidado não está relacionado a saúde mental. Não foram encontradas diferenças significativas em função do sexo dos avós.

Utilizando o estudo longitudinal sobre Envelhecimento em Taiwan (TLISA), Ku et al. (2013), tiveram como objetivo compreender como o cuidado com os netos afeta a saúde física e mental dos avós. Fazendo um recorte, os pesquisadores tiveram uma amostra de 3.711 avós de Taiwan, onde aplicaram dois questionários sobre auto avaliação da saúde e limitações de mobilidade, avaliaram a satisfação com a vida através do Life Satisfaction Índice A (LSIA) e os sintomas depressivos através da Escala de Depressão de Estudos Epidemiológicos (CES-D). Os dados foram analisados a partir de regressão multivariada da equação de estimação padronizada (GEE). Como resultados, descobriram que cuidar dos netos pode ser benéfico, melhorar a saúde a mobilidade. Não encontraram associação entre depressão e satisfação com a vida e o cuidar dos netos.

A pesquisa de Dominguez et al. (2011), investigou as percepções em torno do conceito, papel e tipo de apoio associado aos avós, em função do gênero. Participaram do estudo, 104 avós, sendo 58,65% do sexo feminino e 41,35% do sexo masculino, cujos filhos fizeram o Curso de Preparação para o Parto e Parentalidade no Centro Pré e Pós Parto de Entrecampos em Lisboa. Para a recolha de dados, os pesquisadores elaboraram um questionário, levando em conta a função dos avós e o conceito de ser avó, baseado nas dúvidas que os filhos apresentaram durante o curso. O instrumento possuía duas partes, onde a primeira recolheu informações sobre a amostra e a segunda consistia em três perguntas fechadas, sendo aplicado em dois momentos no mesmo dia, mediados por duas sessões teórico práticas. Na primeira, abordou questões sobre a Puericultura e foi coordenada por uma enfermeira e na segunda, questões sobre Psicologia para promover a reflexão conjunta dos participantes. Como principais resultados, percebeu-se que as sessões teórico práticas influenciaram a percepção dos avós sobre o seu papel como educador, a necessidade de apoiar emocionalmente os filhos e ao sinônimo de ser avô como ser pai novamente. Sobre a variável gênero, as mulheres demonstraram que seu papel é apoiar o filho sem se envolver em excesso.

No estudo de Viguer e colaboradores (2010), os autores procuraram descrever as relações entre os netos e seus avós favoritos, estudando os estilos de socialização usados por estes e as atividades compartilhadas realizadas, com uma amostra de 360 crianças. Os

participantes eram estudantes de uma escola primária de Valência, na Espanha e tinham entre 10 e 12 anos, sendo 52,5% meninos e 47,5 meninas e foram escolhidos de forma aleatória. Para responder ao objetivo, foram utilizados dois instrumentos: questionário de relacionamento avô-neto de Rico, Serra e Viguer (2001) e o questionário de socialização de Rey e Ruiz (1990). No primeiro, foram utilizadas três partes do instrumento: primeiro os dados sociodemográficos da criança e dados sobre a família (estrutura e número de avós na família), posteriormente informações sobre seus avós favoritos e por último sobre a participação dos avós em atividades da vida do neto. O segundo instrumento, consiste em uma escala tipo Likert com 34 itens que avalia aspectos e estilos de socialização. Os autores descobriram que o perfil do avô favorito de sua amostra, são as avós maternas, aposentadas ou donas de casa com idade entre 60 e 70 anos, que residem na mesma cidade que o neto e que tem contato com ele diversas vezes na semana. Percebeu-se um maior envolvimento dos avós com as netas do que com os netos, sendo que com elas são mais empregados os estilos de socialização democráticos e com eles, o estilo autoritário.

Escutando avós, Triadó e colaboradores (2008), buscaram analisar o tipo de tarefas de cuidado que geralmente são realizadas pelos avós, bem como os benefícios e desvantagens percebidos desse tipo de atendimento. A amostra foi de 130 avós, residentes na Catalunha, composta por 59 homens e 71 mulheres, com idade média de 67,10 anos. Esta pesquisa faz parte de uma investigação mais ampla e neste estudo procurou através de um instrumento de autoadministração em escala Likert, obter dados sobre: tarefas de cuidado, satisfação com o cuidado e dificuldades com o cuidado. Com os dados coletados, os pesquisadores utilizaram o pacote estatístico SPSS 15 para analisar os dados. Como resultados, percebeu-se que as tarefas de cuidado que as avós mais fazem estão relacionadas a lazer e ajuda instrumental. Revelam satisfação com o cuidado oferecido e os aspectos negativos refletem um nível de cansaço e sentimento de obrigação com essas tarefas.

Tabela 5. Estudos quantitativos sobre a relação avós – netos

Título	Autores/Ano	Objetivos	Amostra	Instrumentos/ técnicas	Principais conclusões
The implications of childcare on grandparents' health self-management in a Chinese elderly population	Wang, Cheng, Guo, e Xu (2019)	Investigar os efeitos de ser avós na autogestão da saúde em idosos da China	313 avós	Questionário e Escala de Avaliação de Auto Gestão da Saúde do Adulto (AHSMSRS)	Resultados sugeriram que a condição financeira e os encargos de cuidar podem ser os principais fatores que afetam a autogestão da saúde dos avós
Coparenting Conflict and Cooperation between Parents and Grandparents in Vietnamese Families: The Role of Grandparent Psychological Control and Parent–Grandparent Communication	Hoang, Haslam e Sanders (2019)	Explorar os determinantes das relações de coparentalidade entre pais e avós no Vietnã	501 pais	Coparenting Quality Checklist (CQC); Parent-Adolescent Communication Scale (PAC); Dependency-Oriented Psychological Control (DPC); Depression Anxiety Stress Scale (DASS); Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)	Interações entre pais e avós determinam a natureza da coparentalidade; comunicação aberta como fator chave para uma relação de coparentalidade positiva; entre pais e avós
Grandparents as the Primary Care Providers for Their Grandchildren: A Cross-Cultural Comparison of Chinese and U.S. Samples	Wang, Hayslip Jr, Sun e Zhu (2019)	Comparar avós americanos e chineses cuidadores em relação aos desafios e recursos para lidar com as demandas de criar um neto	238 avós americanos e 106 avós chineses	Questionário sócio demográfico; SDQ; RS; eficácia parental; RoleSat; Escala de bem estar psicológico; IPPA; Escala de Práticas Parentais	Os avós americanos e chineses são mais diferentes do que parecidos, embora existam semelhanças
First-Time Grandparents' Role Satisfaction and Its Determinants	Condon, Luszcz e McKee (2019)	Avaliar de forma transversal a satisfação dos avós com o papel em 1 e 2 anos após o nascimento do seu primeiro neto	318 avós	Thomas's 15-item grandparent role satisfaction Questionnaire; The Loyola Generativity Scale; Infant Characteristics Questionnaire	Forte relação entre apego e satisfação do papel de avós; a generatividade está diretamente ligada à satisfação
Support Grandparents Give to Their Adult Grandchildren	Huo, Kim, Zarit e Fingerman (2017)	Avaliar a frequência dos diferentes tipos de apoio que os avós prestavam aos netos adultos e examinar possíveis explicações para esse apoio	198 avós	Escala Intergeracional de Suporte (ISS) e dados sobre laços afetivos e necessidades dos netos e dos pais	O vínculo afetivo dos avós com netos adultos estão mais associados a escuta, apoio emocional e companhia. Os avós fornecem mais apoio emocional quando os pais estão passando por dificuldades

Values' family flow: associations between grandparents, parents and adolescent children	Prioste, Narciso, Gonçalves e Pereira (2017)	Analisar tendências intergeracionais de valores e padrões familiares na associação de três gerações	101 tríades familiares (303 sujeitos)	Schwartz Value Survey – adaptada (SVS)	Crescente valorização do individualismo, declínio do social e familiar
Is childcare bad for the mental health of grandparents? Evidence from SHARE	Brunello e Rocco (2016)	Estimar os efeitos causais dos cuidados regulares e ocasionais de netos, na depressão de avós e avós	13.091 avós	Euro – D (Prince et al., 1999)	10 horas de cuidados infantis por mês, aumenta a probabilidade de os avós desenvolverem depressão
Grandparents who provide auxiliary care for their grandchildren: Satisfaction, difficulties, and impact on their health and well-being	Triadó, Villar, Celdrán e Solé (2014)	Examinar a satisfação e dificuldades decorrentes do cuidado que avós prestam aos netos; determinar os impactos do cuidado na saúde dos avós	312 avós	Questionário	Cuidar dos netos é uma fonte de emoções positivas e uma oportunidade de estabelecer um relacionamento afetivo gratificante
Does Grandparenting Pay Off? The Effect of Child Care on Grandparents Cognitive Functioning	Arpino e Bordone (2014)	Examinar se a disposição para cuidados infantis ajuda os idosos a manterem melhor funcionamento cognitivo	10.370 avós	Testes que avaliam: fluência verbal, numeramento, memória de curto e longo prazo e orientação; EURO-D	Cuidar dos netos têm efeito positivo na fluência verbal; resultados semelhantes independente de gênero
Psychological health and provision of grandchild care in non-custodial 'baby boomer' grandparents	Young e Denson (2014)	Explorar a relação entre expectativas e experiência real dos avós e seu impacto na saúde mental	148 avós	Kessler 10 Plus; Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES); questões demográficas	Correlações significativas entre satisfação e saúde psicológica

Impact of caring for grandchildren on the health of grandparents in Taiwan	Ku, Stearns, Van Houtven, Lee, Dilworth-Anderson, e Konrad (2013)	Compreender como o cuidado com os netos afeta a saúde física e mental dos avós em Taiwan	3.711 avós	Questionário sobre auto avaliação de saúde, limitações de mobilidade; Life Satisfaction Índice A (LSIA), CES-D	Cuidar dos netos pode ser benéfico, pode melhorar a saúde a mobilidade. Não há associação entre depressão e satisfação com a vida e o cuidar dos netos
Relações intergeracionais: a visão dos avós	Dominguez, Vitorino e Morgado (2011)	Investigar as percepções em torno do conceito, papel e tipo de apoio associado aos avós, em função da variável género	104 avós	2 questionários: 1º caracterização da amostra; 2º três perguntas fechadas. Aplicado duas vezes no mesmo dia, mediado por sessões teórico práticas	A realização das sessões influenciou a percepção dos avós quanto ao seu papel como educador, à necessidade de apoiar emocionalmente os filhos e ao conceito de avô como sinónimo de ser pai novamente. As avós consideraram que seu papel é apoiar os filhos sem envolvimento em excesso
Grandparent-Grandchild Relationships from the Children's Perspective: Shared Activities and Socialization Styles	Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero e Navarro (2010)	Descrever as relações entre os netos e seus avós favoritos, estudando os estilos de socialização usados por estes e as atividades compartilhadas realizadas	360 crianças entre 10 e 12 anos	Questionário de relacionamento avô-neto de Rico, Serra e Viguer (2001) e o questionário de socialização de Rey e Ruiz (1990)	Importância do gênero e da linhagem familiar na seleção do avô favorito. Os avós favoritos são mais envolvidos com netas do que com netos, tanto em atividades de apoio e assistência quanto atividades culturais e empregam principalmente um estilo democrático
Las abuelas/os cuidadores de sus nietos/as: tareas de cuidado, beneficios y dificultades del rol	Triadó, Villar, Solé, Celdran, Pinazo, Conde e Montoro-Rodriguez (2008)	Analisar o tipo de tarefas de cuidado que geralmente são realizadas pelos avós, bem como os benefícios e desvantagens percebidos desse tipo de atendimento	130 avós	Questionário com respostas tipo Likert	As tarefas de cuidado que as avós mais fazem estão relacionadas a lazer e ajuda instrumental. Revelam satisfação com o cuidado oferecido e os aspectos negativos refletem um nível de cansaço e sentimento de obrigação com essas tarefas

4.2. Estudos qualitativos

Pankhurst e demais pesquisadores (2019), analisaram o significado e papel das guloseimas alimentares entre os avós que prestam cuidados informais aos netos. Para responder o objetivo, foram entrevistados e participaram de um grupo focal, 12 avós residentes de Adelaide (Austrália), sendo 10 mulheres e dois homens, com idades entre 50 e 79 anos, que cuidavam de netos por pelo menos 10 horas por semana, com idades entre 1 e 5 anos. Após a transcrição das entrevistas semiestruturadas e dos grupos focais, os autores utilizaram duas formas qualitativas para interpretação dos dados: o *software NVivo versão 11* e a análise temática. O principal resultado encontrado, foi que os avós utilizam das guloseimas que dão para os netos, para diferenciar o papel dos pais e criar um relacionamento especial com os netos. Neste contexto, o alimento parece ter a função de recompensar, ensinar, educar e expressar amor e carinho. Os avós demonstraram satisfação em poder proporcionar estes alimentos aos netos.

O estudo qualitativo de Noriega et al. (2017), explorou como os avós percebem seu papel como agentes socializadores. A amostra foi composta por 42 avós, sendo 55% mulheres e 45% homens, que tinham netos entre 6 e 12. Os participantes foram contatados a partir de seis escolas primárias localizada em Madri (Espanha). A idade média dos avós foi de 71,42 anos. Os dados foram coletados a partir de grupos focais, que consistiram em grupos de 5 a 11 avós. Foram criadas perguntas abertas para suscitar o debate entre os participantes do grupo, as questões faziam parte de grandes tópicos: a) percepção geral de seu papel como socializadores dos netos; b) valores que transmitem aos netos; c) estilos de socialização e práticas usadas para ajudar os netos a internalizar valores e d) percepções positivas e negativas relacionadas a essa função. Os dados coletados foram organizados em categorias para análise. Como principais resultados, os autores destacam a percepção dos avós como socializadores dos netos como parceiros dos pais, a necessidade de se adaptarem às mudanças sociais, destacaram o declínio dos valores tradicionais e o aumento de uma posição mais calorosa frente aos netos. Os avós disseram que o contato com os netos lhe proporciona mais vitalidade e o sentimento de serem úteis e também relataram sobre os excessos e sobrecarga na função de avós.

Ao entrevistar avós, Zanatta e Arpini (2017) investigaram as “novas” configurações da imagem, do papel e da função das avós pertencentes a um contexto socioeconômico de baixa renda, residentes em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul (Brasil), bem como apresentar alguns aspectos da relação avó-neto. A amostra foi composta de 10 avós, cujas filhas eram mães pela primeira vez e participavam de um programa da saúde pública. A idade média das avós foi de 46,7 anos, não se tratando, portanto, de uma pesquisa com foco em avós idosas. Utilizou-se de uma entrevista semiestruturada para a recolha de dados,

englobando os seguintes temas: a) Relação mãe-filha; b) Mudanças na relação mãe-filha com a maternidade desta; c) Papéis desempenhados pela avó nesse contexto. Os conteúdos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, onde geraram categorias para melhor discutir a temática. Os resultados apontaram que as avós eram jovens e ativas, que seu relacionamento com os netos era marcado por afeto e zelo, e que eram figuras de referência para as filhas que vivenciavam pela primeira vez a função de mãe.

Becker e Falcão (2016) entrevistaram atores idosos com o objetivo de investigar sua percepção sobre o envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó). A amostra foi composta por 6 atores, com mais de 60 anos, filiados a uma associação da profissão, na cidade de São Paulo (Brasil). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir dos temas: a) dados sócio demográficos; b) questões relativas ao ofício de ser ator e início da carreira; c) questões sobre a velhice e o envelhecimento; d) questões sobre as relações familiares com foco em ser avô (ó). As entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas através da análise de conteúdo. Os atores revelaram uma negação do processo de envelhecimento, mas destacaram que na profissão, ser idoso apresenta uma imagem favorável. A maioria dos entrevistados percebem uma imagem favorável de ser avô (ó) na família. As autoras concluíram que a profissão de ator influenciou uma imagem de ser velho como desfavorável e de negação do próprio envelhecimento.

Na pesquisa de Silva e colaboradores (2015), os autores procuraram descrever a dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica dos idosos. O estudo foi realizado com 32 pessoas idosas, residentes na Bahia (Brasil), participantes de um programa público de saúde e que residiam junto com outras duas gerações da sua família. Os dados foram coletados através de questionário sócio demográfico, para a caracterização dos participantes e através de entrevistas semiestruturadas. A análise foi feita a partir da análise temática de conteúdo, criando categorias para discussão. Como resultado final, os autores perceberam que na vivência destes idosos o conviver em família era pautado no cuidado, apoio, união familiar e conflitos.

No seu estudo, Cardoso e Brito (2014) procuraram compreender, como avós que tomam conta dos netos para que os pais trabalhem fora lidam com os encargos relativos ao cuidado das crianças. Utilizaram o grupo focal com 12 avós, divididos em dois grupos, que se reuniram em quatro encontros semanais, para a recolha dos dados. Cada encontro possuía um tema norteador e por vezes, cada grupo levava espontaneamente a discussão para outros lugares ou aprofundamento das questões, gerando debates e trocas de ideias. Os encontros foram gravados sob consentimento das participantes e posteriormente submetidos a análise de conteúdo. As autoras destacaram que essas avós tinham um papel de destaque na vida da sua família, cuidando ativamente dos netos e este resultado aponta para uma mudança

nas configurações familiares, onde a família extensa ocupa uma nova forma de organização social.

Paula e outros autores (2011) tiveram como objetivos de pesquisa conhecer os discursos dos idosos quanto às relações intergeracionais quando criança e hoje, e identificar as mudanças das relações intergeracionais percebidas pelo idoso no contexto da família atual e de seus antecedentes. A amostragem por conveniência foi constituída por 12 idosos, residentes em Fortaleza (Brasil). Um dos critérios de inclusão era que os participantes tivessem conhecido seus avós e que possuíssem netos. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e posteriormente analisados sob a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Como principal resultado, destaca-se a diferença na relação avós – netos, pois antigamente, os participantes relataram haver bom relacionamento, com regras mais claras e atualmente a relação é marcada por conflitos, perda de autoridade, afeto e medo.

No seu estudo, referenciado por diversos outros, Osuna (2006) buscou analisar a relação avós - netos na infância na perspectiva dos avós. Foram entrevistados 30 avós, sendo 14 homens e 16 mulheres, residentes em Barcelona (Espanha), que tivessem pelo menos um neto entre 6 e 12 anos. As questões norteadoras eram em torno das atividades que gostavam e realizavam com os netos, das responsabilidades de ser avô (ó), se percebiam mudanças nos relacionamentos conforme o crescimento dos netos e quais os aspectos positivos e negativos desta relação. Depois de transcritas, as entrevistas foram analisadas segundo uma análise de conteúdo. Os avós se mostraram satisfeitos no seu relacionamento com seus netos, foram encontradas diferenças nas atividades realizadas em função do gênero dos avós e as avós destacaram que existem diferenças na relação conforme os netos crescem.

Tabela 6. Estudos qualitativos sobre a relação avós – netos

Título	Autores/Ano	Objetivos	Amostra	Instrumentos/técnicas	Principais conclusões
Treats are a tool of the trade: an exploration of food treats among grandparents who provide informal childcare	Pankhurst et al. (2019)	Explorar o significado e papel das guloseimas alimentares entre os avós que prestam cuidados informais aos netos	12 avós	Entrevistas e grupo focal	As guloseimas apresentam um papel importante na relação avós netos, diferenciando a sua identidade e o relacionamento com os pais
Perceptions of grandparents who provide auxiliary care: value transmission and child-rearing practices	Noriega, López, Dominguez e Velasco (2017)	Explorar como os avós percebem seu papel como agentes socializadores	42 avós	Grupo focal	Avós reconheceram a importância de se envolver na socialização dos netos como apoiantes dos pais e a necessidade de se adaptar as mudanças sociais
Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas	Zanatta e Arpini (2017)	Investigar as “novas” configurações da imagem, do papel e da função das avós pertencentes a um contexto socioeconômico de baixa renda, bem como apresentar alguns aspectos da relação avó-neto	10 avós	Entrevista	A relação avós-netos foi marcada por sentimentos de satisfação, afeto e zelo; destaca-se, o papel de apoio desempenhado pelas avós, em decorrência do nascimento do neto, colocando-se como referência para as filhas
O envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô (ó) na perspectiva de atores profissionais idosos	Becker e Falcão (2016)	Investigar a percepção de atores profissionais idosos sobre o envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó).	6 idosos	Entrevista	Maioria indicou percepção favorável sobre o significado de ser avô (ó) na vida familiar
Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia)	Silva, Vilela, Nery, Duarte, Alves, Meira (2015)	Descrever a dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica dos idosos	32 idosos	Entrevista	Conviver em família pautado no cuidado, apoio, união familiar e conflitos
Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?	Cardoso e Brito (2014)	Compreender, como avós que tomam conta dos netos para que os pais trabalhem fora lidam com	12 avós	Grupo focal	As avós ocupam lugar central na vida de suas famílias, participando ativamente do cotidiano

		os encargos relativos ao cuidado das crianças			dos netos, proporcionando apoio afetivo e, por vezes, financeiro
Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo	Paula, Silva, Bessa, Morais, Marques (2011)	Conhecer os discursos dos idosos quanto às relações intergeracionais quando criança e hoje; identificar as mudanças das relações intergeracionais percebidas pelo idoso no contexto da família atual e de seus antecedentes	12 idosos	Entrevista	Percebeu-se que houve mudanças na relação entre avós e netos
Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia	Osuna (2006)	Analisar a relação avós - netos na infância na perspectiva dos avós	30 avós	Entrevista	O vínculo emocional dos avós com seus netos é muito alto, há uma alto grau de satisfação por parte dos avós e avós na relação que mantem com seus netos

4.3. Revisões de literatura

Marques et al. (2019), realizaram uma revisão integrativa da literatura de artigos científicos de língua portuguesa a respeito das atitudes sobre a velhice em crianças e adolescentes, com foco nas atividades intergeracionais e papel dos avós. Através dos descritores Adolescente AND Envelhecimento, Atitude AND Criança AND Envelhecimento, Avós, Envelhecimento AND Criança, Relações familiares AND avós na base de dados Bireme e dos critérios de inclusão e de exclusão, os autores chegaram em 13 artigos para análise. Compreendidos entre os anos de 2012 e 2017. Os resultados demonstraram que as atitudes sobre a velhice são plurais e associadas a coabitação, arranjos e papéis familiares, conflitos intergeracionais, convivência com pessoas mais velhas e condições sócio demográficas. A análise dos artigos também destacou o suporte emocional e instrumental dos avós e os benefícios das intervenções intergeracionais, bem como, a sugestão de novas pesquisas.

O estudo global de Sadruddin et al. (2019), procurou estabelecer evidências baseadas nos vínculos entre o envolvimento dos avós na saúde e desenvolvimento dos netos, a fim de mapear o que é conhecido por famílias multigeracionais e de geração ignorada. O estudo procurou realizar uma metasíntese e não uma meta análise, de 206 artigos encontrados em sete base de dados: MEDLINE, Embase, PsycINFO, Global Health, Anthropology Plus, Índice de Citações em Ciências Sociais (Web of Ciência) e Resumos Sociológicos (ProQuest), usando palavras-chave sobre a temática. Como resultado do estudo, os autores identificaram uma heterogeneidade de pesquisas, em termos de indicadores, mecanismos e resultados. Identificaram que foi dada pouca atenção a maneira como os avós estão envolvidos na vida dos netos e aos contextos que podem influenciar na assistência aos netos.

Também revisando periódicos, Deus e Dias (2016) sistematizaram produções científicas sobre o tema avós publicadas entre os anos de 2005 e 2015. Os artigos foram pesquisados em duas bases de dados: *The Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (PePSIC). Com os descritores escolhidos pelos autores, avós, *grandparents* e *grandmother* juntamente com os critérios de inclusão e exclusão, ao total, 14 artigos foram analisados no estudo. Após análise, destacam que os avós são figuras importantes para filhos e netos, são fontes de apoio no contexto da gravidez na adolescência, de netos com deficiência e no aleitamento materno. O estudo também sugere a elaboração de políticas públicas que privilegiem a saúde física e emocional dos avós.

Ramos (2015) analisou quais verdades e saberes têm sido ensinados às crianças sobre velhice, avosidade e relações intergeracionais, trazendo reflexões para os estudos do envelhecimento e da educação, através de obras da literatura infantil brasileira. Para a

seleção das obras, a autora pesquisou de forma *online* no site de editoras no Brasil e encontrou 104 livros que possuíam no título as palavras: vó, vó, avô, avó, vovô ou vovó. Os temas variam entre brincadeiras e relações cotidianas entre avós e netos, sabedoria e histórias do passado contadas pelos mais velhos, situações de doença, velhice e morte dos avós. Com os critérios de inclusão, a autora trabalhou com 24 obras.

Seguindo o mesmo modelo do estudo anterior, Bazzocchi (2013) procurou apresentar a figura de avós protagonistas de histórias de seis livros infantis, espanhóis e italianos. As obras espanholas que utilizou foram: *Los caminos de la luna*, *Un cesto lleno de palabras* e *La bicicleta de Selva*. As obras italianas, foram: *La riparazione del nonno*, *Mattia e il nonno* e *Facciamo che eravamo*. Na literatura englobada no estudo, aparecem diferentes temáticas, como o avô contador de histórias, o caminhar e conversar com o avô, morte e doença do avô. Como forma geral, a autora conclui que a relação entre esses avós e seus netos, os tornam guias na vida, exemplos e pessoas importantes para a transmissão intergeracional.

Refletir sobre a função social que idosos avós ocupam no âmbito familiar, foi o objetivo da pesquisa bibliográfica de Pacheco e Alves (2012). Não foi uma revisão sistemática de artigos, mas um estudo a partir das concepções dos seguintes autores sobre o tema: Bauman, Beauvoir, Camarano, Giddens, Iamamoto, Lopes, Osterne, Petrini, Sarti, Szymanski e Vitale. De forma geral, reafirmam que a família vem passando por constantes transformações, nos seus papéis e funções, enfrentando as mudanças do mundo moderno, bem como destacam a importância que os avós idosos têm na vida de seus netos.

Dias (2002) fez uma revisão de literatura com o objetivo de apresentar contribuições sobre a influência dos avós na vida dos netos. Como o estudo anterior, não foi uma pesquisa sistemática, mas sim em um plano geral, que abordou a importância dos avós nas dimensões familiar e social. A autora destaca que foi uma pesquisa genérica e faz a sugestão de programas de intervenção com grupos de avós, para que possam refletir sobre seu papel, obter informação sobre desenvolvimento infantil e adolescente, aperfeiçoar formas de se comunicar, aprender temas relevantes para os netos, conhecer seus direitos entre outros objetivos. A pesquisadora também sugere o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a temática de relacionamento entre avós e netos.

Tabela 7. Revisões de literatura sobre a relação avós - netos

Título	Autores/Ano	Objetivos	Principais conclusões
Atitudes sobre a Velhice: Infância, Adolescência, Avós e a Intergeracionalidade	Marques, Gomes, Oliveira, e Silva (2019)	Realizar uma revisão integrativa da literatura de artigos científicos de língua portuguesa a respeito das atitudes sobre a velhice em crianças e adolescentes no período de 2012 a 2017, com foco nas atividades intergeracionais e papel dos avós	As atitudes sobre a velhice mostram-se plurais, associando-se a coabitação, arranjo e papéis familiares, conflitos intergeracionais, convivência com as pessoas mais velhas, e condições sócio demográficas. Ressaltou o suporte instrumental e emocional dos avós e os benefícios das intervenções intergeracionais
How do grandparents influence child health and development? A systematic review	Sadrudin, Ponguta, Zonderman, Wiley, Grimshaw, e Panter-Brick (2019)	Estabelecer evidências globais baseadas nos vínculos entre o envolvimento dos avós na saúde e desenvolvimento dos netos, a fim de mapear o que é conhecido por famílias multigeracionais e de geração ignorada	Heterogeneidade de estudos, existem lacunas nas pesquisas estudadas
Avós Cuidadores e Suas Funções: Uma Revisão Integrativa da Literatura	Deus e Dias (2016)	Investigar as produções científicas sobre o tema avós, publicadas no período de 2005 a 2015	Constatou-se que os avós são figuras importantes no suporte emocional, apoio, carinho e afeto tanto para seus filhos como para os netos. Essas figuras são importantes fontes de apoio no contexto da gravidez na adolescência, de netos com deficiência e do aleitamento materno
Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais	Ramos (2015)	Compreender quais verdades e saberes têm sido ensinados às crianças sobre velhice, avosidade e relações intergeracionais, trazendo reflexões para os estudos do envelhecimento e da educação	Os temas variam entre brincadeiras e relações cotidianas entre avós e netos, sabedoria e histórias do passado contadas pelos mais velhos, situações de doença, velhice e morte dos avós
Los ancianos, maestros de vida: la estrecha relación que se establece entre niños y abuelos en la literatura infantil	Bazzocchi (2013)	Apresentar a figura de avós protagonistas de histórias de livros infantis espanhóis e italianos	A relação entre estes avós e seus netos os tornam guias na vida, exemplos e pessoas fundamentais para a transmissão cultural entre gerações
A função social dos idosos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar	Pacheco e Alves (2012)	Refletir sobre a função social que idosos avós ocupam no âmbito familiar	Realçou-se que a família passa por constantes transformações em seus papéis e funções, ao enfrentar os desafios impostos pelo mundo moderno e a relevância dos avós na vida dos netos
A influência dos avós nas dimensões familiar e social	Dias (2002)	Apresentar contribuições sobre influência dos avós na vida dos netos	Sugestão de novas pesquisas

4.4. Estudos mistos

Utilizando uma metodologia mista, Wegner e Benitez (2013), analisaram a percepção de idosos brasileiros e espanhóis sobre a função de cuidado da família. A amostra não probabilística foi constituída por 1020 avós, maiores de 60 anos, de ambos os sexos, residentes no Brasil e na Espanha. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista, que foi analisada de forma manual e os dados quantitativos foram analisados com o auxílio do programa IBM SPSS v.18.0. Sobre as conclusões, os autores destacam que como percepções positivas surgiram a obrigação dos filhos cuidarem dos pais idosos e dos avós cuidarem dos netos, que família unida é capaz de desempenhar sua função de cuidado e que carinho, afeto, amor e paciência são sentimentos que servem de base para a família. Como percepção negativa, surgiram os conflitos devido às diferenças intergeracionais. Para os idosos pesquisados, as relações de afetividade e união familiar estão relacionadas à qualidade do cuidado dispensado.

A relação multigeracional é o tema de estudo de Vicente e Sousa (2010), onde tiveram como objetivo compreender o sistema familiar multigeracional, centrando-se na análise das funções desempenhadas no seu seio e das características de quem as desempenha. Também é parte de uma investigação maior e nesta em questão, a amostra foi de 25 famílias que tinham elementos vivos de quatro gerações, onde os inquiridos foram sujeitos das gerações intermédias. A maioria dos investigados foi do sexo feminino e a média de idade dos participantes foi de 43,52 anos. Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista de genograma e o IARSP-R (Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais – forma Revista). No artigo em questão, apenas foram analisados os dados referentes a entrevista de genograma. Com a criação de categorias e subcategorias criadas a partir da análise de conteúdo, descobriu-se que o funcionamento do sistema multigeracional parece depender da participação das suas várias gerações e os dados também fornecem pistas para a intervenção familiar e facultam um contributo teórico para o tópico das famílias envelhecidas.

Oliveira et al. (2010), buscaram avaliar a relação entre avós e netos no período da infância, de acordo com a percepção de avós e seus netos. A amostra foi constituída por 17 avós e seus netos recrutados em ambulatórios de pediatria no Distrito Federal (Brasil). As avós tinham mais de 60 anos e os netos entre 6 e 12 anos. Utilizou-se um questionário sócio demográfico e uma entrevista semiestruturada com as avós e outra entrevista semiestruturada com os netos. A análise das entrevistas das avós foi feita de forma quantitativa, com auxílio do programa ALCESTE (Análise Lexical por Conjunto de Segmentos de um Texto) e a dos netos foi feita através da criação de categorias. O resultado geral aponta que avós e netos reconhecem ter uma relação forte e de proximidade entre si.

Tabela 8. Estudos mistos sobre a relação avós - netos

Título	Autores/Ano	Objetivos	Amostra	Instrumentos/técnicas	Principais conclusões
O idoso no contexto familiar: a função de cuidado	Wegner e Benitez (2013)	Conhecer a percepção de idosos brasileiros e espanhóis sobre a função de cuidado da família	1020 avós	Entrevista	Percepção positiva: filhos cuidam dos pais idosos e os avós cuidam dos netos; família unida é capaz de desempenhar sua função de cuidado; afeto, amor, carinho e paciência são sentimentos que servem de alicerce para a família. Percepção negativa: diferenças intergeracionais - conflitos
Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional	Vicente, Sousa (2010)	Compreensão do sistema familiar multigeracional, centrando-se na análise das funções desempenhadas no seu seio e das características de quem as desempenha	25 famílias multigeracionais, com elementos vivos de quatro gerações. Os inquiridos foram pessoas das gerações intermédias	Entrevista de genograma e IARSP-R	O funcionamento deste sistema parece depender da participação das suas várias gerações; os dados fornecem pistas para a intervenção familiar e facultam um contributo teórico para o tópico das famílias envelhecidas
Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância	Oliveira, Vianna, Cárdenas (2010)	Avaliar a relação entre avós e netos no período da infância, de acordo com a percepção de avós e de seus netos	17 avós e seus netos	Entrevista	Avós idosas mantêm forte relação de proximidade vivenciada com seus netos no período da infância, o que é confirmado e reconhecido por seus netos.

Capítulo 2 – Metodologia

1. Objetivos e tipo de estudo

Este estudo qualitativo tem como objetivo geral analisar comparativamente, numa perspectiva transcultural em Portugal e no Brasil, a percepção das avós sobre o seu papel junto dos netos, considerando a relação com filhos/as e genros/noras.

Para tal, os objetivos específicos são os seguintes:

- Descrever a percepção das avós sobre esse seu papel na família.
- Descrever a percepção das avós sobre a sua relação com os netos.
- Descrever a percepção das avós sobre a sua relação com as suas avós.
- Descrever a percepção das avós sobre o seu papel nas relações familiares, considerando filhos/filhas/genros/noras.
- Analisar a relação entre o envelhecimento e o sistema de relações familiares.
- Comparar as percepções de avós Brasileiras e Portuguesas em relação aos temas abordados.

O estudo qualitativo tem por característica principal estudar um fenómeno no local onde ele ocorre, interpretando os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no processo, procurando o sentido da experiência e não se preocupando em prever ou delimitar causas e efeitos (Willig, 2008). Optou-se por um estudo qualitativo por se entender que desta forma é possível capturar os significados visíveis e invisíveis desta experiência, que só são possíveis de serem percebidos através de uma relação e escuta atentas e sensíveis (Chizzotti, 2003).

A investigação qualitativa permite descrever e analisar os sentimentos, experiências, significados e vivências, ou seja, fatores humanos incapazes de serem captados em uma pesquisa quantitativa (Chizzotti, 2003). Pode também ser denominada de naturalística, pois o pesquisador compartilha com o sujeito estudado no local onde estão as pessoas (*“in loco”*) vivendo e dando significado às suas experiências (Chizzotti, 2003).

A pesquisa qualitativa, amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas (Chizzotti, 2003), é compreendida através de paradigmas interpretativos, como positivismo, construtivismo, crítico e feminismo pós-estrutural. (Aires, 2015). No construtivismo, entende-se que a realidade é relativa e que existem diversas realidades diferentes sobre um mesmo fenómeno, portanto, pesquisador e sujeito de pesquisa criam juntos uma nova compreensão, produzindo conhecimento (Aires, 2015). A partir das perspectivas interpretativas ou construcionistas, entende-se que o mundo só pode ser definido através dos conceitos que diferem de acordo com os indivíduos e as culturas, com isso, o conhecimento apenas consegue ser alcançado de forma subjetiva (Bishop, 2015).

Esta investigação está pautada em uma metodologia comparativa e transcultural. Estudos transculturais são pesquisas realizadas com duas ou mais culturas e sociedades, objetivando encontrar pontos comuns e divergentes ao comparar regiões, países, línguas e/ou etnias, para a construção de sínteses gerais sobre os seres humanos (Escotet, 1977). Shiraev e Levy (2016), definem que cultura são regras, hábitos, atitudes e comportamentos compartilhados por um grupo de pessoas e transmitidos de uma geração para outra ao longo do tempo. Diante disso, os autores destacam a relevância de estudos transculturais, uma vez que permitem perceber de que forma ocorrem os fenômenos psicológicos em diferentes culturas, procurando as semelhanças e diferenças, possibilitando identificar qual a influência dos contextos no desenvolvimento humano. Os estudos transculturais são importantes para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas humanas, pois entende-se que nenhuma cultura contém as mesmas peculiaridades que interferem no comportamento humano (Brislin, 2007). É o que se propôs neste estudo, analisar o papel das avós sobre seu papel na família no contexto português e brasileiro.

1.1. Participantes

Participaram nesta investigação, 12 avós com mais de 65 anos (6 portuguesas e 6 brasileiras). Atenderam-se aos seguintes critérios de inclusão: (1) avós com idade igual ou superior a 65 anos; (2) ser avó de pelo menos um (s) neto (s) com menos de 13 anos que resida na mesma localidade, mas não na mesma casa; (3) residir na comunidade.

A tabela 9 apresenta a síntese das informações sociodemográficas das participantes.

Tabela 9. Síntese sociodemográfica da amostra (N = 12)

Nacionalidade	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Idade filhos	Idade netos
PT1 – Portuguesa	74	Bacharel	Viúva	44, 42 e 36 anos	7 anos e 6 meses
PT2 – Portuguesa	72	Licenciatura	Casada	45 e 42 anos	17, 14, 8, 7 e 4 anos
PT3 – Portuguesa	76	9º ano	Casada	52 e 44 anos	18 e 4 anos
PT4 – Portuguesa	83	Licenciatura	Viúva	58, 56 e 46 anos	34, 30, 20 e 13 anos (2)
PT5 – Portuguesa	68	12º ano	Divorciada	42, 40 e 37 anos	8, 5 e 2 anos
PT6 – Portuguesa	71	9º ano	Casada	46, 41 e 33 anos	15, 12, 6 e 2 anos
BR1 – Brasileira	67	Mestrado	Casada	44 e 41 anos	18, 14 (2) e 10 anos
BR2 – Brasileira	82	3º grau	Casada	55, 53 e 44 anos	15 e 11 anos
BR3 – Brasileira	82	Ensino Básico	Casada	60, 59, 58, 55 e 52 anos	35, 29 (2), 27, 25, 15, 14, 12 e 11 anos
BR4 – Brasileira	74	Ensino Superior	Casada	46 e 43 anos	15, 13 e 4 anos
BR5 – Brasileira	74	Normalista	Casada	48, 45 e 37 anos	18, 14, 5 e 3 anos (2)

BR6 - Brasileira	82	Segundo grau	Viúva	57, 56, 55 e 44 anos	32, 30 (2), 25, 24, 18, 16, 5 e 4 anos
-----------------------------	----	--------------	-------	-------------------------	---

1.2. Instrumentos

Como técnica de recolha de dados foi usada a entrevista semiestruturada. Esta forma de entrevista é guiada por uma série de tópicos ou questões, mas a forma e a ordem não estão pré-estabelecidas, uma vez que permite a inserção ou não de novas questões, conforme o andamento da conversa. É um instrumento que permite a obtenção da informação de cada sujeito de forma particular, entendendo que cada um enxerga o mundo ao seu modo (Willig, 2008). Perguntas abertas na entrevista produzem dados mais robustos para a investigação (Vasileiou et al., 2018).

A entrevista semiestruturada é a forma mais utilizada como técnica de recolha de dados em Psicologia (Willig, 2008) e também uma das mais importantes nas investigações para a compreensão do ser humano (Aires, 2015). Entrevistar é um processo de interação, que capta e cria significados, onde as características pessoais dos sujeitos envolvidos influenciam no decorrer da conversa, demonstrando a maneira como atuam em relação ao assunto (Aires, 2015).

No âmbito desta dissertação, foi construído guião de entrevista para a recolha dos dados, com base na revisão de literatura efetuada sobre os temas estruturantes desta temática. Foram, ainda, analisados estudos publicados sobre a relação entre avós e netos e consequentemente sobre a relação dos avós e da família como um todo. O guião teve duas versões, uma em português de Portugal e outra em português do Brasil.

As Tabelas 10 e 11 apresentam o guião de entrevista criado e utilizado no âmbito desta investigação de acordo com a nacionalidade das entrevistadas.

Tabela 10. Guião de Entrevista versão portuguesa

Caracterização sócio demográfica	
1.	Que idade tem?
2.	Qual a sua escolaridade?
3.	Qual o seu estado civil?
4.	Com quem é que reside?
5.	Quantos filhos tem?
6.	Qual é a idade dos seus filhos?
7.	E quantos netos tem?
8.	Qual é a idade dos seus netos?
Significado de ser avó	
9.	O que é ser avó para si?
10.	Como é que se sente no papel de avó?
Relação com os netos	
11.	Como é sua relação com seus netos?
12.	Qual a frequência de contactos que você tem com seus netos? Diariamente, semanalmente?
13.	O que faz com seus netos?
14.	Que impacto tem na sua vida ser avó? E na sua saúde?

15. Percebe alguma diferença no relacionamento com os netos em função da sua idade?
16. Quais os ganhos que sente que tem da sua relação com seus netos?
17. Existem dificuldades no seu relacionamento com seus netos? Quais seriam?
História da família
18. Você conheceu seus avós? Como era o seu relacionamento com eles?
19. O que considera que mudou dos avós de antigamente em relação aos avós de hoje?
20. Em que contextos/situações sente que seus filhos e netos precisam mais de você?
Relação avó e família
21. Qual a sua opinião sobre a função da avó dentro da família?
22. Há diferenças em ser mãe ou ser avó? Quais?
23. O que percebe que mudou no seu relacionamento com seus filhos, após o nascimento dos netos?
24. Como é que gere com seus filhos/filhas/genros/noras o cuidado aos netos?
25. Sente diferenças entre gerações na sua família? Se sim, quais?
Relação família e envelhecimento
26. O considera que pode trazer à sua família o facto de ficar mais velha?
27. O que é que o envelhecimento ensina para as famílias e para os seus membros?

Tabela 11. Guião de Entrevista versão brasileira

Caracterização sócio demográfica
1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua escolaridade?
3. Qual o seu estado civil?
4. Com quem você mora?
5. Quantos filhos tem?
6. Qual a idade dos seus filhos?
7. E quantos netos?
8. E qual a idade dos seus netos?
Significado de ser avó
9. O que é ser avó para você?
10. Como você se sente no papel de avó?
Relação com os netos
11. Como é sua relação com seus netos?
12. Qual a frequência de contatos que você tem com seus netos? Diariamente, semanalmente?
13. O que faz com seus netos?
14. Que impacto tem na sua vida ser avó? E na sua saúde?
15. Percebe alguma diferença no relacionamento com os netos em função da idade deles?
16. Quais os ganhos que tem da sua relação com seus netos?
17. Existem dificuldades no seu relacionamento com seus netos? Quais seriam?
História da família
18. Você conheceu seus avós? Como era o seu relacionamento com eles?
19. O que você acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?
20. Em que contextos/situações sente que seus filhos e netos precisam mais de você?
Relação avó e família
21. Qual a função da avó dentro da família, na sua opinião?
22. Há diferenças em ser mãe ou ser avó? Quais?
23. O que percebe que mudou no seu relacionamento com seus filhos, após o nascimento dos netos?
24. Como é que gere com seus filhos/filhas/genros/noras o cuidado aos netos?
25. Sente diferenças entre gerações na sua família? Se sim, quais?
Relação família e envelhecimento
26. O fato de ficar mais velha, o que pode trazer a família?
27. O que o envelhecimento ensina para as famílias e os seus membros?

1.3. Procedimentos de coleta e análise dos dados

Não há consenso entre os pesquisadores sobre quantos sujeitos devem ter os estudos qualitativos (Vasileiou et al., 2018). Os mesmos autores destacam que em pesquisas

qualitativas, as amostras tendem a ser pequenas para atingirem com profundidade a reflexão, baseadas em ricas informações sobre o fenômeno estudado. Vasileiou et al. (2018), concluíram após um estudo de 15 anos sobre amostragem em pesquisas qualitativas, que para determinar o tamanho da amostra é preciso levar em consideração a abordagem teórica, a natureza do fenômeno, os objetivos, a riqueza dos dados, bem como a experiência e habilidade do pesquisador em conduzir uma pesquisa de natureza qualitativa.

O trabalho em questão, caracterizado como um estudo transcultural, de corte transversal, do tipo exploratório e amostragem por conveniência, foi realizado na cidade da Covilhã, região Centro de Portugal e na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. A recolha de dados foi realizada entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

A primeira etapa da investigação consistiu em uma exaustiva revisão de literatura, a fim de conhecer materiais já existentes sobre o tema e a abrangência do assunto em outros estudos. Tal procedimento permitiu a construção do enquadramento teórico, bem como a elaboração de tópicos norteadores que originaram o guião de entrevistas.

A segunda etapa da pesquisa se deu através do contato informal com pessoas da rede de relacionamento, a fim de encontrar e selecionar as participantes entrevistadas que cumprissem os critérios de inclusão. Esse procedimento foi realizado primeiramente em Portugal e posteriormente no Brasil. No primeiro momento, foram apresentadas informações sobre a investigação e depois foram explicadas e garantidas as questões de privacidade e sigilo, esclarecendo que as informações obtidas na entrevista tinham como único objetivo, um fim científico e de estudos. Após tal esclarecimento, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Informado (anexo 1), declarando que aceitavam participar da pesquisa. Foi feito o registro em áudio de todas as entrevistas, que também foi autorizado pelas entrevistadas no Termo. As entrevistas ocorreram em local de escolha das participantes, sendo um local seguro e confortável, que permitiu o sigilo, bem como a liberdade das participantes para se expressar.

As entrevistas foram codificadas com letras e números para distinção entre as participantes. As entrevistadas portuguesas e brasileiras foram organizadas a partir de abreviação do nome de seus países e seguidas de números sequenciais (PTx e BRx), com o intuito de preservar suas identidades. Após a realização das entrevistas, foi feita uma transcrição literal de seus conteúdos (anexo 2) a fim de sistematizar e analisar as temáticas abordadas.

Análise do conteúdo das entrevistas

Nesta investigação, utilizou-se da análise de conteúdo proposta por Moraes (1999) para analisar os dados. Segundo o autor, esta é uma forma particular em investigações sociais, que permite descrever, interpretar e reinterpretar os conteúdos das mensagens, alcançando novas compreensões que vão além de uma leitura comum. Nesta metodologia, a análise dos dados é originária de uma interpretação e percepção pessoal do próprio investigador sobre os temas (Moraes, 1999).

O processo de análise e categorização dos dados das entrevistas foi realizado primeiramente por uma investigadora. Como sugerem, Santos et al. (2020), depois da transcrição literal de cada entrevista, as mesmas foram enviadas para outras duas investigadoras, para que pudessem esclarecer e perceber nuances não identificadas pela primeira pesquisadora. No final da leitura de cada uma das investigadoras, e juntamente com seus apontamentos, foi realizada uma discussão conjunta a fim de delimitar os temas centrais que resultaram nas categorias de análise. Esta forma de validação dos dados, chama-se triangulação e permite minimizar as possíveis distorções que possam vir a surgir com o olhar de apenas um pesquisador (Santos et al., 2020). A busca por mais de uma perspectiva se faz importante numa pesquisa qualitativa, uma vez que os diferentes pontos de vista permitem atingir com mais profundidade os fenômenos estudados, minimizando fatores subjetivos, validando e valorizando a investigação (Santos et al., 2020).

A análise e interpretação dos dados deu-se início com a transcrição literal das entrevistas e posterior leitura, a fim de perceber se todas elas respondiam aos objetivos que inicialmente foram propostos. Simultaneamente foram feitas as codificações para diferenciação das entrevistadas (Moraes, 1999).

Após esta etapa, foi feita uma releitura pormenorizada de cada uma das entrevistas, com a intenção de marcar unidades de sentido/frases que eram comuns, relevantes e de destaque em cada uma das respostas. Ao isolar as unidades de sentido, foi possível agrupá-las em diferentes subcategorias, que se correlacionavam entre si, dentro de uma categoria maior. Posteriormente, foram identificados os indicadores a que cada frase se referia (Moraes, 1999). Este processo pode ser observado na grelha de categorização (anexo 3). Na grelha é possível identificar que as categorias se referem as questões gerais e norteadoras da investigação, que as subcategorias se correlacionam com as categorias e que os indicadores resumem os conteúdos que aparecem nas unidades de sentido, que são as frases literais de cada entrevistada. Vale destacar que com o isolamento de frases, a criação de categorias e a clara fragmentação do texto, uma parte do material se perde, mas tal perda se justifica pela análise e compreensão minuciosa dos seus conteúdos (Moraes, 1999).

Posterior a elaboração da grelha de categorização (anexo 3), as categorias, subcategorias, indicadores e unidades de sentido, foram descritos em forma de texto para resumir e evidenciar os significados encontrados (Moraes, 1999).

A interpretação foi a última etapa deste processo. Momento em que foram relacionados os dados e significados encontrados nesta investigação com os de outros estudos sobre o mesmo tema, já abordados no enquadramento teórico. A interpretação permite um entendimento mais profundo e detalhado dos conteúdos da pesquisa (Moraes, 1999).

Capítulo 3 – Resultados

Os resultados apresentam a forma como as avós percebem o seu papel junto dos netos, considerando a relação com filhos/as e genros/noras. Apresentam também como lembram das suas relações com seus avós e como enxergam o envelhecimento dentro das relações familiares. Os dados foram organizados em categorias, conforme tópicos norteadores do guião de entrevistas e a partir das categorias são descritas e analisadas as subcategorias, demonstradas com os indicadores. A grelha de categorização (anexo 3) apresenta todas as expressões das participantes.

Significado de ser avó

Esta categoria se refere a forma como as avós se percebem neste papel. Fizeram emergir desta categoria, três subcategorias: percepção do ser avó, sensações emocionais de ser avó e impactos de ser avó. A tabela 12 sintetiza os resultados, bem como as coincidências ocorridas nas respostas de portuguesas e brasileiras. As subcategorias e os indicadores serão descritos a seguir.

Tabela 12. Síntese dos resultados da categoria Significado de ser avó

Subcategorias	Comuns	Apenas mencionados por avós portuguesas	Apenas mencionados por avós brasileiras
Percepção do ser avó	- Visão positiva (PT1, PT2, PT3, PT4, PT5, PT6, BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6)		
Sensações emocionais de ser avó	- Bem-estar e felicidade em ser avó (PT1, PT2, PT3, PT4, PT5, PT6, BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6)	- Orgulho (PT3)	- Orgulho (BR3, BR4) - Gratidão (BR1, BR5)
Impactos de ser avó	- Impacto positivo (PT1, PT2, PT3, BR2, BR3, BR5) - Família sempre em primeiro lugar (PT3, BR2)	- Impacto no estado de ânimo e saúde mental (PT1, PT3, PT4, PT5) - Sentimento de sobrecarga e/ou cansaço no papel de avó (PT1, PT6) - Não sentem falta de tempo para si (PT1, PT4, PT6) - Necessidade de tempo para si (PT2, PT5)	- Impacto no estado de ânimo e saúde mental (BR4, BR5) - Sentimento de sobrecarga e/ou cansaço no papel de avó (BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6) - Sentiu falta de tempo para si (BR3) - Não sente falta de tempo para si (BR5) - Necessidade de tempo para si (BR1, BR4, BR6)

. Percepção do ser avó

Nesta subcategoria, todas as avós revelaram uma visão positiva sobre o que significa ser avó para cada uma delas. Como fica demonstrado nas falas de PT2, “*Ser avó é uma missão muito simpática*” e de BR1, “*(...) é uma delícia ser avó*”.

. Sensações emocionais de ser avó

Nesta subcategoria, emergiram os sentimentos das avós ao exercer suas funções com os netos, aparecendo três indicadores – bem-estar e felicidade, orgulho e gratidão. Todas as senhoras relataram que se sentem bem no seu papel de avó, como fica evidenciado nas falas de PT5, *“Sinto-me bem, sinto-me muito bem (...) adoro ser avó”* e de BR6, *“(...) eu me sinto bem”*.

Três entrevistadas (1 portuguesa e 2 brasileiras) demonstraram orgulho em ser avó e em ser chamada de avó, como demonstram PT3, *“Tem até pessoas que querem que os netos lhe chamem de tia, e eu não, gosto muito da palavra avó, porque avó é única, só há uma (...)”* e BR4, *“Eu conheço vó que vai dizer que não quer ser vó, eu não, eu amo ser vó”*. Duas avós brasileiras, revelaram ser gratas pelos netos que tem e pela oportunidade de ser avó, como demonstra BR1, *“eu só agradeço a Deus todos os dias por ter tido esses netos”*.

. Impactos de ser avó

Esta subcategoria se refere aos impactos e modificações que avós sentiram em suas vidas depois que os netos chegaram. Com isso, surgiram seis indicadores – impacto positivo, impacto no estado de ânimo e saúde mental, sentimentos de sobrecarga e/ou cansaço no papel de avó, falta de tempo para si, família em primeiro lugar, necessidade de tempo para si.

Seis avós (3 portuguesas e 3 brasileiras) disseram que ser avó teve um impacto positivo nas suas vidas, como evidenciam as falas de PT3, *“É um impacto muito bom, muito bom. Ajuda a realizar-me”* e de BR5, *“(...) tem esse impacto da alegria, que é uma coisa muito gostosa, muito boa”*. Também seis avós (4 portuguesas e 2 brasileiras) revelaram que ser avó e a presença dos netos, tiveram um impacto no seu estado de ânimo e na sua saúde mental, é o que dizem, por exemplo, PT4, *“(...) quando estou mais em baixa, vou ao pé deles e eu não consigo estar triste (...) e isso faz com que eu não esteja triste, nem pense em dor, nem em depressão e nada disso. É uma relação que me faz muito bem a saúde”* e BR5, *“Eu até diria que na minha saúde é uma coisa bem benéfica, porque eu acho que a alegria e essas coisas, é uma coisa muito boa”*.

Todas as avós brasileiras e duas avós portuguesas, revelaram que já se sentiram cansadas ou sobrecarregadas no papel de avó, em função do cuidado com os netos. BR3, diz: *“Já. Assim, cansada e ter aquele neto lá e ter que dar atenção, que não quer dormir. Já me senti sim”*, PT6, também diz já ter se sentido cansada, *“Não. Quer dizer, às vezes há dias que a pessoa tem tanto que fazer outras coisas, que sinto-me um bocado cansada”*.

As avós divergiram sobre a falta de tempo para si e suas atividades. Uma avó brasileira, afirmou já ter sentido falta de tempo pessoal em função do cuidado com os netos, evidente na fala de BR3, *“Teve sim (falta de tempo), principalmente a L. que foi a primeira, ela ficou bastante comigo”*. As demais avós (3 portuguesas e 1 brasileira) que referiram sobre esse indicador, afirmaram que não sentem falta de tempo para suas atividades, pois conseguem conciliar seus compromissos pessoais com o cuidado despendido aos netos, como refere PT1, *“Não, não. Eu consigo conciliar”*. Duas avós (1 brasileira e 1 portuguesa) disseram que colocam sempre a família em primeiro lugar para planejar seu tempo. Aparece nas falas de PT3, *“Não. Ponho é, a família em primeiro, depois a academia”* e BR2, *“Não. Eu abro mão de tudo, qualquer coisa que seja necessidade deles e dos filhos, eu abro mão”*. Cinco avós (2 portuguesas e 3 brasileiras), destacam que tem a necessidade de ter tempo para si e que não deixam que os cuidados com os netos lhe retirem suas atividades. Fica demonstrado nas falas de PT5, *“Não, não, por isso mesmo que não fico tomando conta deles todos os dias, porque tenho as minhas coisas”* e de BR6, *“Não, isso não (...) Mas eu não deixo de fazer assim, as minhas coisas por causa deles, não”*.

Relação com os netos

Esta categoria, se refere exclusivamente as relações interpessoais entre avós e netos e suas complexas variações e sentidos. Emergiram oito subcategorias: qualidade da relação com os netos, atividades que realiza com os netos, frequência de contatos com os netos, ganhos da relação com os netos, particularidades da relação com os netos, relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles, generatividade e dificuldades no relacionamento com os netos. A tabela 13 sintetiza os resultados, bem como as respostas coincidentes de portuguesas e brasileiras. As subcategorias e os indicadores serão descritos logo após.

Tabela 13. Síntese dos resultados da categoria Relação com os netos

Subcategorias	Comuns	Apenas mencionados por avós portuguesas	Apenas mencionados por avós brasileiras
Qualidade da relação com os netos	- Percepção positiva (PT1, PT2, PT3, PT4, PT5, PT6, BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6)		
Atividades que realizam com os netos	- Conversar (PT1, PT3, PT4, PT6, BR2, BR3, BR4, BR5) - Brincar/passear/ver televisão (PT1, PT2, PT3, PT5, BR1, BR3, BR5, BR6) - Atividades escolares (PT2, BR2)	- Contar histórias para os netos (PT1, PT5)	- Contar histórias (BR2)
Frequência de contatos com os netos		- Diariamente (PT1, PT2, PT5, PT6) - Semanalmente (PT3, PT4)	- Diariamente (BR2) - Semanalmente (BR1, BR3, BR4, BR5, BR6)

		- Têm netos que vivem longe (PT2, PT5, PT6)	
Ganhos da relação com os netos	- Juventude/atualidade/reciclagem (PT1, PT2, BR1, BR4) - Afeto/saúde/vitalidade (PT3, PT4, PT5, PT6, BR2, BR3, BR5, BR6)		
Particularidades da relação com os netos	- Caprichos e mimos (PT2, PT4, BR3, BR4)	- Cuidado, afeto e presença (PT1, PT4, PT6) - Relação sem regras (PT5)	- Cuidado, afeto e presença (BR2, BR3)
Relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles	- Não percebem diferenças (PT4, BR3)	- Percebem diferença (PT1, PT2, PT3, PT5, PT6)	- Percebem diferença (BR1, BR5)
Generatividade	- Acompanhar o crescimento dos netos (PT1, PT3, BR3, BR5) - Deixar legados e lembranças (PT6, BR2)		
Dificuldades no relacionamento com os netos	- Ausência de dificuldades (PT1, PT2, PT3, PT4, PT5, PT6, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6)		- Presença de dificuldades (BR1)

. Qualidade da relação com os netos

Sobre esta subcategoria, o único e unânime indicador, aponta uma percepção positiva das avós sobre a sua relação com seus netos, como evidenciam as falas de PT1, “*É ótima (...), a relação é muito, é muito boa*” e de BR3, “*É bem boa*”.

. Atividades que realiza com os netos

Nesta subcategoria, as avós descreveram as atividades que desenvolvem particularmente com seus netos. Surgindo quatro indicadores – conversar, brincar/passear/ver televisão, atividades escolares e contação de histórias.

Oito avós (4 portuguesas e 4 brasileiras) afirmaram que gostam de conversar com seus netos. Exemplificado pelas falas de PT6, “*(...) acho que conversar*” e de BR2, “*a gente conversa muito*”. Também oito avós (4 portuguesas e 4 brasileiras) destacaram que gostam de brincar, passear e ver televisão junto com os netos. PT1 diz, “*E brinco, que ele gosta muito de carros. Passamos o tempo a brincar com carrinhos*”, PT2, “*(...) fazemos desenhos, vemos televisão, jogo os jogos que há em casa*” e BR5, “*(...) a gente vai passear na rua, de bicicletinha ou de carrinho ou brinca em casa mesmo*”.

Apenas duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) contaram que ajudam os netos resolverem as atividades escolares, PT2, “*procuro fazer os deveres*” e BR2, “*faz os deveres de casa com ele*”. Três avós (2 portuguesas e 1 brasileira) destacaram que gostam de contar histórias para seus netos, como é o caso de PT1, “*Conto histórias*” e BR2, “*(...) conto como era na minha época, como é agora*”.

. Frequência de contatos com os netos

Nesta subcategoria, as avós entrevistadas responderam com que frequência se encontram e estão com seus netos. Surgiram três indicadores da frequência de contatos com os netos – diariamente, semanalmente e com netos que vivem longe.

Apenas uma avó brasileira disse que vê os netos todos os dias, já quatro avós portuguesas afirmaram que tem contato diário com eles, como exemplifica PT2, *“E com as outras duas netas tenho maior convivência, todos os dias às vou ver e elas vão a casa”*. A maioria das avós brasileiras (5 avós) disse que vê os netos semanalmente, como BR1, *“(…) seria uma vez por semana”*, assim como duas avós portuguesas, a exemplo de PT3, *“Sempre de fim de semana a fim de semana e às vezes durante a semana também nos encontramos”*.

Três avós portuguesas contaram que com os netos que vivem longe, em outras cidades ou países, tem menos contato. Afirmaram que se encontram mais nas férias ou então através de plataformas *online*. Pode ser visto nas falas de PT2, *“Com três netos tenho pouca convivência, porque eles vivem em Lisboa e eu vivo em Manteigas (...) vem passar as férias comigo”* e de PT6, *“Por ora falamos todos os sábados pelo Skype, porque eles estão no estrangeiro”*.

. Ganhos da relação com os netos

Nesta subcategoria foram abordados quais são os ganhos que as avós sentem da sua relação com seus netos, o que recebem em troca de todo afeto que despendem. Para isso surgiram dois indicadores – juventude/atualidade/reciclagem e afeto/saúde/vitalidade.

Quatro avós (2 portuguesas e 2 brasileiras) expressaram que o que ganham da relação com os netos, é que aprendem com eles, que eles as fazem sentir mais jovem e mais atualizada. Como demonstram, PT2, *“(…) ganho uma certa atualidade (...) eu também aprendo com eles”* e BR1, *“O principal é a reciclagem em tudo, até nas palavras, no vocabulário que eles usam”*. As outras oito avós (4 portuguesas e 4 brasileiras), afirmaram que os netos lhe proporcionam afeto, saúde e vitalidade, exemplificado por PT5, *“ganho alegria, ganho saúde”* e BR3, *“(…) a gente tem muito mais saúde, mais vivência, vitalidade”*.

. Particularidades da relação avós e netos

Esta subcategoria procurou retratar aspectos que são particulares das relações entre avós e netos, que acabam por transformar esta relação em algo valioso e único. Surgiram então, três indicadores – cuidado, afeto e presença, relação sem regras, caprichos/mimos.

Cinco avós (3 portuguesas e 2 brasileiras) disseram que uma particularidade da relação entre avós e netos, é cuidar deles, lhes dando afeto e estando presente na vida deles, como falam PT1, *“A função dos avós é estarem presentes quando os netos precisam. Dar carinho, dar amor”* e BR3, *“A vó tem que conviver com os netos, tratar eles bem, tratar eles com carinho, mas só”*. Apenas uma avó portuguesa, destacou que uma particularidade da relação com os netos, é uma relação sem regras e mais livre, PT5, *“(…) a gente está mais liberta com eles, não é tudo tão certinho, tão regrado. É uma relação muito liberta”*. E quatro avós (2 portuguesas e 2 brasileiras) destacaram os caprichos e mimos que fazem aos netos. Por exemplo, PT2, *“(…) dentro do possível faço-lhes as vontades”* e BR3, *“(…) vai pro shopping, acaba comprando uns presentinhos”*.

. Relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles

Esta subcategoria reflete se as avós percebem diferenças no relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles. Sete avós (5 portuguesas e 2 brasileiras) afirmaram que sim, percebem diferenças na relação com os netos em função das suas idades. É o que demonstram PT2, *“Sim sim, a relação com os mais velhos é diferente. É diferente, aliás a conversa até tem que ser diferente, porque eles já são mais velhos. Com os mais novos enfim, a conversa é adequada e as coisas, brincadeiras, são adequadas”* e BR5, *“(…) é claro que os adolescentes já têm um tratamento mais adulto, mas em termos de afeto, não”*. Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) não percebem diferenças nos relacionamentos com os netos em função da diferença de idade deles.

. Generatividade

Esta subcategoria refere-se aquilo que é possibilitado para as avós dentro da família, ao observarem o surgimento de novas gerações, pensando também o que elas querem deixar para os netos. Com isso, surgiram dois indicadores – acompanhar o crescimento dos netos e deixar legados e lembranças.

Quatro avós (2 portuguesas e 2 brasileiras) destacaram que acompanhar o crescimento dos netos é uma das virtudes de ser avó, como dizem PT3, *“Amar uma criança, vê-la desde que nasceu e acompanhar o seu crescimento”* e BR5, *“(…) em termos de projetos (…) querer até viver mais para vê-los e para acompanhar o crescimento (dos netos)”*. E duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) disseram que se preocupam em deixar legados e lembranças para os netos, a exemplo de PT6, *“Eu também as tendo lá em casa, elas também vão se lembrar mais de mim um dia, não é? Vão dizer assim: “a minha avó fazia-me isto, a minha avó fazia-me aquilo”, e os meus filhos também vão pensar: “a minha mãe e o meu pai ajudaram-me a fazer isso, a fazer aquilo na vida”. E eles pensarão que um dia serão eles a ajudarem os filhos e as filhas, não é? É isso, pronto. A vida é assim, é uma continuação,*

ninguém cá fica”, e BR2, “E a minha preocupação é essa (...), é deixar boas lembranças, é deixar bons exemplos, pra que depois, eles mais tarde, digam: olha, a vó falava assim”.

. Dificuldades no relacionamento com os netos

Apenas uma avó, BR1, afirmou ter dificuldades no relacionamento com os netos: *“Uma das dificuldades que eu acho é essa mudança muito grande em tudo, né? Tipo assim, de achar que maconha é livre”*. Todas as outras avós, tanto portuguesas quanto brasileiras, disseram não sentir nenhuma dificuldade na relação com os netos.

História da família

Nesta categoria, procuraram-se conhecer as histórias e lembranças das avós com seus próprios avós. Apenas uma senhora (PT4) disse não ter conhecido seus avós, enquanto as outras todas conheceram pelo menos um deles. Com isso, encontrou-se também, diferenças entre essas gerações de avós. Assim, surgiram duas subcategorias: lembranças dos relacionamentos com os avós e comparação dos avós de ontem com avós de hoje. A tabela 14 sintetiza os resultados, bem como as respostas comuns de portuguesas e brasileiras. As subcategorias e os indicadores serão descritos a seguir.

Tabela 14. Síntese dos resultados da categoria História da família

Subcategorias	Comuns	Apenas mencionados por avós portuguesas	Apenas mencionados por avós brasileiras
Lembranças do relacionamento com os avós	- Lembranças positivas (PT1, PT2, PT3, PT6, BR1, BR3, BR4, BR6) - Lembranças negativas (PT5, BR5)	- Ensinamentos da avó (PT3)	
Comparação dos avós de ontem com avós de hoje	- Avós não davam tanto suporte e apoio (PT6, BR1)	- Hoje os avós são mais abertos, próximos e participativos (PT1, PT5) - Hoje os avós são mais preocupados (PT2) - Ensinavam trabalhos manuais e domésticos (PT3) - Avós pareciam mais velhos e frágeis do que os avós atuais (PT1, PT5)	- Hoje os avós são mais abertos, próximos e participativos (BR1, BR3, BR5) - Avós eram mais severos e rigorosos (BR1, BR3) - Avós pareciam mais velhos e frágeis do que os avós atuais (BR2)

. Lembranças do relacionamento com os avós

As avós revelaram ter lembranças positivas e negativas dos seus relacionamentos com seus próprios avós e também contaram sobre o que aprenderam com eles. São estes o três indicadores nesta subcategoria.

A maioria das entrevistadas (4 portuguesas e 4 brasileiras), têm recordações positivas do seu relacionamento com seus avós, a exemplo de PT2, *“Era ótima. Eu adorava estar com a minha avó (...) era uma relação ótima”* e de BR3, *“Era muito boa (...) a gente gostava muito de ir lá brincar na casa do vô, era muito divertido, muito bom”*. Apenas duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) contaram não ter lembranças muito boas de seu relacionamento com seus avós, são as entrevistadas PT5, *“Lembro-me que a minha relação que eu tive com os meus avós, foi completamente diferente. Foi uma relação péssima, nem tenho recordação deles”* e, BR5, *“Não era muito próximo (...) aquela avó mais antiga (...) Também na época ela já era uma pessoa com a saúde bastante debilitada, então não tinha essa coisa da criança”*. A entrevistada PT3, além de ter recordações positivas, contou o que aprendeu com a sua avó: *“Eu acho que me deu para a vida o ensinamento muito grande em amar, em a família ser unida”*.

. Comparação dos avós de ontem com avós de hoje

Nesta subcategoria apareceram as diferenças que as avós de hoje enxergam em comparação com seus próprios avós, ou seja, sobre o papel que exerciam, a forma como se relacionavam com os netos, o que ensinavam e como aparentavam. Diante disto, seis subcategorias emergiram – hoje os avós são mais abertos, próximos e participativos, hoje os avós são mais preocupados, ensinavam trabalhos manuais e domésticos, avós não davam suporte e apoio, avós eram mais severos e rigorosos, avós pareciam mais velhos e frágeis do que os avós atuais.

Cinco entrevistadas (2 portuguesas e 3 brasileiras) entendem que hoje os avós são mais abertos, próximos e participativos da vida dos netos, PT1, diz, *“Agora, havia se calhar, questões que não eram faladas e se calhar, hoje se fala mais (...) E hoje em dia, já não. Quer os pais, quer os avós, são mais abertos”* e BR1, *“(...) a gente participa mais de tudo assim na vida deles”*.

A entrevistada, PT2, recorda que antes os avós tinham menos preocupações do que tem hoje, *“Os avós de antigamente eram engraçados, eram mais despreocupados (...) Hoje há mais proteção, porque se vai a rua, há os carros e antigamente não havia tanto carro, então não se tinha esse problema”*. Assim como PT3, que lembra que as avós costumavam ensinar trabalhos manuais e domésticos para suas netas, *“Os avós de antigamente eram meigos, ensinavam-nos a crescer, aprender a cozinhar, aprender a pregar um botão (...) para minha neta mais velha já tentei passar esses ensinamentos, até de culinária e isso tudo, mas ela já tem outras atrações que não isso”*.

Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) destacam que antigamente, os avós não davam tanto suporte e apoio aos netos e conseqüentemente, aos filhos. PT6, diz: *“Os avós dos meus*

filhos nunca me ajudaram (...) E agora é diferente, as minhas netas desde que elas nasceram, pronto, eu muitas vezes o meu marido ia busca-las ao infantário quando era preciso” e, BR1, diz: “(...) participa mais financeiramente também (...) naquela época, o meu avô, não dava assim, dinheiro, não pagava coisa, não era assim”.

Duas avós brasileiras acham que os avós de antigamente eram mais severos e rigorosos com os netos, quando comparados aos avós atuais, como diz BR1, “*Mas a vó era bem disciplinadora, né? Isso ela era mais do que a gente*”. E três avós (1 portuguesa e 2 brasileiras) têm a mesma visão de que antigamente, os avós pareciam mais frágeis e mais velhos em comparação a como se enxergam hoje. Exemplificado nas falas de PT1, “*Minha avó devia ter uns 60 e poucos anos, agora naquela altura uma pessoa com 60 já aparentava mais idade, de aspeto em si*” e de BR2, “*A minha avó, ela é hoje, ela não chegou na idade que eu tenho hoje (82), mas ela era uma vovozinha, uma velhinha, que a gente cuidava, que ficava naquela cadeirinha e a gente levava tudo na mão, porque ela era uma vovozinha. É muito diferente hoje em dia*”.

Relação avó e família

Esta categoria reporta-se às questões que envolvem a participação da avó na família como um todo, englobando o relacionamento com filhos, filhas, genros, noras e netos, questões geracionais, diferenças de papel, bem como mudanças dentro da família ao longo do tempo. Para tal, foram elaboradas cinco subcategorias: funções da avó na família, situações em que a presença das avós é mais requisitada, diferenças geracionais que percebem na família, diferenças entre ser avó e ser mãe e mudanças nos relacionamentos com os filhos depois da chegada dos netos. A tabela 15 sintetiza os resultados, bem como as coincidências ocorridas nas respostas de portuguesas e brasileiras. As subcategorias e os indicadores serão detalhados na sequência.

Tabela 15. Síntese dos resultados da categoria Relação avó e família

Subcategorias	Comuns	Apenas mencionados por avós portuguesas	Apenas mencionados por avós brasileiras
Funções da avó na família	- Dar apoio enquanto os pais trabalham (PT1, PT5, BR5, BR6)	- Dar suporte/apoio (PT5, PT6) - Advertir e auxiliar na educação dos netos (PT1, PT2) - Alimentação (PT4, PT6) - Apoio logístico (PT6)	- Dar suporte/apoio (BR6) - Alimentação (BR1, BR5, BR6) - Apoio logístico (BR1, BR2, BR4, BR5) - Unir a família (BR2, BR5, BR6)
Situações em que a presença das avós é mais requisitada		- Economicamente (PT1, PT4, PT6) - Quando os pais viajam (PT3, PT5) - Situações de doença e morte (PT1, PT3, PT4, PT5)	- Economicamente (BR4) - Quando os pais viajam (BR4) - Situações de doença e morte (BR2, BR3, BR6)

Diferenças geracionais que percebem na família		- Educação mais liberal (PT2, PT5) - Mais tecnologia (PT1, PT2, PT3, PT6) - Novos hábitos (PT6)	- Educação mais liberal (BR3, BR5, BR6) - Mais tecnologia (BR5) - Novos hábitos (BR1, BR4)
Diferenças entre ser avó e ser mãe		- Educar como função dos pais (PT1, BR2) - Avós menos exigentes com os netos (PT2, BR1)	- Avós com menos responsabilidades (PT5) - Avós mais disponíveis (PT1, PT2, PT5) - Avós têm menos liberdade para comunicar (PT6) - Não há diferenças (PT4)
Mudanças nos relacionamentos com os filhos depois da chegada dos netos		- Os filhos têm menos tempo para seus pais (PT3, BR6) - Avós como recurso de sabedoria (PT2, BR1)	- Percebem os filhos mais responsáveis (BR3) - Preocupação por não interferir na educação dos netos (BR2, BR3, BR4, BR5) - Reaproximação familiar - Maior disponibilidade para dar apoio (BR1, BR5, BR6) - Sem mudanças após a chegada dos netos (BR2)

. Funções da avó na família

Durante a entrevista, as avós identificaram seis diferentes funções que percebem ter dentro da família, surgindo os indicadores – dar suporte/apoio, dar apoio enquanto os pais trabalham, advertir e auxiliar na educação dos netos, alimentação, apoio logístico, unir a família.

Três avós (2 portuguesas e 1 brasileira) disseram que uma das suas funções é dar apoio e suporte a filhos e netos, PT6, *“É dar-lhes orientação e apoio, aos netos e aos filhos”*, BR6, *“E sempre que posso eu ajudo também”*. Quatro entrevistadas (2 portuguesas e 2 brasileiras) destacaram que uma das funções da avó na família é dar apoio enquanto os pais trabalham. É como dizem, PT5, *“E os filhos hoje em dia tem uma vida muito preenchida (...), tem que conservar os seus empregos. E as avós, aí, são o suporte (...) Ou vão pra o pé dos filhos ou trazem os netos para o pé delas”* e BR6, *“Hoje, agora de noite, minha filha foi trabalhar e pediu para eu ir pra lá, então é mais de ficar de companhia com eles”*.

Advertir e auxiliar na educação dos netos, como também sendo função das avós, foi identificado apenas por duas avós portuguesas. PT2, diz, *“Eu acho que a avó é ajudar na educação dos netos”*. Já cinco avós (2 portuguesas e 3 brasileiras) enxergam que alimentar os netos é também sua função. Como fica evidente nas falas de PT4, *“(…) iam lá almoçar todas as quartas feiras”* e de BR1, *“(…) almoçavam comigo duas vezes por semana”*.

Apareceu mais entre as avós brasileiras, o apoio logístico (1 portuguesa e 4 brasileiras) aos netos. Fica claro nas falas de PT6, *“É mais nestas ajudas, de ir as buscar e a por”* e de

BR4, *“E a gente leva muito, ta chovendo, vai buscar no colégio, vai levar no colégio”*. E apenas avós brasileiras (3) destacaram unir a família, como uma função das avós, como diz BR6, *“É manter a família unida, né? É manter a união, em harmonia”*.

. Situações em que a presença das avós é mais requisitada

Nesta subcategoria, serão apresentadas as situações em que as avós percebem que são mais solicitadas junto dos filhos e dos netos, aparecendo de três formas – economicamente, quando os pais viajam e em situações de doença e morte.

Apesar de não ser a realidade de todas, quatro entrevistadas (3 portuguesas e 1 brasileira) identificaram que economicamente é uma das situações em que avós mais são requisitadas para auxiliar filhos/netos. Destacado por exemplo, por PT1, *“(…) economicamente eu já os ajudei”* e por BR4, *“(…) só não precisaram financeiramente”*.

Outra situação acontece quando os pais viajam, identificada por três avós (2 portuguesas e 1 brasileira), como dizem, PT3, *“(…) quando eles viajam se é preciso ficar com os netos”* e BR4, *“Essa pequena, a única coisa que ela precisa de mim é para a mãe ir viajar”*.

A terceira e última situação identificada, foram as de doença e morte, citadas por sete avós (4 portuguesas e 3 brasileiras). Fica evidente quando falam, PT3, *“(…) quando eles estão doentes também é preciso ajudar”* e BR3, *“Agora, essas que perderam a mãe faz dois anos hoje, (...) meu filho está dando toda atenção para as meninas. Então, esse filho que ta precisando de mais atenção hoje”*.

. Diferenças geracionais que percebem na família

Nesta subcategoria apresentam-se as diferenças entre as gerações que as avós percebem existir nas suas famílias, aquilo que enxergam os filhos fazerem diferente do que fizeram, bem como as mudanças que ocorreram a nível social ao longo dos tempos. Assim, surgiram quatro indicadores – educação mais liberal, mais tecnologia, novos hábitos e maior participação dos pais hoje.

Cinco avós (2 portuguesas e 3 brasileiras) ressaltaram que acham os pais hoje em dia muito liberais. Fica claro nas falas de PT5, por exemplo, *“O que eu vejo são meninos cheios de mimos, cheios de coisas, cheios de brinquedos, desde tudo quanto há e fazem birras como os meus filhos nunca fizeram (...) Não entendo às vezes atitudes que eles tomam com as crianças (...) porque acho que são demasiadamente brandas”* e de BR5, *“Mas às vezes eu vejo assim que as mães são um pouco mais condescendentes, sabe? Criança não tem que escolher, a gente sabe o que é bom”*.

A presença da tecnologia transformou as relações, e as entrevistadas identificam esta como uma das diferenças geracionais na sua família, ressaltada por mais avós portuguesas do que brasileiras (4 portuguesas e 1 brasileira). Exemplificada pelas falas de PT2, *“Há diferença. Por exemplo, hoje em dia as comunicações são muito mais fáceis (...) Tem os tablets e os telemóveis e sabem mexer naquilo tudo (...) Não há comunicação entre as pessoas”* e de BR5, *“(...) só que hoje já é uma outra realidade, com toda essa modernidade, de internet e isso tudo, já é um pouco diferente do nosso modo de vida que a gente teve”*.

Três avós (1 portuguesa e 2 brasileiras) destacaram a presença de novos hábitos como uma das diferenças geracionais na sua família, por exemplo, PT6, *“Há sempre coisas que a gente diz assim: eu quando era da idade deles não fazia isso, não fazia aquilo”* e BR1, *“As novas gerações sempre assustaram as velhas gerações, porque sempre o jovem vê o mundo diferente e que bom que eles têm essa impetuosidade que velho não tem”*.

E apenas uma avó brasileira identificou que na geração atual, a grande diferença para a sua própria geração, é a maior participação e presença dos pais homens na vida das crianças. É como diz BR5, *“Agora uma coisa muito boa que eu vejo nessa atual geração de pais e mães, é que eles são muito mais presentes na vida dos filhos, principalmente os pais, né, os homens”*.

. Diferenças entre ser avó e ser mãe

Nesta subcategoria, procurou-se destacar quais diferenças as avós percebem que existem nos papéis de mãe e de avó, por elas já exerceram as funções em ambos. Assim, surgiram seis indicadores – educação como função dos pais, avós com menos responsabilidades, avós mais disponíveis, avós menos exigentes com os netos, avós têm menos liberdade para comunicar, não há diferenças.

Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) disseram que a educação é função dos pais e não dos avós, PT1, *“Mas para educar, pronto, estão lá os pais”* e BR2, *“Mas as coisas essenciais, quem dá a orientação, é a M. (filha) e eu sigo a orientação dela”*. Já seis avós, sendo quase unânime entre as brasileiras (1 portuguesa e 5 brasileiras), disseram que a diferença do papel de avó para o papel de mãe, é que sendo avó se tem muito menos responsabilidades com os netos do que se tinha com os filhos. Como dizem, PT5, *“Mas é completamente diferente da responsabilidade que os pais têm com os filhos. Os avós não têm aquela responsabilidade, a gente está um bocado do dia com eles, mas depois eles vão com os pais”* e BR3, *“Sim, a mãe é muito mais responsabilidade. Filho a gente tem que educar, cuidar dele muito. Neto não, neto é pra gente passar aquelas horinhas com ele, né? É diferente”*.

Três avós portuguesas disseram que no papel de avó, estão mais disponíveis. PT1, “(...) *os avós estão mais presentes (...) Porque estão mais disponíveis também*” e PT5, “(...) *eu quando era mãe, estava extremamente ocupada, muito cansada e não tinha disponibilidade para conversar com meus filhos agora como tenho com os meus netos. Eu agora estou muito mais disponível*”.

As avós (1 portuguesa e 1 brasileira) destacaram também que são menos exigentes com os netos do que eram com os seus filhos, como dizem PT2, “(...) *os avós tendem a ser mais benevolentes com os netos do que eram com os filhos (...) tem o coração muito mais mole do que tinha com os filhos (...) A mãe é muito mais rigorosa que a avó*” e BR1, “(...) *a gente quando é mãe, a gente é muito mais exigente com as crianças, a gente é assim, quer aquela perfeição (...) Quando eu fui avó eu tinha sempre uma complacência, em vez de eu ficar irritada (...) ficavas logo assim, amorosa*”.

Apenas uma avó portuguesa identificou que têm menos liberdade para comunicar com os netos do que tinha com os filhos, PT6, “*É um bocadinho diferente. Porque ser mãe é ser mãe. Ser avó, a gente às vezes já não lhes pode dizer tudo o que quer (...) elas aceitam melhor o que o pai e a mãe lhe dizem, do que o que eu lhe digo*”. E também somente uma avó portuguesa, dentre todas as 12 entrevistadas, disse não perceber diferenças entre o papel de mãe e o papel de avó, PT4, “*Acho que ser avó não separa ser avó de ser mãe. Quando se junta a família é tudo igual. A gente tanto quer aos netos, quanto quer aos filhos*”.

. Mudanças nos relacionamentos com os filhos depois da chegada dos netos

A chegada dos netos provoca mudanças em todo o sistema de relações familiares. Com isso, nesta subcategoria procurou-se demonstrar quais foram as mudanças que as avós perceberam que ocorreram nos seus relacionamentos com seus filhos depois que os netos chegaram. Desta forma, surgiram sete indicadores – os filhos têm menos tempo para os seus pais (avós), percebem os filhos mais responsáveis, reaproximação familiar, preocupação por não interferir na educação dos netos, avós como recurso de sabedoria, mais disponibilidade para dar apoio, sem mudanças após a chegada dos netos.

Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira), sentem que após a chegada dos netos, os filhos têm menos tempo para elas. Ficando claro nas falas de PT3, “*O que eles (filhos) não têm é tanto tempo para aquela visita diária*” e de BR6, “*Ah, antes eles estavam mais voltados pra mim, agora eles têm os filhos, então tem um pouco de divisão*”. Uma avó brasileira diz que percebe que depois de serem pais, os filhos ficaram mais responsáveis, BR3, “*Eles (filhos) ficam mais responsáveis*”. Também uma única avó brasileira, diz notar que a chegada dos netos trouxe uma reaproximação familiar, BR5, “*Porque, claro, eles eram*

casados e sem filhos e tinham muito mais a vida social, de viajar, de passear, então eu acho que o fato de ter as crianças, aproximou muito mais, a família como um todo”.

Identificada por um grande número de entrevistadas (3 portuguesas e 4 brasileiras), uma das mudanças do relacionamento com os filhos depois da chegada dos netos, foi a preocupação em não interferir na forma como eles escolhem educar as crianças. Ficando claro nos exemplos de PT1, *“Não interferir, portanto, na vida dos filhos, não é? Que isso, a vida é deles, não é? Embora possamos dar uma opinião se eles nos pedirem, não é? Mas não interferir nem na educação dos netos, não é?”* e de BR4, *“Um dia desses eu até chamei a atenção da minha filha, não devia ter chamado, mas chamei. Não gosto de me meter na educação dos filhos”.*

Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira), enxergam que depois que os netos chegaram foram vistas como um recurso de sabedoria para os filhos. É o que dizem, PT2, *“Mudou só tipo, fornecer-lhes informações para a educação deles (...) Eram mais orientações no sentido de os educar e pra eles caminharem no bom sentido”* e BR1, *“Eu me lembro assim, que eu descobri, que todo mundo acha que a gente (avós) sabe tudo”.*

Outro grande número de avós (4 portuguesas e 3 brasileiras), destacou que algo que mudou no relacionamento com os filhos depois dos netos, foi a disponibilidade com que se colocaram para dar apoio aos netos. Exemplificado por PT1, *“(...) digo a eles que estou disponível sempre se precisarem de mim”* e por BR6, *“Se eles precisam, eles chamam”.* Por fim, três avós (2 portuguesas e 1 brasileira) disseram não ter havido mudanças nos relacionamentos com os filhos depois da chegada dos netos.

Relação família e envelhecimento

Nesta categoria, o enfoque foi o impacto do envelhecimento na vida das avós entrevistadas, o que observam sobre o processo de envelhecer dentro das relações familiares e como todos os membros acabam sendo afetados por ele. Para tal, surgiram três subcategorias, nomeadamente: repercussões do envelhecimento para as avós, impactos do envelhecimento dos pais para os filhos e ensinamentos do envelhecimento para as famílias. A tabela 16 sintetiza os resultados, bem como as respostas comuns de portuguesas e brasileiras. As subcategorias e os indicadores serão descritos logo após.

Tabela 16. Síntese dos resultados da categoria Relação família e envelhecimento

Subcategorias	Comuns	Apenas mencionados por avós portuguesas	Apenas mencionados por avós brasileiras
Repercussões do envelhecimento para as avós	- Percepções negativas ao envelhecimento (PT5, BR1)	- Ganhos (PT1) - Declínios e perdas (PT2, PT3, PT6)	- Declínios e perdas (BR1, BR4, BR5, BR6)

Impactos do envelhecimento dos pais para os filhos		- Preocupação (PT4, PT5, PT6)	- Preocupação (BR2, BR3, BR4, BR5, BR6)
Ensinaamentos do envelhecimento para as famílias	- Tolerância (PT1, PT4, BR1, BR6) - Respeito e resiliência (PT3, BR5)	- Experiência (PT2, PT6)	- Noção de finitude (BR2) - Dar exemplo (BR4)

. Repercussões do envelhecimento para as avós

Nesta subcategoria, identificaram-se as questões que as avós percebem como advindas do processo de envelhecer e que impactam diretamente nos seus afazeres e nas suas percepções. Assim, surgiram três indicadores - ganhos, declínios e perdas, percepções negativas ao envelhecimento.

Apenas uma avó portuguesa relatou que o envelhecimento tem ganhos, PT1 destacou que, “Eu sei que quanto mais tempo se vive, mais oportunidade tem de adquirir mais conhecimentos”. Sete avós entrevistadas (3 portuguesas e 4 brasileiras) relataram que o processo de envelhecer traz declínios e perdas para suas vidas, impactando também no relacionamento com os netos. Tal indicador fica evidenciado nas falas de PT3, “*Traz-me que eu tenho certas limitações a nível de ossos. Por exemplo, para pegar no meu neto de 4 anos, eu tenho que sentar na cadeira quando ele chega, porque vem aquele abraço enorme e já não posso pegar ao colo*” e de BR6, “*Eles são muito assim, de brincar, de muita atividade, agitados e eu já to mais devagar (...) eu ia na praia, eu caminhava de uma ponta a outra, agora eu não tenho mais coragem de ir sozinha (...) A gente vai perdendo, a gente vai ficando limitada*”.

. Impactos do envelhecimento dos pais para os filhos

Quando os pais envelhecem, os filhos também sentem os reflexos. É a que se refere a esta subcategoria, como as avós percebem que o seu envelhecimento impacta a vida dos seus filhos. Diante disso, houve o surgimento de apenas um indicador – preocupação.

Oito avós dentre as entrevistadas (3 portuguesas e 5 brasileiras) relataram perceber que o seu envelhecimento causa preocupação aos filhos. Exemplificado pelas falas de PT5, “*Ela (filha) preocupa-se muito muito muito. Que eu tenha um infarto*” e de BR2, “*(...) eles têm certos cuidados que eles não teriam comigo mais nova (...) tem preocupação, que eu me machuque*”.

. Ensinaamentos do envelhecimento para as famílias

Nesta subcategoria serão apresentadas aquilo que as avós entendem que o processo de envelhecimento ensina para as famílias de uma forma geral. Para tanto, surgiram cinco

indicadores, nomeadamente – tolerância, experiência, respeito e resiliência, noção de finitude, dar exemplo.

Quatro avós (2 portuguesas e 2 brasileiras) destacaram que envelhecer ensina a ser mais tolerante e paciente, como dizem PT1, *“Ensinam principalmente a tolerância e não ser tão impulsiva, pensar antes de agir”* e BR1, *“(…) ter muita paciência, aceitação”*. Duas avós portuguesas destacaram que viver mais, ou seja, envelhecer, promove um acúmulo de experiências para passar aos mais jovens, como diz, por exemplo, PT6, *“(…) os mais velhos também sabem coisas que não sabem os mais novos, não é? Tem mais experiência da vida, sabem melhor gerir a vida”*.

Duas avós (1 portuguesa e 1 brasileira) percebem que o envelhecimento ensina para as famílias o valor do respeito e também o significado de resiliência. PT3 diz que, *“O envelhecimento acho que ensina que nós para já, temos que saber envelhecer, e os que nos rodeiam, respeitarem-nos. O respeito, muito respeito e amor”* e BR5 afirma que, *“Para as famílias eu acho que ensina antes de tudo é a gente ter uma resiliência em relação aquele mais velho. (...) eu acho que isso ensina a gente a se doar mais, acolher mais, sabe? E eu acho que o respeito por aquele que já deu tudo de si praticamente”*.

Apenas uma avó brasileira destacou que envelhecer ensina para os mais novos a noção de finitude, BR2 afirma, *“Que as coisas acabam. (...) eu acho que o envelhecimento é isso, você sabe, que um dia, você vai parar”*. E também apenas uma avó brasileira, BR4, ressaltou como um ensinamento do envelhecimento para as famílias, o valor dos exemplos que as avós deixam para as gerações mais novas, *“Os exemplos que se dá, os exemplos são muito importantes”*.

Capítulo 4 – Discussão/Conclusões

Neste capítulo iremos analisar e interpretar os dados obtidos nas entrevistas, com base na revisão da literatura efetuada no âmbito deste trabalho e reflexão. Para tanto, a discussão será realizada com o propósito de responder aos objetivos anteriormente descritos, na intenção de sintetizar e sistematizar os resultados mais relevantes, a fim de ressaltar sentidos, significados e implicações.

Foi unânime dentre todas as avós entrevistadas, tanto portuguesas, quanto brasileiras o facto de terem uma visão positiva sobre o seu papel de avó. Tal resultado corrobora resultados dos estudos como os de Condon et al. (2019), ao referirem que os avós pesquisados revelaram uma forte relação entre apego e satisfação do papel de avó e também com os estudos de Becker e Falcão (2016), onde a maioria dos idosos entrevistados indicou uma percepção favorável sobre o significado de ser avô (ó) na família. Todas as avós também relataram que este papel lhes traz sensações emocionais positivas, como bem-estar, felicidade, orgulho e gratidão, o que concorda com achados de outros estudos (e. g. Osuna, 2006; Triadó et al., 2014; Zanatta & Arpini, 2017), onde pesquisas com avós revelaram que a relação com os netos é fonte de emoções positivas, como a satisfação. É, contudo, possível pensar que estes dados se constatem porque avós que não tivessem relações tão prazerosas com seus netos, possivelmente não se disponibilizariam para participar. Tal reflexão pode explicar a abrangência e predominância de uma visão positiva e da presença de sensações emocionais positivas sobre o significado de ser avó. Pode explicar, ainda, a percepção de quase todas as avós, de que não sentem nenhuma dificuldade nos relacionamentos com os netos.

Relativamente ao impacto de ser avó, a maioria das entrevistadas referiram que ser avó tem um impacto positivo na sua vida, mas as portuguesas deram mais destaque às implicações que a relação com os netos têm no seu estado de ânimo e na sua saúde mental, pois referem que estar perto dos netos faz com que se sintam mais felizes e preenchidas, afastando qualquer sinal de depressão. Estes resultados corroboram, por exemplo, os estudos de Ku et al. (2013), que constata que cuidar dos netos pode ser benéfico para melhorar a saúde, afastando a chance de depressão. Por outro lado, quase todas as avós brasileiras destacaram que um dos impactos de ser avó são os sentimentos de sobrecarga e cansaço que surgem no cuidado despendido aos netos e que sentem necessidade de ter um maior tempo para si, não abrindo mão de suas atividades preferidas, como por exemplo, o artesanato. Guijarro (2001) explica que o sentimento de sobrecarga entre os idosos é ambíguo, já que se sentem bem em auxiliar no cuidado aos netos, mas que isso também os pode privar de outras atividades. O mesmo sentimento também apareceu nos resultados da

pesquisa de Triadó et al. (2008), ao descobrirem que os avós se sentiam satisfeitos ao cuidarem dos netos, mas ao mesmo tempo sentiam-se cansados.

No que tange às atividades que as avós realizam com seus netos, tanto portuguesas como brasileiras coincidem que na maior parte do tempo estão a conversar com eles, a brincar, passear, ver televisão ou, referenciadas em menor número, mas também aparecendo, contando histórias. Informações que corroboram, por exemplo, os achados nos estudos de Osuna (2006) e Ramos (2015). Sobre as atividades escolares, apenas duas avós, uma portuguesa e uma brasileira, referiram que auxiliam seus netos nesta tarefa, o que faz pensar que as avós estão mais para atividades de lazer com os netos. Estes resultados não corroboram, por exemplo, os resultados de Osuna (2006) e Viguer et al. (2010), que constatarem que as avós aparecem como responsáveis por ajudarem os netos nos deveres escolares. Sobre a frequência de contatos entre avós e netos, as portuguesas veem seus netos mais diariamente e as brasileiras, mais semanalmente. É possível pensar que pela diferença de tamanho entre as cidades em que as avós entrevistadas e seus netos moram, esse seja um fator que influencie na frequência de contatos. A cidade da Covilhã, localizada na região Centro de Portugal, possui uma população de 47.127 habitantes (PORDATA, 2020) e a cidade de Florianópolis, é uma ilha, com 500.973 habitantes (IBGE, 2019). Enquanto Covilhã é uma cidade menor, regida muito pela presença de estudantes da universidade, Florianópolis é capital de Estado, abrangente de diversas atividades econômicas. Esta possível explicação está de acordo com o referido por outros estudos (e.g. Jappens & Van Bavel, 2016; Martínez, 2017; Osuna, 2006; Viguer et al., 2010) que ressaltam que morar na mesma localidade, faz com que os contatos sejam mais frequentes e que assim, os netos se sentem mais próximos de seus avós.

Ponto comum entre as participantes avós portuguesas e brasileiras são os ganhos que recebem das suas relações com seus netos. As avós salientam o afeto e a vitalidade, o que corrobora os resultados de outros estudos como os de Noriega et al. (2017) que referem que avós se sentem úteis e que estão ajudando neste papel e a fala de Carter e McGoldrick (1995) que mencionam que ter saúde e disposição para cuidar dos netos é o que muitas vezes dá motivação para os avós continuarem vivendo. Talvez sejam essas sensações, ao proporcionarem uma vivência psicológica positiva, saudável e bidirecional, que tornam as relações entre avós e netos tão particulares e únicas. Nesta investigação, as avós destacaram a presença de caprichos e mimos que fazem aos netos, que não faziam aos filhos, como um fator que influencia numa relação única e especial, tal qual como encontrado por Pankhurst et al. (2019) ao descobrirem que “as guloseimas” que as avós dão aos netos é o que as participantes referem que diferencia da relação com os pais. Das entrevistadas, a maioria das portuguesas percebe que existem mudanças nos relacionamentos com os netos em

função das suas diferenças de idade. Um número pequeno de avós brasileiras diz perceber estas diferenças. Esta percepção de mudanças no papel referidas pelas participantes, está de acordo com o que refere Viguer et al. (2010) já que os netos crescem e vão tendo outras necessidades.

Tanto avós brasileiras quanto portuguesas referiram que a oportunidade de acompanhar o crescimento dos netos, bem como a preocupação em deixar legados e boas lembranças é algo inerente ao seu papel de avó. Este resultado poderá entender-se a partir do conceito de generatividade de Erikson (1963) que é intenção de cuidar e nortear as próximas gerações, pois como afirma Costa (2001) as gerações mais velhas têm a oportunidade de transmitir valores, hábitos e lições de vida para os que estão a chegar. A satisfação dos avós em deixar exemplos e boas histórias e a chance de perpetuá-las ao longo das gerações, também foi encontrada nos estudos de Bazzocchi (2013) e de Condon et al. (2019).

Com o avanço da medicina e o consequente aumento na esperança de vida, os idosos têm vivido mais e melhor (Brunello & Rocco, 2016; Dominguez et al. 2011; Ku et al., 2013; Neuberger & Haberkern, 2014), o que influencia na sua aparência, disposição e funcionalidade. Tais dados se relacionam com as lembranças de avós portuguesas e brasileiras, ao perceberem que antigamente os avós pareciam muito mais velhos do que a idade que tinham. A maioria das avós nesta investigação, disse ter lembranças positivas dos seus relacionamentos com seus próprios avós. Assim, o referido pelas participantes corrobora a literatura (e.g. Garcia & Vega, 2013) que os avós tendem a ser mais abertos, participativos e próximos da vida dos netos, afirmando que seus próprios avós não davam tanto suporte e apoio quanto elas mesmas fornecem para suas famílias. Uma possível explicação poderá ser o facto das anteriores gerações de avós terem uma saúde mais debilitada, e, por isso, não estarem tão dispostos e funcionais para cuidarem das crianças. Assim, e na linha do referido por Martínez et al (2019), duas avós brasileiras reconhecem que os avós das gerações anteriores eram mais rígidos e severos, o que dificultava a aproximação. Pode ter sido este afastamento emocional e uma atitude mais distante, que fez com que duas avós relatassem lembranças negativas dos seus relacionamentos com seus avós. Os resultados expressam que houve mudanças no relacionamento de avós e netos com o passar do tempo, o que coincide com o constatado por Paula et al. (2011) nos seus estudos.

Um dos pontos mais consensuais na literatura sobre o papel dos avós é o surgimento de avós que cuidam dos netos para que os pais possam trabalhar fora (Brunello & Rocco, 2016; Pacheco & Alves, 2012; Ramos, 2015; Wang et al., 2019; Wegner & Benitez, 2013; Zanatta & Arpini, 2017). Os resultados deste estudo situam-se, também, nesta linha uma vez que tanto as participantes avós portuguesas como brasileiras destacam que uma das suas

funções na família são dar apoio enquanto os pais trabalham. O que se constatou neste estudo está, também, em concordância com a literatura (e.g. Osuna, 2006), na medida em que indica que é a função de alimentar os netos, bastante justificada pela tendência culinária das avós. Somente avós brasileiras relataram que é função da avó unir a família, o que Silva et al. (2015) perceberam como fator importante nas dinâmicas familiares na visão dos idosos. A função de advertir e auxiliar na educação dos netos foi identificada apenas por avós portuguesas, contrariando o referido, por exemplo, por Noriega et al. (2017) que destaca que educar é função dos pais e não dos avós. Outra função identificada maioritariamente por avós brasileiras é a necessidade de dar apoio logístico a família, mais especificamente no que tange ao ir e buscar as crianças pequenas na escola, o que corrobora outros estudos (e.g. Esperança et al., 2013).

Os resultados deste estudo identificaram que as avós são, sobretudo, requisitadas em três situações: (1) financeiramente, (2) quando os pais viajam e (3) em situações de morte e doença. A literatura na qual esta investigação está baseada, não faz referências as duas últimas situações. As avós aparecem como fontes de mediação de conflitos familiares (García & Vega, 2013) e também como apoio econômico em situações particulares (Albuquerque, 2011; Glaser et al., 2018; Cardoso & Brito, 2014). É possível que as situações mencionadas pelas avós tenham a ver com seus contextos particulares de vida. A situação de quando os pais viajam ganha sentido ao pensar que na altura das entrevistas, este ainda era um hábito comum para as pessoas.

Os conflitos geracionais em decorrência das mudanças do mundo e da convivência mais longa entre gerações na mesma família (Silva et al., 2015) aparece nesta investigação através da percepção que as avós expressaram ao considerarem que a educação que os seus filhos dão aos netos é muito liberal. Brasileiras e portuguesas percebem que os pais são mais permissivos e condescendentes com as crianças do que já se foi em outros tempos. Outra diferença geracional está pautada na presença das novas tecnologias, identificada mais fortemente pelas participantes portuguesas. A relação entre idosos, netos e tecnologia é complexa e pode gerar conflitos e desentendimentos (Martínez et al., 2019). Do ponto de vista psicológico, as tecnologias encurtaram algumas distâncias, mas criaram outras, no sentido de que os jovens e até as crianças hoje em dia, são regidas por aparelhos eletrônicos e suas muitas funções, e com isso acabam por se afastar daqueles que estão presentes fisicamente, como os avós. As diferenças intergeracionais como fontes de conflitos nas famílias, também apareceram nos resultados de Wegner e Benitez (2013). Todavia, apesar da presença de conflitos, o funcionamento familiar hoje parece depender diretamente da participação das suas múltiplas gerações (Vicente & Sousa, 2010).

As avós brasileiras participantes neste estudo referiram que sentem que têm menos responsabilidades, o que corrobora, por exemplo, Carter e McGoldrick (1995) enquanto as avós portuguesas percebem que estão mais disponíveis, como também dizem Zanatta e Arpini (2017). É possível pensar que com o envelhecimento e a reforma, os avós ficam com o tempo mais ocioso, o que lhes permite estar mais disponível para atender aos netos. O avanço da medicina, também proporciona que os idosos tenham mais saúde e então disposição para estes cuidados, o que faz com que a idade não seja só um fator debilitante. É possível ver idosos em idade avançada, ainda se dedicando aos netos diretamente. Algo a se pensar, é a desvalorização do tempo dos idosos, uma vez que, por não terem tantas atividades, a família pode entender que estão sempre disponíveis para seus pedidos e necessidades, o que nem sempre é verdade. Já que também possuem suas próprias rotinas e atividades. Ambos os grupos de avós, concordam que são bem menos exigentes com os netos do que eram com os filhos, o que Esperança et al. (2013), classificam como uma relação mais leve e com mais tolerância. O facto de já terem criado seus próprios filhos, faz com que as avós olhem para os netos com olhar mais terno e amoroso, sem a obrigação de educá-los e corrigi-los.

Nesta investigação, avós portuguesas e brasileiras constataram que houveram mudanças nos seus relacionamentos com os filhos depois da chegada dos netos. Destacaram que com a chegada dos netos, sentem que seus filhos têm menos tempo para elas, concordando com Silva e colaboradores (2015), assim como também sentem que passaram a ser reconhecidas como recursos de sabedoria, frente as dificuldades que surgem no exercício da parentalidade dos seus filhos. É o que Zanatta e Arpini (2017) destacam como função de orientadores. O nascimento de uma criança na família transforma todos os papéis anteriores, filhos se tornam pais e pais se tornam avós, o que ocasiona mudanças nos relacionamentos (Carter & McGoldrick, 1995). Algo amplamente falado entre portuguesas e brasileiras é a preocupação em não interferir na educação dos netos, pois podem surgir conflitos desnecessários frente a visões diferentes de educação. Dados também encontrados nos estudos de Dominguez et al. (2011), quando os avós entrevistados percebem que seu papel está em apoiar os filhos sem envolvimento excessivo. Estes resultados estão de acordo com outros estudos (e.g. Osuna, 2006; Zanatta & Arpini, 2017) que realçam que a interferência dos avós na educação dos netos, pode chegar a afetar a conjugalidade e o sentimento de autonomia dos filhos. A reaproximação familiar foi referenciada somente por uma avó, brasileira, ao destacar mudanças que sentiu com a chegada dos netos. Outros autores (e.g. Zanatta & Arpini, 2017) também destacaram esta como uma consequência da entrada dos netos no ambiente familiar, já que com a saída de casa e a independência, os filhos podem acabar por distanciarem-se e a chegada das crianças resgata esse sentimento de pertencer.

Quanto à relação da família com o envelhecimento, apenas uma avó, portuguesa, referiu ganhos com o envelhecimento, indicando a oportunidade que se tem em viver mais é poder também, aprender mais. Pode se considerar, que neste sentido, haja uma relação com o conceito de envelhecimento ativo, que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015) é uma forma de otimizar o processo de envelhecer, com olhar para a saúde, segurança e ampliação da participação dos idosos na vida em sociedade como um todo. As demais entrevistadas, tanto portuguesas quanto brasileiras, deram destaque aos declínios e perdas que sentem que foram surgindo com avançar da idade e que interferem nos seus relacionamentos com seus netos. Elas destacaram a diminuição da agilidade, as dificuldades de segurar as crianças pequenas no colo e o cansaço que surge mais rapidamente, por exemplo. Elas pensam que estas perdas e dificuldades que aparecem com o aumento da idade, causam preocupações nos filhos, que ficam mais vigilantes de suas tarefas. Paúl e Fonseca (2005) falam que as perdas e os declínios que os idosos experimentam, podem ser compensados através de mecanismos de regulação, ou seja, novas adaptações de pensamentos e elaboração de novas formas de resolução de problemas, que acontecem de forma única e particular para cada um. Referem ainda, que a ocorrência de relações sociais significativas é protetora da saúde mental em estádios de maior vulnerabilidade, como é o envelhecimento. Diante disto, é possível pensar no ponto de vista psicológico, o quanto as relações prazerosas entre avós e netos podem suscitar sensações positivas sobre a vida e sobre si mesmos. Silva e colaboradores (2015) ressaltam que a família precisa aprender a conviver com as questões do envelhecimento e que este processo requer adaptações de todo o sistema familiar (Pacheco & Alves, 2012; Silva et al., 2015). Enquanto Esperança et al. (2013) dizem que os netos aprendem com os avós a valorizarem sua história, os valores e a cultura, as avós brasileiras e portuguesas destacaram que o envelhecimento ensina mais tolerância, respeito e resiliência, deixam experiências e exemplos, bem como, ao concordar com os autores anteriormente citados, ensina também a ideia de finitude, de que tudo na vida, um dia acaba.

Esta investigação é exploratória e descritiva, tendo-se procurado conhecer a percepção de avós sobre o seu papel no sistema de relações familiares, através de uma perspectiva comparativa entre participantes de dois países com culturas diferentes: Portugal e Brasil. Apesar de existirem algumas diferenças, portuguesas e brasileiras têm experiências no geral, bastante semelhantes, com destaque para as sensações emocionais e impactos positivos que ser avó tem nas suas vidas. Olhar para o envelhecimento a partir das histórias entre avós e netos, faz emergir a necessidade de cuidar desses idosos com mais atenção, afeto e respeito, visando seu bem-estar e qualidade de vida, para que as famílias tenham a oportunidade de usufruir de sua sabedoria por mais tempo.

Segundo a revisão de literatura efetuada no âmbito desta dissertação, percebe-se a necessidade de mais estudos sobre avós e relações familiares. Com o avanço da medicina e das novas tecnologias, a esperança de vida só tende a crescer e as famílias a terem cada vez mais idosos em seu meio. Tal facto abre a possibilidade de novos estudos, tanto em Portugal, quanto no Brasil, visando conhecer também a percepção de filhos e netos sobre a participação dos avós dentro das famílias. O surgimento de mais estudos acerca do envelhecimento no Brasil se faz pertinente, uma vez que no continente europeu, a velhice já vem sendo estudada e analisada a mais tempo. Pelo Brasil ainda ser considerado um país jovem, pouco se tem estudado sobre as gerações mais velhas e esta investigação pode ser uma das propulsoras de novos estudos na área. O facto de ter sido um estudo transcultural, permite que profissionais de ambas nacionalidades possam reconhecer os recursos do envelhecimento, a fim de desenvolverem estratégias de intervenção e melhoria da qualidade de vida dos idosos. A vantagem de um estudo qualitativo reside no facto de colher dados mais detalhados sobre um fenómeno, dando a oportunidade de conhecer melhor as particularidades da experiência psicológica de cada pessoa.

Sobre as limitações da pesquisa, destaca-se o tamanho da amostra (pequena), mas que no tempo hábil para a execução da dissertação, não poderia ter sido muito maior. Em pesquisas qualitativas a tendência é que as amostras sejam menores, não havendo consenso quanto ao seu tamanho (Vasileiou et al., 2018). O maior número de participantes pode sugerir dados mais completos e mais robustos. Outra limitação pode ter sido o facto das participantes não serem de cidades equivalentes em termos de dimensão, o que pode influenciar nas experiências de ser avó.

A produção científica oportuniza o crescimento pessoal e profissional e é uma oportunidade de traçar novas estratégias, adquirir novos conhecimentos, definir novas metas e novos rumos. Um estudo transcultural permite o intercâmbio de informações, a troca e o partilhar de experiências, visando ampliar o conhecimento e os questionamentos, suscitando novas pesquisas e novas indagações. Pretende-se que este trabalho sensibilize os profissionais de saúde sobre a relevância dos idosos na sociedade e os impactos do envelhecimento, a fim de que tenham um olhar mais apurado para suas necessidades. Espera-se que a sociedade como um todo possa valorizar esta geração tal qual ela merece e possui tanto para contribuir, deixando de negligenciar suas dificuldades. Também vale destacar o potencial de desenvolvimento psicológico que têm as relações intergeracionais familiares, trazendo benefícios aos mais velhos e também aos mais novos, pois ambos ganham e aprendem nesta interação. Deseja-se que a ciência permaneça em constante evolução, que se encontrem novas teorias e metodologias, novos dados e novos resultados. É no construir e no reconstruir que o ser humano cresce e se desenvolve.

Quando este estudo foi realizado não se antecipava a pandemia da Covid-19 e avós, filhos e netos conviviam sem restrições, tal qual uma linha do envelhecimento ativo preconiza, a de promover a intergeracionalidade. Com a questão da pandemia e o risco de contágio este contexto mudou, sendo limitados por questões sanitárias e privação de contactos. Schmidt et al. (2020) e Sandín et al. (2020), alertam para a presença dos sentimentos de solidão e problemas de saúde mental, em todas as faixas etárias, que advém das consequências das formas de contenção do vírus, que podem durar até mais tempo que a própria pandemia. Para tanto, Schmidt et al. (2020) ressaltam a importância de manter os relacionamentos significativos, como vínculos entre avós e netos, por exemplo, mesmo que não pessoalmente, a fim de resguardar o bem-estar psicológico. Uma das questões que emerge da discussão destes resultados e da mudança de contexto que vivemos é o que terá mudado em termos de vivência psicológica do papel de ser avó, da relação com os netos e com toda a família diante do contexto de isolamento e distanciamento social. Há de se pensar se houveram mudanças nas atividades que realizam juntos, na frequência de contactos e qual o impacto psicológico que a pandemia trouxe no processo de envelhecimento dentro das relações familiares. Esta condição não aparece como influente nas experiências das avós entrevistadas neste estudo, mas seria interessante que as mesmas fossem novamente questionadas para que pudessem explicitar o que mudou diante da nova realidade.

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” Cora Coralina

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, P. C. (2011). Grandparents in multigenerational households: the case of Portugal. *European journal of ageing*, 8(3), 189. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10433-011-0196-2>
- Alves, A. P., Arpini, D. M., & Cúnico, S. D. (2014). O exercício dos papéis parentais na guarda compartilhada. *Psicologia argumento*, 32(79), 61-70. DOI: <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.S01.A006>.
- Alves, J. F., Santos, P. L. D., Alves, C. F., Alves, A., Brito, L., & Cunha, F. (2006). Generatividade em estudantes e profissionais de educação. *Revista psychological*, 43, 143-156.
- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Acedido em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%c2%aa%20edi%c3%a7%c3%a3o_atualizada%29.pdf
- Arpino, B., & Bordone, V. (2014). Does grandparenting pay off? The effect of child care on grandparents' cognitive functioning. *Journal of Marriage and Family*, 76(2), 337-351. DOI: <http://doi.org/10.1111/jomf.12096>
- Azevedo, F. (2015). Apontamentos sobre a construção cultural das representações da família na literatura infantil portuguesa contemporânea. *Tropelías: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, (23), 14-21. DOI: http://doi.org/10.26754/ojs_tropelias/tropelias.201523991
- Balça, Â. (2008). Literatura infantil portuguesa—de temas emergentes a temas consolidados. *Revista Ef@ bulações*, 2.
- Bazzocchi, G. (2013). Los ancianos, maestros de vida: la estrecha relación que se establece entre niños y abuelos en la literatura infantil. In Ramos, Fernández Mosquera, La familia en la Literatura Infantil y Juvenil. *Vigo, ANILIJ/CIEC Universidade do Minho*, 4, 59-76.
- Becker, A. C. & Falcão, D. V. S. (2016). O envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó) na perspectiva de atores profissionais idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 289-302. DOI: <http://doi.org/10.1590/1809-98232016019.140212>

- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: the increasing importance of multigenerational bonds: the burgess award lecture. *Journal of marriage and family*, 63(1), 1-16. DOI: <http://doi.org/10.1111/j.1741-3737>
- Bishop, F. (2015). Using mixed methods in health psychology: As illustrated discussion from a pragmatist perspective. *British Journal of Health Psychology*, 20, 5-20.
- Brislin, R. W. (2007). Comparative Research Methodology: Cross-cultural Studies. *International Journal of Psychology*. 11(3), 215-229. DOI: <http://doi.org/10.1080/00207597608247359>
- Brunello, G., & Rocco, L. (2016). Is childcare bad for the mental health of grandparents? Evidence from SHARE. *IZA Discussion Paper N.10022*, Institute for the Study of Labor.
- Camicia, E. G.; Silva, S. B. & Schmidt, B. (2016). Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. *Pensando famílias*, 20(1), 68-82.
- Cardoso, A. R., & de Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, 19(3*), 433-441.
- Carter, B, & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2.ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236.
- Coelho, M. T. B. F., & Dias, C. M. D. S. B. (2016). Avós guardiões: uma revisão sistemática de literatura do período de 2004 a 2014. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), 1-7. DOI: <http://doi.org/10.1590/0102.3772e324214>
- Condon, J., Luszcz, M., & McKee, I. (2019). First-Time Grandparents' Role Satisfaction and Its Determinants. *The International Journal of Aging and Human Development*, 0(0) 1–16. DOI: <http://doi.org/10.1177/0091415019882005>
- Costa, M. E. (2001). *Generatividade: Questões de desenvolvimento e de intervenção Psicológica*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Deus, M. D. D., & Dias, A. C. G. (2016). Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. *Pensando famílias*, 20(2), 56-69.

- Dias, C. M. S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. In *Revista Symposium*, 6(1/2), 34-38.
- Díaz, V. G., Herrero, M. D. H. P., & González, R. A. M. (2014). Aproximación a la participación de los abuelos y abuelas en la educación de sus nietos y nietas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 571-580.
- Dominguez, T., Vitorino, A., & Morgado, S. (2011). Relações Intergeracionais: A visão dos avós. *International Journal of Developmental and Education Psychology. INFAD Revista de Psicología, XXIII*, 4 (1), 237-248.
- Erikson, E. H. *Childhood and society*. New York: Norton. 1963.
- Escotet, M. A. (1977). Metodología de la investigación transcultural: un esquema. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 9(2), 159-176.
- Esperança, O.; Leite, M. & Gonçalves, P. (2013). Prestação de cuidados a netos e suas implicações na qualidade de vida dos avós. *Journal of aging and innovation*. Acedido em: <http://journalofagingandinnovation.org/pt/volume2-edicao03-julho2013/netos-avos/>
- García, C. N., & Vega, C. V. (2013). Relaciones abuelos-nietos: una aproximación al rol del abuelo. *Sociedad y Utopía. Revista de Ciencias Sociales*, 41, 464-482.
- Glaser, K., Stuchbury, R., Price, D., Di Gessa, G., Ribe, E., & Tinker, A. (2018). Trends in the prevalence of grandparents living with grandchild (ren) in selected European countries and the United States. *European journal of ageing*, 15(3), 237-250. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10433-018-0474-3>
- Guijarro, A. (2001). *El síndrome de la abuela esclava*. Granada: Grupo Editorial Universitario.
- Hoang, N. P. T., Haslam, D., & Sanders, M. (2019). Coparenting Conflict and Cooperation between Parents and Grandparents in Vietnamese Families: The Role of Grandparent Psychological Control and Parent–Grandparent Communication. *Family process*, 1-14. DOI: <http://doi.org/10.1111/famp.12496>
- Huo, M., Kim, K., Zarit, S. H., & Fingerman, K. L. (2017). Support grandparents give to their adult grandchildren. *The Journals of Gerontology: Series B*, 73(6), 1006-1015. DOI: <http://doi.org/10.1093/geronb/gbw208>

- IBGE. (2018). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Acedido em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>
- IBGE. (2019). Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 em 2018. Acedido em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26103-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018>
- IBGE. (2019). Cidades e estados – Florianópolis. Acedido em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html>
- INE. (2017). Projeções de População Residente em Portugal. Acedido em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=277695619&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- INE. (2017). Tábuas de Mortalidade em Portugal. Acedido em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=281336932&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- INE. (2018). Tábuas de Mortalidade em Portugal. Acedido em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=316114129&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- Jappens, M., & Van Bavel, J. (2016). Parental divorce, residence arrangements, and contact between grandchildren and grandparents. *Journal of Marriage and Family*, 78(2), 451-467. DOI: <http://doi.org/10.1111/jomf.12275>
- Ku, L. J. E., Stearns, S. C., Van Houtven, C. H., Lee, S. Y. D., Dilworth-Anderson, P., & Konrad, T. R. (2013). Impact of caring for grandchildren on the health of grandparents in Taiwan. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 68(6), 1009-1021. DOI: <http://doi.org/10.1093/geronb/gbt090>
- Lima, C. A. S. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação-UNG-Ser*, 9(1), 61-83.
- Lieberman, S. (1979). A transgenerational theory. *Journal of Family Therapy*, 1(3), 347-360. DOI: <http://doi.org/10.1046/j.1979.00506.x>

- Lobo, C. (2009). Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. *Sociologia, problemas e práticas*, (59), 45-74.
- Marques, J., Gomes, L., Oliveira, M., & da Silva, H. (2019). Atitudes sobre a Velhice: Infância, Adolescência, Avós e a Intergeracionalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 147-165. DOI: <http://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2954>
- Martínez, A. L. M. (2017). El rol de agentes educativos en los abuelos del siglo XXI: transmisión de valores y principales factores que influyen en el grado de relación mantenida con sus nietos. *Revista hispanoamericana de Historia de las Ideas*, 37, 44-76.
- Martínez, A. L. M., Díaz, M. B., & Soler, J. A. C. (2019). La relevancia de los roles de los abuelos y las relaciones mantenidas con los nietos adolescentes y jóvenes: una revisión sistemática de literatura. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(2), 93-112. DOI: <http://doi.org/10.23925/2176-901>
- Meil, G., & Rogero-García, J. (2014). Abuelas, abuelos y padres varones en el cuidado de la infancia*/The Role of Spanish Grandparents and Fathers in Childcare in Spain. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 32(1), 49.
- Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. DOI: <http://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Neuberger, F. S., & Haberkern, K. (2014). Structured ambivalence in grandchild care and the quality of life among European grandparents. *European Journal of Ageing*, 11(2), 171-181. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10433-013-0294-4>
- Noriega, C., López, J., Domínguez, R., & Velasco, C. (2017). Perceptions of grandparents who provide auxiliary care: value transmission and child-rearing practices. *Child & Family Social Work*, 22(3), 1227-1236.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G., & de Cárdenas, J. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 461-474.
- Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia. *Revista Multidisciplinar de Gerontología*, 16(1), 16-25.

- Pacheco, M. E. A. G. & Alves, S. M. M. (2012). A função dos idosos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar. *Conhecimento e Diversidade*, Niterói, 8, 93-103.
- Paúl, C. & Fonseca, A. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi
- Pankhurst, M., Mehta, K., Matwiejczyk, L., Moores, C. J., Prichard, I., Mortimer, S., & Bell, L. (2019). Treats are a tool of the trade: an exploration of food treats among grandparents who provide informal childcare. *Public health nutrition*, 1-10. DOI: <http://doi.org/10.1017/S1368980019000685>
- Páscoa, G. M. G., & Gil, H. M. P. T. (2019). As universidades seniores e o envelhecimento ativo: os impactos junto das pessoas idosas em Portugal. *Revista Kairós: Gerontologia*, 22(1), 41-58. DOI: 10.23925/2176-901X.2019v22i1p41-58
- Paula, F. V., da Silva, M. J., Bessa, M. E. P., de Moraes, G. L. A., & Marques, M. B. (2011). Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 12, 913-921.
- PORDATA. (2020). População residente, estimativas a 31 de dezembro. Acedido em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M. M., & Pereira, C. R. (2017). Values' family flow: Associations between grandparents, parents and adolescent children. *Journal of Family Studies*, 23(1), 98-117. DOI: <http://doi.org/10.1080/13229400.2016.1187659>
- Puig, A. L., Extremiana, A. A., Signes, M. T. S., & Luz, L. A. (2015). La conciliación laboral-familiar y su relación con el rendimiento escolar: cómo influyen las situaciones laborales de los progenitores en la educación de los hijos?/Work-Life Balance and its Relationship to School Achievement: How Parents' Workload affects their Children Education. *Revista Internacional de Educación y Aprendizaje*, 3(1), 39-56.
- OMS. (2015). Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde. Genebra: OMS. Acedido em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMSENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>
- Ramos, A. C. (2015). Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. *Educação & Realidade*, 40(1), 191-225.
- Rebelo, P. V., & Borges, G. F. (2009). Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: reflexões em torno da generatividade. *Práxis Educacional*, 7, 97-114.

- Rengifo, A. L. M., & Valencia, M. C.P. (2016). La crianza y el cuidado en primera infancia: un escenario familiar de inclusión de los abuelos y las abuelas. *Trabajo social*, 18, 159-176.
- Rowe, J. W., & Kahn, R. L. (1997). Successful aging. *The Gerontologist*, 37, 433–440. DOI: <http://doi.org/10.1093/geront/37.4.433>
- Sadrudin, A. F., Ponguta, L. A., Zonderman, A. L., Wiley, K. S., Grimshaw, A., & Panter-Brick, C. (2019). How do grandparents influence child health and development? A systematic review. *Social Science & Medicine*, 112476, 1-32. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.112476>
- Sandín, B., Valiente, R. M., García-Escalera, J., & Chorot, P. (2020). Impacto psicológico de la pandemia de COVID-19: Efectos negativos y positivos en población española asociados al periodo de confinamiento nacional. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 25(1). DOI: 10.5944/rppc.27569
- Santos, D. V., Moreira, M. A. A, & Cervený, C. (2014). Velhice – considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(48), 80-94.
- Santos, K. D. S., Ribeiro, M. C., Queiroga, D. E. U. D., Silva, I. A. P. D., & Ferreira, S. M. S. (2020). O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 655-664. DOI: <http://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12302018>
- Santos, R. M. R. D., & Falcão, D. V. D. S. (2017). Peppa Pig: um estudo sobre as relações familiares entre avós, pais e netos. *Pensando famílias*, 21(1), 63-79.
- Sapena, C. R., Desfilis, E. S., Seguí, P. V., & Meléndez, J. C. (2000). Las relaciones abuelos-nietos al final del milenio: la visión de los niños. *Gerontología*, 16(9), 329-2000.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. DOI: <http://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
- Schuler, E., & Dias, C. M. de S. B. (2015). Remarried families: Under the view of grandparents. *Psychology*, 6, 1341-1348. DOI: <http://doi.org/10.4236/psych.2015.611131>
- Shiraev, E. B., & Levy, D. (2016). *Cross-cultural psychology: Critical thinking and contemporary applications*. New York, NY: Routledge.

- Silva, D. M., Vilela, A. A., Nery, A. A., Duarte, A. C. S., Alves, M. R., & Meira, S. S. (2015). Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(7), 2183-2191. DOI: <http://doi.org/10.1590/1413-81232015207.17972014>
- Silva, M. A. O. M.; Gomes, L. F. A. M. & Correia, M. F. (2009). Cultura e orientação empreendedora: uma pesquisa comparativa entre empreendedores em incubadoras no Brasil e em Portugal. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(1), 57-71. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1415-65552009000100005>
- Triadó, C., Villar, F., Celdrán, M., & Solé, C. (2014). Grandparents who provide auxiliary care for their grandchildren: Satisfaction, difficulties, and impact on their health and well-being. *Journal of intergenerational relationships*, 12(2), 113-127. DOI: <http://doi.org/10.1080/15350770.2014.901102>
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Celdrán, M., Pinazo, S., Conde, L., & Montoro-Rodríguez, J. (2008). Las abuelas/os cuidadores de sus nietos/as: tareas de cuidado, beneficios y dificultades del rol. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 455-464.
- Vasileiou, K., Barnett, J., Thorpe, S., & Young, T. (2018). Characterising and justifying sample size sufficiency in interview-based studies: systematic analysis of qualitative health research over a 15-year period. *BMC medical research methodology*, 18(1), 148. DOI: <http://doi.org/10.1186/s12874-018-0594-7>
- Vianna, F. P. F. (2006). Transgeracionalidade: "des-encontro" de gerações. *Epistemo-somática*, 3(2), 231-236.
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53, 157-181.
- Viguer, P., Meléndez, J. C., Valencia, S., Cantero, M. J., & Navarro, E. (2010). Grandparent-grandchild relationships from the children's perspective: shared activities and socialization styles. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 708-717.
- Wang, C. D., Hayslip Jr, B., Sun, Q., & Zhu, W. (2019). Grandparents as the Primary Care Providers for Their Grandchildren: A Cross-Cultural Comparison of Chinese and US Samples. *The International Journal of Aging and Human Development*, 0(0), 1–25. DOI: <http://doi.org/10.1177/0091415018824722>

- Wang, X. L., Cheng, J., Guo, C. Y., & Xu, X. R. (2019). The implications of childcare on grandparents' health self-management in a Chinese elderly population. *The International Journal of Health Planning and Management*, 1-10. DOI: <http://doi.org/10.1002/hpm.2904>
- Wegner, E., & Benitez, L. B. (2013). O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. *Revista Jovens Pesquisadores*, 3(2).
- Willig, C. (2008). *Introducing qualitative research in psychology*. New York: McGraw-Hill, Open University Press.
- Young, C., & Denson, L. A. (2014). Psychological health and provision of grandchild care in non-custodial 'baby boomer'grandparents. *Journal of Family Studies*, 20(1), 88-100. DOI: <http://doi.org/10.5172/jfs.2014.20.1.88>
- Zanatta, E. & Arpini, D. (2017). Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17 (1), 343-363.
- Zequinão, M. A., de Medeiros, P., Lise, F. A., Trevisol, M. T. C., & Pereira, M. B. F. L. O. (2019). Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 1-22. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1413-24782019240013>

Anexos

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Informado



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Esse guião de entrevista é parte de uma tese de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Universidade Beira Interior, Covilhã – Portugal, sobre **O papel das avós no sistema de relações familiares**, um estudo qualitativo transcultural Portugal – Brasil.

A sua participação é de fundamental importância para a realização desse trabalho, e consiste em responder uma entrevista cujo tempo médio é de 30 minutos. Sua participação será sigilosa e voluntária, seguindo os preceitos éticos de pesquisa. Você tem liberdade para abandonar a pesquisa a qualquer momento, sem precisar de justificativa, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Há duas vias desse termo e a segunda é sua e ficará no seu registro.

Por uma questão prática, gostaria de solicitar sua autorização para gravar em formato de áudio esta entrevista, tendo sempre presente que é garantida a confidencialidade das participantes e dos dados recolhidos.

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li e compreendi a natureza e objetivo do estudo para o qual fui convidado a participar. Entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento. Concordo em participar desta da pesquisa.

Assinatura do participante

Pesquisadora responsável
(Carolina Brito Schutel Lacerda)

Covilhã, ____/____/____.

Nome do participante:

Bilhete de identidade nº:

Anexo 2 – Transcrições das entrevistas

Entrevistada portuguesa 1 – PT1

1. A sua idade?

PT1: 74

2. A sua escolaridade?

PT1: Eu sou bacharel em ciência, ciências da natureza e matemática

3. Qual o seu estado civil?

PT1: Viúva

4. E com quem a senhora mora?

PT1: Sozinha

5. Quantos filhos tem?

PT1: Tenho três filhos

6. Qual a idade deles?

PT1: Tem... 43, 44 aliás. 42 e deixe-me lá ver o mais novo, nasceu em 83 (pensando), 36, não é?! Pronto, 36

7. E quantos netos a senhora tem?

PT1: Tenho dois netos, portanto um netinho que vive em Lisboa, vai fazer sete anos agora dia sete e tenho esta netinha agora com 6 meses

Eu ia perguntar as idades e a senhora já me contou

8. A gente vai passar por uma série de perguntas em várias categorias diferentes. Agora eu quero saber um pouco do significado de ser avó e queria perguntar para a senhora, o que é que é ser avó para você?

PT1: Olha, eu digo muitas vezes que os nossos netos são a sobremesa da nossa vida, por isso quando nós temos a felicidade de os ver nascer e de ainda os ver crescer, é uma felicidade muito grande, porque são como os nossos segundos filhos mas se calhar vistos de uma maneira diferente, portanto, livre já daquela pressão do trabalho, dos compromissos que uma pessoa tem, portanto estamos mais disponíveis para lhe dar carinho, amor e quando possível estarmos presentes sempre que os pais nos solicitam, não é? Lá vamos os avós, portanto, para cuidar deles enquanto os pais estão a trabalhar, porquê hoje em dia a

vida dos pais também muito sei lá é muito estressante, é um dia preenchido, portanto no trabalho e às vezes o tempo que eles têm para os netos é pouco. Embora eu tenho a felicidade de que os meus filhos, os dois, portanto que tem netinhos, quando chegam a casa tem, portanto, uma vida com os filhos de qualidade mesmo, portanto dedicam-se aos filhos naquele pouco tempo que tem depois do trabalho tanto e isso é bom, mas nós, avós estamos prontos para lhe dar carinho, para lhe dar amor, para estarmos presentes quando eles querem brincar, muitas vezes, não é?! E nós temos muitas vezes de descer a idade deles para podermos, portanto, dialogar, brincar e vez em quando também chamá-los a atenção para determinadas atitudes que eles têm muitas vezes, menos aceitáveis, não é?! Portanto os avós, eu acho que é isso, é estar presente sempre que os pais nos chamem, não é?! E acima de tudo, acompanhar o crescimento dos netos sempre que possível e sempre naquela tônica do amor, do carinho, do acompanhamento deles.

9. Como a senhora se sente nesse papel, sendo avó?

PT1: Ah! Eu sinto-me bem, porque, pronto, é a continuação da nossa geração, não é?! Nem todas as que foram mães têm a felicidade de poder desempenhar esse papel. Que as vezes os filhos casam e não tenho filhos, não é?! Outras vezes porque não podem, circunstâncias várias que não lhe permitem isso. E portanto, quando nós vemos nos nossos filhos a continuação do nosso caminho que nós viemos aqui percorrer neste mundo não é?! Eu acho que é muito bom.

10. Agora vou pedir que a senhora se centre nesta relação com esse neto mais pequeno para responder essas novas perguntas. Mas claro que com o outro neto também.

PT1: Sim, estou mais presente agora com este, embora só à noite, porque ainda é muito pequenino, não é?

11. Como é, então, a sua relação com seus netos?

PT1: É ótima. Esta, portanto ainda é muito pequenina, tem seis mesinhos, mas, portanto, já me conhece, já vai começando a sorrir quando eu apareço. O outro neto quando estou com ele quando me venho embora, logo diz: oh vó, já vais embora? E quando é que voltas? Portanto acho que ele quando eu estou com ele gosta de estar comigo e pronto, e fazer sempre o possível, por estar não é sempre que fica, também já está na escolinha, não é? Mas quando não andava ainda na escola e andava no infantário e, portanto, tinha mais tempo livre, eu estava com ele. Ainda o acompanhei durante algum tempo, que ele era doentinho durante os primeiros tempos de vida, porque era asmático e tinha também era alergias e aquilo era uma semana em casa, uma semana bem e outra semana doente. E quando eu me aposentei é que tive possibilidade de ir até, pronto, estar durante um tempo com a minha

com a minha filha, e acompanhar. Portanto ele criou laços muito fortes comigo, portanto quando não estou ele sente a falta e pergunta sempre quando é que volto. Por isso, a relação é muito, é muito boa.

12. Qual é a frequência do seu contato com seus netos? Semanalmente, mensalmente?

PT1: Bem, com este que está cá é quase todos os dias. Durante o dia estou aqui na academia, mas o meu filho trabalha fora também, eu, portanto à noite, antes de ir para casa vou dar uma passadinha por lá, é aqui no Tortosendo, para ver a menina, dar um beijinho.

13. O que a senhora faz com seus netos?

PT1: Então bem, com este não faço muito, é pequenina. Pego lá o colo e pronto e dialogo, tento dialogar com ela e digo assim minhas palavras e pronto, e ela já começa a interagir comigo. Com o que está longe, muito bem quando estou com ele, eu desço a idade dele. Conto histórias, não é?! E brinco, que ele gosta muito de carros. Passamos o tempo a brincar com carrinhos, meter o carro na garagem, tirar o carro da garagem agora vai dar uma volta, agora vai aquela praça vai à casa, passa na rotunda e pronto, é isso eu o tempo que gasto com ele é passado a brincar e a dialogar. Jogar a bola, andar de bicicleta, também ando com ele, trotinete, a dar passeios, portanto é isso que eu faço com ele.

14. Qual é o impacto que tem na sua vida, ser avó?

PT1: O impacto... não sei em que aspeto é que diz?

15. Em todos os aspectos.

PT1: Eu acho que o ser avó e depois da morte do meu marido, que faleceu faz um ano, acho que me virei mais pra eles e vivo pra eles agora. E tento estar bem para poder vê-los crescer também, para ter a oportunidade possibilidade de os ver ainda durante mais algum tempo e, portanto, é isso. Tento estar bem eu, para poder também permitir-me a mim vê-los, portanto, crescer ao meu lado.

16. E qual é o impacto na sua saúde?

PT1: Talvez seja essa mesma pronto, quer dizer eu tento, não vou abaixo, portanto não porque pronto realmente quer dizer, com a morte do meu marido fui um bocadinho abaixo e fui, pronto, foi uma perda muito grande, foram 40 e tal anos de vida em comum e quando ele partiu acabei por me agarrar mais a eles. Antes ia com frequência, portanto o meu netinho, que vais fazer agora 7 anos, antes adoecia com muita frequência, não é?! E eu e o meu marido como já estávamos aposentados, sempre que a minha filha dissesse: Mãe, olha o G. está doente. Lá íamos nós, portanto deixávamos tudo íamos, né? Agora vou, embora

não esteja doente, mas vou para o ver, sempre que tenho possibilidade do fim de semana mais alargado, umas feriazinhas mais pequenas lá vou eu, pronto. Porque quer a minha filha e quer o meu genro, por eles eu não saía de lá.

17. E a senhora percebe alguma diferença na relação com os netos em função das diferentes idades deles?

PT1: Agora é, não é?! É diferente, a diferença de idade é muito grande. Portanto, é, é diferente.

18. O que é que a senhora ganha dessa relação com os seus netos?

PT1: Ai o que é que eu ganho? Ganho juventude! É um regressar a minha meninice também.

19. E existem dificuldades no relacionamento com esses netos?

PT1: Não existe dificuldade nenhuma.

20. Agora vamos passar para outra etapa de perguntas, mais sobre a história da família como um todo.

21. A senhora conheceu seus avós?

PT1: Uma avó.

22. E como era o seu relacionamento com ela?

PT1: O meu relacionamento com ela, mais assim, foram dois anos. Porque eu sou transmontana, nasci em Trás dos Montes, mas fui com 14 meses para Angola. Portanto, muito novinha. E os meus avós ficaram cá, os meus avós da parte da minha mãe, porque da parte do meu pai já tinham falecido. Só que o meu avô, faleceu um ano depois de os meu pais irem pra África. Pronto, entretanto, ficou a minha avó, mas ficou cá, porque tinha o outro filho também e ficou na terra, não é?! Portanto ficou aqui em Trás dos Montes. Entretanto numa altura em que quando eu tinha 16 anos, o meu pai era funcionário público e vínhamos de quatro em quatro anos, portanto a Portugal. E numa altura em que eu estava a fazer o meu quinto ano, viemos de licença, não é?! E fomos viver para Vila Real e estivemos lá por dois anos e meio. Entretanto, nessa altura minha avó foi viver conosco. Então esses dois anos e meio, foram mesmo com uma convivência diária com a minha avó e foi, portanto, uma convivência fantástica. Minha avó devia ter uns 60 e poucos anos, agora naquela altura uma pessoa com 60 já aparentava mais idade, de aspeto em si, porque eram pessoas mais do campo. Era uma relação muito, muito, muito boa.

23. Com quantos anos a senhora se tornou avó pela primeira vez?

PT1: Olha, tenho 74 menos 7 que vai fazer agora 7 aninhos, portanto tinha 68.

24. O que é que a senhora percebe que mudou no relacionamento com os seus filhos depois que os netos chegaram?

PT1: Não mudou muito. Porque os meus filhos também foram sempre muito próximos. Tenho a felicidade de ter filhos com relacionamento muito próximo entre eles. E a minha filha que é mais velha, faz um papel de segunda mãe. Portanto ela não deixa que eles se afastem. Muito, então ela lhes telefona quase que diariamente para os irmãos, embora um esteja a trabalhar na China, este não é diariamente, mas semanalmente ela lhe telefona. Por que gosta de saber como é que estão, como é que não estão, se a vida corre bem, se não corre, a saúde como é que vai. Portanto, e mesmo ela, desabafa com eles, problemas que tem, a vida dela. Eles são muito próximos, muito confidentes e ajudam-se muito uns aos outros. Inclusive, monetariamente.

25. E a senhora com os seus filhos depois que eles se tornaram pais?

PT1: Ótimo, continuou ótimo. Meu filho se eu não apareço, logo me telefona: Mãe, não vens cá? A minha filha, o meu genro, por ele, eu não saía de lá. Portanto, tenho essa felicidade de ser bem-vinda a casa deles e, portanto, o relacionamento é ótimo.

26. E o que que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente, para os avós de hoje?

PT1: Eu que não tive uma relação muito prolongada no tempo com a minha avó e na altura está a estudar, não sou capaz de dar uma opinião bem formada sobre isso. A minha mãe contava que a relação dela com os avós também era ótima. A família, segunda ela contava, eram muito unidos, os meus avós amavam-se mutuamente e a relação era ótima. Agora, havia se calhar, questões que não eram faladas e se calhar, hoje se fala mais. Havia questões que antigamente eram tabus e que hoje se fala mais com os filhos, que antes tinham que descobrir sozinhos, não é? E hoje em dia, já não. Quer os pais, quer os avós, são mais abertos e falam de tudo praticamente. Até porque se não forem os pais a falar, a internet diz tudo, não é?

27. E em quais contextos e situações a senhora percebe que seus filhos e netos precisam mais da senhora?

PT1: Bem, de vez quando, economicamente eu já os ajudei. E digo-lhes sempre, tendo que ajudar é quando eles precisam. Eu não quero amontoar dinheiro para deixar cá quando for embora. Eles precisam agora e agora é que serão ajudados. Pronto. E eles, entre eles, também se ajudam. (Ela pede que a pergunta seja repetida). Precisam mais da minha proximidade, da minha amizade, dos conselhos que eu lhes possa dar, do amor, pronto. Eu

acho que o amor é tudo. Desde que haja amor, eles precisam muito de amor. Tenho a felicidade de ter filhos assim, muito próximos e mesmo a minha filha que está em Lisboa, continua assim e este a mesma coisa, quando o pai era vivo e agora, todos os dias, telefonam-me. A minha filha todos os dias telefona-me, mãe como é que estás e com o pai era a mesma coisa, todos os dias telefonava ao pai. O meu genro além de ter uma casa aberta de seguradora, é também, compra e vende casas. Compra velho, restaura e depois vende. Ele não comprava uma casa sem ouvir a opinião do sogro, não comprava (pausa - emoção). A minha filha, se precisava de alguma coisa, o pai era o primeiro a saber, a opinião do pai era fundamental. Tanto assim, que ela tem uma depressão que ainda não saiu dela, depois de o pai falecer, ainda não foi trabalhar, tem estado de baixa, com uma depressão muito grande. Sente muito a falta do pai e o meu genro, a mesma coisa. Ainda quando estive lá esta última vez, vieram-me lágrimas aos olhos, porque falaram no meu marido, porque tem os negócios, e lembra-se: eu precisava agora aqui era de R. para me dar uma opinião, se faço bem, se não faço, se devo comprar, se não devo. E, portanto, é assim, a relação é muito boa.

28. Então vamos para a próxima parte das perguntas. O que a senhora vê como a função da avó na família?

PT1: A função dos avós é estarem presentes quando os netos precisam. Dar carinho, dar amor pronto, é isso. Não interferir, portanto, na vida dos filhos, não é? Que isso, a vida é deles, não é? Embora possamos dar uma opinião se eles nos pedirem, não é? Mas não interferir nem na educação dos netos, não é? Meu marido costumava dizer muitas vezes que os pais educam e os avós deseducam, não é? Mas pronto, mas não é bem assim, não é? Mas para educar, pronto, estão lá os pais. Nós é para darmos carinho, para darmos amor, pronto e quando realmente precisarem de uma opinião, cá estaremos nós, se estiver dentro do nosso alcance, não é?

29. E a senhora vê diferenças entre ser avó e ser mãe?

PT1: Há uma diferença já lhe tinha dito há pouco, que os avós estão mais presentes. Alguns, não é? Ou deviam estar mais presentes, não é? Porque estão mais disponíveis também. Desde que os netos também estejam mais próximos, porque se estiverem distantes, torna-se mais difícil, não é? Mas acho que sim, a avó é pronto, dar-lhes, carinho e amor quando estão presentes não é?

30. E como é que a senhora gere com filhos/filhas/genros/ noras o cuidado aos netos?

PT1: Com este o meu filho, ela ainda é muito pequenina, mas pronto eu digo a eles que estou disponível sempre se precisarem de mim estou disponível, não é? Ela ainda não está a trabalhar, então ainda durante o dia fica com a menina, portanto não tenho sido presente

nesse sentido, não é? Tem sido mais presente a mãe dela, que também como está em casa tanto tempo mais tempo durante o dia. E à noite se precisar de mim, dou uma escapadela e vou lá vê-la. E o outro, quando precisam de mim, lá vou eu.

31. A senhora percebe diferenças entre as gerações na sua família?

PT1: Eles crescem mais depressa, os netos. Eu acho que já nascem programados, não é? E a programação se desenvolve muito rapidamente. Meu neto tem uma imaginação muito fértil e com 6 anos vai fazer agora 7, eu acho que ele sabe hoje com 7 anos, aquilo que nós antigamente só sabíamos com 10 ou 12. Porque tem a televisão e tem tantos utensílios, não é? Que eles podem mexer e podem ter, que lhes faz progredir e crescer mais rápido. No tempo dos meus filhos não era não era assim. Eu lembro-me sempre a televisão os únicos desenhos animados que tinha era da TV2, e aquilo como estamos muito próximo da Espanha, eram desenhos espanhóis. Eram desenhos animados só para entretenimento. Hoje em dia os próprios desenhos animados, já educam, já ensinam. Eles aprendem muito mesmo a ver os programas infantis. Evoluem muito rapidamente. Aprende a contar, aprende a ler, portanto já não os pais que lhes dão os livros e que estão ali com eles, mas a própria televisão já tem programas específicos para as crianças e eles, pronto, aprendem muito vendo e observando. O meu neto sabe mexer no telemóvel tão bem como eu, ou melhor. Pronto os divertimentos, os jogos na televisão, ele mexe na televisão, coisa que os meus filhos não faziam com 10 ou 12 anos. E ele sabe mexer, para andar para trás, a ir buscar um programa que já deu ontem, e mudar de canal mudar de muito rápido muito muito muito muito.

32. Agora queria saber um pouco sobre a questão do envelhecimento. O que é que a senhora acha que ir ficando mais velha trás para família como um todo?

PT1: Eu sei que quanto mais tempo se vive, mais oportunidade tem de adquirir mais conhecimentos. E esses conhecimentos são a mais valia também para podermos depois transmitir aos nossos filhos, não é? Portanto, a experiência da vida, a medida em que nós vamos vivendo, vamos dando (alguém entra na sala e a entrevista é interrompida).

33. E o que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT1: Ensinam principalmente a tolerância e não ser tão impulsiva, pensar antes de agir também, porque às vezes, tanto o ser impulsivo, às vezes está nas consequências que nós não queríamos e só depois muito mais tarde acabamos por chegar à conclusão de que olhe pronto, foi um momento menos bom.

34. Vamos para as últimas perguntas. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

PT1: Um bocadinho sim, principalmente com o meu neto, que ele era muito doentinho e a minha filha tinha um trabalho. Ela trabalhava não é 12 horas, mas para ela sair de manhã porque ela morava na Ericeira e trabalhar em Lisboa e, portanto, ela tinha que sair muito cedo para poder trabalhar e muitas vezes chegava a casa por volta das 8:30/9:00, portanto eu ficava com ele o dia todo. Para a minha filha não faltar trabalho, não é? Mas era bom, era bom, não é? Mas era muita coisa, portanto, um pouquinho sobrecarregada, não é? Pronto, quero tratar dele, dar-lhe os medicamentos, dar-lhe de comer, ver se piora ou não.

35. E hoje em dia, a senhora sente falta de tempo para fazer as suas atividades por causa dos netos ou não?

PT1: Não, não. Eu consigo conciliar.

36. E para terminar, a senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considera importante e que não falamos?

PT1: Mais um neto. Este meu filho até tinha vontade de ter dois ou três, não é? A minha filha não, porque já casou mais tarde, então só teve um, este rapazinho. Mas o meu filho, este estava com vontade de ter. Por que já é casado há 8 anos e só agora é que teve a menina, mas ela não conseguia engravidar, teve 4 ou 5 abortos, aborto na trompa, um tanto que eram complicadíssimos. Recorreu a reprodução assistida, ainda fez dois tratamentos e no dia em que o meu marido faleceu ela teve um aborto e foi para o hospital. E entretanto, entre o segundo e o terceiro, porque são três fases na reprodução assistida, ela engravidou naturalmente. Foi depois do meu marido falecer e portanto, eu sempre acredito que o meu marido foi, mas mandou esta menina, sem mais nem menos. Por isso era bom, eu queria mais, queria que ele tivesse outro, mas nunca se sabe, vamos ver.

Entrevistada portuguesa 2 – PT2

1. Qual a sua idade?

PT2: 72

2. E a sua escolaridade?

PT2: Eh...Licenciatura românicas

3. E o seu estado civil?

PT2: Não percebi, desculpa. Casada

4. Com quem a senhora mora?

PT2: Em Manteigas

5. E com quem?

PT2: Com o meu marido

6. Quantos filhos a senhora tem?

PT2: Dois

7. Qual é a idade deles?

PT2: 45 e 42

8. E quantos netos?

PT2: Cinco netos

9. E qual a idade deles?

PT2: Olha... um tem 17, é de um filho. Tem 17, tem 14 e tem 8. E o outro tem 7 anos e 4.

10. Agora a gente vai começar as perguntas sobre isso. Como que é ser a avó para a senhora?

PT2: Ser avó é uma missão muito simpática, porque é muito simpática, mas ao mesmo tempo de uma certa responsabilidade, porque os avós tendem a ser mais benevolentes com os netos do que eram com os filhos, não é? De modo que é um papel um bocadinho complicado, não é aquela educadora por excelência, porque tem o coração muito mais mole do que tinha com os filhos, sendo pronto. É o que eu penso.

11. E como a senhora se sente neste papel?

PT2: Ah sinto-me muito bem! Como deves calcular, dentro do possível faço-lhe as vontades, não é? E procuro educá-los, procura educá-los e, portanto, sinto-me muito bem neste papel.

12. Agora gostaria que a senhora se centrasse na relação com os netos até 12 anos para responder às próximas perguntas. Como é que é a sua relação com os seus netos?

PT2: É boa. É boa, eles gostam de estar comigo, gostam de ficar. É boa.

13. E qual a frequência que a senhora tem contato com eles?

PT2: Com três netos tenho pouca convivência, porque eles vivem em Lisboa e eu vivo em Manteigas, de modo que vem passar no geral, vem passar as férias comigo. E com as outras duas netas tenho maior convivência, todos os dias às vou ver e elas vão a casa, pronto.

14. E o que a senhora faz com os seus netos?

PT2: Assim... eu procuro com a L. que já está na escola, procuro fazer os deveres, mas ela é muito preguiçosa. Eu ia queria ir mais além com ela, mas não consigo, porque ela é preguiçosa. E com a outra neta, bem, fazemos desenhos, vemos televisão, jogo os jogos que há em casa.

15. E qual é o impacto na sua vida, ser avó?

PT2: O impacto é positivo, uma vez que eu não ocupo muito tempo com os netos, porque acho que uma avó que se dedica a tempo inteiro aos netos, perde a sua identidade, perde os seus valores. Porque é muito difícil estar a toda a hora com uma criança, aturá-lo o dia todo, aturá-lo entre aspas, estar com ele o dia todo, não poder sair para onde quer, não poder fazer a sua vida e, portanto, acho isso péssimo. Eu, a mim, isso não me acontece, porque eu tenho, como digo, com os outros netos tenho pouco contato, com estes tenho mais, mas não é a tempo inteiro.

16. E na sua saúde? Qual é o impacto da sua relação com seus netos?

PT2: Não tem impacto nenhum. É um impacto positivo, pois.

17. A senhora percebe alguma diferença no relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles?

PT2: Sim sim, a relação com os mais velhos é diferente. É diferente, aliás a conversa até tem que ser diferente, porque eles já são mais velhos. Com os mais novos enfim, a conversa é adequada e as coisas, brincadeiras são adequadas. E tudo isso é mais no sentido os mais pequenos, é mais no sentido de até os corrigir em certas palavras que dizem, certas frases, atitudes. Por exemplo, a mesa, como é que deve estar, como é que se deve pôr no talher. Portanto, uma fala mais exigente.

18. E o que a senhora ganha da sua relação com seus netos?

PT2: Com os mais velhos, uma certa... ganho uma certa atualidade, com os mais velhos que já tem 17 anos, uma certa atualidade. Procuro saber dos estudos deles, o que é que eles estão a estudar, precisamente para meu aperfeiçoamento. Com os mais pequenos, aprendo a ver as tendências deles, e o que é que eles já aprenderam, e o que é que praticam. Exemplo, a mais pequena já disse: “o vó tens que lavar os dentes com um copo, porque se não, estás a gastar muita água, percebe?” Portanto, eu também aprendo com eles, embora eles sejam pequeninos. Agora, com os grandes é mais no sentido de me atualizar. Saber dos espetáculos e o que é que eles fazem à noite e tudo isso.

19. E existem dificuldades no relacionamento com seus netos?

PT2: Não, não existem.

20. Agora um pouco sobre a história da sua família. A senhora conheceu seus avós?

PT2: Sim

21. E como era a sua relação com eles?

PT2: Era ótima. Eu adorava estar com a minha avó, porque eu não sou de cá, sou alentejana e os meus avós viviam no Monte e eu adorava ir para lá viver com eles. Gostava mais do que está propriamente na minha casa, era uma relação ótima.

22. O que é que é que a senhora percebeu que mudou no relacionamento com os seus filhos depois que os netos chegaram?

PT2: Mudou só, tipo, fornecer-lhes informações para a educação deles. Foi só a única coisa, ajudar na educação. Cuidado com isso, cuidado com aquilo. Olhe, não deixes, não faças, não deixe fazer, assim. Eram mais orientações no sentido de os educar e pra eles caminharem no bom sentido.

23. O que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

PT2: Os avós de antigamente eram engraçados, eram mais despreocupados. Não havia tanto o problema da preocupação com os perigos que podiam acontecer. Hoje é mais difícil, hoje é diferente. A pessoa tem que os prevenir de uma série de coisas que podem acontecer, por tanto, digamos que os avós antigamente eram mais despreocupados e deixavam os netos mais à vontade. Hoje há mais proteção, porque se vai a rua, há os carros e antigamente não havia tanto carro, então não se tinha esse problema. Se vai andar de bicicleta, cuidado com os carros.

24. E que situações a senhora percebe que seus filhos e netos precisam mais da senhora?

PT2: Nós temos uma relação muito direta. Eles quando precisam dizem: “mãe, nós precisamos de si. Mãe, os meninos precisam ir lá para casa, porque nós vamos não sei onde”. Os outros, os mais velhos também quando for preciso, eles pedem, eu não estou a adivinhar quando precisam. Eu lá por vezes, possa adivinhar e posso me pôr à disposição deles para fazer for preciso.

25. E agora pensando nas famílias como um todo. Qual é a função da avó na família?

PT2: Eu acho que a avó é ajudar na educação dos netos. Educação e se possível, instrução.

26. E há diferença, em ser avó e ser mãe?

PT2: Tem diferença. A mãe é muito mais rigorosa do que a avó.

27. E como é que a senhora gere com seus filhos/filhas/genros/noras o cuidado dos netos?

PT2: Com isso eu não tenho muita preocupação, esse aspecto, porque eles, os meus filhos e as minhas noras fazem um bom trabalho de casa. Eles são muito cuidadosos, são atentos, seguem os filhos e, portanto, eu não tenho quase ação nenhuma.

28. E a senhora sente diferenças entre as gerações na sua família?

PT2: Há diferença. Por exemplo, hoje em dia as comunicações são muito mais fáceis, não é? E as crianças habitam-se desde logo a comunicar. Tem os tablets e os telemóveis e sabem mexer naquilo tudo. Isso provoca-lhe um certo à vontade, embora também tenha os seus inconvenientes. Porque uma vez começares naquele esquema do telemóvel e do tablet, quase não há comunicação, porque eles estão ali. Não há comunicação entre as pessoas. Percebe o que é mau? Mas por outro lado é curioso, porque também aprendem, os jogos também são educativos. Portanto, acho muita diferença em relação aos anteriores e agora os atuais.

29. O facto de ficar mais velha o que é que traz para família?

PT2: O que quer dizer... o facto ficar mais velha, não sinto ainda muito facto ficar mais velha, percebe? Porque faço as mesmas coisas que fazia, no entanto, no entanto, noto que antigamente fazia tudo muito mais depressa do que faço agora e me esqueço a determinadas coisas. Por enquanto, é a única coisa que percebo.

30. E o que é que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT2: Experiência. Sobretudo, experiência.

31. Agora vamos para as últimas perguntas. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

PT2: Não, nunca me senti.

32. E a senhora sente falta de tempo para fazer as suas atividades em função do cuidado com os netos?

PT2: Não não. Por isso mesmo eu lhe dizia.

33. E por fim, a senhora gostaria de dizer mais alguma coisa sobre esse assunto que conversamos?

PT2: Não. Só gostaria de dizer que achei este inquérito muito interessante, porque é um leque bastante variado de perguntas. Em relação aos avós, as gerações, etc. Achei bem interessante e só espero que tenha êxito no seu trabalho.

Entrevistada portuguesa 3 – PT3

1. Qual a sua idade?

PT3: 76

2. E a sua escolaridade?

PT3: Eu tenho o quinto ano antigo do liceu

3. E o estado civil?

PT3: Casada

4. Com quem a senhora mora?

PT3: Com o meu marido

5. E quantos filhos a senhora tem?

PT3: Dois

6. E qual a idade deles?

PT3: 52 e 44

7. E quantos netos?

PT3: Tenho um neto e uma neta

8. E qual a idade deles?

PT3: O neto, 4 anos e a neta, 18

9. Agora vamos passar as perguntas. Como é que é ser avó para a senhora?

PT3: Pra mim, ser avó, é tão bom tão bom que até custa descrever. Queremos muito bem aos filhos e depois aos netos queremos tão bem tão bem, que parece que é dobrado. Um amor diferente, porque estamos mais disponíveis para eles. Portanto, eu amo muito os meus netos.

10. Como que a senhora se sente no papel de avó?

PT3: Muito bem. Há pessoas que por serem avós se sentem idosas, eu não. Tenho espírito jovem. Gosto de brincar o com mais pequenino e gosto de falar de assuntos atuais com a de 18 anos. Até eu avançando em certas coisas que ela não está a acompanhar.

11. Agora, gostava que a senhora centra-se um pouco mais na relação com o neto de 4 anos, mais claro que com a outra neta também. Como é a sua relação com seus netos?

PT3: É ótima. Ele gosta imenso de nos visitar. Não fui eu que o criei, foi avó materna, eu sou avó paterna, mas dou todo o meu apoio quando é necessário. Aos sábados e domingos passamos sempre juntos quando os pais não têm compromissos também com amigos, claro. Portanto, nos organizamos assim.

12. E qual a frequência dos contatos?

PT3: Sempre de fim de semana a fim de semana e às vezes durante a semana também nos encontramos.

13. E o que a senhora faz com seus netos?

PT3: Eu com o de 4 anos brinco, porque ele interage muito comigo e fazemos jogos e ele já quer escrever, tem um computador onde eu também tento lhe fazer perguntas pra idade dele, porque ele não está na escolinha, não é? Mas está na pré-escola. E ele realmente interage muito comigo. Se for preciso, também ando de gatas no chão brincar com ele, a escondemo-nos. Várias brincadeiras, brincamos muito.

14. E qual é o impacto que tem na sua vida, ser avó?

PT3: É um impacto muito bom muito bom. Ajuda-me a realizar-me, porque quem não é avó não sabe o que é isso. Amar uma criança, vê-la desde que nasceu e acompanhar o seu crescimento.

15. E qual é o impacto na sua saúde?

PT3: Eu acho que é benéfico, é benéfico pra saúde, porque nós temos netos. Eu com o pequenino, desço a idade dele, como já expliquei e com a mais velha, ela vai aos concertos e depois eu pergunto, então gostaste, não gostaste, pois. Depois leio muita coisa e digo, olha já sabes deste assunto, deste concerto. Colabora até com ela pagando-lhe o bilhete, quando ela diz, “oh vó, queria ir este concerto, tu financia?” (a entrevista é interrompida por alguém que entra na sala).

16. E a senhora percebe diferenças no relacionamento com os netos em função da idade deles?

PT3: Sim, é diferente. Porque com o mais pequeno não posso ter as conversas que tenho com a de 18 anos. Temos que descer a idade e depois subir a idade de 18 anos.

17. E quais os ganhos que a senhora tem dessa sua relação com seus netos?

PT3: Ai é muito amor também da parte deles. Aqueles olhos, falo agora do de 4 anos, tão meiguinhos, aqueles abraços muito apertados, às vezes até vinha com a linguinha a lamber. Tivemos que dizer que isso não se fazia, não é? Mas é muito meiguinho, muito, muito, muito. Depois vou sempre a varanda despedir-me dele e ele fica todo contente.

18. E existem algumas dificuldades no relacionamento com os netos?

PT3: Não não, de modo algum.

19. Agora um pouco mais sobre a história da sua família. A senhora conheceu seus avós?

PT3: Conheci as minhas avós, os meus avôs morreram antes de eu nascer, portanto não os conheci. Só por fotografia.

20. E como era o seu relacionamento com elas?

PT3: O relacionamento com ela, com a minha avó materna, ela vivia conosco, portanto a minha mãe e o meu pai tinham a minha avó, por isso ela era viúva e vivia conosco. E foi maravilhoso, porque ela era também muito meiga, muito boa. Eu acho que me deu para a vida o ensinamento muito grande em amar, em a família ser unida. E também acontecia, como ela vivia conosco, depois os irmãos da minha mãe e irmãs aos domingos, vinham a juntar-nos todos lá em casa. Logo eu brincava com os meus primos. Éramos todos muito unidos. Já a avó paterna da parte do meu pai, tinha um relacionamento um bocadinho mais distante, porque como vivia com a minha outra avó, não é? A ela visitava semanalmente.

21. O que percebe que mudou no relacionamento com seus filhos depois que os netos nasceram?

PT3: Entre mim e os meus filhos depois que os netos nasceram. Portanto o relacionamento é o mesmo. O que eles não têm é tanto tempo para aquela visita diária, mas telefonam-me, o de Lisboa quase que diariamente e a minha nora também. Tenho umas noras também muito boas.

22. E o que a senhora pensa que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

PT3: Os avós de antigamente eram meigos, ensinavam-nos a crescer, aprender a cozinhar aprender a pregar um botão, essas coisas, não é? Minha avó materna, que já falei, até fazia meias em renda com cinco agulhas, isso nunca aprendi, mas aprendi de croché, essas coisas assim. Nós, os avós desta época, para a minha neta mais velha já tentei passar esses ensinamentos, até de culinária e isso tudo, mas ela já tem outras atrações que não isso, não é? A internet toma conta da vida deles. Portanto, é diferente.

23. E em que situações a senhora percebe que os seus filhos precisam mais da senhora?

PT3: Portanto, quando eles viajam se é preciso ficar com os netos e quando eles estão doentes também é preciso ajudar. Nesse aspecto estamos sempre atentos.

24. Agora pensando nas avós e nas famílias em geral, qual que é a função da avó dentro da família?

PT3: Pra mim, eles costumam dizer que sou matriarca da família. E eu também me sinto, porque eu sou mandona, embora eu esteja sempre presente a verificar como é que as coisas estão quando estamos todos reunidos. Natal, por exemplo, é em minha casa e eu gosto de estar, deixe eu fazer. As pessoas são autônomas, mas gosto de estar sempre auxiliando.

25. E há diferenças em ser avó e ser mãe?

PT3: Sim, um bocadinho de diferença, porque um filho saiu de nós, não é? E o neto saiu já dos nossos filhos. Mas a diferença no amor é igual. Depois só não termos tido a dor de os ter tido, mas depois também temos aquela ansiedade antes deles nascerem, durante a gravidez, para que tudo corra bem.

26. Como é que a senhora gere com filhos/filhas/genros/nora o cuidado dos netos?

PT3: Como já referi, aqui na Covilhã, a mãe da minha nora é que teve com meu neto até os 2 anos e meio, depois foi para a colégio. Portanto ela foi uma figura mais presente na vida dele do que eu, por vontade dela. Quando ela não podia, então eu ficava com ele. Mas sempre, até quando nos juntamos, às vezes, nos juntamos as duas com ele, o que é muito bom.

27. E a senhora sente diferenças entre as gerações na sua família?

PT3: Sinto entre o meu filho mais velho, de 52 anos e o mais novo tem 44. Portanto, há 8 anos de diferença e então o mais velho já está naquela fase de ser mais ponderado e o mais novo, para ele é a descoberta ainda. São essas as diferenças.

28. Eu queria saber um pouco, o facto de ficar mais velha, o que é que traz para família?

PT3: Traz-me que eu tenho certas limitações a nível de ossos. Por exemplo, para pegar no meu neto de 4 anos, eu tenho que sentar na cadeira quando ele chega, porque vem aquele abraço enorme e já não posso pegar ao colo. Mas isto sou eu que tenho este problema, mesmo que poderia ter outros, não é? Podia já não estar bem de cabeça essas coisas. Sou feliz na mesma, não é?

29. E o que é que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT3: O envelhecimento acho que ensina que nós para já, temos que saber envelhecer, e os que nos rodeiam, respeitarem-nos. O respeito, muito respeito e amor. Que é o que dou e que também recebo.

30. A senhora já se sentiu sobrecarregada como avó?

PT3: Não, não, nunca. Antes, pelo contrário, até gostaria de estar mais atuante no neto de quatro anos. Mas compreendo que, a avó é mais nova que eu, mas não só por isso, tem menos dez anos, ela fez questão em criar este e ainda criou um outro que não vive aqui. E eu respeito.

31. E a senhora sente falta de tempo para realizar as suas atividades em função do cuidado com os netos?

PT3: Não. Ponho é, a família primeiro, depois a academia. Porque nós frequentamos a academia, e então se coincide alguma coisa em que eu sou chamada para cuidar do neto, a academia espera.

32. E a senhora gostaria de acrescentar algo sobre o que nós conversamos?

PT3: Posso acrescentar que quem nunca foi avó, que não sabe o que isso é. Todas as pessoas deveriam ter essa experiência. Os pais de terem filhos, também que a muitos que não podem ter e depois serem também avós. Eu gosto muito de ser avó. Acho que não me envelhece. Tem até pessoas que querem que os netos lhe chamem de tia, e eu não, gosto muito da palavra avó, porque avó é única, só há uma, assim como a mãe.

Entrevistada portuguesa 4 – PT4

1. Quantos anos a senhora tem?

PT4: 83

2. Qual a sua escolaridade?

PT4: Professora do ensino primário

3. E o seu estado civil?

PT4: Viúva

4. E com quem a senhora mora?

PT4: Sozinha

5. Quantos filhos a senhora tem?

PT4: Três

6. E qual a idade deles?

PT4: A idade dos meus filhos... ora eu, acabei o curso em 58, casei em 60, o mais velho nasceu em 61 (58 anos), e o outro nasceu em 63 (56 anos), o do meio. E o mais novo, é mais novo que eles uns 10 anos (46 anos)

7. E quantos netos?

PT4: Seis

8. Quais as idades deles?

PT4: Essa neta que está, deve ter 34 por aí assim, está nas Canárias. Tenho uma também tem 30 e poucos e outra que também já é 20 e tais. A dos 30 e poucos já trabalha com o pai, é arquiteta, outra a acabar, está na Guarda, está a tirar algo do género da ginástica, como é que chama? Ligado ao desporto. E tenho os gémeos, que penso que estão no 12º o 11º, portanto tem 13/14 anos.

9. Como é que é ser avó para a senhora?

PT4: Acho que ser avó não separa ser avó de ser mãe. Quando se junta a família é tudo igual. A gente tanto quer aos netos, quanto quer aos filhos. Portanto é tudo bom, faço o que posso por eles. E quando é festas e isso, é tudo igual, filhos, netos, noras, tudo corrido ao mesmo. E pronto. Telefonam-me, juntamo-nos de vez em quando, juntamo-nos todos, claro. Porque a um que está em Viseu, um filho, e quando ele cá vem, combinamos um almoço todos juntos. Porque antigamente reunia tudo lá em casa, agora era impossível reunir isto tudo lá em casa, então vamos comer fora, vamos almoçar fora.

10. E como a senhora se sente sendo avó?

PT4: Acho que sinto-me feliz, sendo avó, sendo mãe, sendo sogra. Sinto-me feliz com a família que tenho. Sinto-me muito bem.

11. Pensando nos seus netos gémeos. Como é a sua relação com seus netos?

PT4: É muito boa. A minha relação com eles é muito boa. Há um deles que é uma ternura. É um menino e uma menina, ela também, mas ele, é uma ternura de menino, pronto.

12. E qual é a frequência de contato com eles?

PT4: Semanalmente, semanalmente há contacto.

13. E o que a senhora faz com eles?

PT4: Olha... até não faz muito, uma que está na Guarda, ia em casa almoçar, dia sim, dia não. E esses meninos gémeos, que andam aqui na escola ali das Palmeiras, iam lá almoçar todas as quartas feiras. Agora, pronto, também andei com uns problemas de saúde e já não vão lá almoçar.

14. E quando vocês se encontram o que fazem juntos?

PT4: Conversamos.

15. Qual é o impacto que ser avó tem na sua vida?

PT4: O impacto que ser avó na minha vida, tem mesmo que o ser mãe na minha vida, não é? Eu não posso, como dizer, separar uma coisa da outra. O impacto é igual, é tudo igual.

16. E na sua saúde, tem algum impacto?

PT4: Eles? Não não. Felizmente ainda não preciso de ajuda, tenho uma empregada também. Quando lá iam, tiravam a mesa. Ajudavam a pôr a mesa, tirar a mesa e essas coisas.

17. E a senhora percebe alguma diferença na relação com os netos em função da idade deles?

PT4: Penso que não, que é tudo igual.

18. Quais os ganhos que a senhora tem da sua relação com seus netos?

PT4: Eu acho que nesta altura no campeonato, ganho tudo. O que que eu era na vida, sem família, sem amigos, sem isso, sem aquilo? Ganho tudo. É tudo lucro.

19. E existem algumas dificuldades no relacionamento com os netos?

PT4: Não não.

(A entrevista é interrompida por alguém que entra na sala)

20. Agora vamos a uma série de perguntas um pouco mais sobre a família. A senhora conheceu seus avós?

PT4: Não.

21. A senhora percebeu alguma diferença no relacionamento com seus filhos depois que os netos nasceram?

PT4: É natural que a gente pergunte mais. Aliá, eu digo que há uns anos atrás juntávamos todos lá em casa, primeiro os filhos e depois com os netos, a continuação do relacionamento. Sim, alguns foram criados lá em casa. Teve uma que, portanto, uma delas foi criada na casa da minha cunhada que ainda era viva e a outra foi lá em casa. Mas iam sempre lá para casa, mas algumas estiveram por mais tempo.

22. E em que situações a senhora percebe que os filhos e netos recorrem mais a senhora?

PT4: Não, acho que nem precisamos uns nem dos outros. Evidentemente, se tiver problemas de saúde, ou isto, ou aquilo, preocupamo-nos todos. Mas no sentido de precisarem economicamente ou isso, ninguém precisa de mim, graças a Deus. É tudo independente.

23. Agora pensando nas famílias como um todo. Qual é a função da avó na família?

PT4: A função da avó é dar carinho, dar-lhe também uma fêria, que eles gostam muito. Há muitas avós que... eu tenho uma comadre, portanto, avó dos meus netos, que eu já lhe perguntei se eles querem uma fêria da outra avó e eles dizem que preferem a minha. E eu fico toda contente.

24. A senhora já me explicou um pouco, mas a senhora vê alguma diferença entre ser avó e ser mãe?

PT4: Não.

25. Como a senhora gere com seus filhos/filhas/genros/noras o cuidado aos netos? A senhora participa do cuidado aos netos?

PT4: Já são todos crescidos, já são tudo gente crescida.

26. Sente diferença entre as gerações na família?

PT4: Entre os netos?

27. Entre os netos, os filhos, a senhora...

PT4: Não, acho que sempre decorreu tudo muito bem.

28. Acha que é diferente a criação que os seus filhos deram pros seus netos, em relação a criação que a senhora deu pros seus filhos?

PT4: Eu penso que eles deram aos filhos o melhor que podem, conforme eu dei aos meus. Cada um faz o que eles podem pelos filhos, como eu fiz também o que eu podia pelos meus. Acho que está tudo bem.

29. E o fato de ficar mais velha, o que é que traz para a família?

PT4: É capaz de lhe trazerem mais preocupações, de telefonar mais vezes, para saber como é que estou, essas coisas. É natural.

30. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT4: Ensina-mos muita coisa. A compreender, a aceitar, a calar. Algumas coisitas que poderia dizer e não diz. Aquilo que às vezes morre aqui, é o que nos faz feliz.

31. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

PT4: Não.

32. E já sentiu falta de tempo para as suas atividades em função do cuidado aos netos?

PT4: Não, felizmente toda gente tem saúde e nunca foi preciso ir cuidar de nenhum.

33. E a senhora gostaria de acrescentar algo sobre esta nossa conversa?

PT4: Não, o que eu posso lhe dizer é aquilo que já lhe disse. Que eu me sinto feliz com a família que tenho, que não tenho problemas com ninguém, nem com noras, nem com ninguém. Me dou bem como toda gente. E que às vezes nem tudo é para dizer.

Entrevistada portuguesa 5 - PT5

1. E a sua idade?

PT5: 68

2. E a sua escolaridade?

PT5: Tenho curso de educadora da infância e o 12º ano

3. E o seu estado civil?

PT5: Sou divorciada

4. E com quem a senhora mora?

PT5: Moro com um dos meus três filhos, que não casou. O único que não casou.

5. Qual a idade dos seus filhos?

PT5: O mais velho tem 42, o outro tem 40 e a mais nova tem 37

6. E quantos netos a senhora tem?

PT5: Tenho três

7. E qual a idade deles?

PT5: O mais velho tem 8, o outro tem 5 e o outro tem 2.

8. E o que é que é ser avó para a senhora?

PT5: Ai para mim é muito importante. Tenho os dois netos mais velhos que vivem em Lisboa, eu vejo-os pouco, mas falo ao telefone com eles. E eles tem uma química comigo muito engraçada, os que estão fora. O meu neto que tem dois anos, o mais pequenino, tenho que o ver todos os dias e tem uma importância enorme pra mim, porque eu até estava um bocado embaixo e quando ele nasceu, parece-me que ele me agarrou a vida. Foi uma coisa fantástica a presença daquele neto, foi muito importante para a minha vida, muito importante. E todos os dias quando ele chega da escolinha, tenho que ir lá a casa vê-lo. Quando por acaso não posso ir lá, fico tristíssima. Parece que o dia não é válido pra mim. Eu chego ao quarto e ele me vem a correr com os bracinhos abertos: “vó!vó!” e dá-me abraços no pescoço. É muito amoroso.

9. Como é que a senhora se sente no papel de avó?

PT5: Sinto-me bem, sinto-me muito bem. Não sou capaz de estar com eles o dia todo em casa, não. Isso eu ficar com eles, nunca me ofereci pra isso, nem os meus filhos me pediram. Mas estar com eles uma tarde, um passeio, isso consigo e gosto muito. Mas deixar a minha vida, agora que estou reformada, que estou liberta, que posso estar na academia, que posso assistir a coisas que gosto imenso, que posso ir a um cinema, que posso ir a um ballet, isso não prescindo. Quer dizer, se fosse muito importante eu prescindir, mas os meus filhos, graças a Deus, os podem por numa creche, num jardim de infância e tem dinheiro pra isso, e eu agradeço, porque prescindir da minha vida agora, eu tinha imensa pena.

10. Agora, focando um pouco mais no seu neto menor, sem excluir os outros. Como é a sua relação com seus netos?

PT5: É muito boa. A alturas, eu começo por brincar com ele, também vem um bocadinho do que eu fui como educadora da infância. Eu chego e digo-lhe logo: “L., quer vir brincar

com a vó, que vir fazer jogos?” E começamos por fazer jogos, depois, ele gosta muito que eu lhe conte histórias, ele é muito pequenino, mas gosta imenso, então conto-lhe histórias e depois vemos televisão no sofá, os dois abraçadinhos.

11. E quem escolhe o programa?

PT5: É ele, são os bonecos animados. Eu já sei as músicas todas, cantamos os dois e aquilo pra mim é engraçadíssimo, porque no meio dos bonecos animados, eu vou trocando impressões com ele: “L. aquilo foi mal, não foi?” E ele vai me dizendo sim ou não, com um ar muito sério e troco impressões com ele, mas muito poucas, porque ele é muito pequenino, tem dois anos, mas já tem uma linguagem um bocadinho avançada.

12. Então a senhora está me dizendo que com este neto, encontra-se todos os dias...

PT5: Todos os dias, todos os dias.

13. E com os netos que moram em Lisboa?

PT5: Esses é mais nas férias. Nas férias, vem cá sempre. E eu os telefono também às vezes. Outro dia o mais pequenino de Lisboa telefonou-me para perguntar se eu tinha pesadelos. Foi tão engraçado. “Oh vó, a vó tem pesadelos? Oh querido, de vez em quando tenho. Ai vó é que eu tenho tantos pesadelos. Então com o que é que o menino sonha, diga lá a vó. Ai vó, com o tempo, com a chuva, com o vento. Oh querido, mas isso não faz mal nenhum, tens uma casa muito boa, não é como a casa dos três porquinhos, que o lobo sopra e a casa vai ao ar, a sua casa é muito boa. Pode estar descansado, a dormir bem e se ficares descansados, podes comprar uns tampões para não ouvires o barulho do tempo. Oh vó, mas a vó sonha com o que? Oh querido, não sei. Geralmente sonho que perco as coisas, ou que me roubam as coisas, então estou toda a noite a procura das coisas. Ah é? E a vó fica muito triste? Não, não. A vó não fica assustada, depois ao fim da noite eu costumo acordar e encontro tudo.” Mas ele estava muito preocupado, queria saber se eu tinha pesadelos, porque ele está mesmo na idade dos pesadelos.

14. Qual é o impacto que tem na sua vida ser avó?

PT5: Pra mim é uma coisa muito importante, porque é uma relação muito engraçada, porque a gente gosta, gosta muito e no fundo, eu ia dizer que não tinha responsabilidade, mas tenho muita responsabilidade. Mas é completamente diferente da responsabilidade que os pais têm com os filhos. Os avós não têm aquela responsabilidade, a gente está um bocado do dia com eles, mas depois eles vão com os pais. Portanto, a gente está mais liberta com eles, não é tudo tão certinho, tão regrado. É uma relação muito liberta.

15. E qual é o impacto na sua saúde, ser avó?

PT5: Olha, é muito importante, porque eu por acaso não tenho saúde nenhuma, tenho uma artrite reumatoide, que é uma doença que dá muita depressão. Mas eu, depressão, depressão, nunca tive, por causa deles, mesmo por causa deles. Porque, quando estou mais em baixa, vou ao pé deles e eu não consigo estar triste ao pé deles e eles puxam imenso por mim. O pequenino faz uns sorrisos enormes. Às vezes chego lá abatida e ele, com a conversa dele, os beijinhos, estar ao pé dele a ver televisão, estamos sempre de mão dada e isso faz com que eu não esteja triste, nem pense em dor, nem em depressão e nada disso. É uma relação que me faz muito bem a saúde.

16. A senhora percebe alguma diferença na relação com os netos em função da idade deles?

PT5: Sim, é completamente diferente. As conversas que eu tenho com o meu neto de oito anos, que eu acho que já é crescidíssimo, não sei se é porque estou desde que pequenino a falar com ele, pelo crescimento que ele tem. E acho que hoje em dia os miúdos crescem muito depressa, interessam-se por muita coisa, estão muito abertos para o mundo e fazem imensas perguntas e são miúdos que, pronto, é muito engraçado ter uma relação com eles. O de cinco anos já é completamente diferente, eu também acho que é um bebé. O de cinco anos é um bebé. Ta no jardim de infância e foi esse que me perguntou dos pesadelos. É muito amoroso, muito bebé e como é o último da família, o pai e a mãe o tratam um bocadinho como um bebé. Então não o deixam crescer. Como não querem ter mais nenhum bebé, estão a exigir pouco daquele miúdo. Com o L., é muito pequenino, portanto, é uma relação mais maternal, é uma relação diferente. Mas, são as três diferentes e muito boas.

17. E quais os ganhos que a senhora tem da sua relação com seus netos?

PT5: Sei lá... ganho alegria, ganho saúde. Gosto imenso. É muito importante, eles fazem parte da minha vida, do meu dia, não é? Lembro-me que a minha relação que eu tive com os meus avós, foi completamente diferente. Foi uma relação péssima, nem tenho recordação deles.

18. A senhora conheceu eles?

PT5: Sim, sim. Os paternais e os maternais e não fiquei com recordações nenhuma, nem de uns nem de outros. Era uma amizade distante, umas conversas distantes. Completamente diferente.

19. Era uma das minhas perguntas, que a senhora já respondeu. E existem dificuldades no seu relacionamento com seus netos?

PT5: Não, nenhuma.

20. O que percebe que mudou no seu relacionamento com seus filhos depois que os netos chegaram?

PT5: Olha, em alguns casos não foi muito bom, porque às vezes faço reparos e eles não gostam. Dizem-me que agora não se educa os filhos como eu educava. E quando eu digo: “tais a ser muito branda, não fales assim, nunca perguntes a uma criança se ela quer”. Eles têm muita mania: “oh L., queres ir tomar banho?” Não, tu dizes, vamos tomar banho. E depois perguntam: “oh L., quer pôr o casaco?” Não, vamos pôr o casaco. Por acaso tu lhe perguntas a uma criança de dois anos se ela quer pôr o casaco? Ela tem que pôr o casaco e és tu que decides. Porque eles, não sei como é que é, faz-me confusão, eles perguntarem sempre a opinião dele, é uma criança muito pequenina. Eles põem sempre o quero na frente, acham que é tudo muito moderno. Mas eu não acho, acho que a criança busca no adulto é a segurança, eles buscam imensa segurança. E se eles veem um adulto, a vacilar, percebe? Porque às vezes eles não sabem bem, se é para ir pra cama, ficar na sala e então dizem: “oh L., agora é hora de ir para cama, queres ir para cama?” Eu acho que não pode ser assim. Quando eu digo aos meus filhos isso, eles atiram-se a mim e eu digo que já não digo mais uma vez. Quando achar mal, por exemplo, à noite, eu digo-lhes imenso para eles saírem, que eu fico com os miúdos, eles não querem, não querem sair. “Oh mãe, porque depois eles choram e a mãe.... Oh filho, a mãe criou três filhos e teve com 500 crianças durante a vida, portanto não me custa nada”. Eles quando vão deitar a criança, vão os dois a deitar a criança, tão aí meia hora dentro do quarto, eu não sei o que estão a fazer. Eu nunca fiz assim. Para a criança tomar banho, vão os dois a dar banho na criança, mas pra quê? Eu me pergunto, pra quê? Hora do banho é uma palhaçada. Eu entendo que o banho seja uma altura divertida das crianças, mas estão lá os dois e quando não estão os dois é uma cena, não é? Acontece que nem todo dia o pai e a mãe podem dar banho a criança. Eu dei banho aos meus filhos, os três ao mesmo tempo, e nunca tive o meu marido para me ajudar, acho estranho como é que eles fazem. Acho ótimo, mas às vezes acho que mimam demais. E eu não lhe posso dar opinião, nem ao mais velho nem a mais nova, aceitam a minha opinião e acham que foram muito bem educados, isso que é engraçado. Às vezes eu lhes pergunto: “mas vá, tu achas que a mãe foi dura com vocês? Eu é que acho que vocês são demasiadamente brandos com os vossos filhos”. Porque nós temos que nos situar no meio termo, não é? Não podemos ser duras, nem podemos ser demasiadamente brandas. Nós devemos ser... claro que devemos estar seguras e saber o que é que estamos a fazer. E dar a criança a segurança que ela precisa. Não se pergunta a uma criança de dois anos se ela quer ir tomar banho ou não quer, pois a mãe já sabe que ele tem que ir tomar banho, ou vai a chorar ou vai contente, não é? Eu não os posso dar pistas para eles educarem os filhos. “Mãe, a mãe e de outro tempo, a mãe já

não sabe”. O que eu vejo são meninos cheios de mimos, cheios de coisas, cheios de brinquedos, desde tudo quanto há e fazem birras como os meus filhos nunca fizeram. Eu nunca tive ajuda do meu marido, portanto, estive sempre sozinha com os três, ainda pra mais, era educadora da infância, tava todos os dias com 25. Se os meus filhos tivessem, fizessem birras, mal de mim, eu não tinha chegado ao fim, não é? Às vezes eu digo aos meus filhos agora crescidos, se eu os deitar, fosse a cena que é para vocês deitarem o L., eu não sei o que seria de mim. Eu chegava na hora de ir para a cama e dizia: “meninos, são horas de ir para cama” e vocês vinham atrás de mim, para cama. “Ah pois é mãe, mas agora não é assim”. E quando estão os dois, dizem: “pois, a mãe era como chicote, não era? ” Essas brincadeiras não têm graça nenhuma. Para fugirem a uma coisa que no fundo eles não querem acreditar, tem que ser assim, pronto.

21. E o que a senhora acha que mudou nos avós de antigamente para os avós de hoje?

PT5: Ah os avós de hoje é completamente diferente. Eu acho, primeiro, que são muito mais novos, tem espírito muito mais novo, são muito abertos, tem outros interesses, são umas pessoas abertas e os netos fazem parte da vida deles. Os filhos estão doentes e falam: “oh mãe vou pra lá por a criança”. O avô e a avó, saem aos domingos, o pai e a mãe estão a trabalhar, levam a criança e eles vão lindamente. É uma pessoa que faz parte da vida deles e antigamente nós não fazíamos parte da vida dos nossos avós. Nem os meus pais se lembrariam de me colocar a par com a minha avó quando saíssem. Não, porque a minha avó, pronto, também não tenho bons exemplos de avós, mas eram pessoas um bocado distantes de mim. Eu não conseguia ficar sozinha com eles ou ir lá para a casa deles, não. Não tínhamos intimidade, não tínhamos nada que nos ligasse, não havia elos de ligação.

22. E em que situações a senhora percebe que seus filhos e netos precisam mais da senhora?

PT5: Quando há alguma anormalidade ou quando o bebé está doente ou quando a mãe é operada, quando o pai tem que fazer uma viagem. A minha filha está mais sozinha e chama-me e eu vou estar com ela. Eu estou muito disponível pra eles. Minha nora em Lisboa, outro dia precisou fazer uma conferência fora e viajar e eu fui e fiquei com os miúdos, pronto. Eu gosto imenso de estar com os miúdos. Custa-me imenso viajar para Lisboa, mas adoro estar com eles.

23. Agora pensando nas avós e nas famílias como um todo. Qual é a função da avó na família?

PT5: A vó... é uma ajuda, é um suporte. A vó é alguém com quem a gente pode contar, pronto. E os filhos hoje em dia tem uma vida muito preenchida, muito cheia, tem imensas

solicitações por todo lado, tem que estar bem, tem que dar o mais possível, tem que conservar os seus empregos. E as avós, aí, são o suporte, são o suporte. Ou vão pra o pé dos filhos ou trazem os netos para o pé delas, mas as filhas e os filhos sabem que podem contar com elas, podem, a maior parte, podem contar com elas.

24. E há diferença entre ser avó e ser mãe?

PT5: Então não há?!

25. Quais são as diferenças?

PT5: Pronto, eu com os meus filhos não era assim como eu sou como avó. Não sei... eu quando era mãe, estava extremamente ocupada, muito cansada e não tinha disponibilidade para conversar com meus filhos agora como tenho com os meus netos. Eu agora estou muito mais disponível. Eu quando tinha os meus filhos e foram três a seguir uns dos outros, eles têm diferenças de dois anos uns dos outros, eu não tinha tempo. Eu às vezes pergunto-lhes: “oh filhos, faltou alguma coisa? a mãe era ríspida? não estava com vocês? Não não, a mãe estava”. Porque eu penso, eu fazia o almoço, fazia janta, lavava roupa, passava ferro, eu ia para o infantário ao pé das crianças. E depois, a cinco e meia da tarde é que lhes ia buscar e estava extremamente cansada. Eu penso que aí, não é como eu sou com os meus netos, porque para os meus netos não estou cansada quando estou com eles, estou muito disponível, brinco muito com eles, vou para o chão e com os meus filhos acho que não cumpro o que eu gostaria de cumprir, porque não tinha tempo, porque tava cansada, porque a vida pedia muito de mim e eu não podia dar-lhe mais do que dava, pronto. E acho que eles não ficaram traumatizados. Eu às vezes pergunto-lhes: “oh queridos, os meninos sentem que a mãe falhou nalgumas coisas? Não mãe, não. A gente tava a brincar”. Sim, eu sei que se tivesse o meu marido ao pé de mim, eu poderia ter ido a imensos sítios que não fui. Eu estava muito em casa com eles. Mas também, quando o meu marido dizia, vamos aqui, vamos acolá, eu nunca ia. Nunca ia, porque sabia que os meninos não ficavam bem, dormiam em qualquer lado, depois ele nunca queria de ir pra casa, depois gostava de os ter deitadinhos oito e meia, nove horas, não fugir as regras. Lá eles jantavam as horas que eles queriam, não tinha as coisas que eles gostavam. Não era capaz de ir a qualquer sítio com eles, dar-lhe qualquer coisa pra comerem, deixá-los dormir ao meu colo, isso nunca quis. Nessas coisas sempre fui muito certinha. Mas a relação que tinha com eles era completamente diferente. Era... como eu ia dizer, como eu disse a bocado, com os filhos era uma educação muito regrada, muito cheia de... eu tinha que ser assim, eu tinha que cumprir. Os meus netos não, é uma palhaçada, eu nem olho para o relógio, nem nada. Às vezes estamos a brincar e eu me lembro que são horas de ir pra casa, não, porque eu acho que nós

temos um relação com eles muito mais livre, muito mais dispostos, muito mais disponíveis. É diferentíssimo, acho que é uma relação muito diferente.

26. E como é que a senhora gere com seus filhos/filhas/genros/noras o cuidado aos netos?

PT5: Basta dizer-lhes: vocês os deixam-no cá ou depois eles dizem que vem buscar. Depois agradecem imenso. Parece que a gente está a fazer uma coisa. No outro dia a minha filha disse: “mãe, posso estar a deixar o L. enquanto vou às compras? está bem. mãe, acho que só demoro uma hora”. Acho que levou duas ou três, mas eu nem dei por isso. Mas quando chegou, pediu-me tanta desculpa, agradeceu-me tanto. “Faça as compras que quiseres, demore o tempo que quiseres, porque eu só me divirto. Ele é tão engraçado”. Nisso nos entendemos lindamente. Nos entendemos muito bem.

27. A senhora sente diferenças entre as gerações na sua família?

PT5: Sim sim. Não entendo às vezes atitudes que eles tomam com as crianças, eu não entendo. Decisões que eu não entendo, porque acho que são demasiadamente brandas e depois eles têm que encarar a vida como ela é, eles não podem esconder tudo quanto é mal, o mundo não é completamente cor de rosa, não é? E eles escondem. Para as crianças tem que ser tudo perfeito. E depois eu penso, o menino mais velho está com 8 anos, depois vai para o liceu e como é que é? Eles têm que estar um bocadinho preparado para o embate do mundo, não é? Não vai ser tudo cor de rosa e eles depois vão sentir muito mais, não é? Tem que haver uma certa exigência da parte dos pais com os filhos, para os preparam para a vida, porque a vida é feita de exigências, não é? E eles não podem permanecer assim, perguntar se querem, “então, queres ir para o liceu? queres ir para a faculdade? olha, se não quiseres, ficas cá em casa dormindo”, não é? Não pode ser. Quer dizer, eu acho que desde o princípio é que eles devem ser exigentes e não são. Esta geração agora é muito esquisita com os filhos, muito. E depois, preferem ter um filho e dar-lhes tudo. Eles têm bicicleta, tratinete, depois tem o computador, tem o ipad, tem tudo. E não lhe dão um irmão, que é o presente melhor que lhes podiam dar, percebe? Eu às vezes lhes pergunto: “mas porque não lhes das um irmão? Vais ver que é o presente melhor que podes dar ao teu filho. O teu filho está cheio de coisas, mas um irmão é um presente, especial, não é? ” Eu acho que hoje em dia os pais ficam por um filho e acabou-se. Quando pergunto, dizem: “Mas nós não temos dinheiro. Não tem dinheiro? Mas vocês enchem o miúdo de coisas, coisas, coisas, coisas...”. É melhor o miúdo ter menos coisas e ter um irmão, porque ter um irmão, é tão diferente um miúdo que seja filho único de um miúdo que tem irmãos, tem comportamentos completamente diferentes; não é egoísta, empresta os brinquedos a toda a gente, a socialização é feita de

uma maneira completamente diferente. Portanto, eu acho que o melhor presente que uma mãe pode dar a um filho é um irmão.

28. O que o facto de ficar mais velha pode trazer para a família?

PT5: Eu estou a ver até quando que eu lhes posso ajudar, não é? Isso eu queria, que Deus me desse mais saúde para eu ajudar mais possível. Às vezes o meu neto que tem 8 anos, diz assim: “oh vó, a vó ainda vai ao meu casamento? e eu digo: ah querido, a vó adorava ir ao teu casamento, mas não sei se chego até lá, a vó está a ficar mais velhinha, não é? oh vó, mas agora as pessoas ficam até os 90 anos; pois é querido, mas eu também não sei se tu casas logo, como é que é, mas se a vó for viva, vai ao teu casamento”. Ele não concebe que a vó morra.

29. E o que é que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT5: Eu acho o envelhecimento horrível. É... a gente não está sempre bem, não é? E temos que ter sempre alguns cuidados e os nossos filhos também tem sempre muita atenção a isso. Ontem a minha filha eu ainda dizia: “oh filha, não estejas sempre preocupada com a mãe; ela disse: oh mãe, é que pra mim a mãe é feita de cristal; oh querida, mas quando a mãe tiver 90 anos tu tratas a mãe como se fosse feita de cristal, mas agora não, a mãe nem sequer fez 70 anos, não estejas tão preocupada”. Ela preocupa-se muito muito muito. Que eu tenha um infarto, que eu tenha não sei que, mas eu já lhe disse que é difícil que eu tenha um infarto, porque eu não fumo, eu não bebo, eu estou sempre atenta ao colesterol. E às vezes eu trato de mim pela minha filha, que é supercuidadosa comigo, supercuidadosa. Os rapazes, já tem um comportamento diferente: “oh mãezinha, oh mãezinha”, mas também não se veem muito.

30. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

PT5: Não, por enquanto não.

31. A senhora sente falta de tempo para fazer as suas atividades em função do cuidado dos netos?

PT5: Não não, por isso mesmo que eu não fico tomando conta deles todos os dias porque tenho as minhas coisas.

32. E a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre isso que conversamos?

PT5: Não, eu acho que perguntou tudo e eu acabo por dizer que adoro ser avó, que é um papel muito importante, muito mais importante do que eram as avós do passado. Acho que agora as avós têm um papel muito ativo na vida dos miúdos. Muitas avós vão buscar os

miúdos a escola e levam os miúdos da escola, substituem a mãe e o pai em compromissos que eles não podem ir. Pronto, a avó é uma pessoa muito válida hoje em dia e na altura, na minha altura, a vó já era considerada uma velhinha, podia ter 58 anos, mas era uma velhinha. Hoje não, uma avó com 70 ou 70 e tal anos é considerada uma pessoa ainda cheia de atividades e muito útil.

Entrevistada portuguesa 6 - PT6

1. E a sua idade?

PT6: 71

2. E qual a sua escolaridade?

PT6: O nono ano, é o antigo quinto ano dos liceus

3. E qual é o seu estado civil?

PT6: Casada

4. E com quem a senhora mora?

PT6: Com meu marido

5. E quantos filhos a senhora tem?

PT6: Tenho três

6. E qual a idade deles?

PT6: Um tem 46, outro tem 41 e o outro tem 33

7. E quantos netos a senhora tem?

PT6: Quatro

8. E qual é a idade deles?

PT6: Um tem dois, outro tem seis, outra tem 12 e a outra tem 15

9. Agora nós vamos entrar nas perguntas sobre o significado de ser avó mesmo. Como é que é ser avó para a senhora?

PT6: É bom. É bom ter netos, ter crianças pequeninas. Os pequeninos por acaso já não estão ao pé de mim, estão longe. Só cá tenho as mais velhas, mas é bom, ajudá-las naquilo que elas precisam, naquilo que elas querem.

10. Como é que a senhora se sente neste papel de avó?

PT6: Sinto-me bem, gosto. Gosto de as ajudar, lidar com elas.

11. Agora pensando nestas netas que estão mais próximas. Como é a sua relação com elas?

PT6: É uma relação normal. Elas vão lá quase todos os dias almoçar, às vezes vai uma, outra vez vai a outra, só há um dia que vão as duas, depois aos sábados vão elas e os pais. É uma relação normal.

12. Eu ia justamente lhe perguntar a frequência dos contactos.

PT6: Isso, elas vão todos os dias almoçar, por vezes juntas ou separadas e com os pais no sábado.

13. E com os netos que moram longe?

PT6: Por ora falamos todos os sábados pelo skype, porque eles estão no estrangeiro.

14. O que a senhora faz com as suas netas?

PT6: Fazer, fazer propriamente, só lhes faço o almoço, elas comem, pois depois elas estão lá entretidas. Elas gostam de estar lá sozinhas na sala. Eu às vezes nem vou lá ao pé delas, porque elas gostam de estar lá com o telemóvel, com a televisão ligada, com o computador e às vezes não gostam de ser incomodadas.

15. Mas tem alguma coisa que gostam de fazer juntas?

PT6: Depois eu também estou lá nos meus afazeres, venho aqui para a academia, depois estou em casa e tenho as minhas coisas para fazer e então não tenho assim muito tempo com elas. Mas acho que conversar.

16. Qual é o impacto que tem na sua vida ser avó?

PT6: O impacto... sei lá. Ser avó é ser avó.

17. E na sua saúde, tem algum impacto? Positivo, negativo...

PT6: Negativo não tem. Tem é positivo, pronto, porque uma pessoa sempre em quem pensar, tem com quem se distrair, o facto de as ter ali, não é? É isso.

18. A senhora percebe alguma diferença na relação com os netos por causa da diferença de idade deles?

PT6: Pois, os outros eu lido pouco com eles. Bem, o pequenino já nasceu lá na Alemanha, o outro nasceu cá em Portugal, mas também moravam em Mafra, também não viviam aqui,

vinham duas a três vezes por ano. E agora desde que lá estão, nos vemos duas vezes por ano, porque eles vêm sempre em agosto e no Natal. Portanto eles são mais pequeninos, é diferente.

19. E quando eles estão aqui o que a senhora costuma fazer com eles?

PT6: Às vezes a gente brinca, não é? Mas assim, quando eles estão, também tenho muita gente em casa, tenho que fazer o almoço, o jantar e isto tudo. Eles estão mais com os pais.

20. E quais são os seus ganhos da sua relação com seus netos?

PT6: O que eu ganho? Isso agora... o que eu ganho é saber que eu os tenho. É saber que eles ficam cá um dia, que são descendentes meus, não é? Que ficam cá, que tem os filhos deles e isto tudo. Que é bom tê-los, que é bom ter netos.

21. E existem algumas dificuldades no relacionamento com seus netos?

PT6: Não. É como lhes digo, sobretudo a mais velha, ela é um bocadinho complicada. Complicada no aspecto de não querer que a incomodem. Ela está lá na sala, está lá nas coisas dela, às vezes vai para um quarto, fica lá sozinha, pronto, lá está ou com o telemóvel ou até às vezes, deita-se. Ela é assim mais arisca, digamos isso. Esta é diferente, a mais nova é um bocadinho diferente, mas acessível. Até conversa mais e tudo, do que a mais velha. A outra foi a primeira, mas esta conversa mais.

22. Agora umas perguntas mais sobre a família como um todo. A senhora conheceu seus avós?

PT6: Só a minha avó.

23. E como era o seu relacionamento com ela?

PT6: Era boa, só que a minha avó já morreu há 41 anos. Morreu quando meu filho do meio nasceu. A gente morava perto, quer dizer, ela morava na quinta e eu morava na povoação. Víamos também aos domingos, às vezes no verão quando eu era pequenina ia para lá com ela, ia passar uma semana assim. Também tinha uma tia que na altura era solteira. E era isso, pronto, a gente relacionava-se, era a minha avó, pronto. Só conheci essa.

24. E o que a senhora percebe que mudou no seu relacionamento com seus filhos depois que os netos chegaram?

PT6: O relacionamento é idêntico, não há grande diferença.

25. E o que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

PT6: Os avós dos meus filhos nunca me ajudaram. Viviam aqui perto, 17 ou 18 quilômetros, mas eu quando me casei já vim morar aqui para a Covilhã e, portanto, só às vezes nas férias quando eles eram pequenos e o infantário fechava, é que eu pedia mais a minha mãe, porque a minha sogra já não era assim tão coisa. Mas a minha mãe, mesmo tendo, que a minha mãe tinha uma loja de tecidos e fazendas, mas às vezes a minha mãe ficava lá com eles. Só com um, porque depois vinha algum sobrinho meu, mas os meus sobrinhos era raro virem para cá sozinhos, porque estavam mais longe. Portanto, quer dizer, a diferença é que eu não tive ajuda dos avós dos meus filhos, nem da minha mãe nem dos meus sogros não tive ajuda para os aturarem, nas férias, para irem os buscar na escola, eu não tive nada disso. E agora é diferente, as minhas netas desde que elas nasceram, pronto, eu muitas vezes o meu marido ia buscá-las ao infantário quando era preciso, mas isso também ao infantário raramente, ia o pai ou a mãe a buscá-las. Mas depois, na escola, já era preciso, porque elas não gostavam de almoçar na escola e queriam ir almoçar na casa, depois uma andava no ballet, a outra andava no ballet, depois desistiram as duas.

26. E a senhora ajudava a ir buscar?

PT6: Pois sim, mas era mais o meu marido, porque na altura eu não conduzia. O avô que as ia buscar e a por, pronto, e depois iam para a minha casa. Agora também temos que ir a buscá-las. Eu agora tive que ir ali a buscar uma explicação, esta mais nova. Pronto, é preciso ir buscá-la a escola, amanhã tem que vir o avô a buscar esta para ir almoçar e ela fica toda a tarde em casa. E eu não tive nada disso, pronto, eu não tive essa ajuda que eu dou a elas. Facilito mais a minha nora, pronto, e o meu filho, não é? Ela também cá não tem ninguém, porque ela não é de cá, portanto sou eu sozinha é que tenho que gerir com elas as duas.

27. E em que situações a senhora sente que seus filhos e seus netos precisam mais da senhora?

PT6: Felizmente, monetariamente eles não precisam de mim, felizmente não precisam. É mais nestas ajudas, de ir as buscar e a por, ficarem lá em casa, fazer-lhe o almoço. Agora elas já não dormem, mas antigamente até lá dormiam. A mais velha até por vezes gostava de ir dormir a minha casa, mas também agora já não gostam de ir. Nas férias, quando estão de férias tenho que as ter sempre. Logo agora vem o Natal, tenho que lá ter-lhes todas as férias do Natal, ficam lá comigo, mas não dormem lá. Vem as férias da Páscoa, vem as férias do verão. Tirando o tempo que vão de férias com os pais, tem que estar comigo. Porque elas, pronto, a mais velha já tem 15 anos, já podia, ela até já gosta de ficar em casa, a mais velha, mas tem que ir a minha casa a comer, quer dizer gosta de ir almoçar lá em casa, por isso que ficam lá o dia todo.

28. Agora pensando nas famílias e avós como um todo. Qual é a função da avó na família?

PT6: Neste momento, como lhe digo, a função da avó na família é tratar dos netos, ajudá-los, brincar com eles, levá-los a passear, coisa que eu não faço, levá-los a passear, mas pronto. Mas as avós eu que vejo é isso. É dar-lhes orientação e apoio, aos netos e aos filhos, não é?

29. Há diferenças em ser avó e ser mãe?

PT6: É um bocadinho diferente. Porque ser mãe é ser mãe. Ser avó, a gente às vezes já não lhes pode dizer tudo o que quer, porque elas já não aceitam tão bem, não é? É assim, pronto. Há quem diga ser avó é ser mãe duas vezes, mas pra mim não é bem isso. Pra mim é isso, elas aceitam melhor o que o pai e a mãe lhe dizem, do que o que eu lhe digo.

30. E como a senhora gere com filhos/filhas/genros/noras o cuidado dos netos?

PT6: As noras, porque a outra nora não tenho cá. O meu outro filho, não tem filhos e também não está cá em Portugal. Com os que estão cá, temos que combinar. Eu telefono quase todos os dias para saber o que esta quer comer ao almoço, porque ela é muito complicada para comer. Ela não come tudo que a gente come. Ela é muito complicada, ela só come arroz branco, bifes de frango grelhados ou salmão, quer dizer, come muita pouca coisa. Come só a sopa trituradinha, tem sempre que separar uma sopa só a ela, até leva para casa também aos sábados, para comer toda a semana, porque ela é assim. Mas, pronto, é isso.

31. E a senhora sente alguma diferença em relação as gerações na sua família?

PT6: Não, eu pessoalmente não tenho. Eu tenho evoluído com os tempos, o mundo está a evoluir e eu felizmente estou a evoluir. Há sempre coisas que a gente diz assim: “eu quando era da idade deles não fazia isso, não fazia aquilo”. Mas só os tempos que mudaram.

32. E agora um pouco mais sobre o envelhecimento. O que o facto de ficar mais velha, traz para a família?

PT6: Não sei... se quer que diga o que é que traz, é realmente os mais velhos, que sou eu, não é? Posso ter mais problemas de saúde, posso entrar num momento para o outro e não poder ajudar, não é? De resto, eu não penso muito nisso, e a viver o dia a dia.

33. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

PT6: O envelhecimento... acho que os filhos têm que pensar que os pais estão a envelhecer, também está a chegar a vez deles de tratar de nós, em vez de ser nós a cuidar deles e das crianças. E também tem que pensar que no fundo, no fundo, os mais velhos também sabem coisas que não sabem os mais novos, não é? Tem mais experiência da vida, sabem melhor gerir a vida. Não quer dizer que sabem melhor gerir a vida, não é bem isso, mas em gerir, pronto, sabem dar opinião, embora às vezes eles não aceitem, não é?

34. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

PT6: Não. Quer dizer, às vezes há dias que a pessoa tem tanto que fazer outras coisas, que sinto-me um bocado cansada. Mas isso, ultrapassa-se.

35. E a senhora sente falta de ter tempo para as suas atividades em função do cuidado com os netos?

PT6: Não, porque eu já geri as minhas coisas, não é? Já sei que eu só venho a academia de manhã, não venho de tarde, haja lá as aulas que tiverem a tarde, eu não venho. E por isso eu tenho a tarde para mim, para fazer outras coisas, para limpar a casa, para arrumar, para passar, para lavar e etc, para ir fazer algumas compras, não é? Portanto isso, não. A solução está, eu já geri isto na minha cabeça.

36. E para terminar, a senhora gostaria de acrescentar algo sobre o que nós conversamos?

PT6: Não sei, acrescentar, não sei. Só, é isso, pronto. O papel das avós é este. Eu também as tendo lá em casa, elas também vão se lembrar mais de mim um dia, não é? Vão dizer assim: “a minha avó fazia-me isto, a minha avó fazia-me aquilo”, e os meus filhos também vão pensar: a minha mãe e o meu pai ajudaram-me a fazer isso, a fazer aquilo na vida. E eles pensarão que um dia serão eles a ajudarem os filhos e as filhas, não é? É isso, pronto. A vida é assim, é uma continuação, ninguém cá fica.

Entrevistada brasileira 1 - BR1

1. A sua idade?

BR1: 67 anos

2. E a sua escolaridade?

BR1: Nível superior com mestrado

3. E o estado civil?

BR1: Casada

4. E com quem você mora?

BR1: Eu moro só eu e o meu marido

5. E quantos filhos?

BR1: Duas filhas

6. E qual a idade delas?

BR1: Uma tem 44 e a outra 41

7. E quantos netos?

BR1: Quatro netos

8. E a idade deles?

BR1: O mais velho tem 18, depois tem a B. de 14, a L. de 14 e a C. de 10

9. Agora vamos para as perguntas em si, da entrevista. O que é que é ser avó para você?

BR1: Nossa... são tantas coisas, que é difícil da gente resumir, mas vamos lá. A primeira coisa que eu senti assim, quando eu fui avó, é que é uma delícia ser avó e todo aquele processo assim, de a gente ajudar, principalmente porque são filhas mulheres, né? Eu me lembro assim, que eu descobri, que todo mundo acha que a gente sabe tudo. Os outros, as filhas, os genros, perguntavam: “ah dona K. como é que é?” e eu também não sabia e fui dando respostas para aquilo. Então, eu acho que é essa maturidade que chega na gente de repente, quando a gente é avó, centraliza mesmo no papel da mulher, vamos dizer na família. Até então, tu vai fazendo, mas não paras né? E daí, daquele momento em diante, em que eu fui vó, eu fiquei mais tranquila, porque tu sentes que as pessoas giram em torno de ti, vamos dizer né? Então foi, eu adorei ser vó.

10. E como tu te sentes neste de avó?

BR1: Olha... eu me sinto bem feliz. Tenho um ótimo relacionamento com as minhas filhas e com os meus netos, né? E eu só agradeço a Deus todos os dias por ter tido esses netos né?

11. Agora, focando na neta menor, sem esquecendo os mais velhos. Como é que é sua relação com seus netos?

BR1: Pois então, aqui eu me relaciono bem com todos, mas foi engraçado, entre nós a gente até comenta, que foi assim. O T. foi uma criança, que é o mais velho, foi super tranquila e

eu me lembro assim quando ele tava chorando, ninguém dava conta e eu dizia: “me dá ele aqui” e eu botava no meu colo e ficava, eu ainda trabalhava assim, tudo e eu acho que era aquela calma que a gente tinha, aquele descompromisso, assim, que aí ele se acalmava. O M. as vezes perguntava: “o que a senhora fez dona K.?” “eu não fiz nada, eu só fiquei com ele”. E foi bem bom sempre, sempre. Eu lembro que ele tava quase dormindo e dizia: “vovó, sabias que eu te amo?” e eu dizia: “sei querido, a vó também te ama”, foi bem assim. Aí depois a B. também, a mais difícil foi a C., coitadinha. Mas, mais pelo temperamento forte que ela tem, a gente ta sempre assim, trabalhando, trabalhando e agora ela ta bem melhor agora né? Mas ela era a única que dizia: “não quero ir contigo, eu quero a minha mãe, eu quero a minha mãe!” que ainda não tinha acontecido, né? Aconteceu com a C.

12. E como que é a relação com eles todos hoje?

BR1: Com cada um é diferente. Também é assim, né? Quando eles estão todos juntos assim, piora né? Até eu vejo a B. e a L. que tem a mesma idade, quando eu to sozinha com uma, elas são um doce, mas quando elas estão juntas, modificam, fazem caras e olhares assim pra mim, como quem diz: “ah ela inventa” e as duas se dão muito bem, graças a Deus.

13. E qual é a frequência de contato com os netos? Diariamente, semanalmente?

BR1: Também foi assim, agora, pro meu gosto, é até pouco. Só aqui (casa de praia - férias) que eles ficam bastante. É que teve uma quebra depois que elas se separaram, com essa história dos pais né? De ficar com o pai. Então sobrou pouco pra vó, porque já é um final de semana com a mãe, outro com o pai, né? E também foi engraçado, que foi gradativo. Eu fiquei muito mais com T. do que com a C., foi a que eu menos fiquei.

14. E hoje em dia, quando não estão de férias, qual a frequência dos contatos?

BR1: Até o ano passado, os filhos da L. o T. e a L. almoçavam comigo duas vezes por semana, terça e sexta, porque a L. só tinha empregada alguns dias na semana e daí eu pegava eles na escola, levava lá para casa. Mas esse ano, que o T. já foi para a faculdade, a L. cresceu, às vezes eles passam a semana inteira sem ir lá em casa, já vai escasseando bastante. Mas assim, em média, seria uma vez por semana.

15. E o que fazes com os seus netos?

BR1: Vai mudando, tudo vai mudando, cada vez menos. Hoje, como agora, aqui que eles estão, a que é mais companheirinha minha, é a C. então hoje, ela diz pra mim: “eu te amo, tu é a melhor vó do mundo”, né? Mas ela antes não falava, assim, quando ela era menor, que os outros todos já falavam “vó eu te amo, vó eu te adoro”, ela não. E agora é que ela diz, daí me abraça, porque ela também era mais esquivada, né? Mas agora não. E aqui ela quer

sempre, quando a mãe não está ela diz: “quem vai dormir com a vó sou eu”, mas isso ela sempre fez né? Mas é mais uma carência dela que eu acho, não é por mim. Ela vê o adulto que está, já que a mãe não está. Então, agora, vamos dizer, eles todos assim, o que eu mais converso é o T. é o que eu mais converso e, vamos dizer assim, celular, se eu mando alguma coisa, o que primeiro responde é sempre ele, segundo é a B., depois é a L. e a C. tá sempre sem celular, porque eles tiram, porque ela ainda faz muito rolo com celular.

16. E qual é o impacto na tua vida, ser avó?

BR1: Eu só achei assim, quer ver, é muita responsabilidade. Eu pensei que assim, que bom criei filhos não sei que, não não. Todo o processo da vida deles, eu até vejo outras avós, mas acho que é do temperamento da pessoa. Por exemplo, ano passado, quando o T. fez vestibular e tava se preparando eu não conseguia, eu dizia: “T., mas tu não vais fazer cursinho?” “Não, vó, eu estudo por videoconferência as aulas e escutava” “Mas sem cursinho, T?” “Vó, eu não preciso”. E eu achava que meu Deus... “Te inscrevesse nessa?” “ Não vó, só vou fazer na UFSC”, minha nossa senhora! Então a gente se preocupa.

17. E tem algum impacto na tua saúde, a relação com os netos?

BR1: Isso eu não consegui notar assim. Eu fui avó cedo também, né? Eu ainda fazia tudo, eu ando de bicicleta e a C. fica andando comigo e dizendo: “eu posso ir na tua garupa? Olha, eu engordei, tu achas que ainda consegues me levar?” eu digo: “vamos ver”. Então, por enquanto eu ainda não sinto.

18. Percebes alguma diferença na relação com os netos em função da diferença de idade deles?

BR1: Vai mudando, né? A relação vai mudando. Quando eles eram pequenos eu me cansava muito fisicamente, né? Era aquilo de correr atrás e preocupada, tipo aqui, ali tem uma piscina, a gente cercou enquanto eram pequenos, enquanto não sabiam nadar, era uma preocupação grande, né? Hoje a preocupação é outra. Tipo, eu me acordo de noite e olho, o T. não está, vou atrás, logo mando uma coisa e por sorte, até hoje, ele logo responde. Tipo, primeiro do ano, eu me acordei às seis da manhã, fui ver, ele não tava no quarto, daí eu disse: “oii T.” e ele logo disse: “oii vó”, daí eu: “tais aonde?” e ele: “tentando pegar um uber e não tem”, ele tava na Praia Brava. Daí eu disse: “espera que eu vou te buscar”. Perguntei onde e ele disse: “onde tu me deixasse”. Daí deu tudo certinho. Com ele, eu não tive nunca assim, claro que fico preocupada, mas hoje ele tá bem mais centrado. Mas já teve uma época de adolescência, não foi nem ano passado, no outro ano, que ele pedia pra trazer os amigos aí a noite e eu achava que eles bebiam horrores, daí eu ficava apavorada: “olha só T., não pode, não é só pra beber, por que vocês não fazem outra coisa?” Com eles é mais assim,

porque elas ainda não estão saindo, por enquanto é só mais festa de 15 anos, aniversário, coisa assim... ainda não entraram na “night”.

19. E quais são os ganhos da relação com os netos?

BR1: Meu Deus, né? Os ganhos são inúmeros. O principal é a reciclagem em tudo, até nas palavras, no vocabulário que eles usam. E em tudo, porque como eu sou assim de falar, de falar o que eu penso e pode até ficar bravo, porque a vó fala mesmo assim, mas eu também escuto. Então tipo, claro que eu falo mais do T. porque ele é o mais velho, então já está tendo mais retorno, né? Tipo, se eu falo alguma coisa, se eu discuto com a E., ele diz: “tu não debes falar assim com a dinda, porque não vai adiantar, vó”, então tudo isso me faz pensar. E eu sempre agradeço a eles e digo sempre que tem que falar mesmo, que vocês estão certos, se acharem que a vó está extrapolando, tem que falar, pra ajudar, né? Assim, eu só acho bom. Eu acho que se não tivesse eles, a gente vai ficando muito fechada, né? Os netos fazem a gente abrir a cabeça, até porque o mundo deles é outro, né? Eu digo: “calma um pouco que eu tenho que digerir isso”, às vezes eu falo pra eles.

20. E existem dificuldades no relacionamento com os netos?

BR1: Uma das dificuldades que eu acho é essa mudança muito grande em tudo, né? Tipo assim, de achar que maconha é livre. É como eu digo, eu vim de uma época, que a gente sabia quem eram os maconheiros, a gente não se aproximava, né? Daí na das minhas filhas já foi outra e hoje, pra eles, maconha não faz mal nenhum, não tem problema nenhum: “não vó, não é assim, não sei quê” e eu digo: “beberam demais T.? e tinha maconha?”, ele só ri, eu sei que tinha, porque quando ele ri assim... ixiii maria. Então o que é que eu posso fazer, eu só posso conversar, dizer o que eu penso, que muitos, a gente sabe, que viveram a vida toda, que experimentam maconha e não acontece nada e tem aqueles que foram, achando que não acontecia nada e perderam a vida nisso, né? E hoje eu soube por intermédio deles, que eu nem sabia que existia isso, que já existe uma geração, que é um pouco párea assim, é tem até um nome. Eu também não sabia, mas diz que nos Estados Unidos, já tem até um nome pra essa geração, que eles não conseguiram terminar a faculdade ou alguns terminaram, mas não arranjaram emprego, ficaram assim, dependentes dos pais, já tem assim, uma turma de 40 anos, da idade das minhas filhas. E daí os pais... eles consomem drogas, eles bebem, só assim e os pais, pra não verem aquilo tudo, pagam um lugar lá pra eles ficarem. Nem sabia disso, soube disso outro dia. Eu acho uma tristeza isso. Eu fico dizendo pro T.: “T. tem que ter objetivo, objetivo na vida. Agora eu vou fazer isso, eu vou trabalhar, depois disso, eu vou querer aquilo” não pode vir assim ó, sem nada. E depois, eu vou falando com elas também, né? Assim, que estão em outra fase né. Tipo, ele tava aqui, ficou quase 10 dias, indo quase todo dia pra Praia Brava, vinha tarde e é como eu te digo,

rola tudo, embora eu sempre vou buscá-lo e ele sempre parece que está ótimo, daí lá pelas tantas, ele: “vó, não aguento mais. To louco pra voltar pro estágio” eu: “graças a Deus”. Daí que eu falei do objetivo, ninguém se satisfaz com isso. Por isso que eles têm depressão, que tem os guris novo com depressão, mas isso, né? Uma vida assim, não sei como que alguém pode achar que isso é bom.

21. Agora é uma sequência de perguntas mais sobre a história da família. Conhecestes teus avós?

BR1: Sim

22. E como era tua relação com eles?

BR1: Eu adorava. Já era de arrumar a sacolinha naquele tempo. Eu tive um maior relacionamento com os pais da minha mãe, porque eles duraram mais, né? O meu pai era o mais moço na casa dele, então a minha vó quando faleceu, o meu avô por parte de pai eu não conheci e a minha avó eu tinha sete anos, mas eu me lembro dela, ela ficou na nossa casa quando ela ficou doente, que eu esquentava a mão dela, eu tinha a mão sempre quentinha e ela tinha a mão gelada, assim, né? Eu ia lá, me sentava do lado da cama pra esquentar a mão da vó. E as minhas tias por parte de pai, eram ótimas, divertidas, assim. Então eu tive sempre e uma delas era minha madrinha e hoje são todos falecidos, mas eu adorava elas. Tanto de um lado, como de outro.

23. E o que percebes que mudou no relacionamento com tuas filhas depois que os netos chegaram?

BR1: Elas reclamaram muito quando os netos chegaram: “nem olhas mais pra nós, agora só queres eles”, isso eu me lembro e a gente não se dá conta também que tu queres é ver o neném, depois a criança e aquela coisa assim, né? Mas o que que mudou? Aqui mudou muito, né? Porque, eu nem sei se eu posso te dizer, se foi depois que elas casaram e que elas tiveram filhos, a maior mudança pra mim, foi depois da separação, que eu tive com elas. A E. mudou muito depois da separação e depois que teve outro relacionamento, mudou mais ainda e aquilo me assustava, não tem? Mas faz parte da vida, né?

24. E mudou alguma coisa nos conselhos que elas pediam? Por que afinal, agora elas também eram mães, né?

BR1: Ah mudou muito. É como eu tava te dizendo, enquanto os filhos eram pequenos, tudo elas me perguntavam, deixavam comigo, eu ficava, conversávamos muito e de repente, elas foram se fechando assim, pra esse tipo de coisa assim, eu senti isso, né? E muitas vezes eu questionava o que é que ta acontecendo e elas diziam: “nada mãe, tu não tens que participar de tudo da minha vida, não precisa saber de tudo”, mudou bastante.

25. E o que que achas que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR1: Mudou também, né? Tipo, eu ia muito na casa da minha avó, a minha avó, ela participava, todo mundo queria ir para a casa dela. As minhas tias, a que teve menos filhos, teve três, as outras eram cinco, assim, né? A minha mãe, seis. Então, a gente, imagina a vó, coitada, depois é que a gente entendia, né? Mas a vó era bem disciplinadora, né? Isso ela era mais do que a gente, apesar de que eu ainda sou uma avó disciplinadora, eu não sou uma vó que só passa a mão na cabecinha, até porque eles ficaram muito comigo, né? E vamos dizer, o T. quis muitas vezes morar comigo, depois que eles se separaram, mas eu sempre dizia pra ele: “não, T., porque se tu vier morar comigo, o nosso relacionamento vai mudar e não é justo isso, porque daí eu não vou ser tua avó, eu vou ter que te educar, porque ele tinha ainda 15 anos, não vai ser assim, não pode. Mas a vó ta sempre aqui”. Até ano passado, quando ele passou no vestibular, ele dizia que a minha casa era mais perto da universidade do que a dele. E eu disse: “não, sempre que tu precisares, a vó está aqui, a vó vai te buscar, pode ligar pra vó”. Eu sempre digo isso pra todos eles, que pode me ligar a qualquer hora, do dia ou da noite que eu to sempre aqui, né? Mas não vou assumir assim, né? Mas que mudou, isso é uma das coisas que eu acho, a gente participa mais de tudo assim na vida deles. E deixa eu ver o que, outra coisa, participa mais financeiramente também. Eu acho que a gente é mais assim. Eu não me lembro, de vamos dizer, assim, naquela época, o meu avô, não dava assim, dinheiro, não pagava coisa, não era assim, né? Chegava lá ele dava laranjinha, suspiro, tudo que a gente gostava, mas essa coisa assim, foi mudando, né? As minhas filhas já foi assim, um pouquinho diferente, né? Mas conosco, eles quase que tem assim, mais liberdade de pedir e a gente fica mais atenta nisso, daí fica com pena, tem mais isso, né?

26. E em que contextos sentes que as filhas e os netos precisam mais de ti?

BR1: Normalmente, é quando eles estão com problema, né? Assim, quando tá tudo bem, eu vejo, às vezes passa uma semana e ninguém me manda nada, aí eu mando: “ei, tá tudo bem com vocês? ”, daí eu penso que está tudo bem, porque ninguém falou nada. Agora quando eles têm alguma coisa eles dão um toquezinho, né?

27. Agora, falando em famílias como um todo. Qual é a função da avó dentro da família?

BR1: O que eu vejo, dos meus relacionamentos, né? É assim, a vó, mais do que os avós, as mulheres estão mais atentas pra ver se alguma coisa não anda bem e a gente sempre tenta ajudar, né? A pergunta era isso?

28. É, qual a função da avó dentro da família?

BR1: É, eu acho que a função da vó é assim, tipo, as minhas filhas se separaram, mas eu tenho o whatsapp dos dois pais no meu celular. Eu estou sempre falando com eles, assim. Porque não adiantava, eles tinham as crianças, então eu nunca cortei esse vínculo e dou graças a Deus de não ter cortado, porque só foi bom pra elas. Elas sabem, elas vão no meu celular, elas falam com eles quando precisam, através do meu celular. A gente faz esse meio de campo. O que eu vejo é que pra eles foi bom. Vamos dizer, eles não falam muito, falam muito pouco do relacionamento dos pais. Mas eu acho que é bom essa função de meio de campo, porque a minha preocupação é só com eles, né? Eu quero é vê-los bem, então muitas coisas eu tenho que contar até 50 pra não abrir a boca, né? É difícil, porque sou faladeira.

29. E tu vês diferença entre ser avó e ser mãe?

BR1: Bastante.

30. Quais?

BR1: A primeira que tem é assim, a gente quando é mãe, a gente é muito mais exigente com as crianças, a gente é mais assim, quer aquela perfeição, né? Dos filhos. Quando eu fui avó eu tinha sempre uma complacência, em vez de eu ficar irritada, se descabelava, como eu ficava com as minhas, porque a gente queria que tivesse sempre bonitinha, sempre arrumadinha e daí aquilo, tu ficavas logo assim, amorosa: “vem cá querida, deixa a vó te pentear de novo”, é completamente diferente, isso é um horror. Quando a gente se flagra assim. Como eu que emendei muito, não tive muito tempo pra questionar se vão casar, foi tudo ótimo. Desde o momento que eu soube que a L. estava grávida, nunca, nem eu nem o F. achou ruim, porque ela casou grávida, né? Então, a gente foi sempre assim, achando bom.

31. E como é que vocês gerem com as filhas/genros o cuidado dos netos?

BR1: Eu sou assim, eles me pedem, né? Quando precisam. Antigamente eram as filhas, assim. Hoje em dia sempre eles. Eles mesmos perguntam se eu posso levar. A C. acabou de me ligar pra saber se eu posso levá-la na hípica que começa não sei que dia. Mas hoje, já são elas mesmas que me perguntam.

32. Tu sentes diferenças entre as gerações na tua família?

BR1: Sempre, mas isso vai ser sempre assim, né? Por isso que eu não gosto quando dizem assim: “ah porque a nova geração, nós estamos morrendo, como é que vai ser”, eu tenho uma raiva daqueles videozinhos, que tolice, isso. O mundo não funciona assim. As novas gerações sempre assustaram as velhas gerações, porque sempre o jovem vê o mundo diferente e que bom que eles têm essa impetuosidade que velho não tem. Eu, Deus que me livre que eu fosse uma velha só pensando no mal, no perigo, na coisa assim, né? Então eu digo que isso é uma palhaçada, uma tolice. Existem diferenças e sempre vão existir.

33. Agora vamos a algumas perguntas sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha pode trazer pra família?

BR1: Depende, né, do envelhecimento. Tipo assim quer ver, a gente, envelhecer é horrível. Não vem com essa, que é bom, porque não é. Primeiro assim, o rosto, a gente já se assusta. Eu me lembro, de manhã quando eu me acordava e pensava “que velha que eu tô”, mas é o de menos eu acho. Pior eu acho é as outras limitações né? É como eu te digo, eu, até agora, graças a Deus eu não tive uma doença, uma coisa assim, mas nós tivemos o F. que teve bastante. Então eu acho que muda todo o ritmo da família e afeta todo mundo, se for então, essas doenças degenerativas de coisa, vai ser pior ainda, né?

34. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR1: Isso, olha, eu tive a mãe que ficou bastante tempo assim, tudo, eu acho, eu tenho assim, muita pena. Eu não queria ficar assim muito tempo. Enquanto tu estás bem, fazendo tudo, é ótimo, viver e tudo, mas ter limitações, muitas limitações, depender dos outros, eu acho uma tristeza, Deus me defenda. Porque eu me lembro assim, a minha mãe ficou cadeirante os últimos três anos, então ela não fazia absolutamente nada sozinha. Ela precisava de gente o tempo inteiro. A mãe assim, tudo ela ficava esperando, esperando por nós, pelas cuidadoras. E acho que os membros da família, cada um responde de uma maneira, nós éramos em cinco, porque o meu irmão mais velho já tinha falecido quando a mãe ficou bem ruinzinha assim, né? Mas tinha um por exemplo, que nunca ia lá, mas não adianta. Nós nunca tivemos nenhum atrito entre nós, cada um ia, nunca cobrava, mas eu brincava com a mãe dizendo: “que bom que a senhora teve bastante filho, né?” e isso independe de homem e de mulher, porque o meu irmão mais moço foi excelente nesse final da mãe. E olha que a mãe quando ganhou o M. eu tinha 15 anos e a gente achava que ela nem devia ter, não tem? E ele foi assim, tudo de bom que podia ter acontecido pra mãe, o melhor filho que ela teve, depois assim, né? Na velhice, ele foi tudo, por mais que nós fizéssemos, nós nunca fizemos o que ele fez e além de tudo, ela confiava plenamente nele, porque ele tinha feito odonto, então ele via os remédios e resolvia os problemas dela.

35. E nesse processo, o que vocês aprenderam sobre o envelhecimento?

BR1: Eu aprendi que tem que ter muita paciência, aceitação. A mãe, por exemplo, ela nunca reclamava de ninguém, sabe assim? De quem ia, de quem não ia, quem ia mais, quem ia menos, nada, nada, nada. E antes ela não era assim não, ela foi brava conosco assim, tudo, mas com a idade ela foi ficando assim, dócil.

36. Agora vamos para as últimas perguntas. Tu já te sentiste sobrecarregada no papel de avó?

BR1: Eu já me senti sobrecarregada, isso com certeza. Mas não sei se no papel de avó. É que às vezes junta muito, tipo aqui, quando elas estão de férias e querem ainda trazer gente de fora. Porque ele (o marido) reclama de barulho, porque tem duas, ela já estão sempre berrando, ali na piscina é aquele alvoroço e daí eu fico escutando ele e elas e aquilo me tira um pouco do prumo, né? Por isso quando elas tão eu quase não saio, porque eu não posso deixar com ele sozinho. Porque qualquer coisinha, mesmo entre elas, se elas brigam, eu já chamo, converso e acalma. Mas eu mesma, até às vezes, me dá vontade de rir e eu acho que tudo faz parte, mas como eu tenho esse agravante e tenho que ficar assim, contornando, daí me cansa um pouco.

37. Tu sentes falta de tempo para as tuas atividades pessoais em função do cuidado com os netos?

BR1: Não, nenhum, porque eu não funciono assim. Elas já sabem que tem que me avisar com antecedência e eu detesto que eles me pedem alguma coisa que eu não posso fazer, não tem? Mas eu nunca deixo de fazer as minhas coisas, assim, por causa deles. A não ser que fosse um caso crítico, né? Já me atrasei, já deixei por causa de doença, daí sim. A minha prioridade sempre foi a família, porque eu não fico feliz se eles não estiverem bem, né?

38. E gostaria de acrescentar alguma coisa sobre o que conversamos e acabamos não falando?

BR1: Não, acho que é isso. Só gostei muito de ti.

Entrevistada brasileira 2 - BR2

1. E a sua idade?

BR2: 82, né? Porque eu faço agora semana que vem, né?

2. E a sua escolaridade?

BR2: 3º grau

3. E o estado civil?

BR2: Casada

4. Com quem você mora?

BR2: Com meu marido, só

5. Quantos filhos?

BR2: Tive três filhos

6. E a idade deles?

BR2: 55, 53 e 44

7. E quantos netos?

BR2: Dois netos

8. E a idade deles?

BR2: 15 e 11

9. Então tá, vamos começar a entrevista. O que é ser avó para ti?

BR2: Pra mim? Avó é a coisa mais gostosa que tem, porque você pode amar muito, pode cuidar muito, mas não tem a responsabilidade que tem uma mãe, né?

10. E como tu te sentes no papel de avó?

BR2: Me sinto plena, adoro ser avó. Adoro estar com meus netos, sinto muitas saudades da menina, porque eu não vejo tanto. Embora ela more aqui, mas eu não vejo muito, porque ela mora na Lagoa e é muito mais difícil para eu ver lá de Coqueiros (bairros muito distantes), né? E a M. já mora perto de mim, então ele tá sempre ali. Ele eu levo na escola, ponho na escola.

11. Pensando no teu neto mais novo, como é a tua relação com ele?

BR2: Ah é muito boa, nós somos muito amigos, temos muito segredos. Ele tem segredos que ele diz assim: “vó, não conta pra ninguém”, só que ele já contou pra meia dúzia, “não conta pra minha mãe”, mas ele já contou pra mãe dele. Mas eu não conto, daí eu descubro que ele já contou pra mãe dele, daí eu abro o jogo, ué? Mas ele é muito, muito, amiguinho meu.

12. E qual a tua frequência de contato com ele?

BR2: Como ele? Diário

13. E o que vocês fazem juntos?

BR2: Normalmente, olha, de manhã eu levo nas atividades que ele tem. Ele faz taekwondo, ele faz futsal e faz inglês. Eu levo em tudo. E a tarde, eu levo no colégio as 13h e depois apanho as 17h30. Todos os dias.

14. E fora estas obrigações, o que mais vocês fazem juntos?

BR2: Ah, faz os deveres de casa com ele. Explico assim, algumas coisas do colégio que ele não entendeu, porque a M. é enfermeira, né? E ela trabalha muito, assim, horário extra, então tem coisa que ela diz que não lembra mais, eu lembro, mas ela diz que não lembra mais. Aí eu tenho mais paciência, explico as coisas pra ele, conto como era na minha época, como é agora.

15. E qual é o impacto que tem na tua vida, ser avó?

BR2: Ai foi muito bom, foi muito bom. Foi uma experiência, porque o filho, você ama muito o filho, mas você tem a responsabilidade de educar. E eu como avó, a minha responsabilidade de educar já é bem menor. Eu chamo atenção, assim, uma coisa na hora. Mas as coisas essenciais, quem dá a orientação, é a M. e eu sigo a orientação dela. Às vezes eu até não aceito muito, mas eu faço o que ela manda.

16. E tu sentes algum impacto na tua saúde, ser avó?

BR2: Não

17. Tu percebes alguma diferença no relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles?

BR2: Primeiro, por serem sexos diferentes. Ela tem 15 e ele tem 11. Ela eu vejo menos e ele eu vejo diariamente, mas assim, de conversar, a gente conversa muito. Eu converso muito com a R., até por telefone. Às vezes eu ligo pra ela e falo: “oi R. a vó ta com saudade”, “ah eu também tava”, eu digo: “mentirosa... tu não telefona pra vó, então tu não tava sentindo saudade”, “eu tava sim, vó, eu tava, sim”, mas ela é muito amorosinha, assim, sabe?

18. E quais os ganhos que tu tens da tua relação com teus netos?

BR2: Ai é muita felicidade junta, muita felicidade junta, muito amor junto, né? E eu tenho uma preocupação de deixar uma lembrança boa. Eu me preocupo assim, o dia que eu morrer, eu quero que eles lembrem coisas boas minhas, porque às vezes você dá uma bola fora e deixa uma situação ruim, né? Eu tenho assim uma preocupação em deixar sempre uma lembrança boa.

19. E existem dificuldades no relacionamento com os netos?

BR2: Não, porque eu sou muito aberta. As coisas assim essenciais, por exemplo, coisas de sexo, se me perguntarem, eu abro o jogo, claro com devidas palavras, de acordo com a idade, mas é numa boa. Como eu fiz com os meus filhos, nunca tive limites, assim, pudores, não, sempre foi numa boa.

20. Agora um pouco mais sobre a história da tua família. Conhecestes os teus avós?

BR2: A minha avó, mãe da minha mãe.

21. E como era o teu relacionamento com ela?

BR2: A minha avó, ela é hoje, ela não chegou na idade que eu tenho hoje, mas ela era uma vovozinha, uma velhinha, que a gente cuidava, que ficava naquela cadeirinha e a gente levava tudo na mão, porque ela era uma vovozinha. É muito diferente hoje em dia. As avós que eu conheço, inclusive.

22. E o que tu percebes que mudou no relacionamento com teus filhos depois que os netos chegaram?

BR2: Com os filhos? Talvez o M. tenha ficado meio ciumento, porque é o único de quem eu não tenho neto. E aí às vezes ele fala assim: “ah tu paparica muito o neto”.

23. E com os que tem filhos, mudou alguma coisa no relacionamento?

BR2: Não, a gente se dá muito bem, muito bem.

24. O que tu achas que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR2: Ah muito. Os avós de antigamente, primeiro, eram vovozinha, né? Tu dava tudo na mão, era tudo assim, até a dieta era assim, em termos, porque a minha avó não queria comer as coisas de vovó, mas queria comer as coisas boas. Mas, era assim, diferente, era, como é que a gente diz, cuidado, a gente tinha cuidado em dar as coisas na mão, a gente tinha cuidado dela andar. A minha vó morreu com 70 e poucos anos, eu to com 82 e eu dava as coisas na mãozinha dela, a comida assim, já ia partidinha, porque eu tinha medo de ela se engasgar. E tu vê que hoje em dia é ao contrário, eu parto pra ele comer, com medo de ele se engasgar, né?

25. E em que situações tu sentes que os teus filhos e netos precisam mais de ti?

BR2: Bom, eu tive várias fases. Por exemplo, o M., mais velho ele se acidentou e teve um acidente sério, grave, então eu me entreguei inteira pra ele e os outros dois filhos ficavam assim, pelo telefone, não é? Eu mandando as coisas pelo telefone. Depois, a M. é diferente, embora eu tenha abertura com ela, mas é diferente, porque é menina, é mais novinha. Ela, eu digo pro pessoal, eu sou a confidente dela, ela me conta as coisas todas, coisas que ela faz, o que ela não faz, o que que eu acho, o que que eu não acho. Cada época é uma época, né? E o M.A. é o do meio, mas é o que eu tenho um relacionamento assim, mais aberto, de eu contar as minhas tristezas, sabe? Não é bem assim, não é tristeza, às vezes é mágoa, que

eu fico magoada, mas eu não quero contar, pra não bater um com o outro, mas com o M.A. eu me abro muito. Às vezes até eu não especifico a coisa, mas eu conto pra ele que eu to triste, é o que eu me abro mais.

26. E hoje em dia, tu sentes que tem algum momento específico que eles precisam mais de ti, que eles recorrem mais a ti?

BR2: Recorrer, é... lá em casa o M. recorre pra eu ajudar alguma coisa, mas ele me ajuda muito também, sabe? É uma parceria boa. Assim, tipo, vai no banco, pega coisa pra mim ou pego coisa pra ele, transfiro. A parte externa é muito do M. E a M. é muito assim, afetiva, eu fico com o filho dela e a gente fica muito junto, porque ela inclusive mora perto.

27. Agora pensando em avós como um todo, não necessariamente só em ti. Qual a função da avó dentro da família?

BR2: Unir. A união da família, eu acho que a vó é essencial, porque como a gente é mais velho, já tem mais experiência, a gente procura não esticar muito as coisas, o problema, você tenta passar assim de leve e não deixar que aquilo cresça. Eu acho que é mais assim.

28. E há diferenças entre ser avó e ser mãe?

BR2: Há sim.

29. Quais são?

BR2: Ah porque, foi o que eu falei. A avó você não tem tanta obrigação de educar, né? Você paparica muito, você dá muito chamego. E mãe, embora desse muito chamego, tem horas que a gente não pode, tem coisas que eu tinha pena de não deixar, mas não deixava, porque não tava correto.

30. E como é que tu geres juntos com filhos/filhas/genros/noras o cuidado dos netos?

BR2: Por exemplo, com a M., eu tenho que apanhar e levar pra tudo, porque ela ta trabalhando. Trabalha de 7h as 14h e já está combinado tudo. E qualquer coisa que haja diferente, a última palavra é dela, sempre. É o que eu te falei, às vezes eu nem concordo, mas a última palavra é dela, porque a mãe é ela. Eu não ultrapasso meu limite, eu acho que a vó tem um limite, mas é a mãe que determina o perfil dela, da criança, né?

31. E tu sentes diferenças entre as gerações na tua família?

BR2: Ah sim... até do filho mais velho para o neto.

32. E quais são essas diferenças?

BR2: Por exemplo, o M. por exemplo, embora lá em casa não teve muito essas coisas não. Mas eu vejo assim, nos meus relacionamentos, nas minhas amizades assim, muito pudor em falar determinadas coisas com os filhos, que eu não tenho com netos, mas eu também não tive com os filhos. Sempre falei muito aberto, sem, como é que a gente diz, sem colocar muito frio.

33. E agora, um pouco mais sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha traz para a família?

BR2: Pra família? Pra família... eles tem certos cuidados que eles não teriam comigo mais nova. Eu vejo por exemplo, o M. que tem 55, o cuidado dele comigo é grande, tem preocupação, que eu me machuque, sabe? E já a M., talvez até porque profissional, ela é enfermeira, já leva as coisas mais no conhecido.

34. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR2: Que as coisas acabam. As coisas acabam, então não adianta a pessoa criar grandes problemas, a pessoa, sonhar demais. Sonhar é bom, mas não demais, a pessoa viver fora da realidade é horrível e eu acho que o envelhecimento é isso, você sabe, que um dia, você vai parar. Embora, tanta gente para cedo, né? Mas um dia, você vai parar. E a minha preocupação é essa que eu te falei, é deixar boas lembranças, é deixar bons exemplos, pra que depois, eles mais tarde, digam: “olha, a vó falava assim”, entendeu? Eu gosto disso.

35. E tu já te sentiste sobrecarregada no papel de avó?

BR2: Não. Às vezes eu me sinto assim, mais cansada ao fim do dia. Mas sobrecarregada, dizendo que não estou aguentando, que é muito trabalho, não.

36. E tu sentes falta de tempo para realizar as tuas atividades pessoais em função do cuidado com os netos?

BR2: Não. Eu abro mão de tudo, qualquer coisa que seja necessidade deles e dos filhos, eu abro mão.

37. E tu gostarias de acrescentar algo sobre o que conversamos e talvez não tenhamos falado?

BR2: Primeiro, que foi uma delícia e segundo, que é muito bom você expor a sua opinião, porque às vezes, fosse passa uma coisa diferente do que você é.

Entrevistada brasileira 3 - BR3

1. E a sua idade?

BR3: 82

2. E a sua escolaridade?

BR3: Como é que se diz... o básico, na época a gente estudava assim, só o básico

3. Seu estado civil?

BR3: Casada

4. Com quem a senhora mora?

BR3: Com meu esposo

5. Quantos filhos a senhora tem?

BR3: Cinco filhos

6. E qual a idade deles?

BR3: 60, 59, 58, 55 e 52

7. E quantos netos?

BR3: Nove netos

8. E qual a idade deles?

BR3: Sete meninas e dois meninos. Então, a mais velha é a L. e tem 35, depois o P. tem 29 e é irmão de L., a C. tem 29, depois tem o M. que é irmão da C. que tem 27, depois a B. que é irmã de L. e P e tem 25, que agora já se formou médica e depois tem a M.A. que fez 15 anos ontem, que hoje faz dois anos que ela perdeu a mãe e depois da M.A. tem a N., ela tem 14 anos, depois tem a V. que é irmã da M.A. que tem 12 anos e tem a D. que é irmã da N. que tem 11 anos. Esses são todos os netos.

9. Agora vamos para as questões da entrevista. O que é ser avó para a senhora?

BR3: Ah é muito bom. A gente é a segunda mãe, sem muito compromisso, né? É só naquelas horas vagas. A L. sim, que foi a primeira neta, por seis anos, então essa a gente paparicou bastante, morava perto, a gente tinha mais tempo, era mais jovem. E os outros depois, a gente foi convivendo muito com os netos, bastante. E agora mesmo, a gente fica um tempo aqui um tempo em Bento (cidade de origem) e aqui nós temos as duas meninas que moram em Camboriú, que são filhas do C. e a C. e o M., então temos quatro netos aqui e cinco lá. Então, a gente convive muito com os netos, bastante.

10. E como é que a senhora se sente neste papel de avó?

BR3: Ah me sinto bem, eu me sinto bem. Me dou bem com eles todos, com as mães das crianças também, né? A gente se dá bem. Eu falo para o MA. assim, pai da C., que ele é o meu genro favorito, só tenho um.

11. E como é a sua relação com seus netos?

BR3: É bem boa.

12. E com as pequenas, as menores?

BR3: Também. Agora são tudo umas mocinhas. Bem, as duas mais jovens tiveram aqui agora, sábado, meu Deus elas estão passando a gente em altura, eu e o vô já estamos os baixinhos da família.

13. E qual é a frequência de contato com os netos?

BR3: Depende, né? Depende muito. Quando eles eram pequenos, tudo bem, a gente vivia muito juntos e nos fins de semana a gente reunia muito a família, a gente tinha a chácara com piscina, com quiosque, sempre fazia muitas reuniões de finais de semana. Todos os aniversários a gente se reunia, festas de fim de ano, Natal, tudo. Agora dividiu um pouco, né? Mas a gente sempre se encontra bastante, porque agora a gente teve aqui para as festas, então teve os que vieram aqui no Natal, faltou dois.

14. Quando vocês estão na cidade de vocês, qual a frequência de contato com os netos lá? É semanal, é diário...

BR3: Não, diário já não é mais não. Nós moramos sozinho eu e o meu marido e eles trabalham, estudam, então já não é mais diário. Mas fim de semana, o contato é bem frequente.

15. E o que a senhora faz com seus netos?

BR3: A essas alturas a gente convive, conversa. Uma vez sim, a gente levava ao médico, dentista, viajava com eles pequenos, até pra Europa a gente foi com eles pequenos. Porque as mães, professoras, né? Trabalhavam, e a gente andava com os netos para cima e para baixo.

16. E qual é o impacto que tem na sua vida ser avó?

BR3: Ah é muito bom. Eu sempre tive assim, uma vida muito caseira, né? Criei cinco filhos, nunca trabalhei fora e assim, depois vieram os netos, então aquela convivência familiar sempre igual, sempre contínua, né?

17. E a senhora sente algum impacto na sua saúde, o fato de ser avó?

BR3: Não, eu me sinto muito bem. Eu to agora ultimamente com um problema no joelho, né? Mas por enquanto to levando, não posso me queixar, não posso me queixar da saúde. Eu faço exercício, eu caminho. Eu mantenho isso aqui organizado, só vem uma faxineira uma vez por mês.

18. E a senhora percebe alguma diferença no relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles?

BR3: Não, é tudo muito natural. A de 35 anos, ela não casou, nem quer casar, ela tem uma vida assim, mais liberal, ela viaja muito. O pai construiu uma casa e ela no mesmo terreno do pai, ela construiu uma casa pra ela, ela mora sozinha e aqui na Brava ela tem um apartamento e ela vem seguido e fica ali, com as amigas e tal, ela já é bem independente, né? O rapazinho casou, que é irmão dela, nós estamos esperando o bisneto, mas eles estão muito ocupados, trabalham demais os dois. Por enquanto eu acho melhor eles não se botarem com esta tarefa, porque filho não é brincadeira. Eu digo pra esse meu filho mais novo que não tem filhos, “o dia que vocês tiverem filhos, quem tem que cuidar dos filhos são vocês, aquela liberdade toda de viajar, ela acaba”, eles estão sempre viajando, pra cima e pra baixo.

19. E quais os ganhos que a senhora tem do relacionamento com seus netos?

BR3: Eu acho assim, que a gente tendo relação assim com os netos, jovens, que nem as duas pequenas que vieram aqui sábado, a gente tem muito mais saúde, mais vivência, vitalidade. Se não, a gente se fecha muito, né? Vem aqui, a gente conversa, brinca, vai pro shopping, acaba comprando uns presentinhos, né?

20. E a senhora sente alguma dificuldade no relacionamento com os netos?

BR3: Nenhuma. Nenhum deles, são todos assim bem normais.

21. Agora a gente vai falar um pouco mais sobre a história da família. A senhora conheceu seus avós?

BR3: Sim, todos. Não assim, a minha mãe não tinha mãe, ela tinha madrasta, com 10 anos ela perdeu a mãe, então essa minha avó eu não conheci, mas a madrasta sim, né? E os meus avós por parte de pai faleceram bem idosos e a gente morava próximo, então nós tivemos assim, muito contato.

22. E como era a sua relação com eles?

BR3: Era muito boa, eles tinham assim um quintal muito grande, bastante frutas e nós éramos em oito irmãos e a gente gostava muito de ir lá brincar na casa do vô, era muito divertido, muito bom.

23. A senhora percebe que mudou alguma coisa no relacionamento com os filhos depois que os netos chegaram?

24. BR3: Eu acho que não, porque sempre frequentaram a nossa casa. Eles ficam mais responsáveis, né? Eu vejo o mais novo (que não tem filhos) é muito liberal, ele não tem essa responsabilidade de ter um filho, né? Que tem que dar atenção, um filho é tudo, te dá muito trabalho, então ele não tem isso. Eu digo pra ele que ta fazendo falta.

25. E o que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR3: Os de antigamente eram mais fechados, não davam espaço, eram muito severos, é o que eu achava, muito severos. Hoje não, hoje a vó e o pai é a mesma coisa, né? Quase não se faz diferença, é mais liberal.

26. E em que contextos a senhora percebe que seus filhos e netos precisam mais da senhora?

BR3: Agora, essas que perderam a mãe faz dois anos hoje, ela tinha 47 anos, meu filho está dando toda atenção para as meninas. Então, esse filho que ta precisando de mais atenção hoje. E os outros, o mais velho já tem os filhos formados, trabalhando, a menina mais nova já é médica, ta fazendo plantão toda hora, porque agora ela vai fazer residência, o filho casou, ta independente, trabalha junto com o pai na empresa e essa, a mais velha, também trabalha junto com o pai na empresa. É uma vida normal que eles levam, todos os meus filhos. Assim, a gente não tem problemas.

27. E pensando nas famílias em geral, qual é a função da vó dentro das famílias?

BR3: Bom, o que eu vejo nas minhas amigas, elas se ocupam muito com os netos, porque as filhas trabalham, as netas trabalham, elas não podem ter liberdade pra elas. Eu não acho certo isso. Uma vez não era assim, porque as mães geralmente não trabalhavam fora, eram poucas, né, que trabalhavam fora. Hoje, todas as mães trabalham e daí as avós que tem que assumir os netos, aí elas não conseguem sair com as amigas pra ir para um chá, porque tem o neto, não pode ir pra academia, não pode ir pra piscina, essas coisas. Eu acho errado, eu acho errado que a vó assuma o lugar da mãe e tem mais, o filho precisa dos pais. E assim, eu vejo, leva a criança pra creche cedo de manhã, aí no fim do dia pega a criança e leva pra casa, dá banho e bota dormir e no dia seguinte, tira da cama e leva pra creche. A criança não convive com a mãe. Tem muitas ali da família que fazem isso. Ou então, é a vó que leva pra escola, fica com a criança. E eu acho errado isso aí.

28. E no modo geral, o que a senhora acha que é o papel da vó?

BR3: A vó tem que conviver com os netos, tratar eles bem, tratar eles com carinho, mas só. Nada de ter aquela responsabilidade de todo dia o neto vai lá na casa da vó, que faz tudo pelo neto. Tá errado. Eu, cuidei dos meus filhos, eles todos estudaram, se formaram, cada um tem sua profissão, não me arrependo.

29. E a senhora sente diferenças entre ser avó e ser mãe?

BR3: Sim, a mãe é muito mais responsabilidade. Filho a gente tem que educar, cuidar dele muito. Neto não, neto é pra gente passar aquelas horinhas com ele, né? É diferente.

30. E como a senhora gere com filhos/filhas/genros/noras o cuidado aos netos?

BR3: Uma coisa, assim, eu tinha quatro noras, agora tenho três, mas eu não entrava em atrito com elas por causa das crianças. Por que tem aquelas avós que querem impor e não pode, tem que deixar a mãe. Se precisa dizer alguma coisa, a gente diz, agora querer, que seja feito da maneira como a vó acha que ta certo, não pode. Eu nunca tive uma discussão com uma nora, por causa das crianças, não. A gente via assim, coisas erradas, mas a gente ficava quieta, porque daí tu coloca briga entre o casal. Eu nunca tive briga com nenhuma nora, mas eu também não me meto na vida delas, não consigo me meter nem na vida da minha filha.

31. E a senhora sente diferenças entre as gerações na sua família?

BR3: Ah os jovens são diferentes. Muita. Os meus filhos eram obedientes, o meu marido era severo, eu era mais branda, mas do pai eles tinham medo e aí o que o pai dizia era lei, né? Hoje em dia a rapaziada, eles estão muito liberais. Eles bebem, eles viram à noite. Lá em casa tinha hora pra chegar. Eu lembro quando ele comprou as motos para os dois guris, um tinha 14 e o outro tinha 15, as nove horas da noite, a moto tinha que estar na garagem. Tinha que obedecer e nada de dirigir sem carteira, hoje se vê muitos acidentes, né? Jovens que não tem carteira e os pais deixam dirigir, meu marido não deixava. Ele era severo, ele mandava mesmo nos filhos e não eram poucos. Aí a menina ele protegia, né? Porque era assim, dois mais velhos e os dois mais jovens e ela no meio.

32. Agora umas questões mais sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha traz para a família?

BR3: Eu acho que até uma pessoa mais idosa que tem saúde tudo bem, a convivência é a mesma, não traz problema. O pior é quando o idoso começa a ficar doente, tem necessidades, geralmente, os filhos não têm tempo para cuidar de um idoso. Eles contratam, como eu tenho amigas minhas viúvas, elas têm cuidadoras. Então pra família, o idoso se tem saúde é muito bom. Então o idoso tem que ficar em casa, os filhos trabalham, o idoso

fica sozinho, até tem gente que ta em dois, que nem nós, então tudo bem. Nós temos 61 anos de casados.

33. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR3: Aí é que ta. Eu não sei a gente tem visto assim, que muitos não dão atenção para os pais. Os pais ficam velhos, ficam doentes, ficam lá sozinhos, tem uns que não dão atenção para os pais. Não sei porquê. Será que elas não foram bem tratadas? Porque elas têm que retribuir o tratamento que elas receberam, porque o filho dá trabalho para os pais e gasto, né? Então, o mínimo, o filho tinha que dar o retorno para o pai quando o pai precisa, né? Mas não é o que a gente vê. Tem aqueles pais que tem dificuldades de comprar os remédios, a gente vê muito isso, eu tenho visto na farmácia.

34. A senhora acha que as pessoas têm dificuldade de lidar com o envelhecimento nas famílias?

BR3: Eu acho que sim, que não pensam seriamente sobre isso. Principalmente o filho que não trata bem o pai, ele só pensa em dividir os bens quando o pai morrer. Ele não pensa que ele também vai ficar idoso e que ele também vai precisar. Eu acho que o idoso não está sendo bem cuidado.

35. Agora vamos para as últimas perguntas. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

BR3: Já. Assim, cansada e ter aquele neto lá e ter que dar atenção, que não quer dormir. Já me senti sim.

36. A senhora sente falta de ter tempo para as suas atividades em função do cuidado aos netos?

BR3: Já faz tempo que a gente não tem isso, porque os netos cresceram. A gente se ocupou mais foi dos mais velhos, até porque a gente era jovem, né?

37. E a senhora já sentiu essa falta de tempo para as suas atividades?

BR3: Teve sim, principalmente a L. que foi a primeira, ela ficou bastante comigo. E a mãe dela era professora, tinha as atividades dela. Agora a mãe se aposentou, ta sozinha, porque a L. já não está mais em casa faz tempo, o P. casou, foi morar na casa dele e a B. que fez medicina, se formou na metade do ano, já ta fora de casa, aí a mãe ficou sozinha.

38. E pra terminar, a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre a nossa conversa que talvez não tenhamos falado?

BR3: Eu noto, que tem avós que nem dão bola para os netos. Eu tinha uma amiga que falava que não queria que falassem que ela era avó, eu achava aquilo o fim do mundo. Mas tem, tem aquelas que não querem que chamem elas de avó. O que é que adianta? Tu vai esconder o quê? Eu com 46 anos eu era avó, eu achava o máximo.

Entrevistada brasileira 4 - BR4

1. A sua idade?

BR4: 74

2. A sua escolaridade?

BR4: Nível superior

3. O seu estado civil?

BR4: Casada

4. Com quem a senhora mora?

BR4: Marido, agora só com o marido

5. E quantos filhos a senhora tem?

BR4: Tive três. O mais velho eu perdi com 23 anos

6. E qual a idade dos seus filhos?

BR4: O mais velho estaria com 48, o segundo ta com 46 e a menina ta com 43

7. E quantos netos a senhora tem?

BR4: Três netos, três netas

8. E qual é a idade delas?

BR4: 15, 13 e 4

9. Agora vamos começar a entrevista. O que que é ser avó para a senhora?

BR4: Olha, pra mim foi a maior surpresa do mundo, foi a melhor coisa que eu tive na minha vida. Sensação melhor ainda do que quando tive filho. Porque filho você tem a situação, tem que ver o futuro deles e neto a gente só tem amor, carinho. Agora, chega uma hora que a gente perde tudo, né? Aí você tem que estar muito preparada, porque se não, você cai num vazio demais, né? Porque elas chegam numa idade em que elas querem a vida delas, então a gente tem que estar preparada e a gente sempre se prepara pra isso.

10. E como a senhora se sente neste papel de avó?

BR4: Muito bem. Só estou sentindo muita tristeza agora, ultimamente, porque as duas mais velhas agora, como entrou, sai e a pequena é que fica. Mas a pequena, eu tive mais velha e tudo, a mais velha eu tive com 59, né? Então é diferente. Essa eu tive com 70. A situação já não é a mesma, a gente já ta cansada, os ossos já estão perdidos, então é diferente, mas é muito gostoso. E sinto falta de quando elas eram pequenas, aí essa, a menor, eu nunca troquei uma fralda, as mais velhas, bem dizer, criei, né? Eu sinto falta disso, muita falta.

11. Como é a sua relação com as suas netas?

BR4: Olha, as minhas duas mais velhas, foram assim quase que mãe e filho. Porque elas ficaram, o pai saiu de casa cedo, a pequena tinha um mês, tinha saído da maternidade e aí, bem dizer, foram criadas por mim e pelo meu marido. Essa, a minha filha faz elas almoçarem uma vez por semana lá em casa, exige delas, né? Continua a mesma coisa. Sinto que o amor é a mesma coisa, porque elas também não tiveram a outra vó, a outra vó não deu atenção, entendesse? Na hora em que elas precisavam, uma com dois e a outro com um mês, precisavam um pouco mais de atenção da outra vó e a outra avó não deu atenção. Então, foi tudo pra nós. Agora, eu to um pouco mais descansada, mas também enciumada, não vou dizer que não to, porque to, porque agora, eles estão querendo elas. Com essa pequena é diferente, eu nunca dei uma mamadeira, nunca troquei uma fralda, nunca fiquei só com ela, só com a babá junto. Mas ela chega lá em casa chamando: “vovó, vovó, vovó”. É louca pelo meu marido, é louca pelo avô, entendesse? Mas o avô tem um pouco mais de saúde do que eu, por isso que eu sinto que ela gosta mais, porque ele se abaixa, senta com ela no chão, essas coisas e eu já não faço. Mas a gente sempre se deu muito bem, graças a Deus. Antigamente elas me pediam muita coisa, né? Hoje é gozado, hoje elas não pedem nada, eu quero dar e a mais velha fica dizendo que não, que não estão precisando e eu digo que eu quero dar, porque sempre dei. Então a gente sente que elas querem, mas que talvez não queiram incomodar, não sei, ou a mãe também proibiu, para o pai na reclamar, por causa da pensão, aquelas coisas todas. Mas é gostoso, muito gostoso.

12. E qual a frequência de contato com as netas? É diariamente, semanalmente...

BR4: Não, em casa é semanalmente, de certeza. Depois assim, por exemplo, a mais velha quando tem aula particular de inglês, ela tem lá em casa, porque é um rapaz novo e a minha filha trabalha, a empregada sai e ela não deixa sozinha ela, então ela vai lá para casa. Então tem mais duas tardes que ela vai lá em casa. E a gente leva muito, ta chovendo, vai buscar no colégio, vai levar no colégio. A pequena também. A pequena, de certeza, terça feira vai lá

em casa e almoça e depois o meu marido leva. Temos assim, o contato, já foi bem mais, mas agora ainda está bom.

13. E o que a senhora faz com as suas netas?

BR4: As mais velhas eu sempre conversei muito, por causa da situação delas, porque eu não queria que elas viessem a ter um trauma diferente, né? Porque foi um negócio assim, muito pesado, muito difícil pra mãe delas. A mãe trabalhando, trabalhava como estagiária num escritório e aí ficou aqueles rolos, mas depois elas foram crescendo e foram aceitando aquela situação, né? Dos pais separados, aí eu comecei a soltar. Mas a gente conversava muito, muito, muito. Elas tinham dias que chegavam lá em casa, porque elas iam muito lá em casa, elas tinham um quarto delas lá na minha casa, né? Então ela chegava lá e diziam: “ai vovó eu to com uma coisa assim, eu to diferente, mas eu não to doente, vó” aí explique o que era ansiedade, já ta crescendo, ta ficando uma mocinha, expliquei pra ela as coisas. Aí eu virei e disse assim: “quer um abraço da vovó? Abraço de vó é tão bom, que a vó sente tanta falta do da avó dela” daí ela virou e disse: “então tu me dá um abraço?”. Aí eu dei um abraço bem apertado nela, então ela já chegava lá em casa e já pedia aquele abraço aí eu já dava o abraço nela, né? A pequena já foi mais retraída, a de 13 anos, foi mais retraída, né? E essa pequena é a gozação pra gente, porque ela fala feito gente grande, ela quer saber de tudo, ela conversa, conversa demais até, ela é super inteligente. É uma criança muito manhosa, porque é filha de pais velhos, o pai teve com 46 e a mãe teve com 39, mas a mãe tinha tido mais dois e o pai era a primeira vez que casava e a primeira vez que tinha filho. Mas assim, ela fala demais a danada e assim, muito querida, mas dá umas renas, umas coisas, mas não é culpa dela. Um dia desses eu até chamei a atenção da minha filha, não devia ter chamado, mas chamei. Não gosto de me meter na educação dos filhos, mas eu disse pra ela: “minha filha, se tem que dar umas trancadas, não pode dizer tudo sim, porque isso é ruim pra ela, não é pra ti, isso é pra ela”, aí ela assim: “ah tu criasse o teus filhos, deixa que eu crio as minhas”. Aí eu peguei e pensei que não devia ter me metido, mas eu fico com pena da criança, porque quem vai sofrer é a criança, não é ela. As outras duas, a mais velha eu fiz muito as vontades pra ela, porque era a primeira neta, mas chegou uma hora que eu senti que eu não podia tomar aquela atitude que eu tava tomando, né? Porque ela já tava se acostumando com o pai e a situação. Então, a pequena é uma criança muito alegre, alegre muito a gente, então a gente diz que ela veio, pra alegrar a gente. Porque já tava as outras duas já grandes, cada um com sua vida, né? Veio para alegrar, eu digo que é a boneca da gente e ainda é muito lindinha a danada, aquele olho azul, aquele cabelo escorrido.

14. Qual o impacto que tem na sua vida ser avó?

BR4: Quando eu fui avó a primeira vez?

15. Ou hoje, qual o impacto que tem na sua vida ser avó?

BR4: Ah é muito bom. Nem sei te dizer, é uma coisa assim que, tem dias que eu to em casa, meia chateada, porque sinto a falta delas. Sinto falta delas, a gente sente uma tristeza quando não ta perto delas, uma coisa diferente, entendesse? Eu consigo levar a vida, eu cuido muito de não me abalar. Porque eu tive duas depressões feias. Quando eu perdi o meu filho, que eu tinha 49 anos, mas eu consegui sair daquela depressão, porque eu tinha dois adolescentes em casa. Aí depois, no ano seguinte que o meu filho morreu, a minha filha começou a namorar com o pai das duas, então, foi uma pessoa que entrou e era da mesma idade do meu filho, só que um era carreira de direito e o outro era piloto, o meu filho era piloto. Aí, foi assim que eu fui controlando. Depois, eu comecei a sentir que eu tava assim, triste, triste e comecei a pensar que eu tava me dedicando só a essas crianças, aí comecei a me preocupar comigo. Comecei já quando ela tava grávida da primeira, porque eu fiz um quarto lá em casa, fiz um quarto de bebê, foi até quando eu comecei a entrar no artesanato, na pintura, essa coisa toda. E realmente ela usou e depois a outra usou e agora essa não usou, porque eu não ia ter mais ninguém né?

16. E qual o impacto que tem na sua saúde, ser avó?

BR4: Eu não sei, eu acho que eu caí muito. Eu caí, porque primeiro, quando ficava com elas eu me dedicava de corpo e alma, não fazia nada da minha vida. Trabalhava no centro espírita, eu parei de trabalhar, eu ajudava duas instituições, eu parei de ajudar, porque eu queria me dedicar a elas, como elas não tinham o pai pra dar atenção, eu queria parece, substituir o pai, entendesse? Aí aconteceu que eu acabei caindo, porque acabei largando tudo que era pra mim. Até hoje, só faço coisas do meu artesanato, três vezes por semana eu faço meu artesanato. Eu não saio de casa, tu não vê eu saindo de casa, não vê eu em shopping que eu detesto, moro a uma quadra do shopping e detesto shopping. Então, assim, eu sosseguei a minha vida. E ano passado me apareceu um câncer no seio, quer dizer, que aconteceu, mas isso é coisa que acontece, mas graças a Deus ele já foi embora, já ta longe, não quero saber dele.

17. A senhora percebe alguma diferença no relacionamento com as netas em função da diferença de idade delas?

BR4: Das três? Sim. Noto assim, as duas mais velhas, se brigam, assim como qualquer criança briga, né? Mas são amigas ao extremo, de contar segredo uma pra outra, de fechar a porta e ninguém pode entrar, porque elas estão conversando, de não contar os segredos uma da outra. Então, assim, quando essa pequena nasceu, até um ano atrás, que a mais velha entrou bem na fase da adolescência, faz um ano, um ano e pouco que elas, essa aqui é vidrada por elas é doida, né? E elas também por ela. Mas agora elas estão assim, enciumadas

e acabam brigando muito com essa pequena, mas porquê? Porque elas são moças e essa é criança, então ela quer porque quer, por exemplo, jogar baralho, elas ganham, ela quer ganhar.

18. E a senhora percebe que a sua relação com elas também é diferente por causa da diferença de idade?

BR4: Não sei, porque com a idade dessa aqui, eu tinha mais contato com as duas, porque bem dizer, moravam comigo. Foram situações diferentes. Agora essa, tem dias que ela chega irritada, jogando tudo, fazendo tudo. Mas sempre tem os impactos, porque as outras eu fui avó pela primeira vez, a primeira porque foi a primeira e a segunda porque ela tinha saído de uma meningite e quando saiu da maternidade, com 29 dias, uma sexta-feira, no sábado ele pediu a separação. Então aquilo tudo, fez com que eu me dedicasse aquela, entendesse? Eu me dediquei aquela por isso.

19. E quais os ganhos a senhora tem da sua relação com as suas netas?

BR4: Ah eu aprendi muito. Aprendi, aprendi bastante e estou aprendendo hoje com elas muita coisa. Por exemplo, quando apareceu o meu câncer, eu tava ainda na cozinha, conversando com a mais velha e expliquei e conversei com ela. Quando foi sair o resultado, ela disse: “vó não vai ser nada, vó tu és boa demais, vó, tu não briga com ninguém, eu nunca vi tu brigar com ninguém, vó. Tu te dá bem com todo mundo, tu só gosta de dar para os pobres, tu não gosta de gente rica, vó”. Quando eu recebi o resultado, por incrível que pareça, foi a primeira pessoa que eu liguei, dizendo que o resultado era negativo, que ia tirar o seio todo. Já a pequena ficou meio assustada, mas eu disse que não era nada, porque ela já era mais infantil. A gente aprende muita coisa. A mocidade hoje é toda diferente, então pra mim, é tudo diferente. Porque a mãe delas, foi começar a sair de casa, com quase 15 anos, ela foi arrumar o primeiro namorado, com 19, que é o pai delas. Por exemplo no meu tempo, andava a turminha de meninas, a turminha de meninos, se tinha paquera, era na turma ali. Mas de ter cinco meninas e um rapaz, pra mim aquilo foi estranho. Eu levei um susto. Depois assim, as meninas irem passar a tarde na casa de um rapaz, um rapaz, pra quatro, cinco meninas. Aquilo tudo foi me chocando, eu não tava preparada para aquilo. Mas a mãe delas não, a mãe delas os rapazes iam lá em casa, os rapazes vivam aqui na praia, mas elas não. Hoje é tudo mais esquisito, por exemplo, almoçar fora de casa, hoje em dia elas não almoçam mais em casa. Porque a minha filha trabalha no tribunal e lá o horário é das 12h as 19h.

20. E especialmente com essa pequena, o que a senhora ganha da sua relação com ela?

BR4: Só gracinhas, é uma beleza. Até as renas dela é gracinha, faz rena eu acho graça eu saio, vou lá pro quarto. Ela é muito gozada. Pra tu ter uma ideia, na turma dela do colégio ela inventou a ficha de lanche.

21. E existem dificuldades no seu relacionamento com as suas netas?

BR4: Não, nenhuma. Até hoje, na fase perigosa eu sei relevar um pouco às vezes, porque eu não quero perde-las.

22. Agora vamos falar um pouco mais sobre a história da família. A senhora conheceu seus avós?

BR4: Por parte de pai eu só conheci meu avô, que foi muito presente apesar de morar no RJ com a filha dele que era viúva e ele também era viúvo, que eu não conheci a minha avó, ele vinha todo ano. Passava uma semana, dez dias com a gente, porque ele não tinha casa, então ficava na casa dos filhos, então convivi muito bem. Os avós de parte materna, a mesma coisa, só que foi ao contrário, o meu avô eu não conheci. Agora a minha avó, foi maravilhosa.

23. Como era então a sua relação com eles?

BR4: Ah a minha avó era maravilhosa. Eu saía do colégio e já perguntava se podia almoçar na casa dela. A minha avó era assim, era minha guardiã. Eu era muito moleca, depois eu tive um irmão com quatro anos de diferença. A minha mãe fez uma saia toda de prega, colégio de freira e fez bem funda as pregas pra não dar trabalho de passar. E eu ia andar de rolimã, rasgava a saia, aí eu passava a tarde na minha avó pra minha vó arrumar a saia. E ela, cada vez que ia passar a saia, a minha mãe reclamava que a saia tava dando trabalho, mas eu não falava nada, né?

24. E o que senhora percebe que mudou no relacionamento com a sua filha depois que as netas chegaram?

BR4: Ai a minha filha teve uma fase na adolescência meia chata, que ela era rabugenta, mas ela obedecia. Eu digo que a mais velha é a cópia dela piorada, porque é sem educação. Ela diz que tinham medo, eu digo que ela tinha era respeito. Os meus filhos eram mais obedientes. A educação era a mesma, mas ela, eu sentia assim, quando casou com o pai das meninas, ela deu uma guinada, uma piorada assim que, ele cortou todas as amizades de infância dela. Depois que ela separou dele, foi assim, uma guinada tão grande, porque ela ficou assim muito retraída, muito pra ela, para as filhas assim, entendesse? Também não tinha tempo pra nada, porque trabalhava, tinha as duas pra dar conta e ainda as encrencas do outro. Agora, depois que ela casou com esse, ela deu uma mudada (a neta pequena interrompe).

25. E no seu relacionamento com ela, a senhora sente que mudou alguma coisa depois que as netas chegaram?

BR4: Não, nada, nada, nada. Agora com essa, não sei se é por causa da minha idade, das doenças que vão aparecendo é artrite, artrite nos pés e tudo e aquelas coisinhas, então lá tá mais assim preocupada, preocupada comigo. Então assim, sábado e domingo eu não tenho empregada e sábado vem todo mundo almoçar, porque eu exijo, é uma coisa assim, que eu até peço para eles. Então ela quer que eu arrume alguém pra me ajudar nesses dias, porque diz que eu não tenho mais condições.

(a conversa é interrompida)

26. E o que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR4: Ah avó eu tenho assim muito pouca convivência, porque o meu pai era da justiça e de três em três anos, a gente mudava de comarca, então, já ficava longe da vó. Mas assim, a minha mãe como avó foi completamente diferente. Porque dos meus três filhos, ela só teve um neto, ela só queria aquele neto. Ela era vidrada por ele, nunca fez a metade para a gente.

(a senhora levanta para servir um refrigerante)

27. Em que contextos/situações a senhora percebe que os filhos e as netas precisam mais da senhora?

BR4: O meu filho não tem filhos ainda, tá casado há dois anos, também é o meu solteirão, casou velho já, acho que esse ano, mais pra frente eles vão arrumar um.

28. E a senhora sente que eles precisam mais da senhora quando? Ou as meninas também?

BR4: As meninas, as duas mais velhas precisaram de mim pra tudo, pra educação, só não precisaram financeiramente, porque ela trabalhava e tinha a pensão do pai, né? Mas aí, eu ajudava em tudo. Essa pequena, a única coisa que ela precisa de mim é para a mãe ir viajar. E assim, às vezes ela não pode buscar no colégio, daí ela me telefona, essas coisas assim. Financeiramente eu não posso ajudar em nada, porque o pai faz linha internacional e traz tudo de fora pra ela, então financeiramente essa daqui não precisa. Também a educação é diferente, completamente diferente da minha, não quero me meter, me meti uma vez e recebi uma resposta, né? Então não quero, né?

29. E pensando em todas as avós, na sua opinião, qual a função da avó dentro da família?

BR4: Eu assim, eu acho, eu pessoalmente, a gente em primeiro lugar, eu sempre dizia, no dia em que eu casar, que eu tiver filhos, eu vou ficar com os meus netos, todos eles iguais e vou fazer o que os meus não tiveram. Mas aí que aconteceu, que a L. veio e eu gamei tanto por ela, eu vi que eu dei mais pra ela do que para os outros. Dei tudo. Eu acho que a maioria dos avós erram, eu sinto conversando com as pessoas, que não era aquilo que a gente devia fazer.

30. E o que que a senhora acha então que devia ser a função da avó dentro da família?

BR4: Eu acho que devia ser, ajudar mais no modo de não atrapalhar e a gente sem querer atrapalha. Coisa que não faz em casa, faz na casa da gente, entendesse? Quando a L. nasceu e veio da cidade dela para Florianópolis, ela tinha quase um ano quando foi a primeira vez, eu desmontei a minha sala no apartamento, que é muito grande a minha sala, desmontei a sala, encostei os móveis tudo, coloquei um escorregador, que ainda tem ali na piscina, botei uma piscina de bolinhas, botei um monte de brinquedos e ficou um *playground* na minha sala.

31. A senhora quer dizer então, que os avós fazem muito?

BR4: Isso, fazem muito. E tem umas que não fazem nada e não participam de nada. A minha casa é assim ó (ela aponta para a sala cheia de brinquedos da neta).

32. E a senhora sente diferenças entre ser avó e ser mãe?

BR4: Não, pra mim eu comparo os dois. Só que pra mim eu sempre tive uma certa mágoa, apesar de que não era pra ter, que a minha mãe passava os dois para trás por causa do mais velho.

33. Como a senhora gerencia com a sua filha e genros o cuidado das netas? Como vocês se organizam?

BR4: Deixa eu pegar meu telefone para eu te mostrar (ela mostra a mensagem da filha detalhando o roteiro das suas viagens para a mãe saber)

34. E com as netas, como vocês organizam?

BR4: A gente já sabe quando vão viajar e ela me coloca tudo para eu me organizar.

35. E a senhora sente diferenças entre as gerações na família?

BR4: Sim. É uma coisa de doido.

36. Quais são as diferenças?

BR4: Tu queres que eu diga a verdade? Tudo. Nunca vi uma coisa tão difícil de se comparar. Os meus filhos, quer dizer, a minha filha teve a filha com 26 anos, o meu segundo não teve filhos, o meu primeiro não teve, porque morreu com 23. Então eu vejo assim, não são gerações tão longe e já ta tão difícil.

37. E com as netas?

BR4: Já ta diferente também. Já está começando a ficar bem diferente. Eu to começando a apanhar.

38. Agora são as últimas questões, um pouco mais sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha traz para a família?

BR4: Os exemplos que se dá, os exemplos são muito importantes. Eu digo que todo dia que você põe o pé fora da cama você aprende, é uma escola. (o telefone da senhora toca)

39. E o que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR4: Ai para o corpo é péssimo. Eu ainda não consegui aprender, eu não aceito, entendesse? Ele (o marido) já aceita, quando ele acha que não dá pra fazer uma coisa, ele não faz. Eu se não faço, porque eles dizem que não posso fazer, eu sinto que estou velha, que não precisam mais de mim e acho assim que eu to ficando inútil. Eu tenho um problema sério, porque eu não aceito a minha idade, eu tenho um temperamento muito jovem. Eu convivo melhor com o jovem do que com o velho. Só que hoje eu sinto dificuldade de fazer muitas coisas. Então a L. já não quer tanto que vá buscar e levar no colégio.

40. Para terminar. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

BR4: Sobrecarregada gostosa, um sobrecarregado bom. Já senti assim, correr para um lado, correr para o outro, tinha dias que pegar três em lugar diferente, mas aí quando acaba tudo, eu me sinto realizada, porque eu consegui fazer aquilo.

41. A senhora sente falta de ter tempo para realizar as suas atividades em função do cuidado com as netas?

BR4: Não, eu simplesmente, os dias das minhas atividades de artesanato, eu faço de tudo pra não deixar de ir, de jeito nenhum. Se eu puder, nada me tira desses três dias. Só um caso de muita necessidade. As outras coisas eu não faço muita questão.

42. E a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre esse assunto que conversamos e que talvez não tenhamos falado?

BR4: Não, foi tudo que eu esperava mesmo. Eu conheço vó que vai dizer que não quer ser vó, eu não, eu amo ser vó. Então eu não perco por ser vó.

Entrevistada brasileira 5 - BR5

1. E qual a sua idade?

BR5: 74 anos

2. E qual sua escolaridade?

BR5: Hoje em dia mudou tanto... eu tenho o normalista

3. Qual seu estado civil?

BR5: Casada

4. Com quem a senhora mora?

BR5: Com o meu marido

5. Quantos filhos têm?

BR5: Três

6. E qual a idade deles?

BR5: 48, 45 e 37

7. E quantos netos?

BR5: Cinco

8. E qual a idade deles?

BR5: Uma juvenzinha que acabou de fazer 18 anos essa semana, outro de 14 anos e depois tenho mais um neto de cinco anos e dois outros de três anos. Que não são gêmeos, mas tem a mesma idade, com diferença de um mês.

9. Agora vamos para a entrevista em si. O que que é ser avó para você?

BR5: Ah é até difícil de responder, porque acho que ser mãe é uma coisa muito especial, né? Em termos de responsabilidade. Acho que ser avó é isso tudo com mais um pouco, porque é uma delícia, né? A gente tem as responsabilidades que não são as de pais, né? De ter que educar, também não se pode “deseducar”, mas acrescenta muito na vida da gente. Principalmente nós, eu, que já sou uma avó mais idosa, né? E principalmente esses pequenos é uma renovação, porque os outros dois mais velhos a gente já curti toda aquela parte da primeira infância, que a gente era mais jovem também, claro que com outra vitalidade e disposição para as correrias, mas estarmos agora com esses pequenos, pra gente é uma coisa muito boa, nos renova, rejuvenesce, né?

10. E como é que tu te sentes neste papel de avó?

BR5: Ah eu me sinto um pouco responsável, um pouco metida, porque eu sou um pouco de vó às antigas, mas antes de tudo eu me sinto mais recompensada do que em termos de me sentir responsável. E gosto demais de ficar com eles e muitas vezes meus filhos perguntam: “ah mãe, dia tal tens compromisso?”, “ah porque?”, “ah não, não tenho”; às vezes eu até tenho, mas eu me sinto muito agraciada, sabe? E muito grata também pela confiança que eles têm de deixá-los conosco, né? E a gente sente assim que é uma alegria também para as crianças, isso é muito bom.

11. Agora centrando-se um pouco mais nos menores. Como é a tua relação com eles?

BR5: Olha, eu acho que é uma relação muito mais afetiva do que aquela coisa da responsabilidade, né? Em que pesa eles ficarem comigo muitas vezes nos fins de semana e a gente sente que eles se sentem muito bem com a gente e é fácil também. Porque eu penso e vejo agora que a gente está juntos na temporada de praia, que eles com os pais, eles são mais abusados, vamos dizer assim e com a gente não. A gente fala e eles acatam logo de cara e são bem companheirinhos, são delicados, assim, é uma coisa muito gostosa. Ainda hoje de manhã eu tava vendo o pequeno de três anos, acordou antes de todo mundo e ele vai direto no meu quarto. Aí ele fica comigo na cama, conversamos, tal. Aí fui para a cozinha fazer o café e ele: “posso ajudar você?”, aí ele fica, a gente dá uma coisinha pra ele fazer. “Quero sentar do lado da vovó”, então é aquela coisa que é muito gratificante, né?

12. E qual a frequência de contato com os netos? Semanalmente, diariamente...

BR5: Semanalmente é sempre e tem semanas que tem até mais, né? A minha nora trabalha fora, às vezes ela precisa fazer alguma coisa e eles já vem do colégio, às vezes eu mesma vou buscar no colégio, eu adoro isso, ir buscá-los, porque eles já sabem que a gente vai e aí eles já dizem pra tia: “ah hoje a vovó vem me pegar”, então quando chega é aquela festa. Eu adoro. E, mas semanalmente é sempre, os três menores estão sempre com a gente. Ou então mais nesses períodos em que a gente precisa buscar mais no colégio ou levar também.

13. E o que tu fazes com os teus netos?

BR5: Quando eles comigo as minhas tarefas praticamente ficam esquecidas, né? Eu faço o necessário, claro, em termos da alimentação, do lanchinho, do botar pra dormir, que eles ainda tem aquele horário do jardim, né? Então almoçam mais cedo, geralmente antes da gente, 11 horas, 11 e meia, depois tem a soneca da tarde e quando acordam, aí já é hora do outro lanche. Aí vamos brincar, vamos caminhar, eles adoram brincar na rua. O bairro que eu moro é um bairro bem tranquilo, então a gente vai passear na rua, de bicicletinha ou de

carrinho ou brinca mesmo em casa, né? Sentamos no chão, isso que é parte difícil, quando eles dizem: “vovó, senta no chão”, sentar é bom, é fácil sentar, mas pra levantar às vezes custa um pouquinho mais. Mas tudo isso é diversão, né? A gente ri.

14. E qual o impacto que tem na sua vida ser avó?

BR5: Bom, tem esse impacto da alegria, que é uma coisa muito gostosa, muito boa, né? De tê-los conosco e quando eles estão conosco, tem também de a gente sentir o peso da idade. Eu comento com meu marido: “é tão bom quando eles vêm aqui, mas quando eles vão, a gente ta acabado”, porque realmente, eles têm uma energia. A minha casa tem escada, né? No centro, onde a gente mora e eu tenho um sótão onde eles adoram brincar naquele sótão, os pais deles já brincavam ali, montavam barraca, então eles adoram brincar lá que tem um espaço grande, né? “Vovó, vamos subir no sótão”, aí a gente sobe, daqui a pouco: “vovó, quero descer pra buscar o carrinho”, “vamos descer”, então dá sempre um cansaço um pouco maior, mas sempre é muito bom.

15. E qual o impacto na tua saúde?

BR5: Eu até diria que na minha saúde é uma coisa bem benéfica, porque eu acho que a alegria e essas coisas, é uma coisa muito boa, né? E só esse lance do cansaço a mais.

16. E tu percebes alguma diferença no relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles?

BR5: Bom, o que aconteceu no caso da minha neta mais velha, quando chegou a C. (a menor), de três anos, que é do nosso filho do meio, né? Inclusive, essa menina é adotiva, porque eles não tiveram filhos em 16 anos de casados e chegou pra eles há três anos atrás a C. que é uma bênção muito grande. Então, essa mais velha, na época, disse: “puxa, agora não sou a única mulher”, porque todos os outros são meninos, são três meninos e duas meninas agora. Aí eu disse: “não, mas você sempre vai ser a minha primeira neta. Você teve a sua vovó só para você durante 15 anos, né?”. Então, ela não tem ciúmes, só fez esse comentário. (pede para retomar a pergunta). Não, é claro que os adolescentes já têm um tratamento mais adulto, mas em termos de afeto, não. A princípio quando a gente soube da chegada da C. eu fiquei meio temerosa, me questionando como seria, porque a gente tinha os dois pequenos, né? Inclusive o B. é da idade dela, tem um mês só de diferença. Me questionava como seria, porque a gente não viu o desenvolvimento dela, ela chegou para a gente com seis meses, né? Mas nossa, não, foi amor à primeira vista. Tanto entre nós, avós, como os outros tios também.

17. E quais são os ganhos da tua relação com teus netos?

BR5: Ah os ganhos é justamente isso. Acho que, eu penso até que, em termos de projetos, né? Da gente de longevidade, de querer até viver mais para vê-los e para acompanhar o crescimento, né? Meu marido também é um avô bem babão assim, é bem gostoso isso. Pra nós foi bom, muito bom.

18. E existem dificuldades no relacionamento com os netos?

BR5: Não. Eles são assim, como é que a gente diz, são umas doçuras, né? Porque são muito queridos e essa coisa da troca, né? O dando que se recebe. A gente dá aquilo que a gente pode, de atenção, de acolhimento, mas a gente recebe muito também, né?

19. Agora vamos falar um pouco sobre a história da família. Tu conhecestes os teus avós?

BR5: Só a minha avó paterna.

20. E como era o teu relacionamento com ela?

BR5: Não era muito próximo, porque eu a conheci, claro eu a conheci antes, mas não tenho a lembrança clara e viva. Porque quando eu nasci, com seis meses o meu pai foi transferido para morar em Joinville, então a gente foi morar lá e eu voltei só com sete anos e meio. Nesse ínterim, nós viemos a Florianópolis algumas vezes, mas eu me lembro muito raramente. Me lembro dos encontros com os primos na casa da vó, geralmente era, mas é uma vaga lembrança. Então eu comecei a ter mais contato com ela a partir dos sete anos e meio, né? Que eu adorava ir para a casa da vó. Ela morava ali perto da igreja São Luiz, né? Então eu via o mar, então o mar eu só conheci com sete anos e meio praticamente, né? Então eu adorava ir lá, pra brincar ali na prainha, tal. A vovó era até uma pessoa bem querida, bem carinhosa, ela até morou conosco, nos últimos tempos dela, ela acabou falecendo ela tava na nossa casa, morando conosco, porque ela só tinha o meu pai de filho e um outro filho que tinha mais filhos, como eu sou filha única, daí ela morava com a gente, né? E ela era uma pessoa bem querida também. Só que aquela avó mais antiga, né? Também na época ela já era uma pessoa com a saúde bastante debilitada, então não tinha essa coisa da criança, né?

21. E o que percebes que mudou no teu relacionamento com os teus filhos depois que os netos chegaram?

BR5: Com os meus filhos... ah sei lá, acho que a gente fica um pouco mais babão, fica mais amolecida, né? A gente sempre se deu bem, assim também, com os filhos, né? Mas a presença deles talvez não fosse estar até tão constante do que agora. Porque, claro, eles eram casados e sem filhos e tinham muito mais a vida social, de viajar, de passear, então eu acho que o fato de ter as crianças, aproximou muito mais, a família como um todo.

22. E o que que tu achas que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR5: Pois então, deixa eu pensar. Eu acho, a princípio, que eu ainda sou uma avó meio antiga, sou uma avó conservadora em algumas coisas, mas eu acho que os avós hoje, eles são muito mais abertos, né? Em que pesa eu ser uma avó mais idosa, a gente já vê umas avós de 50 anos, né? Eu vejo a sogra do meu filho, esse mais novo, que é um filho temporão, ela tem 60 anos, então ela é assim mais criativa, até porque ela também trabalha nessa parte de criança né? Então ela é muito mais criativa nas brincadeiras. Eu ainda sou aquelas brincadeiras mais antigas, brinco com as coisas que eles têm. Ela não, ela inventa brinquedos. Eu adoro aquilo de olhar. Então eu acho que as avós de hoje, elas são mais presentes e muito mais, em termos de idade, elas são mais molecas, vamos dizer assim, mais aproximadas do modo de uma criança viver, né?

23. E em que contextos/situações tu sentes que teus filhos e netos precisam mais de ti?

BR5: No caso, no momento em que os filhos precisam cuidar das suas coisas e, porque hoje em dia também, a maioria das mães trabalham fora, né? As minhas duas noras trabalham, a minha filha também trabalha, então nesses momentos em que haja a necessidade de existir alguém para suprir essa presença. Eu fico bem feliz de eles recorrerem a gente, porque eles podiam muito bem ter uma babá, mas as minhas noras elas trabalham geralmente meio período, as duas, e elas fazem questão desse outro período de dar atenção as crianças. Mas no momento que elas precisam, eu sempre me coloco muito à disposição também, e elas recorrem a mim. Eu mesmo me ofereço, até por causa desse corre corre, eu digo logo: “oh, vocês quando quiserem, vocês tem que sair para dar uma namorada também, deixem as crianças comigo, ou qualquer coisa, se vocês preferirem, eu durmo na casa de vocês ou vou e saio a hora que vocês chegarem, pra vocês terem um tempo para vocês, né?” Então eu acho que a gente tem que ter essa consciência de se colocar à disposição pra eles terem uma vida deles também, mais privada, né? Porque com criança é sempre mais complicadinho. Então eu acho que nesse contexto. Graças a Deus por outros motivos de doença, não.

24. Agora pensando em avós como um todo. Qual a função da vó dentro da família?

BR5: Ah eu sempre acho que a avó, no caso, a casa da vó, né? É sempre aquele ponto de encontro, né? Acho que é tipo do porto seguro, né? Porque qualquer coisa, eu acho que os filhos lembram, né? Da casa dos pais e por conseguinte, da vó. Eu acho que a gente observa bastante, inclusive em famílias conhecidas, né? Que quando deixa de existir essa presença

da vó, parece que alguma coisa se perde, alguma coisa muito importante, né? Que eu acho que é esse elo maior de união, de afeto, de confiança, muitas vezes até que eles têm, né? Nas diversas situações, né?

25. E há diferenças entre ser avó e ser mãe?

BR5: Há, com certeza.

26. Quais são as diferenças?

BR5: A gente quando é mãe, a gente tem aquela grande preocupação de não errar, né, na educação. A responsabilidade do educar, que não é fácil, porque ninguém tem uma receita, né? Não vem com receita. Então eu acho que a grande diferença é essa. E quando você é avó, até hoje eu tava conversando com meu neto, que ele fez uma coisa errada, e ele ficou e disse: “agora vovó, o que que você vai fazer?” “a vovó não vai fazer nada, só vai dizer pra você, que você não deveria ter feito, porque se você fosse filhinho da vovó, a vovó ia colocar você no cantinho da disciplina, mas como você não é filhinho, você é só netinho da vovó”. Aí então, tem isso, né? A gente é muito mais afeto do que aquela pessoa que cobra, que quer educar. Se bem que eu acho que nós temos também essa responsabilidade de educar. Eu gosto muito de conversar com os meus netos, embora eles sejam pequenos e é muito gostoso a gente ver que eles ficam ávidos pra saber das coisas. Eu acho que isso é também um ato de educar, de esclarecer as coisas, né? Eu gosto muito de conversar com eles sobre as coisas da vida.

27. E como tu geres com filhos/filhas/genros/noras o cuidado dos netos? Como se organizam?

BR5: Geralmente, quando eles estão conosco, né, eles ficam sob a nossa responsabilidade, então a gente dá as orientações. Quando a gente está na casa deles, principalmente a minha filha, que desde que casou ela mora longe, então quando a gente vai de visitas e tal, eu sempre procuro muito respeitar aquilo que eles acham o certo, muitas vezes eu converso a parte, né, com a minha filha e tal, mas é respeitando. Porque eu acho que cada família tem seu modo de viver, suas formas de pensar, de agir, de orientar, sem interferir. O resto é tudo de acordo com a necessidade deles. A gente se coloca sempre muito à disposição, porque nós somos já aposentados, não temos outros compromissos maiores, né?

28. Tu sentes diferenças entre as gerações na tua família?

BR5: Olha, sim, com certeza. Principalmente da minha mãe, né? Em relação eu com a minha mãe, eu com meus filhos e eles com os filhos deles. É claro que a gente, tudo aquilo que eu achava que não era bom pra mim, na forma da minha mãe me passar, eu procurei fazer diferente com os meus filhos. Mas sempre achando e acho que a família sempre tem que ter lance da hierarquia. Pai é pai, mãe é mãe, né? Então nunca tentei ser aquela amiga

da minha filha, eu procurei ser uma mãe-amiga, mas não amiga, porque amigo nossos filhos têm em todo lugar. Mãe é uma só. Então eu acho que esse lance de ela saber que tem uma mãe que cobra, uma mãe que muitas vezes até proíbe, é alguém que se preocupa por amor. Muitas vezes, eu sempre dizia pra eles, os erros que eu tive, a gente conversa muito, na educação foi querendo acertar, né? E nem sempre aquilo que a gente faz é o melhor. Mas sempre tenho certeza de que o que foi feito, foi feito com amor. E acho também, que a gente fazendo com amor, a gente erra menos. Então, eu percebo que a minha mãe foi muito cobradora, ainda mais eu sendo filha única, ela me prendeu bastante e esse lance da confiança, né? Mamãe sempre foi aquela pessoa mais antiga que em tudo ela via perigo, então eu sempre tive um relacionamento de confiança, de conversa aberta com os nossos filhos e eu vejo também, que hoje com os filhos fazem isso, só que hoje já é uma outra realidade, com toda essa modernidade, de internet e isso tudo, já é um pouco diferente do nosso modo de vida que a gente teve. Mas eu penso que o básico mesmo, a essência, do que é família, do que é responsabilidade, do que é compromisso de um com outro, de pai com filho, de filho com pai eu acho que isso permanece.

29. E o que tu achas que teus filhos fazem diferente com os filhos deles, em função da geração?

BR5: Uma coisa assim que eu observo e que às vezes até comento com meu marido em casa, bom é claro que tudo são gerações diferentes, épocas diferentes e até em termos financeiros é diferente, né. Meu pai tinha muito mais dificuldade financeira do que a gente hoje tem em relação aos filhos, então. Na alimentação, a gente ia pra mesa, botava a comida, era aquilo que se comia, né? O que eu vejo às vezes é os pais questionando se os filhos querem outra coisa além do que tem na mesa, existe assim muito mais, não sei se é protecionismo ou atender a criança, deixar a criança escolher, as escolhas. Eu me lembro que no meu tempo a gente na tinha escolha. Por exemplo, roupa, a mãe dava aquilo a gente vestia, o que a mãe colocou é isso que tinha. Aí hoje eu vejo a minha neta de três anos, quando ela ta comigo: “vovó eu não quero botar essa roupa, eu quero essa”, aí eu vejo, se é uma roupa adequada, tudo bem, vamos que seja frio e ela queira botar uma roupa de verão, não, né? “Não querida, essa daí não é adequada”, faço ela vestir aquele. Mas às vezes eu vejo assim que as mães são um pouco mais condescendentes, sabe? Criança não tem que escolher, a gente que sabe o que é bom. Essa é a diferença que eu vejo. Agora uma coisa muito boa que eu vejo nessa atual geração de pais e mães, é que eles são muito mais presentes na vida dos filhos, principalmente os pais, né, os homens. Os meus filhos são mais dedicados, eles participam mais, né? Desde bebê, esse meu filho menor, desde a maternidade, quem deu o banho no filho foi ele. E quando eu ia lá, que eu queria dar banho, “não, não, deixa que eu dou”.

30. Agora uma série de perguntas sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha traz para a família?

BR5: Eu acho que para os filhos traz preocupação. Que eu já sinto que eles se preocupam, né? E pra gente eu acho que é um ganho, porque quanto mais você vive, mais experiência você tem, né, então se souber usar esse conhecimento com inteligência. Muitos idosos se acomodam, eu penso diferente. Enquanto a gente puder fazer as coisas, a gente deve fazer, não deve esperar por ninguém. Se eu posso, eu faço. E eu acho que isso me dá um retorno de satisfação, porque a gente se sente capaz. Eu acho que pra mim é isso ali.

31. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR5: Para as famílias eu acha que ensina antes de tudo é a gente ter uma resiliência em relação aquele mais velho. Eu tive a minha mãe que faleceu com 95 anos, ia fazer 96, foi uma pessoa que teve Alzheimer por 20, então isso pra mim foi um aprendizado muito grande. E eu sinto que para os meus filhos também. Hoje eu vejo a minha filha, ela ta com a sogra dela inclusive na casa dela, a sogra é um pouco mais velha que eu já, fez 82 anos, e vejo assim o carinho que ela tem com a sogra, atendendo a sogra. E então eu acho que ensina eles também a ter esse acolhimento das pessoas já com umas certas deficiências, porque a gente com o envelhecimento, você não dá de si aquilo que se dá quando se é mais novo, né? Você fica muitas vezes precisando receber, muitas vezes uma atenção, muitas vezes as pessoas até precisam que façam as coisas por elas, que não é ainda o nosso caso. Mas eu percebo já no caso da minha filha, a sogra dela já é uma pessoa que precisa que façam por ela. Até a medicação tem que ser dada e tal. Então eu acho que isso ensina a gente a se doar mais, acolher mais, sabe? E eu acho que o respeito por aquele que já deu tudo de si praticamente, né, eu acho isso uma coisa legal, importante isso. E graças a Deus eu vejo que os meus filhos, no caso da nossa família assim, eles têm muito isso.

32. Vamos para as perguntas finais. Já te sentisse sobrecarregada no papel de avó?

BR5: Às vezes, muito poucas vezes, ta? Talvez até por causa desse lance de a gente já não ter a mesma agilidade nas coisas e aquela resistência física. Mas muito poucas vezes.

33. E tu sentes falta de tempo para tuas atividades pessoais em função do cuidado com os netos?

BR5: Não, acho que dá de conciliar bem.

34. E pra terminar, gostaria de acrescentar algo sobre esse assunto e que talvez não falamos?

BR5: Ah eu poderia acrescentar o seguinte, eu acho que aquelas pessoas, como eu tenho amigas que dizem: “ah não, neto, quem cuida é os filhos”, não sabem o que estão perdendo. Porque eu acho que neto na vida da gente, na velhice eu acho que é uma das bênçãos maiores que se pode ter, porque é uma alegria pra gente. Ver os netos crescerem, participar disso e vê-los como teus avós estão te vendo agora, né? Já se realizando como uma pessoa adulta, profissionalmente, então se Deus me der essa bênção, ver os meus netos assim também, né. Graças a Deus a nossa neta já fez o vestibular e só está esperando os resultados lá em Brasília. Então isso tudo é muito bom, a gente participar, né? Eu só tenho a agradecer a Deus a essa chance de ter tido os cinco, se vier mais, ótimo, estamos aí.

Entrevistada brasileira 6 - BR6

1. Qual a sua idade?

BR6: 82 anos

2. Qual a sua escolaridade?

BR6: Segundo grau

3. Qual seu estado civil?

BR6: Viúva

4. Com quem a senhora mora?

BR6: Eu moro só

5. Quantos filhos a senhora tem?

BR6: Eu tive cinco, mas uma é falecida

6. Qual a idade dos seus filhos?

BR6: Tem entre 44 e a que faleceu teria 59. 57, meu filho, 55, 56 e a de 44.

7. E quantos netos a senhora tem?

BR6: Nove

8. E qual a idade deles?

BR6: A mais velha tem 32, tenho de 30, outra neta de 30, tem de 25, 24, 18, 16, tem os pequenos de 5 e 4

9. O que é ser avó para a senhora?

BR6: Ser avó como dizem, é ser mãe duas vezes, né? Eu conheci um padre que ele dizia que ser avó é ser pais com mel, ser avó. É diferente, porque se tem menos responsabilidades.

10. E como a senhora se sente neste papel de avó?

BR6: Ah eu me sinto bem. Ele são assim, são netos bons, assim, são carinhosos comigo. Eu acho que eles também não têm queixas contra mim. Ao menos eu procuro estar sempre junto deles, né? E sempre que eu posso eu ajudo também.

11. Agora, pensando nos netos pequenos. Como é a sua relação com seus netos?

BR6: É boa, é assim, eu acho que eles são mais ligados assim ó, com os primos, com os tios, brincam mais com eles, mas a gente se relaciona bem. Eles são muito assim, de brincar, de muito atividade, agitados e eu já to mais devagar assim, sabe?

12. E o que a senhora faz com eles?

BR6: Eu brinco também com eles, mas não tanto na agitação deles, né? Agora eles estão aqui na praia, então a gente também vai pra lá, fica lá com eles. Às vezes vai à praia, às vezes fica ali, porque ali eles têm uma piscina e é casa, então tem bastante espaço, eles gostam muito de correr, de brincar.

13. Qual a frequência de contato que a senhora tem com eles? Semanalmente, diariamente...

BR6: Não é diariamente, porque eu moro no Itacorubi e eles moram no Centro, então é mais semanalmente.

14. Qual o impacto que tem na vida da senhora, ser avó?

BR6: Como eu diria, ser avó é uma coisa boa. Eu acho que, eu sempre disse, isso assim, quem faz economia de filhos, faz economia também da família. Aí tem muita gente que se lamenta, porque vive só e quem tem mais filhos e mais netos, não tem isso, né? Porque sempre tem alguém por perto, né? Sempre tem alguém por perto.

15. E qual o impacto na sua saúde?

BR6: Eu creio que não. Eu não sinto isso. Eu tenho problemas de saúde, mas eu creio que não esteja relacionado aos netos, acho que não.

16. A senhora percebe alguma diferença na relação com os netos em função da diferença de idade deles?

BR6: Os mais velhos, eu participava mais. Por exemplo, ele, que é o da minha filha que faleceu e a irmã dele que tem 32 anos, eles moravam mais comigo, então era mais frequente

assim, né? Era mais presente. E os outros já, cada um na sua casinha, eles iam muito, que era casa também, o que facilitava mais também e é assim ó, entre os mais velhos e os mais novos eu acho que eu tive mais participação com os mais velhos, né? Com esses mais novos eu também tenho, mas não tanto. Eu não sei se eles me poupam um pouco.

17. E como é a sua participação na vida dos mais novos?

BR6: Às vezes eles vão lá em casa, às vezes eu vou na casa deles, às vezes eu faço uma comidinha, né? A menina que vai fazer seis anos agora em abril, ela gosta muito de polenta e como eu sou descendente de italiano, aí às vezes eu faço, né?

18. E quais são os ganhos que a senhora tem da sua relação com seus netos?

BR6: Ah são muitos né? Imagina, se eu não tivesse netos, a vida ia ser muito monótona, né, triste, até. Eu ganho a companhia, a participação na vida deles. Alegria assim de ver quando tem as festas deles. Agora o de quatro anos fez aniversário no sábado passado, assim, a gente vê aquela alegria deles brincando, correndo, porque eles não param um segundo, né? E na escola também a gente vê. Muito gostoso, muito gostoso ver.

19. Existem dificuldades no seu relacionamento com seus netos?

BR6: Não. Cada um tem um jeito de ser, né? Porque assim, eu já tenho uma neta casada, filha do meu filho, aí eles já vão se tornando muito independentes, já tem a vida deles, mas eles ainda são próximos, eu acho assim. São bem próximos.

20. Agora a gente vai falar sobre a história da sua família. A senhora conheceu seus avós?

BR6: Conheci.

21. E como era a sua relação com eles?

BR6: Da parte do meu pai, os pais do meu pai, eles eram bem próximos. Da minha mãe, o meu avô faleceu eu era recém nascida, a minha avó faleceu, eu era adolescente. Mas os meus avós paternos, eles faleceram bem idosos assim, ele com 80 e poucos anos e ela com 100, eu acho que ela tinha 100 e moravam com os meus pais. Mas mesmo assim, antes de eles saírem, antes de eles irem morar lá com os meus pais, eles de vez em quando, visitavam, principalmente o meu avô. O meu avô era bem brincalhão com a gente, bem afetuoso. Eu tenho uma boa recordação deles.

22. E o que a senhora percebeu que mudou no seu relacionamento com os seus filhos depois que os netos chegaram?

BR6: Ah, antes eles estavam mais voltados pra mim, agora eles têm os filhos, então tem um pouco de divisão, não pode ser assim. Eles têm a obrigação de cuidar dos filhos e também responsabilidades, claro. Mas eles não deixaram de estar comigo.

23. E o que a senhora acha que mudou dos avós de antigamente para os avós de hoje?

BR6: Ah mudou, né? Ah eu assim, eu procuro assim, ser atenciosa com eles. Eu acho que os meus avós foram bons comigo, os meus pais foram bons avós com os meus filhos, com os filhos dos meus irmãos, minhas irmãs. Mas nem todos são assim, né? Nem todos.

24. E em que contextos/situações a senhora percebe que seus filhos e netos precisam mais da senhora?

BR6: Ah eu acho que precisar, precisar assim, um pouco de atenção assim, né? Eu acho que um pouco de atenção eles precisam.

25. Pensando em avós e nas famílias como um todo. Qual é a função da avó dentro da família?

BR6: É manter a família unida, né? É manter em união, em harmonia. Eu acho que isso aí compete a vó, como já não tem mais avô, então a vó tem que ser o elo.

26. A senhora vê diferenças entre ser avó e ser mãe?

BR6: Ah imagina. Ser mãe tu tens mais responsabilidade, de educar, de socorrer, de atender. Eu lembro que eu trabalhava fora o dia todo, chegava em casa ainda tinha toda atenção pra dar, orientar, fazer as lições com eles. Agora como avó não, né? Avó é mais quando precisa, ficar lá com eles, fazer companhia. Hoje, agora de noite, minha filha foi trabalhar e pediu para eu ir pra lá, então é mais de ficar de companhia com eles, né? É diferente de ficar lá cuidando, cuidando da alimentação, tudo isso.

27. Como a senhora gere com filhos/filhas/genros/noras o cuidado dos netos?

BR6: Se eles precisam, eles chamam. A minha filha principalmente, essa que tem os pequenos, aí chama pra dar uma mão, pra socorrer. Mas os grandes, assim, esse que a mãe faleceu, daí ele me procura muito, aí eu tenho que socorrer bastante. E a irmã dele também. Ela já tem 32 anos e ele tem 30, faz oito anos que a mãe faleceu, mas eles sentem muito a perda da mãe. Então, como os outros têm os pais presentes, é diferente. Mas esses dois, eles precisam bastante.

28. E a senhora sente diferenças entre as gerações dentro da sua família?

BR6: Mudou muito. Hoje em dia, os mais velhos têm uma liberdade, eles saem demais. Os mais velhos, como eu tenho netos de 23, 24 anos. Uma de 16 que é filha da minha filha que está aqui, quis ir para Austrália, né? Eles deixam. E os pequenos, os pequenos tão ali ainda, na presença dos pais. Então eu acho que tem uma diferença muito grande. Eu tenho uma filha, que a filha deles tem 18 anos e ela é mais companheira dos pais, mais presente com os pais, já a dessa aqui não. Então assim, eles não sabem muito dizer não, então até me preocupa um pouco.

29. Agora uma série de perguntas sobre o envelhecimento. O que que o fato de ficar mais velha pode trazer pra família?

BR6: Preocupação, né? Traz preocupação, porque tu vai envelhecendo e tu vai perdendo assim um pouco, embora tu não queira, tu vai perdendo forças. Não vou dizer, que ainda, graças a Deus a cabeça ta boa ainda. Eu acho que eles têm medo assim que eu perca o controle das coisas. Mas por enquanto ainda com 82, ainda ta tudo bem. O envelhecer causa um pouco de preocupação, causa sim.

30. E o que que o envelhecimento ensina para as famílias?

BR6: A ter muita paciência, né? É diferente, né? Quando a gente é jovem, quando a gente é mais nova, tem toda aquela força, disposição, que a gente faz tudo e chega um determinado momento, tu vai ser moderada, vamos dizer, pra fazer as coisas. Eu antes eu vinha pra cá, saía de manhã, eu ia na praia eu caminhava de uma ponta a outra, agora eu não tenho mais coragem de ir sozinha, né? E também não caminho tanto, vou um pouco, volto, assim. A gente perdendo, a gente vai ficando limitada, né?

31. Agora as últimas perguntas. A senhora já se sentiu sobrecarregada no papel de avó?

BR6: Sobrecarregada? Um pouco, com relação aos dois que perderam a mãe.

32. A senhora sente, ou já sentiu, falta de ter tempo para as suas atividades pessoais em função do cuidado com os netos?

BR6: Não, isso não. Isso aí quando eu preciso fazer as coisas, eu faço e muitas vezes eles também vão comigo, né? Mas eu não deixo de fazer assim, as minhas coisas por causa deles, não.

33. E para terminar, a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre esse assunto que conversamos e que talvez não tenhamos falado?

BR6: Ah eu desejo que você seja bem feliz no seu trabalho, no curso que você escolheu, na sua profissão. Vai encontrar com certeza, bastante idoso precisando.

Anexo 3 – Grelha de categorização

Tabela 17. Grelha de categorização

Categoria – Significado de ser avó		
Subcategorias	Indicadores	Unidades de sentido
Percepção do ser avó	Visão positiva	<p>PT1: “<i>eu digo muitas vezes que os nossos netos são a sobremesa da nossa vida (...) são como os nossos segundos filhos</i>”</p> <p>PT2: “<i>Ser avó é uma missão muito simpática</i>”</p> <p>PT3: “<i>Pra mim, ser avó, é tão bom tão bom que até custa descrever</i>”</p> <p>PT4: “<i>Acho que ser avó não separa ser avó de ser mãe (...) a gente tanto quer aos netos, quanto quer aos filhos</i>”</p> <p>PT5: “<i>Ai para mim é muito importante</i>”</p> <p>PT6: “<i>É bom. É bom ter netos, ter crianças pequeninas</i>”</p> <p>BR1: “<i>(...) é uma delícia ser avó</i>”</p> <p>BR2: “<i>Avó é a coisa mais gostosa que tem</i>”</p> <p>BR3: “<i>Ah é muito bom. A gente é a segunda mãe, sem muito compromisso, né?</i>”</p> <p>BR4: “<i>(...) pra mim foi a maior surpresa do mundo, foi a melhor coisa que eu tive na minha vida</i>”</p> <p>BR5: “<i>(...) ser avó é isso tudo com mais um pouco, porque é uma delícia</i>”</p> <p>BR6: “<i>Ser avó como dizem, é ser mãe duas vezes (...) avó é ser pais com mel (...) ser avó é uma coisa boa</i>”</p>
Sensações emocionais de ser avó	Bem-estar e felicidade	<p>PT1: “<i>Eu sinto-me bem</i>”</p> <p>PT2: “<i>(...) sinto-me muito bem</i>”</p> <p>PT3: “<i>Muito bem (...) eu amo muito os meus netos</i>”</p> <p>PT4: “<i>Acho que sinto-me feliz</i>”</p> <p>PT5: “<i>Sinto-me bem, sinto-me muito bem (...) adoro ser avó</i>”</p> <p>PT6: “<i>Sinto-me bem, gosto</i>”</p> <p>BR1: “<i>(...) eu me sinto bem feliz</i>”</p> <p>BR2: “<i>Me sinto plena, adoro ser avó</i>”</p> <p>BR3: “<i>me sinto bem, eu me sinto bem</i>”</p> <p>BR4: “<i>Muito bem</i>”</p> <p>BR5: “<i>(...) eu me sinto um pouco responsável, um pouco metida (...) eu me sinto mais recompensada do que em termos de me sentir responsável</i>”</p> <p>BR6: “<i>(...) eu me sinto bem</i>”</p>
	Orgulho	<p>PT3: “<i>Tem até pessoas que querem que os netos lhe chamem de tia, e eu não, gosto muito da palavra avó, porque avó é única, só há uma (...)</i>”</p> <p>BR3: “<i>Eu tinha uma amiga que falava que não queria que falassem que ela era avó, eu achava aquilo o fim do mundo (...) Eu com 46 anos eu era avó, eu achava o máximo. ”</i></p> <p>BR4: “<i>Eu conheço vó que vai dizer que não quer ser vó, eu não, eu amo ser vó</i>”</p>
	Gratidão	<p>BR1: “<i>eu só agradeço a Deus todos os dias por ter tido esses netos</i>”</p> <p>BR5: “<i>eu acho que neto na vida da gente, na velhice eu acho que é uma das bênçãos maiores que se pode ter, porque é uma alegria pra gente (...) Eu só tenho a agradecer a Deus a essa chance de ter tido os cinco, se vier mais, ótimo, estamos aí.</i>”</p>
Impactos de ser avó	Impacto positivo	<p>PT1: “<i>Eu acho que o ser avó e depois da morte do meu marido, que faleceu faz um ano, acho que me virei mais pra eles e vivo pra eles agora</i>”.</p>

		<p>PT2: “O impacto é positivo”.</p> <p>PT3: “É um impacto muito bom muito bom. Ajuda-me a realizar-me”.</p> <p>BR2: “Ai foi muito bom”</p> <p>BR3: “Ah é muito bom”</p> <p>BR5: “ (...) tem esse impacto da alegria, que é uma coisa muito gostosa, muito boa”.</p>
	Impacto no estado de ânimo e saúde mental	<p>PT1: “ (...) eu tento, não vou abaixo (...) quando ele partiu acabei por me agarrar mais a eles”.</p> <p>PT3: “Eu acho que é benéfico, é benéfico pra saúde, porque nós temos netos”.</p> <p>PT4: “ (...) quando estou mais em baixa, vou ao pé deles e eu não consigo estar triste (...) e isso faz com que eu não esteja triste, nem pense em dor, nem em depressão e nada disso. É uma relação que me faz muito bem a saúde”.</p> <p>PT5: “ (...) Tem é positivo, (...) porque uma pessoa sempre em quem pensar, tem com quem se distrair, o facto de as ter ali”.</p> <p>BR4: “(...), tem dias que eu to em casa, meia chateada, porque sinto a falta delas. Sinto falta delas, a gente sente uma tristeza quando não ta perto delas”.</p> <p>BR5: “Eu até diria que na minha saúde é uma coisa bem benéfica, porque eu acho que a alegria e essas coisas, é uma coisa muito boa”.</p>
	Sentimentos de sobrecarga e/ou cansaço no papel de avó	<p>PT1: “Um bocadinho sim, principalmente com o meu neto, que ele era muito doentinho e a minha filha tinha um trabalho. (...) portanto eu ficava com ele o dia todo”.</p> <p>PT6: “Não. Quer dizer, às vezes há dias que a pessoa tem tanto que fazer outras coisas, que sinto-me um bocado cansada”.</p> <p>BR1: Eu já me senti sobrecarregada, isso com certeza”.</p> <p>BR2: “Não. Às vezes eu me sinto assim, mais cansada ao fim do dia”.</p> <p>BR3: “Já. Assim, cansada e ter aquele neto lá e ter que dar atenção, que não quer dormir. Já me senti sim”.</p> <p>BR4: “Sobrecarregada gostosa, um sobrecarregado bom”.</p> <p>BR5: “Às vezes, muito poucas vezes”.</p> <p>BR6: “Sobrecarregada? Um pouco, com relação aos dois que perderam a mãe”.</p>
	Falta de tempo para si	<p>PT1: “Não, não. Eu consigo conciliar”.</p> <p>PT4: “Não”</p> <p>PT6: “Não, porque eu já geri as minhas coisas, não é? Já sei que só venho a academia de manhã, não venho a tarde”.</p> <p>BR3: “Teve sim (falta de tempo), principalmente a L. que foi a primeira, ela ficou bastante comigo”.</p> <p>BR5: “Não, acho que dá de conciliar bem”.</p>
	Família em primeiro lugar	<p>PT3: “Não. Ponho é, a família em primeiro, depois a academia”.</p> <p>BR2: “Não. Eu abro mão de tudo, qualquer coisa que seja necessidade deles e dos filhos, eu abro mão”.</p>
	Necessidade de tempo para si	<p>PT2: “Não não. Por isso mesmo eu lhe dizia (...) eu não ocupo muito tempo com os netos, porque acho que uma avó que se dedica a tempo inteiro aos netos, perde a sua identidade perde os seus valores (...) é muito difícil estar a toda hora com uma criança, (...) não poder sair para onde quer, não poder fazer a sua vida”.</p> <p>PT5: “Não não, por isso mesmo que eu não fico tomando conta deles todos os dias, porque tenho as minhas coisas”.</p> <p>BR1: “Não, nenhum, porque eu não funciono assim. Elas já sabem que tem que me avisar com antecedência e eu detesto que eles me pedem alguma coisa que eu não posso fazer, não tem? Mas eu nunca deixo de fazer as minhas coisas, assim, por causa deles”.</p> <p>BR4: “Não, eu simplesmente, os dias das minhas atividades de artesanato, eu faço de tudo pra não deixar de ir, de jeito nenhum”.</p>

		<i>BR6: “Não, isso não. (...) Mas eu não deixo de fazer assim, as minhas coisas por causa deles, não”.</i>
Categoria – Relação com os netos		
Subcategorias	Indicadores	Unidades de sentido
Qualidade da relação com os netos	Percepções positivas	<i>PT1: “É ótima (...), a relação é muito, é muito boa”.</i> <i>PT2: “É boa”</i> <i>PT3: “É ótima”</i> <i>PT4: “É muito boa. A minha relação com eles é muito boa”.</i> <i>PT5: “É muito boa”.</i> <i>PT6: “É uma relação normal”.</i> <i>BR1: “(...) eu meu relaciono bem com todos”.</i> <i>BR2: “Ah é muito boa”.</i> <i>BR3: “É bem boa”.</i> <i>BR4: “(...) a gente sempre se deu muito bem”</i> <i>BR5: “(...) acho que é uma relação muito mais afetiva”.</i> <i>BR6: “É boa”.</i>
Atividades que realiza com os netos	Conversar	<i>PT1: “Pego lá o colo e pronto e dialogo”</i> <i>PT3: “(...)gosto de falar de assuntos atuais com a de 18 anos”</i> <i>PT4: “Conversamos.”</i> <i>PT6: “(...)acho que conversar”</i> <i>BR2: “a gente conversa muito”</i> <i>BR3: “A essas alturas a gente convive, conversa”.</i> <i>BR4: “(...) eu sempre conversei muito”</i> <i>BR5: “Eu gosto muito de conversar com os meus netos”</i>
	Brincar/Passar/Ver televisão	<i>PT1: “E brinco, que ele gosta muito de carros. Passamos o tempo a brincar com carrinhos”</i> <i>PT1: “Jogar a bola, andar de bicicleta, também ando com ele, trotinete, a dar passeios”</i> <i>PT2: “(...)fazemos desenhos, vemos televisão, jogo os jogos que há em casa”</i> <i>PT3: “Gosto de brincar o com mais pequenino”</i> <i>PT3: “brinco (...)fazemos jogos (...)ando de gatas no chão brincar com ele, a escondemo-nos. Várias brincadeiras, brincamos muito”</i> <i>PT5: “(...)começamos por fazer jogos (...)vemos televisão no sofá”</i> <i>BR1: “(...) eu ando de bicicleta e a C. fica andando comigo”</i> <i>BR3: “(...)brinca, vai pro shopping”</i> <i>BR5: “(...)a gente vai passear na rua, de bicicletinha ou de carrinho ou brinca mesmo em casa”</i> <i>BR6: “Eu brinco também com eles (...)Às vezes vai à praia”</i>
	Atividades escolares	<i>PT2: “procuro fazer os deveres”</i> <i>BR2: “faz os deveres de casa com ele”</i>
	Contação de histórias	<i>PT1: “Conto histórias”</i> <i>PT5: “(...)ele gosta muito que eu lhe conte histórias”</i> <i>BR2: “(...)conto como era na minha época, como é agora”</i>

Frequência de contatos com os netos	Diariamente	PT1: “com este que está cá é quase todos os dias” PT2: “E com as outras duas netas tenho maior convivência, todos os dias às vou ver e elas vão a casa” PT5: “Todos os dias, todos os dias” PT6: “elas vão todos os dias almoçar” BR2: “Diário”
	Semanalmente	PT3: “Sempre de fim de semana a fim de semana e às vezes durante a semana também nos encontramos.” PT4: “Semanalmente, semanalmente há contacto.” BR1: “(...)seria uma vez por semana” BR3: “Mas fim de semana, o contato é bem frequente” BR4: “(...) em casa é semanalmente, de certeza” BR5: “Semanalmente é sempre e tem semanas que tem até mais” BR6: “(...) então é mais semanalmente”
	Com netos que vivem longe	PT2: “Com três netos tenho pouca convivência, porque eles vivem em Lisboa e eu vivo em Manteigas (...) vem passar as férias comigo” PT5: “Esses é mais nas férias. Nas férias, vem cá sempre” (netos que vivem em Lisboa) PT6: “Por ora falamos todos os sábados pelo skype, porque eles estão no estrangeiro”
Ganhos da relação com os netos	Juventude/ Atualidade/ Reciclagem	PT1: “Ganho juventude! É um regressar a minha meninice também”. PT2: “(...) ganho uma certa atualidade (...) eu também aprendo com eles” BR1: “O principal é a reciclagem em tudo, até nas palavras, no vocabulário que eles usam” BR4: “eu aprendi muito. Aprendi bastante e estou aprendendo hoje com elas muita coisa”.
	Afeto/saúde/ vitalidade	PT3: “é muito amor também da parte deles” PT4: “O que que eu era na vida, sem família, sem amigos (...)? Ganho tudo. É tudo lucro.” PT5: “ganho alegria, ganho saúde” PT6: “(...) o que eu ganho é saber que eu os tenho” BR2: “é muita felicidade junta (...) muito amor junto” BR3: “(...)a gente tem muito mais saúde, mais vivência, vitalidade” BR5: “(...) nos renova, rejuvenesce” BR6: “Eu ganho a companhia, a participação na vida deles”.
Particularidades da relação avós e netos	Cuidado, afeto e presença	PT1: “A função dos avós é estarem presentes quando os netos precisam. Dar carinho, dar amor” PT4: “A função da avó é dar carinho” PT6: “(...) a função da avó na família é tratar dos netos, ajudá-los, brincar com eles, levá-los a passear” BR2: “(...) temos muitos segredos”. BR3: “A vó tem que conviver com os netos, tratar eles bem, tratar eles com carinho, mas só”.
	Relação sem regras	PT5: “(...) a gente está mais liberta com eles, não é tudo tão certinho, tão regrado. É uma relação muito liberta”.
	Caprichos/mimos	PT2: “(...) dentro do possível faço-lhe as vontades” PT4: “(...) dar-lhe também uma férias, que eles gostam muito”. BR3: “(...) vai pro shopping, acaba comprando uns presentinhos”.

		BR4: “desmontei a minha sala no apartamento, que é muito grande (...) encostei os móveis tudo, coloquei um escorregador, (...) botei uma piscina de bolinhas, botei um monte de brinquedos e ficou um playground na minha sala”.
Relacionamento com os netos em função da diferença de idade deles	Percepção de diferenças em função da idade	PT1: “Agora é, não é?! É diferente, a diferença de idade é muito grande. Portanto, é, é diferente”. PT2: “Sim sim, a relação com os mais velhos é diferente. É diferente, aliás a conversa até tem que ser diferente, porque eles já são mais velhos. Com os mais novos enfim, a conversa é adequada e as coisas, brincadeiras são adequadas”. PT3: “Sim, é diferente. Porque com o mais pequeno não posso ter as conversas que tenho com a de 18 anos. Temos que descer a idade e depois subir a idade de 18 anos”. PT5: “Sim, é completamente diferente. As conversas que eu tenho com o meu neto de oito anos, que eu acho que já é crescidíssimo (...) O de cinco anos já é completamente diferente, eu também acho que é um bebé. O de cinco anos é um bebé. (...) Com o L., é muito pequenino, portanto, é uma relação mais maternal, é uma relação diferente”. PT6: “ (...) eles são mais pequeninos, é diferente”. BR1: “A relação vai mudando (...). Quando eles eram pequenos (...) era aquilo de correr atrás e preocupada, tipo aqui, ali tem uma piscina (...) Hoje a preocupação é outra”. BR5: “ (...) é claro que os adolescentes já têm um tratamento mais adulto, mas em termos de afeto, não”.
 Não percebe diferença	PT4: “Penso que não, que é tudo igual”. BR3: “Não, é tudo muito natural”.
Generatividade	Acompanhar o crescimento dos netos	PT1: “(...) é a continuação da nossa geração, não é?! (...) vê-los crescer também, para ter a oportunidade possibilidade de os ver ainda durante mais algum tempo” PT3: “Amar uma criança, vê-la desde que nasceu e acompanhar o seu crescimento”. BR3: “ (...) elas estão passando a gente em altura, eu e o vô já estamos os baixinhos da família”. BR5: “ (...) em termos de projetos (...) querer até viver mais para vê-los e para acompanhar o crescimento (dos netos) ”
 Deixar legados e lembranças	PT6: “Eu também as tendo lá em casa, elas também vão se lembrar mais de mim um dia, não é? Vão dizer assim: “a minha avó fazia-me isto, a minha avó fazia-me aquilo”, e os meus filhos também vão pensar: “a minha mãe e o meu pai ajudaram-me a fazer isso, a fazer aquilo na vida”. E eles pensarão que um dia serão eles a ajudarem os filhos e as filhas, não é? É isso, pronto. A vida é assim, é uma continuação, ninguém cá fica”. BR2: “E a minha preocupação é essa (...), é deixar boas lembranças, é deixar bons exemplos, pra que depois, eles mais tarde, digam: olha, a vó falava assim”.
Dificuldades no relacionamento com os netos	Ausência de dificuldades	PT1: “Não existe dificuldade nenhuma”. PT2: “Não, não existem”. PT3: “Não não, de modo algum”. PT4: “Não não”. PT5: “Não, nenhuma”. PT6: “Não”. BR2: “Não, porque eu sou muito aberta”. BR3: “Nenhuma”. BR4: “Não, nenhuma”. BR5: “Não, eles são assim, (...) umas doçuras”. BR6: “Não”.

	Presença de dificuldades	BR1: “Uma das dificuldades que eu acho é essa mudança muito grande em tudo, né? Tipo assim, de achar que maconha é livre”.
Categoria – História da família		
Subcategorias	Indicadores	Unidades de sentido
Lembranças do relacionamento com os avós	Lembranças positivas	PT1: “ (...) com uma convivência diária com a minha avó e foi, portanto, uma convivência fantástica”. PT2: “Era ótima. Eu adorava estar com a minha avó (...) era uma relação ótima”. PT3: “ (...) ela vivia conosco (...) foi maravilhoso, porque ela era também muito meiga, muito boa”. PT6: “Era boa. (...)A gente morava perto (...) Víamos também aos domingos, às vezes no verão quando eu era pequenina ia para lá com ela, ia passar uma semana assim”. BR1: “Eu adorava. (...) Eu ia lá, me sentava do lado da cama pra esquentar a mão da vó”. BR3: “Era muito boa (...)a gente gostava muito de ir lá brincar na casa do vô, era muito divertido, muito bom”. BR4: “Ah a minha avó era maravilhosa. Eu saía do colégio e já perguntava se podia almoçar na casa dela. A minha avó era assim, era minha guardiã”. BR6: “O meu avô era bem brincalhão com a gente, bem afetuoso. Eu tenho uma boa recordação deles”.
	Ensinaamentos da avó	PT3: “Eu acho que me deu para a vida o ensinamento muito grande em amar, em a família ser unida”.
	Lembranças negativas	PT5: “Lembro-me que a minha relação que eu tive com os meus avós, foi completamente diferente. Foi uma relação péssima, nem tenho recordação deles”. BR5: “Não era muito próximo (...) aquela avó mais antiga (...) Também na época ela já era uma pessoa com a saúde bastante debilitada, então não tinha essa coisa da criança”.
Comparação dos avós de ontem com avós de hoje	Hoje os avós são mais abertos, próximos e participativos	PT1: “Agora, havia se calhar, questões que não eram faladas e se calhar, hoje se fala mais. (...)E hoje em dia, já não. Quer os pais, quer os avós, são mais abertos”. PT5: “Ah os avós de hoje é completamente diferente. Eu acho, primeiro, que são muito mais novos, tem espírito muito mais novo, são muito abertos (...) É uma pessoa que faz parte da vida deles e antigamente nós não fazíamos parte da vida dos nossos avós”. BR1: “ (...) a gente participa mais de tudo assim na vida deles”. BR3: “Os de antigamente eram mais fechados, não davam espaço (...)” BR5: “ (...) eu acho que os avós hoje, eles são muito mais abertos (...) Então eu acho que as avós de hoje, elas são mais presentes e muito mais, em termos de idade, elas são mais molecas, vamos dizer assim, mais aproximadas do modo de uma criança viver”.
	Hoje os avós são mais preocupados	PT2: “Os avós de antigamente eram engraçados, eram mais despreocupados (...) Hoje há mais proteção, porque se vai a rua, há os carros e antigamente não havia tanto carro, então não se tinha esse problema”.
	Ensinavam trabalhos manuais e domésticos	PT3: “Os avós de antigamente eram meigos, ensinavam-nos a crescer, aprender a cozinhar aprender a pregar um botão (...) para a minha neta mais velha já tentei passar esses ensinamentos, até de culinária e isso tudo, mas ela já tem outras atrações que não isso”.
	Avós não davam suporte e apoio	PT6: “Os avós dos meus filhos nunca me ajudaram (...) E agora é diferente, as minhas netas desde que elas nasceram, pronto, eu muitas vezes o meu marido ia buscá-las ao infantário quando era preciso”. BR1: “ (...) participa mais financeiramente também (...) naquela época, o meu avô, não dava assim, dinheiro, não pagava coisa, não era assim”.

	<p>Avós eram mais severos e rigorosos</p> <p>Avós pareciam mais velhos e frágeis do que os avós atuais</p>	<p>BR1: “Mas a vó era bem disciplinadora, né? Isso ela era mais do que a gente”.</p> <p>BR3: “ (...) eram muito severos, é o que eu achava, muito severos”.</p> <p>PT1: “Minha avó devia ter uns 60 e poucos anos, agora naquela altura uma pessoa com 60 já aparentava mais idade, de aspeto em si”.</p> <p>PT5: “Hoje não, uma avó com 70 ou 70 e tal anos é considerada uma pessoa ainda cheia de atividades e muito útil”.</p> <p>BR2: “A minha avó, ela é hoje, ela não chegou na idade que eu tenho hoje (82), mas ela era uma vovozinha, uma velhinha, que a gente cuidava, que ficava naquela cadeirinha e a gente levava tudo na mão, porque ela era uma vovozinha. É muito diferente hoje em dia”.</p>
Categoria – Relação avó e família		
Subcategorias	Indicadores	Unidades de sentido
Funções da avó na família	Dar suporte/apoio	<p>PT5: “A vó... é uma ajuda, é um suporte. A vó é alguém com quem a gente pode contar”.</p> <p>PT6: “É dar-lhes orientação e apoio, aos netos e aos filhos”</p> <p>BR6: “E sempre que posso eu ajudo também”.</p>
	Dar apoio enquanto os pais trabalham	<p>PT1: “Lá vamos os avós, portanto, para cuidar deles enquanto os pais estão a trabalhar”</p> <p>PT5: “E os filhos hoje em dia tem uma vida muito preenchida (...), tem que conservar os seus empregos. E as avós, aí, são o suporte (...) Ou vão pra o pé dos filhos ou trazem os netos para o pé delas”</p> <p>BR5: “No caso, no momento em que os filhos precisam cuidar das suas coisas e, porque hoje em dia também, a maioria das mães trabalham fora (...) nesses momentos em que haja a necessidade de existir alguém para suprir essa presença”.</p> <p>BR6: “Hoje, agora de noite, minha filha foi trabalhar e pediu para eu ir pra lá, então é mais de ficar de companhia com eles”</p>
	Advertir e auxiliar na educação dos netos	<p>PT1: “ (...) chamá-los a atenção para determinadas atitudes que eles têm muitas vezes, menos aceitáveis”</p> <p>PT2: “Eu acho que a avó é ajudar na educação dos netos”.</p>
	Alimentação	<p>PT4: “ (...) iam lá almoçar todas as quartas feiras”</p> <p>PT6: “ (...) fazer-lhe o almoço”</p> <p>BR1: “ (...) almoçavam comigo duas vezes por semana”</p> <p>BR5: “Eu faço o necessário, claro, em termos da alimentação, do lanchinho”</p> <p>BR6: “ (...) às vezes eu faço uma comidinha, né? A menina que vai fazer seis anos agora em abril, ela gosta muito de polenta (...) aí às vezes eu faço”</p>
	Apoio logístico	<p>PT6: “É mais nestas ajudas, de ir as buscar e a por”</p> <p>BR1: “ (...) daí eu pegava eles na escola, levava lá para casa”</p> <p>BR2: “ (...) eu levo nas atividades que ele tem”</p> <p>BR4: “E a gente leva muito, ta chovendo, vai buscar no colégio, vai levar no colégio”.</p> <p>BR5: “ (...) às vezes eu mesma vou buscar no colégio”</p>
	Unir a família	<p>BR2: “Unir. A união da família, eu acho que avó é essencial”</p> <p>BR5: “Ah eu sempre acho que a avó, no caso, a casa da vó, né? É sempre aquele ponto de encontro, né? Acho que é tipo do porto seguro, né?”</p> <p>BR6: “É manter a família unida, né? É manter em união, em harmonia”.</p>

Situações em que a presença das avós é mais requisitada	Economicamente	<p>PT1: “(...) economicamente eu já os ajudei”</p> <p>PT4: “no sentido de precisarem economicamente ou isso, ninguém precisa de mim”</p> <p>PT6: “Felizmente, monetariamente eles não precisam de mim, felizmente não precisam”.</p> <p>BR4: “(...) só não precisaram financeiramente”</p>
	Quando os pais viajam	<p>PT3: “(...) quando eles viajam se é preciso ficar com os netos”</p> <p>PT5: “(...) quando o pai tem que fazer uma viagem”</p> <p>BR4: “Essa pequena, a única coisa que ela precisa de mim é para a mãe ir viajar”.</p>
	Situações de doença e morte	<p>PT1: “Ainda o acompanhei durante algum tempo, que ele era doentinho durante os primeiros tempos de vida, porque era asmático”</p> <p>PT3: “(...) quando eles estão doentes também é preciso ajudar”</p> <p>PT4: “se tiver problemas de saúde, ou isto, ou aquilo, preocupamo-nos todos”</p> <p>PT5: “quando o bebé está doente ou quando a mãe é operada”</p> <p>BR2: “(...) mais velho ele se acidentou e teve um acidente sério, grave, então eu me entreguei inteira pra ele”</p> <p>BR3: “Agora, essas que perderam a mãe faz dois anos hoje, (...) meu filho está dando toda atenção para as meninas. Então, esse filho que ta precisando de mais atenção hoje”.</p> <p>BR6: “Mas os grandes, assim, esse que a mãe faleceu, daí ele me procura muito, aí eu tenho que socorrer bastante (...) eles sentem muito a perda da mãe”.</p>
Diferenças geracionais que percebem na família	Educação mais liberal	<p>PT2: “Eles são muito cuidadosos, são atentos, seguem os filhos”.</p> <p>PT5: “O que eu vejo são meninos cheios de mimos, cheios de coisas, cheios de brinquedos, desde tudo quanto há e fazem birras como os meus filhos nunca fizeram (...) Não entendo às vezes atitudes que eles tomam com as crianças (...) porque acho que são demasiadamente brandas”.</p> <p>BR3: “Ah os jovens são diferentes. Os meus filhos eram obedientes (...) Hoje em dia a rapaziada, eles estão muito liberais”.</p> <p>BR5: “Mas às vezes eu vejo assim que as mães são um pouco mais condescendentes, sabe? Criança não tem que escolher, a gente que sabe o que é bom”.</p> <p>BR6: “Mudou muito. Hoje em dia, os mais velhos têm uma liberdade, eles saem demais (...) Uma de 16 que é filha da minha filha que está aqui, quis ir para Austrália, né? Eles deixam (...) Então assim, eles não sabem muito dizer não, então até me preocupa um pouco”.</p>
	Mais tecnologia	<p>PT1: “Eles crescem mais depressa, os netos. Eu acho que já nascem programados (...) O meu neto sabe mexer no telemóvel tão bem como eu, ou melhor”.</p> <p>PT2: “Há diferença. Por exemplo, hoje em dia as comunicações são muito mais fáceis (...) Tem os tablets e os telemóveis e sabem mexer naquilo tudo (...) Não há comunicação entre as pessoas”.</p> <p>PT3: “A internet toma conta da vida deles”.</p> <p>PT6: “Eu às vezes nem vou lá ao pé delas, porque elas gostam de estar lá com o telemóvel, com a televisão ligada, com o computador e às vezes não gostam de ser incomodadas”.</p> <p>BR5: “(...) só que hoje já é uma outra realidade, com toda essa modernidade, de internet e isso tudo, já é um pouco diferente do nosso modo de vida que a gente teve”.</p>
	Novos hábitos	<p>PT6: “Há sempre coisas que a gente diz assim: ‘eu quando era da idade deles não fazia isso, não fazia aquilo’”.</p>

		<p>BR1: “As novas gerações sempre assustaram as velhas gerações, porque sempre o jovem vê o mundo diferente e que bom que eles têm essa impetuosidade que velho não tem”.</p> <p>BR4: “A mocidade hoje é toda diferente, então pra mim, é tudo diferente (...) no meu tempo, andava a turminha de meninas, a turminha de meninos (...) as meninas irem passar a tarde na casa de um rapaz, um rapaz, pra quatro, cinco meninas. Aquilo tudo foi me chocando, eu não tava preparada para aquilo”.</p> <p>BR5: “Agora uma coisa muito boa que eu vejo nessa atual geração de pais e mães, é que eles são muito mais presentes na vida dos filhos, principalmente os pais, né, os homens”.</p>
Diferenças entre ser avó e ser mãe	<p>Maior participação dos pais hoje</p> <p>Educação como função dos pais</p> <p>Avós com menos responsabilidades</p> <p>Avós mais disponíveis</p> <p>Avós menos exigentes com os netos</p> <p>Avós têm menos liberdade para comunicar</p> <p>Não há diferenças</p>	<p>PT1: “Mas para educar, pronto, estão lá os pais”.</p> <p>BR2: “Mas as coisas essenciais, quem dá a orientação, é a M. (filha) e eu sigo a orientação dela”.</p> <p>PT5: “Mas é completamente diferente da responsabilidade que os pais têm com os filhos. Os avós não têm aquela responsabilidade, a gente está um bocado do dia com eles, mas depois eles vão com os pais”.</p> <p>BR2: “ (...) porque o filho, você ama muito o filho, mas você tem a responsabilidade de educar. E eu como avó, a minha responsabilidade de educar já é bem menor”.</p> <p>BR3: “Sim, a mãe é muito mais responsabilidade. Filho a gente tem que educar, cuidar dele muito. Neto não, neto é pra gente passar aquelas horinhas com ele, né? É diferente”.</p> <p>BR4: “Porque filho você tem a situação, tem que ver o futuro deles e neto a gente só tem amor, carinho”.</p> <p>BR5: “A gente quando é mãe, a gente tem aquela grande preocupação de não errar, né, na educação. A responsabilidade do educar (...) (com os netos) é muito mais afeto do que aquela pessoa que cobra, que quer educar”.</p> <p>BR6: “Ser mãe tu tens mais responsabilidade, de educar, de socorrer, de atender. Eu lembro que eu trabalhava fora o dia todo, chegava em casa ainda tinha toda atenção pra dar, orientar, fazer as lições com eles. Agora como avó não”</p> <p>PT1: “ (...) os avós estão mais presentes (...) Porque estão mais disponíveis também”.</p> <p>PT2: “Um amor diferente, porque estamos mais disponíveis para eles”.</p> <p>PT5: “ (...) eu quando era mãe, estava extremamente ocupada, muito cansada e não tinha disponibilidade para conversar com meus filhos agora como tenho com os meus netos. Eu agora estou muito mais disponível”.</p> <p>PT2: “(...) os avós tendem a ser mais benevolentes com os netos do que eram com os filhos (...) tem o coração muito mais mole do que tinha com os filhos (...) A mãe é muito mais rigorosa do que a avó”.</p> <p>BR1: “ (...)a gente quando é mãe, a gente é muito mais exigente com as crianças, a gente é mais assim, quer aquela perfeição (...). Quando eu fui avó eu tinha sempre uma complacência, em vez de eu ficar irritada (...) ficavas logo assim, amorosa”.</p> <p>PT6: “É um bocadinho diferente. Porque ser mãe é ser mãe. Ser avó, a gente às vezes já não lhes pode dizer tudo o que quer (...) elas aceitam melhor o que o pai e a mãe lhe dizem, do que o que eu lhe digo”.</p> <p>PT4: “Acho que ser avó não separa ser avó de ser mãe. Quando se junta a família é tudo igual. A gente tanto quer aos netos, quanto quer aos filhos”.</p> <p>PT3: “O que eles (filhos) não têm é tanto tempo para aquela visita diária”.</p> <p>BR6: “Ah, antes eles estavam mais voltados pra mim, agora eles têm os filhos, então tem um pouco de divisão”.</p>
Mudanças nos relacionamentos com os filhos depois da	Os filhos têm menos tempo para os seus pais (avós)	

chegada dos netos	Percebem os filhos mais responsáveis	BR3: “Eles (filhos) ficam mais responsáveis”.
	Reaproximação familiar	BR5: “Porque, claro, eles eram casados e sem filhos e tinham muito mais a vida social, de viajar, de passear, então eu acho que o fato de ter as crianças, aproximou muito mais, a família como um todo”.
	Preocupação por não interferir na educação dos netos	PT1: “Não interferir, portanto, na vida dos filhos, não é? Que isso, a vida é deles, não é? Embora possamos dar uma opinião se eles nos pedirem, não é? Mas não interferir nem na educação dos netos, não é?”. PT4: “É natural que a gente pergunte mais”. PT5: “ (...) porque às vezes faço reparos e eles não gostam. Dizem-me que agora não se educa os filhos como eu educava”. BR2: “ (...), mas a última palavra é dela, porque a mãe é ela. Eu não ultrapasso meu limite, eu acho que a vó tem um limite, mas é a mãe que determina o perfil dela, da criança”. BR3: “Uma coisa, assim, eu tinha quatro noras, agora tenho três, mas eu não entrava em atrito com elas por causa das crianças. Por que tem aquelas avós que querem impor e não pode, tem que deixar a mãe. Se precisa dizer alguma coisa, a gente diz, agora querer, que seja feito da maneira como a vó acha que ta certo, não pode”. BR4: “Um dia desses eu até chamei a atenção da minha filha, não devia ter chamado, mas chamei. Não gosto de me meter na educação dos filhos”. BR5: “ (...) eu sempre procuro muito respeitar aquilo que eles acham o certo, muitas vezes eu converso a parte, né, com a minha filha e tal, mas é respeitando. Porque eu acho que cada família tem seu modo de viver, suas formas de pensar, de agir, de orientar, sem interferir”.
	Avós como recurso de sabedoria	PT2: “Mudou só, tipo, fornecer-lhes informações para a educação deles. (...) Eram mais orientações no sentido de os educar e pra eles caminharem no bom sentido”. BR1: “Eu me lembro assim, que eu descobri, que todo mundo acha que a gente (avós) sabe tudo”.
	Maior disponibilidade para dar apoio	PT1: “ (...) digo a eles que estou disponível sempre se precisarem de mim” PT2: “Eles quando precisam dizem: ‘mãe, nós precisamos de si. Mãe, os meninos precisam ir lá para casa’”. PT5: “Basta dizer-lhes: vocês os deixam-no cá ou depois eles dizem que vem buscar”. PT6: “Com os que estão cá, temos que combinar. Eu telefono quase todos os dias para saber o que esta quer comer ao almoço”. BR1: “ (...) eles me pedem, né? Quando precisam. (...) A C. acabou de me ligar pra saber se eu posso levá-la na hípica”. BR5: “A gente se coloca sempre muito à disposição”. BR6: “Se eles precisam, eles chamam”.
	Sem mudanças após a chegada dos netos	PT1: “Não mudou muito”. PT6: “O relacionamento é idêntico, não há grande diferença”. BR2: “Não, a gente se dá muito bem, muito bem”.
Categoria – Relação família e envelhecimento		
Subcategorias	Indicadores	Unidades de sentido
Repercussões do envelhecimento para as avós	Ganhos	PT1: “Eu sei que quanto mais tempo se vive, mais oportunidade tem de adquirir mais conhecimentos”.
	Declínio e perdas	PT2: “ (...) noto que antigamente fazia tudo muito mais depressa do que faço agora e me esqueço a determinadas coisas”. PT3: “Traz-me que eu tenho certas limitações a nível de ossos. Por exemplo, para pegar no meu neto de 4 anos, eu tenho que sentar na cadeira quando ele chega, porque vem aquele abraço enorme e já não posso pegar ao colo”.

		<p>PT6: “Posso ter mais problemas de saúde, posso entrar num momento para o outro e não poder ajudar, não é?”</p> <p>BR1: “Quando eles eram pequenos eu me cansava muito fisicamente, né?”</p> <p>BR4: “A situação já não é a mesma, a gente já ta cansada, os ossos já estão perdidos (...) hoje eu sinto dificuldade de fazer muitas coisas”.</p> <p>BR5: “Sentamos no chão, isso que é parte difícil, (...), sentar é bom, é fácil sentar, mas pra levantar às vezes custa um pouquinho mais. (...) tem também de a gente sentir o peso da idade (...) dá sempre um cansaço um pouco maior”.</p> <p>BR6: “Eles são muito assim, de brincar, de muita atividade, agitados e eu já to mais devagar (...) eu ia na praia, eu caminhava de uma ponta a outra, agora eu não tenho mais coragem de ir sozinha (...) A gente vai perdendo, a gente vai ficando limitada”.</p>
	Percepções negativas ao envelhecimento	<p>PT5: “Eu acho o envelhecimento horrível. É... a gente não está sempre bem, não é?”</p> <p>BR1: “ (...) envelhecer é horrível. Não vem com essa, que é bom, porque não é. Primeiro assim, o rosto, a gente já se assusta”.</p>
Impactos do envelhecimento dos pais para os filhos	Preocupação	<p>PT4: “É capaz de lhe trazerem mais preocupações, de telefonar mais vezes, para saber como é que estou, essas coisas”.</p> <p>PT5: “Ela (filha) preocupa-se muito muito muito. Que eu tenha um infarto”.</p> <p>PT6: “ (...) acho que os filhos têm que pensar que os pais estão a envelhecer, também está a chegar a vez deles de tratar de nós, em vez de ser nós a cuidar deles e das crianças”.</p> <p>BR2: “ (...) eles têm certos cuidados que eles não teriam comigo mais nova (...) tem preocupação, que eu me machuque”.</p> <p>BR3: “O pior é quando o idoso começa a ficar doente, tem necessidades, geralmente, os filhos não têm tempo para cuidar de um idoso”.</p> <p>BR4: “ (...) não sei se é por causa da minha idade, das doenças que vão aparecendo é artrite, artrite nos pés e tudo e aquelas coisinhas, então lá ta (a filha) mais assim preocupada, preocupada comigo”.</p> <p>BR5: “Eu acho que para os filhos traz preocupação (o envelhecimento) ”.</p> <p>BR6: “Traz preocupação, porque tu vai envelhecendo e tu vai perdendo assim um pouco, embora tu não queira, tu vai perdendo forças”.</p>
Ensinaamentos do envelhecimento para as famílias	Tolerância	<p>PT1: “Ensina principalmente a tolerância e não ser tão impulsiva, pensar antes de agir”</p> <p>PT4: “A compreender, a aceitar, a calar. Algumas coisitas que poderia dizer e não diz”.</p> <p>BR1: “ (...) ter muita paciência, aceitação”</p> <p>BR6: “A ter muita paciência”</p>
	Experiência	<p>PT2: “Experiência. Sobretudo, experiência”.</p> <p>PT6: “ (...) os mais velhos também sabem coisas que não sabem os mais novos, não é? Tem mais experiência da vida, sabem melhor gerir a vida”.</p>
	Respeito e resiliência	<p>PT3: “O envelhecimento acho que ensina que nós para já, temos que saber envelhecer, e os que nos rodeiam, respeitarem-nos. O respeito, muito respeito e amor”.</p> <p>BR5: “Para as famílias eu acho que ensina antes de tudo é a gente ter uma resiliência em relação aquele mais velho. (...) eu acho que isso ensina a gente a se doar mais, acolher mais, sabe? E eu acho que o respeito por aquele que já deu tudo de si praticamente”.</p>
	Noção de finitude	<p>BR2: “Que as coisas acabam. (...) eu acho que o envelhecimento é isso, você sabe, que um dia, você vai parar”.</p>
	Dar exemplo	<p>BR4: “Os exemplos que se dá, os exemplos são muito importantes”.</p>